



WILSON ROBERTO VERONEZ JÚNIOR

**EPISTEMOLOGIA SOCIAL E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO:
contribuições às abordagens culturais**

**MARÍLIA - SP
2021**

WILSON ROBERTO VERONEZ JÚNIOR

**EPISTEMOLOGIA SOCIAL E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO:
contribuições às abordagens culturais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento

Linha de pesquisa: Produção e Organização da Informação

Orientador: Prof. Dr. Carlos Cândido de Almeida

**MARÍLIA - SP
2021**

FICHA CATALOGRÁFICA

V549e	<p>Veronez Júnior, Wilson Roberto</p> <p> EPISTEMOLOGIA SOCIAL E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO : contribuições às abordagens culturais / Wilson Roberto Veronez Júnior. -- Marília, 2021 189 p.</p> <p> Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília Orientador: Carlos Candido de Almeida</p> <p> 1. Epistemologia Social. 2. Organização do Conhecimento. 3. Jesse Shera. 4. Margaret Egan. 5. Abordagens Culturais. I. Título.</p>
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília - linha de pesquisa nº 2 – Produção e Organização da Informação.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Carlos Cândido de Almeida
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI)
UNESP – Campus de Marília

Titular: Prof. Dr. Daniel Martínez-Ávila
Instituto Universitário de Estudos de Gênero (IUEG)
Universidad Carlos III de Madrid (Espanha)

Titular: Prof. Dr. Roberto Lopes dos Santos Júnior
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (UFPA)
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Suplente: Profa Dra Sonia Maria Troitiño Rodriguez
Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI)
UNESP – Campus de Marília

Suplente: Prof. Dr. Rodrigo Rabello
Faculdade de Ciência da Informação (FCI)
Universidade de Brasília (UNB)

Marília, 26 de fevereiro de 2021

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, em respeito a todas as religiões, gostaria de agradecer aos deuses por mais esta oportunidade de desenvolver um trabalho científico, por terem me dado forças físicas, psicológicas e intelectuais para dar conta do recado, não foi fácil, porém, mais uma etapa foi superada. Sei que ser pobre e julgado pela sociedade não é fácil, mas sei muito bem que poderia estar em uma situação pior, como já estive, claro!

Dedico este trabalho a todas as vidas que foram ceifadas pela pandemia do Coronavírus.

Agradeço também a minha mãe Iris Cristina, que com todos os seus defeitos e qualidades me fez ser um homem de caráter em meio a toda maldade do universo e que sempre me apoiou em minhas decisões, mesmo ela não sabendo o que se trata uma dissertação, sei que ela está super orgulhosa de mim. Obrigado mamãe, te amo!

Agradeço também aos meus quatro irmãos: Orlando, William, Wellington e Wallison. Apesar de termos posicionamentos políticos e torcermos para times diferentes, amo todos vocês!

Sou grato a minha tia Zery Monteiro, bibliotecária de profissão, e minha segunda mãe. Obrigado por toda força e apoio! Aproveito para agradecer o meu tio Adrian pelos conselhos de vida. Primos Matheus, Jaime, Rafael, Hércules, Douglas, Kauã e primas Karine, Caroline, Aline, Tais e Ana Clara.

Agradeço a minha vovó Lourdes por me fazer acreditar que a Educação transforma vidas. Te amo vovó! Agradeço a minha vovó Ondina Veronez (*in memoriam*), onde quer que a senhora esteja, saiba que a amo muito!

Agradeço a minha terapeuta Dra Vanessa Gonçalves, por me fazer um ser humano melhor, me ajudar a ter autoconhecimento, lidar com as minhas complexidades, a entender o que existe em meu inconsciente, entre outras coisas que só a Psicologia pode ajudar.

As amigadas que fiz nesses 30 anos de vida, em especial: Adriano Babo, Gustavo Morelato, Vanessa Cunha, Adriana Kuttert, Graziela Lima, Richele Vignoli, Mona Cleide, Márcio Ferreira, Solange Ordones, Edmilson Alves, Janaina Polonini, Douglas Ribeiro, Rafael Alexandre, Silvio Feitosa, Rafael Cacciolari, Rafael Castanha, Bianca Savegnago, Álvaro Matheus, Rodrigo Moreira, Bruno Alves, Fábio Robal, Jean Brito, Karina Orlosky, André Ynada, Wilson de Jesus, Vinicius Domingues, Paulo Teles, Regis Martins, Leonardo Fiorini, Oscar Tiba,

Marcelo Mendes, Emerson Reis, Denise Martins, Alexandre Martinês (um agradecimento especial pela amizade e pela revisão gramatical deste trabalho), gostaria de acrescentar o nome de outros (as), mas ocuparia muito espaço, pois são muitos (as).

Ao meu orientador Carlos, pela confiança, respeito e paciência no desenvolvimento da dissertação.

Agradecimento especial a todos (as) integrantes do Grupo de Pesquisa Fundamentos Teóricos da Informação (GPFTI), pelas discussões, diálogos, produções científicas, confissões e amizades.

Agradeço aos membros da banca de qualificação, professores Daniel Àvila e Roberto Lopes, espero ter conseguido realizar os apontamentos realizados pelos senhores. Agradeço por terem aceitado participar do processo de defesa.

Aproveito para agradecer a disponibilidade dos professores Rodrigo Rabello e Sonia Troitiño a serem suplentes tanto no processo de qualificação, assim como na defesa.

Agradeço ao PPGCI pela oportunidade de realizar o mestrado, sabemos muito bem que se trata de um programa de excelência profissional e acadêmica.

A todos os docentes e funcionários do Departamento de Ciência da Informação e da Unesp como um todo.

Agradeço a Univesp por ter me concedido apoio financeiro no decorrer destes quase dois anos, foi uma experiência maravilhosa, o processo de aprendizagem e docência é incrível, quero fazer isso pelo resto de minha vida.

Espero realizar um ótimo doutorado sob a orientação dos professores Daniel Àvila e Sonia Troitiño. Muito obrigado por aceitarem a minha proposta de trabalho! Agradeço por mais esta oportunidade!

Aproveito para agradecer a minha companheira de trabalho, Valdirene Pascoal, por aceitar o desafio de sermos Representantes Discentes do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, no decorrer de 2021. Esperamos contribuir de maneira profissional e significativa para mantermos a qualidade e excelência do PPGCI. Conte comigo para o que for preciso, Val!

E para encerrar, parafraseando o ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva¹, em seu discurso de posse, proferido no Congresso Nacional, em 01 de

¹ Discurso original: Agradeço a Deus por Chegar até onde cheguei, sou agora o Servidor Público número um do meu País! Peço a Deus sabedoria para governar, discernimento para julgar, serenidade para administrar, coragem para decidir e um coração do tamanho do Brasil para me sentir unido a cada cidadão e cidadã deste país no dia-a-dia dos próximos quatro anos. Viva o Povo Brasileiro! Disponível em:

janeiro de 2003, digo: agradeço aos deuses e a todos vocês por chegar até onde cheguei, sou agora um Mestre em Ciência da Informação do meu País. Peço aos deuses sabedoria para organizar, classificar e disseminar, discernimento para orientar os usuários, serenidade para gerenciar as unidades de informação, coragem para me posicionar e um coração do tamanho do Brasil para que eu possa atenuar a desigualdade social e informacional do meu país nos próximos anos de minha vida! Viva a Ciência, viva a Universidade Pública, viva o Povo Brasileiro!

EPIGRAFE

A filosofia da biblioteconomia aqui delineada não exclui a importante contribuição que as ciências físicas podem dar ao arsenal intelectual do bibliotecário, porque uma cultura, e a subcultura da qual é composta, é uma estrutura complexa criada por homens que são eles próprios composições de fenômenos psicológicos, biológicos e físicos, as ciências físicas, assim como as sociais, são relevantes para todo o problema da Epistemologia social (JESSE SHERA, 1972, p. 132, tradução livre).

A função básica dos conceitos é fornecer uma base para lidar com o universo. Conceitos fornecem fronteiras e ensinamentos em um mundo contínuo. Delimita “azul” alguns comprimentos de onda, “castelo” delimita algum tipo de edifício e “música” delimita alguns sons. Nossas teorias, conceitualizações e paradigmas tendem a classificar as coisas e conhecimento sobre as coisas de acordo com os mesmos princípios básicos (HJORLAND, 2003, p. 100, tradução livre).

VERONEZ JÚNIOR, W. R. **Epistemologia Social e Organização do Conhecimento: contribuições às abordagens culturais**. Marília: 2021. 185 fls. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista - UNESP, 2021.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado analisou e investigou de um ponto de vista teórico, histórico, analítico e prático as relações e influências da Epistemologia Social e da Organização do Conhecimento no contexto da Ciência da Informação no paradigma social por meio das abordagens culturais, partindo de um pressuposto que os estudos teóricos têm importância na fundamentação de uma área do conhecimento, neste caso, a Ciência da Informação. Tendo em vista que ele é um campo científico e interdisciplinar e que agrega inúmeras áreas do conhecimento, podemos citar a Administração, Ciência da Computação, Comunicação, Documentação, Linguística, Lógica, Matemática, entre outras. A Epistemologia Social, uma teoria criada, desenvolvida e popularizada por dois bibliotecários estadunidenses Jesse Hauk Shera (1903-1982) e Margaret Elizabeth Egan (1905-1959), em meados da década de 1950, visa analisar as formas de produção, classificação, organização e disseminação da informação e do conhecimento na sociedade, tendo como base a forma de aquisição do conhecimento por parte dos usuários das unidades de informação, como os arquivos, bibliotecas e museus, e também preocupa-se com o uso da informação e do conhecimento para fins sociais e culturais. Sendo que esse conhecimento/produto intelectual é produzido por meio de registros gráficos, ou seja, o documento em seu mais variado suporte informacional e socializado por intermédio da comunicação gráfica. A pesquisa é de caráter bibliográfico e tem como fontes de informação: artigos, monografias, dissertações, teses, livros e materiais complementares coletados em revistas e periódicos especializados, bases de dados, repositórios e eventos do campo da Epistemologia, Organização do Conhecimento e da Biblioteconomia/Ciência da Informação. Ao final da investigação, considerou-se que a Epistemologia Social e Organização do Conhecimento são teorias que influenciaram de maneira significativa os principais aspectos teóricos, metodológicos e aplicados à Ciência da Informação. E que de certa maneira, isso teve impacto na concepção e na atuação do bibliotecário frente à produção de conhecimento oriundo das bibliotecas, principalmente a de natureza pública. Três aspectos são apresentados, discutidos e levados em consideração para demonstrar de forma clara e objetiva a relação entre Epistemologia Social e Organização do Conhecimento, isto é, Biblioteca, Bibliotecário e a Ciência da Informação.

Palavras-chave: Epistemologia Social, Jesse Shera, Margaret Egan, Organização do Conhecimento, Ciência da Informação, Paradigma Social.

VERONEZ JÚNIOR, W. R. **Social Epistemology and Knowledge Organization: contributions to cultural approaches**. Marília: 2021. 185 fls. Dissertation (Master in Information Science) Graduate Program in Information Science, Faculty of Philosophy and Sciences, University Estadual Paulista - UNESP, 2021.

ABSTRACT

The research seeks to analyze from a theoretical, historical, analytical and practical point of view the relationships and influences of Social Epistemology and Knowledge Organization in the context of Information Science in the social paradigm through socio-cultural approaches, based on the assumption that theoretical studies are extremely important in founding an area of knowledge, in this case, Information Science. Bearing in mind that it is an interdisciplinary area and that adds numerous areas of knowledge, we can mention Administration, Computer Science Documentation, Linguistics, Logic, Mathematics, among others. Social Epistemology, a theory created by two American librarians Jesse Hauk Shera (1903-1982) and Margaret Elizabeth Egan (1905-1959), in the mid-1950s, aims to analyze the forms of production, organization and dissemination of information and knowledge in society, based on the form of knowledge acquisition by users of information units, such as archives, libraries and museums, and is also concerned with the use of information and knowledge for social and cultural purposes. Since this knowledge / intellectual product is produced by means of graphic records, that is, the document in its most varied informational support. The research is bibliographic and has sources of information: articles, monographs, dissertations, theses, books and complementary materials collected in specialized journals and journals, databases, repositories and events in the field of Epistemology, Knowledge Organization and Library Science / Information Science. Initially, in the course of the investigation, it was considered that Social Epistemology and Knowledge Organization are theories that significantly influenced the main theoretical, methodological and applied aspects of Information Science. And that, in a way, this had an impact on the design and performance of the librarian in relation to the production of knowledge coming from libraries, especially that of a public nature.

Keywords: Social Epistemology, Jesse Shera, Margaret Egan, Knowledge Organization, Social Paradigm, Information Science.

VERONEZ JÚNIOR, W. R. **Epistemología social y organización del conocimiento: aportes a los enfoques culturales**. Marília: 2021. 185 fls. Disertación (Máster en Ciencias de la Información) Programa de Posgrado en Ciencias de la Información, Facultad de Filosofía y Ciencias, Universidad Estadual Paulista - UNESP, 2021.

RESUMEN

La investigación busca analizar desde un punto de vista teórico, histórico, analítico y práctico las relaciones e influencias de la Epistemología Social y la Organización del Conocimiento en el contexto de la Ciencia de la Información en el paradigma social a través de enfoques socioculturales, partiendo del supuesto de que los estudios teóricos son de suma importancia para fundar un área de conocimiento, en este caso, las Ciencias de la Información. Teniendo en cuenta que es un área interdisciplinar y que suma numerosas áreas de conocimiento, podemos mencionar Administración, Documentación Informática, Lingüística, Lógica, Matemáticas, entre otras. La epistemología social, una teoría creada por dos bibliotecarios estadounidenses Jesse Hauk Shera (1903-1982) y Margaret Elizabeth Egan (1905-1959), a mediados de la década de 1950, tiene como objetivo analizar las formas de producción, organización y difusión de información y conocimiento en la sociedad, basado en la forma de adquisición de conocimiento por parte de los usuarios de unidades de información, como archivos, bibliotecas y museos, y también se ocupa del uso de la información y el conocimiento con fines sociales y culturales. Dado que este conocimiento / producto intelectual se produce mediante registros gráficos, es decir, el documento en su soporte informativo más variado, la investigación es bibliográfica y tiene como fuentes de información: artículos, monografías, disertaciones, tesis, libros y materiales complementarios recopilados en revistas especializadas y revistas, bases de datos, repositorios y eventos en el campo de la Epistemología, Organización del Conocimiento y Bibliotecología / Ciencias de la Información. Inicialmente, en el transcurso de la investigación, se consideró que la Epistemología Social y la Organización del Conocimiento son teorías que incidieron significativamente en los principales aspectos teóricos, metodológicos y aplicados de las Ciencias de la Información. Y que, en cierto modo, esto tuvo un impacto en el diseño y desempeño del bibliotecario en relación a la producción de conocimiento proveniente de las bibliotecas, especialmente la de carácter público.

Palabras clave: Epistemología social, Jesse Shera, Margaret Egan, Organización del conocimiento, Ciencias de la información, Paradigma social.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Epistemologia Social e Sociologia do Conhecimento	60
---	-----------

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Epistemologia, Sociologia do Conhecimento, Filosofia da Informação e Epistemologia Social	78
Quadro 2 - A cronologia da Ciência da Informação no Brasil	113
Quadro 3 - Conceitos na concepção de Dahlberg	135
Quadro 4 - Instrumentos e Sistemas de Organização do Conhecimento	151

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Delimitação do problema	19
1.2 Hipóteses	20
1.3 Justificativa	21
1.4 Objetivos	24
1.5 Metodologia	25
2 EPISTEMOLOGIA	29
3 EPISTEMOLOGIA SOCIAL	44
4 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	83
5 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO	116
6 RELAÇÕES ENTRE A EPISTEMOLOGIA SOCIAL E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO	154
CONSIDERAÇÕES FINAIS	173
REFERÊNCIAS	176

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, a aparição do termo Epistemologia Social foi constatada por meio da revisão de literatura, assim, dentre inúmeras versões dessa teoria, sobre a qual destaca-se um artigo denominado *Foundations of a theory of bibliography*², elaborado em meados da década de 1950 por dois bibliotecários e cientistas da informação norte-americanos: Jesse Hauk Shera e Margaret Elizabeth Egan, ambos pesquisadores renomados da *Graduate Library School* (GLS).

De forma breve, no referido artigo, os dois autores examinaram e apresentaram uma contextualização acerca da importância dos registros gráficos (documento) e da comunicação gráfica (bibliografia) para a sociedade, e tendo, como objetivo, demonstrar de maneira teórica e prática a forma como o conhecimento é produzido, organizado e comunicado para uma determinada sociedade ou uma comunidade de usuários de informação, sendo eles especializados sobre um assunto específico ou não. Além disso, era preciso apontar que essa teoria estava amparada por um paradigma social por meio de uma abordagem sociocultural da informação (EGAN; SHERA, 1952, KHUN, 1978, CAPURRO, 2003, ARAÚJO, 2010).

Desse modo, esta dissertação, dentro das possibilidades, tem como objetivo analisar, compreender e discutir a Epistemologia Social e a sua relação com a Organização do Conhecimento e, a partir disso, apresentar e rediscutir um novo panorama acerca dos estudos em seus aspectos epistemológicos, antropológicos, sociais, culturais e filosóficos nesse campo científico, com base nos estudos desenvolvidos por pesquisadores sobre o assunto entre as décadas de 1980 até o final do século XX e anos 2000, início do século XXI: Tarcísio Zandonade (2003, 2004), Regina Marteleto (2015), Nancy Oddone (2007), Ariel Morán (2015), Carlos Araújo (2010a, 2010b), Rafael Capurro (2003), entre outros.

Considerando que uma pesquisa em nível de mestrado é muito curta, deixaremos algumas contribuições sobre o nosso entendimento a respeito da Epistemologia Social e as suas peculiaridades. Para isso, foi realizado um esforço no sentido de análise, reflexão, organização e na apresentação deste trabalho para a comunidade acadêmica e a sociedade. Esforço que foi recompensador, tendo em

² EGAN, Margaret E.; SHERA, Jesse H. Foundations of a theory of bibliography. **The Library Quarterly**, v. 22, n. 2, p. 125-137, 1952.

vista a complexidade do tema na Ciência da Informação e as inúmeras limitações individuais, pessoais, físicas, psicológicas e emocionais que foram colocadas à prova no decorrer da execução e no desenvolvimento desta investigação. No entanto, algumas tensões e dificuldades foram atenuadas com orientações precisas, pontuais e magistrais da figura do orientador, companheiros e companheiras de trabalho, e principalmente do apoio incondicional da família.

Segundo Lima e Gomes, (2016, p. 50), de forma clara, em relação à Epistemologia Social, pode-se dizer que essa teoria do conhecimento social se configura de uma maneira investigativa o resultado do trabalho de Shera e Egan, sendo iniciada na década de 1950, momento em que os dois pesquisadores eram companheiros de trabalho na GLS, na renomada Universidade de Chicago, Estados Unidos da América (EUA).

Além de inúmeras pesquisas no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, Egan e Shera tinham como preocupação o conhecimento que era produzido nas bibliotecas e como ele era disseminado e propagado na sociedade. O nascimento da Epistemologia Social teve como grande fator a necessidade de se estudar os meios pelos quais a sociedade adquire e utiliza o conhecimento, e também, de forma específica, procura analisar como as bibliotecas e os bibliotecários deverão atuar junto à sociedade, seja na orientação de seus usuários, seja no serviço de referência, seja na busca, seja no acesso a uma determinada obra bibliográfica, e até mesmo em auxiliar o usuário na busca por uma referência bibliográfica no acervo, assim como no manuseio das bases de dados e nos catálogos manuais e automatizados das bibliotecas, entre outras atividades que são inerentes ao bibliotecário em seu ambiente de atuação.

No entanto, apesar do artigo elaborado por Shera e Egan ser entendido como o precursor do termo Epistemologia Social, é preciso ressaltar que a origem da teoria ainda é caracterizada por uma incerteza, tanto em seu sentido estrito, assim como a sua inserção no campo da Ciência da informação, tendo em vista que existem inúmeras versões que atestam a veracidade de seu surgimento. Nessa perspectiva, na versão defendida por Vieira (2019), a teoria é oriunda e foi desenvolvida de forma consistente por estudiosos da Escola de Chicago, na GLS, sob a concepção e tutela do bibliotecário e cientista da informação Pierce Butler (1884-1953), mentor de Shera e Egan, sendo que esses dois últimos deram continuidade aos trabalhos de Butler. Portanto, na concepção de Vieira (2019), a

teoria não tem a sua origem a partir do clássico artigo produzido por Egan e Shera, mas sim da conceituada escola em que eles eram docentes. Porém, neste trabalho, de maneira consensual, foi estabelecido que o termo e a teoria foram desenvolvidos a partir do artigo de 1952.

Com relação ao estudo do conhecimento produzido pelas unidades de informação, (com destaque as bibliotecas), isto é, um conhecimento entendido como de segunda ordem por meio de registros gráficos (documento) e que fosse reproduzido por meio da comunicação gráfica, a Epistemologia Social possui um objetivo importante no qual será destacado em seguida. Na interpretação de Shera (1973), um foco/objetivo importante para a Epistemologia Social é a interação do ser humano e a sociedade em todas as suas formas de pensar, saber, sentir, agir e comunicar. E a partir disso, a sociedade se desenvolveria em seus mais variados aspectos elementares, sobretudo, o acesso à informação e a socialização do conhecimento.

Continua o autor, a Epistemologia Social tem por natureza investigar a origem e toda a forma de conhecimento, em vários aspectos, em pensamento, no saber, na ação e a forma como ele é disseminado pela sociedade. Nessa medida, ela procura investigar como a sociedade adquire e utiliza esse conhecimento para as mais variadas finalidades (SHERA, 1973).

A Epistemologia Social desempenha um papel de importância na produção da informação e na disseminação do conhecimento. De acordo com Lima e Gomes (2016, p. 3), essa teoria procura estudar os meios dos quais a sociedade produz o conhecimento, levando em conta os aspectos físicos, sociais, psicológicos, ideológicos e intelectuais dos indivíduos, independente do meio no qual eles estão inseridos e o papel que eles desempenham na sociedade.

A partir desse pressuposto, com base em Lima e Gomes (2016), destacamos que a Epistemologia Social contribuiu para o estabelecimento de uma base teórica e sólida na Ciência da Informação, por meio de seus principais paradigmas científicos (físico, cognitivo e social), e, sobretudo, para a forma como o ser humano produz e adquire o conhecimento e como este é difundido pela sociedade. Contudo, a vigência e influência desta contribuição teórica na Ciência da Informação são questões que ainda não estão respondidas, acreditamos que esta pesquisa será uma oportunidade para o aprofundamento do tema, e conseqüentemente a retomada de seus aspectos mais elementares, destacando a preocupação social.

Desse modo, se faz necessário estabelecer um paralelo entre a Epistemologia Social e Organização do Conhecimento, relação esta que foi realizada de maneira sucinta por pesquisadores do campo da Ciência da Informação, como Jenna Hartel (2018) e Hanne Albrechtsen (1997).

Aproveitando o ensejo, em relação à adoção da Epistemologia Social como base teórica da Ciência da Informação, acredita-se que

O projeto de Epistemologia Social de Jesse Shera e Margaret Egan, administrado pela *Graduate Library School* principalmente durante a década dos anos cinquenta, pode se considerar a primeira e a mais séria das intenções de se criar uma base teórica mais recente no campo da biblioteconomia/Ciência da Informação (MARTINEZ-ÀVILA, 2018, p. 85, tradução nossa³).

Com base na concepção de Martinez-Àvila (2018), podemos notar que o projeto denominado Epistemologia Social foi responsável pelos primeiros estudos voltados para o aspecto social, com o objetivo de estabelecer uma base sólida e metodológica dentro do campo da Ciência da Informação. Acredita-se que essa relação coincide com o do surgimento⁴ da Ciência da Informação, no período pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Lembrando que Shera e Egan acreditavam que a Ciência da Informação se trata de um campo científico que teve a sua evolução a partir do desenvolvimento da Biblioteconomia norte-americana.

A partir da visão de Saracevic (1995), segundo Martinez-Àvila (2018, p. 84, tradução nossa⁵), o autor defende que a Ciência da Informação é interdisciplinar por naturalidade, mantém interconexões teóricas, científicas, epistemológicas e práticas com as disciplinas de natureza dinâmica. Nessa perspectiva, com base nos autores, desde o seu surgimento, a Ciência da Informação possui uma natureza interdisciplinar com inúmeros campos do conhecimento, como a Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Computação, Documentação, Física, Linguística, Lógica, Matemática, Psicologia, entre outros campos e pontos de intersecções. Podemos dizer que essa união permite atribuir um caráter interdisciplinar à Ciência da Informação, contribuindo para as reflexões teóricas, práticas, metodológicas e epistemológicas e no desenvolvimento deste campo de investigação.

³ El proyecto de epistemología social de Jesse Shera y Margaret Egan, gestado en la Graduate Library School principalmente durante la década de los años cincuenta, puede considerarse el primer y más serio intento de proporcionar una base teórica sólida dentro del campo de la biblioteconomía/ciencia de la información (MARTÍNEZ-ÀVILA, 2018, p. 85).

⁴ Este assunto será discutido mais adiante em uma seção específica.

⁵ La ciencia de la información es interdisciplinar por naturaleza (Saracevic, 1995), aunque las interrelaciones con las disciplinas son de naturaleza dinámica (MARTINEZ-ÀVILA, 2018, p. 84),

No desenvolvimento e no estabelecimento da Epistemologia Social como uma teoria, destacamos que logo após a morte de Shera (1982) e Egan (1959), inúmeros autores tiveram destaque na constituição desses fundamentos, porém, a maioria não deu continuidade aos estudos de Shera e Egan no aspecto biblioteconômico, podemos citar: Alvin Goldman, Steve Fuller, John Budd e Luciano Floridi. Destacamos este último por se tratar de um grande crítico da Epistemologia Social e defender o estabelecimento de uma Filosofia da Informação como uma nova teoria filosófica e base epistemológica para a Ciência da Informação, a qual, de certa maneira, procura não reconhecer a Epistemologia Social como uma teoria em tal campo de estudos (FLORIDI, 2002, LIMA; GOMES, 2016). Floridi (2002) defende com veemência que a Epistemologia Social não pode ser considerada uma teoria social que dê conta dos aspectos epistemológicos e teóricos da Ciência da Informação.

Nas palavras de Lima e Gomes (2016, p. 31), “a partir do final da década de 1980, a filosofia da informação começa a ser vista como uma área inovadora em termos filosóficos”. Com base na declaração dos autores, entendemos que a Filosofia da Informação na década de 1980, passou a ser vista como uma nova teoria filosófica, cujo objetivo era debater as ideias da Epistemologia Social de Shera e Egan.

A seguir, será apresentada a delimitação do problema, hipóteses, a justificativa, os objetivos e a metodologia científica utilizada neste trabalho e, de maneira estruturada, a inserção de todos os elementos teóricos que serão discutidos ao longo do trabalho.

1.1 Delimitação do problema

Para Lefevre e Lefevre (2012), a delimitação de um problema de pesquisa pode estar relacionada a inúmeros fatores, pois implica em analisar, selecionar e adotar pressupostos teóricos, históricos, epistemológicos, científicos, ideológicos, filosóficos, sociológicos, políticos, culturais, linguísticos, étnicos, sociais, assim é preciso que esses fatores estejam claros para o investigador.

A elaboração do problema de pesquisa é importante ser bem delimitada, a partir de uma clareza conceitual e de maneira prática para que o leitor e a comunidade científica e acadêmica possam compreender qual o problema a ser

resolvido e elucidado, a principal importância e os resultados que ela trará à sociedade, portanto o problema deve ser considerado um desafio ao pesquisador e ao interesse da sociedade como um todo.

Dada essa fundamentação teórica, o problema a ser debatido nesta pesquisa, pode ser representado pelas seguintes indagações: Quais são as relações, interdisciplinaridades e influências da Epistemologia Social e Organização do Conhecimento? Em que medida essas duas teorias poderão contribuir nas abordagens socioculturais no campo da Ciência da Informação? As propostas iniciais de Shera e Egan trataram dos aspectos epistemológicos e sociais com base na Organização do Conhecimento a fim de impactar nas abordagens socioculturais?

1.2 Hipóteses

Trujillo Ferrari (1982, p. 132, grifo nosso) declara que as hipóteses são estabelecidas de quatro maneiras: a primeira se refere ao conhecimento e a familiaridade do pesquisador com o **objeto de estudo**; a segunda está relacionada ao **estudo dos fatos**; a terceira é a **comparação de diferentes assuntos**, e a quarta e última é o **contexto** de uma determinada **teoria**, desse modo, são estes os elementos principais para a elaboração das hipóteses de investigação.

Sobre as funções das hipóteses, para Cervo e Bervian (1974, p. 41), em termos gerais e práticos, constitui-se a base na orientação do investigador, a fim de direcioná-lo ao caminho da razão provável ou da lei que ele procura examinar. Nesse sentido, na concepção de Cervo e Bervian (1974), no plano teórico, as hipóteses têm, por objetivo, a coordenação e o sentido de completar aqueles resultados já analisados, coletados e obtidos pelo pesquisador, sempre ordenando-os em um agrupamento de fatos para facilitar a sua clareza e análise mais fundamental de maneira eficiente.

Cervo e Bervian (1974, p. 62) também alertam que é preciso ressaltar e destacar que hipótese e teoria são conceitos totalmente diferentes, enquanto a primeira demonstra a sua validade por meio de teste de experiência; a segunda é verificada experimentalmente por meio de análises e testes científicos, a qual leva em consideração métodos científicos de investigação. Desse modo, a hipótese se trata de algo que ainda não foi investigado, mas que procura apresentar uma noção

provisória do resultado da pesquisa. Por outro lado, a teoria é algo mais concreto e aplicável, sendo uma base relacionada à fundamentos epistemológicos e a validações/convenções científicas.

Podemos considerar que a Epistemologia Social contribuiu no estabelecimento de uma base teórica e sólida na Ciência da Informação, isso também teve influência direta na Organização do Conhecimento, visto que Shera e Egan estavam preocupados com o aspecto social nas bibliotecas e a forma como ele era difundido para a sociedade como um todo, ou para um grupo especializado ou não. Além disso, a preocupação era no processo de produção, organização, classificação, representação e na socialização do conhecimento por meio de registros gráficos, que para os autores são entendidos como documentos registrados e materializados em um suporte, isto é, o livro.

Nesse sentido, o objetivo principal era compreender quais técnicas, normas, padrões e o conhecimento produzido na biblioteca não teriam um resultado prático se não fossem utilizados para fins sociais e culturais. Além do mais, a sociedade deveria ser estudada em sua totalidade e não de maneira isolada. Esse ideal está amparado no contexto do paradigma social na Ciência da Informação, assim como na abordagem sociocultural na Organização do Conhecimento.

Por mais que Shera e Egan não chegaram a um consenso sobre a natureza teórica e interdisciplinar da Epistemologia Social, de alguma maneira, essa teoria foi útil para chamar a atenção da Ciência da Informação e da Organização do Conhecimento para o estabelecimento de estudos de caráter social, filosófico, psicológico e linguístico. Sendo que em meados da década de 1950 (quando a teoria foi tomada com mais ênfase), havia uma forte predominância de técnicas e práticas para a organização, classificação, indexação, restauração e acesso aos registros gráficos, os quais eram entendidos como produtos intelectuais ou uma espécie de conhecimento de segunda ordem (SHERA, 1977, ODDONE, 2007, MARTELETO, 2015).

1.3 Justificativa

Em seu sentido estrito, a Epistemologia Social visa analisar as formas de produção, organização e disseminação da informação e do conhecimento na sociedade, tendo como base a forma de aquisição do conhecimento por parte dos

usuários que frequentam as unidades de informação, como os arquivos, bibliotecas, centros de informação e documentação e os museus. Ademais, essa teoria preocupa-se com o uso da informação e do conhecimento para fins sociais e para a transformação e desenvolvimento da sociedade, não apenas no sentido individual, mas principalmente em seu aspecto coletivo, uma vez que esse conhecimento será reproduzido e ressignificado para o compartilhamento entre os indivíduos.

Ressaltamos a importância deste tipo de análise e discussão, tendo em vista a possibilidade e necessidade de avaliar o ponto de vista das relações, influências e do impacto dessas teorias na Ciência da Informação a partir de um paradigma social e na Organização do Conhecimento com base nas abordagens socioculturais.

Frente às teorias e trabalhos elaborados ao longo dos anos (EGAN; SHERA, 1952; SHERA, 1972, 1977; ZANDONADE, 2003, 2004), acredita-se na relevância deste tipo de pesquisa para o progresso da Epistemologia Social e da Organização do Conhecimento no contexto da Ciência da Informação, e também acreditamos no desenvolvimento social, cultural, econômico e no acesso à informação pela sociedade como um todo, na medida em que a informação é um direito de todos os cidadãos.

A inserção da Epistemologia Social de Jesse Shera e Margaret Egan está vinculada à produção da informação e à geração do conhecimento em seu aspecto social, por isso este tema tem uma importância na história e no campo da Ciência da Informação, levando em consideração que a Epistemologia Social possui diálogo com inúmeras áreas do conhecimento, sobretudo a (Antropologia, Sociologia do Conhecimento, Filosofia, Linguística), entendemos que essa interdisciplinaridade só tem a reforçar esse compromisso com a ciência, com a tecnologia e com a sociedade.

Em relação à vinculação da organização do conhecimento, neste trabalho, reforçamos que ela está conectada ao aspecto social e à capacidade de organização, representação, reprodução e à disseminação do conhecimento por meio de instrumentos de representação do conhecimento, como as linguagens documentárias, ontologias, tabelas de classificações bibliográficas (Classificação Decimal de Dewey e Classificação Decimal Universal), tesauros, cabeçalho de assunto, taxonomias, terminologias, entre outros.

A organização do conhecimento desempenha um papel de importância no que se refere aos estudos socioculturais, sobretudo a partir de suas abordagens da

análise de domínio e os seus estudos sobre comunidades discursivas na perspectiva e principais contribuições nas últimas décadas dos pesquisadores e cientistas da informação: Birger Hjørland e Ingetraut Dahlberg. Outros pesquisadores se dispuseram a propor e discutir estudos teóricos e aplicados nessa temática, porém, isso será deixado para uma outra oportunidade de investigação.

Referente à abordagem da Ciência da Informação na dissertação, justifica-se a sua atuação responsável e comprometida a partir do seu objeto de estudo (informação) em reduzir a incerteza do indivíduo acerca de sua necessidade informacional nas mais variadas atividades do cotidiano, é preciso reconhecer o papel fundamental deste campo no comprometimento ético com a produção da informação e com a geração de conhecimento do ponto de vista científico, epistemológico, social e cultural. Além disso, esse campo científico em sua essência no plano epistemológico, teórico e interdisciplinar está vinculado a este trabalho tendo em vista a congregação dos elementos fundamentais que, de certa forma, contribuíram na elaboração, desenvolvimento e aprofundamento desta dissertação (CAPURRO, 1991, BARRETO, 2003, NORTON, 2008).

Quanto à abordagem do paradigma social nesta pesquisa, o nosso argumento está condicionado aos estudos oriundos da Epistemologia Social, Organização do Conhecimento e da Ciência da Informação a fim de analisarmos os fundamentos e as formas de socialização do conhecimento para toda a comunidade, independente de sua classe social, política, econômica, étnica, religiosa e questões de orientação sexual. Assim sendo, o presente paradigma reforça a ideia de que o conhecimento deve ser produzido em consonância à realidade de seus usuários, já que eles são os principais agentes no processo de construção, constituição, auto-organização e mudança da sua própria comunidade.

Nessa perspectiva, é preciso destacar a inserção das abordagens socioculturais da Ciência da Informação, uma abordagem que foi muito utilizada em pesquisas relacionadas a estudos de usuários e, a partir dessas análises, mostraram como os grupos produzem, organizam, representam, socializam e acessam o conhecimento de acordo com suas identidades e práticas socioculturais. Nesse sentido, essa abordagem será analisada do ponto de vista do Paradigma Social, com fundamentos da Epistemologia Social e da Organização do Conhecimento (DA'LEVEDOVE, FUJITA, 2014).

A partir de toda a organização desses elementos, pretende-se chegar a um alto nível de retomada, contribuição e discussão da inserção da Epistemologia Social na Organização do Conhecimento, sobretudo no âmbito da Ciência da Informação com referência às abordagens socioculturais, com o intuito de demonstrarmos como essas teorias se relacionam, visto que estas não são analisadas e estudadas de maneira isolada, para tanto é preciso resgatar a vinculação teórica entre elas sob a ótica social, interdisciplinar e coletiva.

Com fundamento em Shera (1972, 1973, 1977) e Vieira (1983), sobre a atuação do bibliotecário no processo de produção, organização, tratamento, representação e na disseminação do conhecimento, é importante que esse profissional da informação tenha o conhecimento da realidade social, política e econômica de seus usuários, para que ele possa suprir a necessidade informacional de maneira mais eficaz, a fim de satisfazer e atender as expectativas dos usuários que estejam em busca de informação, não só para fins de pesquisa e aquisição do conhecimento, mas também para outras finalidades, podendo até ser simplesmente por lazer.

Essa característica está bastante atrelada ao paradigma social da Ciência da Informação e da Organização do Conhecimento, que tem por finalidade a análise do indivíduo em seu aspecto social e cultural. Outrossim, esses são elementos primordiais para que esses campos possam continuar se desenvolvendo como espaços de discussões preocupados com a dimensão social do conhecimento, além de essas áreas do conhecimento tratarem de seus usuários em outros paradigmas que foram anteriormente discutidos ao paradigma social, isto é, o físico e o cognitivo (CAPURRO, 2003, ARAÚJO, 2010).

1.4 Objetivos

Neste caso, o objetivo geral do presente trabalho é analisar as relações, inter-relações teóricas e práticas, assim como a influência da Epistemologia Social na Organização do Conhecimento. Para tanto, devemos recorrer a uma análise teórica dos fundamentos do paradigma social e das abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento e Ciência da Informação, enquanto campos de conhecimentos preocupados com a realidade social e de acesso à informação por parte de seus usuários, assim como demonstrar as principais reflexões a respeito da

produção da informação, disseminação e aquisição do conhecimento no aspecto social por meio da interação do usuário com o seu meio de convivência.

Entre os objetivos específicos deste trabalho, pretendemos:

- Revisar a literatura a respeito dos temas da epistemologia geral, Epistemologia Social, organização do conhecimento, paradigma social, abordagens socioculturais e ciência da informação;
- Identificar as principais diferenças entre epistemologia geral e Epistemologia Social;
- Analisar os principais trabalhos desenvolvidos por Jesse Shera e Margaret Egan sobre Epistemologia Social;
- Analisar as influências da Epistemologia Social na Organização do Conhecimento no contexto da Ciência da informação.
- Listar as principais contribuições da Epistemologia Social à Organização do Conhecimento, notadamente à linha das abordagens socioculturais.

1.5 Metodologia

Para a execução desta pesquisa, foram realizadas buscas em periódicos relacionados à Ciência da Informação e à Organização do Conhecimento, tendo como base os termos, conceitos e campos científicos que serão analisados e aprofundados nesta dissertação: Epistemologia Geral, Epistemologia Social, Organização do Conhecimento, Ciência da Informação, Paradigma Social e Abordagens Socioculturais. Os termos e campos científicos foram conferidos em português, espanhol e inglês no título, resumo, palavras-chave e no corpo do texto das publicações localizadas no ato de análise e coleta dos materiais, sem a delimitação de um período em específico.

Em razão da temática, foram consultados os periódicos da *International Society for Knowledge Organization (ISKO)* e os títulos *Social Epistemology* e *Library Quarterly*. Além disso, foram consultadas nas seguintes bases: 1) Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI); 2) *Web of Science*; 3) *Library & Information Science Abstracts (LISA)*; 4) *SCOPUS* e 5) *Google Scholar*. Em termos de eventos, foram selecionados trabalhos produzidos no âmbito dos Grupos de Trabalho número 1 “Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação” e 2 “Organização e Representação do Conhecimento” do

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), sendo esse o principal evento ocorrido anualmente⁶ no Brasil. O foco na análise dos trabalhos foi pesquisas que se propuseram a discutir o caráter científico, epistemológico, teórico, interdisciplinar e histórico da Epistemologia Social, Organização do Conhecimento e Ciência da Informação.

O presente trabalho possui um caráter qualitativo. Assim, de acordo com Bardin (2011, p.145), a “análise qualitativa apresenta certas características particulares. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais”. Na concepção da autora, a pesquisa de caráter qualitativo é elaborada através de determinadas deduções ou inferências, sendo elas precisas, e não com base em generalizações. Em nenhum momento a pesquisa se propôs a discutir o aspecto quantitativo da relação entre Epistemologia Social e Organização do Conhecimento, isso será explorado em uma outra circunstância.

No presente trabalho, utilizaremos a pesquisa bibliográfica como delineamento para a revisão de literatura com base em materiais produzidos e publicados em fontes primárias (Jesse Shera, Margaret Egan, Birger Hjørland, Ingetraut Dahlberg, Rosa San-Segundo, Garcia-Marco, Garcia-Gutierrez, José Guimarães, Tefko Saracevic, Harold Borko, Aldo Barreto, Rafael Capurro, Bernd Frohmann), assim como por comentadores que se propuseram a dar continuidade acerca dos conceitos de Epistemologia Social, Organização do Conhecimento, Paradigma Social, Abordagens Socioculturais e Ciência da Informação.

De maneira informativa, para Marconi e Lakatos (2016, grifo nosso), a pesquisa bibliográfica engloba oito etapas diferentes: **a) escolha do tema a ser investigado; b) elaboração do plano de trabalho/cronograma de execução; c) identificação; d) localização das fontes de informação; e) compilação e sistematização dos dados; f) fichamentos dos materiais; g) análise e interpretação dos dados; h) redação científica da pesquisa.** Além de retomar vários trabalhos que já foram realizados em outros períodos, que de certa maneira não foram totalmente esclarecidos e aprofundados em uma determinada época. A interpretação se configura como um fator preponderante na adoção da pesquisa bibliográfica.

⁶ O referido evento deste ano foi cancelado em decorrência da Pandemia do Coronavírus.

Com relação à vantagem da pesquisa bibliográfica, de acordo com Gil (2002), é que ela possibilita que o pesquisador tenha um amplo respaldo de fenômenos sobre que ele poderia simplesmente investigar em seu projeto de pesquisa na fase inicial.

Sobre a organização sistemática do trabalho, dar-se-á a partir da seguinte estrutura: na primeira seção, apresentaremos toda a contextualização da dissertação, inclusive os elementos relacionados à problemática, à justificativa, aos objetivos (geral e específicos), e por fim, à metodologia científica e às técnicas utilizadas para a coleta e análise dos dados obtidos na pesquisa.

Na segunda seção, de maneira teórica, serão apresentados os principais conceitos acerca da epistemologia em seu sentido genérico, tendo como base o racionalismo, empirismo, historicismo e o pragmatismo e como, de maneira teórica, influencia a Epistemologia Social. Essa abordagem vai ao encontro da análise da Organização do Conhecimento nas pesquisas e trabalhos desenvolvidos ao longo do tempo por Birger Hjørland.

Na terceira seção, serão apresentados os aspectos fundamentais, históricos e teóricos da Epistemologia Social de Jesse Shera e Margaret Egan. Ainda, nesta seção, apresentaremos uma breve análise da Escola de Chicago, com ênfase na *Graduate Library School* em razão de seus estudos acerca de temas socioculturais. Será apresentado um quadro que relaciona os principais aspectos teóricos e analíticos entre Epistemologia, Epistemologia Social, Sociologia do Conhecimento e Filosofia da Informação.

Na quarta seção, apresentaremos uma análise teórica e epistemológica da Ciência da Informação em seu aspecto geral, e também no contexto brasileiro, tendo como núcleo central a sua função social na geração do conhecimento. Ainda nessa seção, apresentaremos o paradigma social da Ciência da Informação, com foco nas abordagens socioculturais.

Na quinta seção, faremos uma análise teórica, histórica e epistemológica dos principais aspectos do campo da Organização do Conhecimento, com ênfase nas teorias de Birger Hjørland e Ingetraut Dahlberg, ainda, será apresentada a teoria do conceito na visão desses autores, e também, de forma sucinta, os principais instrumentos e sistemas de organização do conhecimento (classificação bibliográfica, tesouros, ontologias, taxonomias, entre outros).

Na sexta seção, serão refletidos e discutidos os principais pontos convergentes e influentes entre a Epistemologia Social, Organização do Conhecimento, o Paradigma Social e a abordagem sociocultural para a análise dos principais argumentos qualitativos com base na Biblioteca, Bibliotecário e da Ciência da Informação. Ao final, serão destacados os principais pontos relevantes nas considerações finais, e por fim, serão mencionadas as principais referências bibliográficas utilizadas nesta pesquisa teórica e analítica.

2 EPISTEMOLOGIA

Conforme foi mencionado na introdução deste trabalho, nesta seção, temos por objetivo geral apresentar os principais conceitos e características da Epistemologia Geral, comumente definida como *episteme*, ciência, teoria do conhecimento e gnoseologia por estudiosos da Filosofia e por definições encontradas em dicionários especializados. Diante dessas inúmeras definições, neste trabalho, propomo-nos a explicar o que é a epistemologia em seu sentido mais teórico.

Para buscarmos uma elucidação, partiremos de uma estratégia histórica, passando pelas principais teorias do conhecimento: racionalismo, empirismo, historicismo e pragmatismo, termos que se confluem com os estudos em Organização do Conhecimento. Para Lima e Alvares (2012, p. 25), do ponto de vista epistemológico, pesquisadores e estudiosos das mais variadas áreas denominam os tipos de conhecimento: senso comum ou empírico, teológico, mitológico, artístico, filosófico e científico, cada qual com as suas peculiaridades e importância na sociedade. Com base nas autoras, esta dissertação procura investigar a organização do conhecimento do ponto de vista científico e epistemológico, mesmo que ambos os termos sejam considerados sinônimos.

Na definição de Abbagnano (2007, p. 392), a epistemologia em um primeiro momento é “o termo de origem grega que apresenta duas acepções de fundo. Num primeiro sentido (como o inglês *Epistemology*), é sinônimo de gnosiologia ou de teoria do conhecimento. Num segundo momento, é sinônimo de filosofia da ciência”. Para o autor, os dois significados estão conectados, pois o problema do conhecimento, na filosofia moderna e contemporânea, entrelaçam-se e às vezes se confunde com o da ciência.

Do ponto de vista tradicional, o estudioso Japiassu (1977), compreende que a epistemologia é considerada como uma disciplina de grande prestígio no interior da filosofia. E considera que os filósofos foram os pioneiros em realizar pesquisas e investigações em epistemologia. Além disso, continua o autor, a epistemologia se desdobra em determinados campos de pesquisas, a saber: epistemologia genética representada por Jean Piaget; epistemologia histórica de Gaston Bachelard; epistemologia racionalista-crítica de Karl Popper e epistemologia arqueológica de

Michel Foucault (JAPIASSU, 1977). Nessa seara, com base em Japiassu (1977), podemos analisar, entender e inserir a Epistemologia Social de Jesse Shera e Margaret Egan como uma importante base teórica para o campo da Ciência da Informação.

No que entendem Cabral e Nick (1974, p. 110), a epistemologia é o estudo filosófico da origem, natureza e limites do conhecimento. Em filosofia, ela procura investigar a origem do conhecimento, a base para conhecer e a maneira como as pessoas sabem o que realmente sabem. Às vezes, o vocábulo é aplicado apenas ao que se conhece através de meios científicos, embora seja usado com frequência em sentido geral para referir-se a todos os tipos de conhecimento e ao ato de conhecer.

Desse modo, para Cabral e Nick (1974), a epistemologia interessa-se por várias questões ligadas ao ato de conhecer, incluindo a relação entre o conhecedor e o objeto a ser conhecido, as variações entre diferentes tipos de conhecimento (científico, espiritual, religioso, antropológico etc.); a natureza da verdade; a possibilidade de compreender a vida social tendo como base apenas dados científicos; a obtenção de qualquer tipo de conhecimento válido sobre qualquer coisa; os métodos mais válidos para adquirir diferentes tipos de conhecimento; e o papel da razão e dos sentidos no ato de conhecer.

A partir da definição de Smiraglia (2013, p. 2, tradução nossa⁷),

A epistemologia é, portanto, a ciência do conhecimento e a investigação autoconsciente do conhecimento. Se a organização do conhecimento é a ciência da ordem do conhecimento, então nós, os cientistas, devemos nos preocupar antes de mais nada com a questão do que é exatamente o conhecimento. A epistemologia por meio de investigação rigorosa nos diz de onde vem o conhecimento. Os problemas centrais da epistemologia são a definição do conhecimento e os meios para a sua aquisição. Historicamente, existem apenas duas escolas principais de pensamento epistemológico: o racionalismo e o empirismo que surgem da matemática e da lógica, e as ciências naturais respectivamente. Em outras palavras, o conhecimento pode englobar aquilo que podemos discernir logicamente, e o conhecimento pode incluir aquilo que podemos observar.

⁷Epistemology is the division of philosophy that investigates the nature and origin of knowledge. Epistemology is therefore the science of knowledge, and the self-conscious inquiry of knowledge. If knowledge organization is the science of the order of knowledge, then we—its scientists—must be concerned first and foremost with the question of what, exactly, knowledge is. Epistemology, through rigorous inquiry, tells us where knowledge comes from. The central problems for epistemology are the definition of knowledge, and the means of its acquisition. Historically there are just two main schools of epistemological thought: rationalism and empiricism, which arise from mathematics and logic, and the natural sciences, respectively. In other words, knowledge can encompass that which we can logically discern, and knowledge can encompass that which we can observe (SMIRAGLIA, 2013, p. 2).

San Segundo (2012, tradução nossa⁸), argumenta que a epistemologia nasce no modernismo europeu, e é uma construção de ordem simbólica e epistemológica para estabelecer maneiras de legitimar o conhecimento como necessidade estratégica de controlar o conhecimento do outro para optar por outras formas de conhecer.

No campo da Sociologia, de acordo com Johnson (1997), é amplo o desacordo sobre a epistemologia mais apropriada para o trabalho no aspecto sociológico, em outras palavras, a maneira mais apropriada de conhecer a vida social. Aqueles que adotam o método científico, por exemplo, abstêm-se de questionar se técnicas empíricas são adequadas para entender o mundo social e focalizam-se, em vez disso, em decidir que métodos serão utilizados. A opinião contrária é que, para compreender a base implícita da vida social, o sociólogo tem de dar tanto foco ao que não pode observar diretamente quanto ao que pode. Neste campo, há uma variedade de metodologias e saberes, como: Sociologia Rural, Sociologia da Ciência, Sociologia do Conhecimento, entre outras áreas afins, como a Antropologia, Antropologia Social, Antropologia Cultural e as Ciências Políticas e Econômicas.

Para Japiassu e Marcondes (1989), a epistemologia é uma disciplina que toma as ciências como objeto de investigação tentando reagrupar: a) a crítica do conhecimento científico, que é o exame dos princípios, das hipóteses e das conclusões das diferentes ciências, tendo em vista determinar seu alcance e seu valor objetivo; b) a filosofia das ciências como o empirismo, racionalismo, historicismo, pragmatismo, inatismo, entre outras; c) a história das ciências. O simples fato de hesitarmos, hoje, entre duas denominações epistemologia e filosofia das ciências já é bastante significativo.

Segundo Mora (1978), foi indicado no verbete Gnosiologia que os termos gnosiologia e epistemologia são comumente considerados sinônimos. Trata-se, em ambos os casos, de teoria do conhecimento, expressão que também se usa no lugar de qualquer das suas anteriores. Durante algum tempo, registrou-se certa disposição para usar gnosiologia em predileção à epistemologia. Depois, ao

⁸La epistemología nace en la modernidad europea, es una construcción de la modernidad, una construcción del orden simbólico y epistemológico para establecer formas de legitimar el conocimiento como necesidad estratégica de controlar el conocimiento ajeno para desechar otras formas de conocer. En el análisis actual, cuando lo legítimo ha sufrido numerosas traslaciones, se hace necesario quebrar esa legitimidad (SAN SEGUNDO, 2012).

considerar-se que gnosiologia estava sendo utilizada com bastante frequência por correntes filosóficas de orientação escolástica, este termo passou a ser adotado no sentido geral de teoria do conhecimento, sem se especificar de que tipo de conhecimento se tratava, enquanto epistemologia foi introduzido para designar a teoria do conhecimento científico, ou para elucidar problemas relativos ao conhecimento cujos principais exemplos foram extraídos das ciências.

Cada vez mais por interferência da literatura filosófica de países em sua maioria de língua inglesa como (Austrália, Canadá, Estados Unidos, Reino Unido, entre outros), o termo epistemologia vem sendo usado em quase todos os casos.

Desse modo,

É aqui que surge a Epistemologia, que se torna um ramo da filosofia encarregado dos problemas filosóficos que circundam a teoria do conhecimento científico, tem a sua origem etimológica a partir da palavra grega *episteme* que significa conhecimento verdadeiro. É necessário deixar claro que, num primeiro momento, a tradição da língua espanhola comumente considerava os termos epistemologia e gnosiologia como sinônimos, mas posteriormente concordou em usar o termo gnoseologia no sentido geral da teoria do conhecimento, sem especificar que tipo de conhecimento é e o termo epistemologia foi deixado para se referir especificamente à teoria do conhecimento científico (MARTÍNEZ; RÍOS, 2006, não paginado, tradução nossa⁹).

No entendimento de Martinez e Rios (2006, não paginado, tradução nossa¹⁰), de modo geral, a epistemologia se trata de uma atividade intelectual que procura refletir sobre a natureza da ciência, sobre o caráter de seus pressupostos, isto é, estuda e analisa os problemas cognitivos de particularidade científica. É ela, então, que estuda, avalia e critica o conjunto de problemas apresentados pelo processo de produção do conhecimento em seu aspecto científico. Além do mais, pode ser descrita como uma ciência que se baseia na diversidade e não na unidade do

⁹Es aquí donde aparece la Epistemología, que viene a ser una rama de la filosofía encargada de los problemas filosóficos que rodean la teoría del conocimiento científico, deriva etimológicamente de la palabra griega *episteme* que significa, conocimiento verdadero. Es necesario dejar claro que en un principio, la tradición de la lengua española consideraba comúnmente los términos epistemología y gnoseología como sinónimos, pero posteriormente se acordó utilizar el término gnoseología en sentido general de teoría del conocimiento, sin precisar qué tipo de conocimiento se trata y el término epistemología quedó para referirse específicamente a la teoría del conocimiento científico (MARTÍNEZ; RÍOS, 2006, não paginado).

¹⁰La epistemología es una actividad intelectual que reflexiona sobre la naturaleza de la ciencia, sobre el carácter de sus supuestos, es decir, estudia y evalúa los problemas cognoscitivos de tipo científico. Es ésta pues, quien estudia, evalúa y critica el conjunto de problemas que presenta el proceso de producción de conocimiento científico. Además se puede describir como una ciencia que se fundamenta en la diversidad y no en la unidad del espíritu científico, por lo tanto, elabora su propio discurso. Es decir, se constituye en una ciencia que discute sobre la ciencia y en consecuencia sobre el conocimiento (MARTINEZ; RÍOS, 2006, não paginado).

espírito científico, logo constrói a sua própria narrativa. Em outras palavras, torna-se uma ciência que discute a ciência e, por consequência, o conhecimento.

A expressão **epistemologia** é um argumento filosófico que tem a ver com a nossa compreensão de como o **conhecimento** é desenvolvido nas pessoas, e o que acreditamos ser **verdadeiro** sobre o universo em que nos encontramos (WILSON, 2008, grifo nosso).

Sob outra perspectiva, com relação ao racionalismo, segundo Japiassu e Marcondes (1989, p. 293), é o princípio que privilegia a razão dentre todas as faculdades humanas, considerando-a como elemento basilar de todo conhecimento possível. O racionalismo considera que o real é, em última análise, racional, assim a razão é, portanto, capaz de conhecer o real e de chegar à verdade sobre a natureza das coisas. Em outras palavras, nessa teoria, o conhecimento é visto como algo ligado à razão de ser do indivíduo ou até mesmo a um grupo, isto é, com base nos autores, podemos compreender que o sujeito é o próprio espírito, visto que ele está conectado à natureza.

Para Wilson (2008), o racionalismo sustenta que o conhecimento é obtido através de processos mentais teóricos. Assim, ao citar Kant, por exemplo, esses processos fazem parte de nossas estruturas mentais. Difere do empirismo nos critérios que usamos para determinar a verdade de uma afirmação de conhecimento entre intelectuais e dedutivos de acordo com processos mentais, enquanto que o empirismo acredita na evidência de seus sentidos por meio da experiência humana com o universo. Embora seja uma tarefa difícil falar na aquisição do conhecimento sem antes falar da experiência.

Essa corrente epistemológica argumenta que o conhecimento tem sua origem na razão, afirma que o conhecimento só é realmente tal quando tem necessidade lógica e validade universal. Nesse sentido, afirma-se que a razão é capaz de apreender princípios evidentes a partir dos quais deduz outras verdades. Sustenta-se que existem ideias inatas, ou seja, nascemos com determinados conteúdos, estruturas que são comuns a todos os homens. O racionalismo tem seus principais expoentes em filósofos como: Platão, René Descartes, Baruch de Spinoza, Leibniz e Karl Popper (MARTÍNEZ; RÍOS, 2006, não paginado, tradução nossa¹¹).

¹¹Esta escuela epistemológica sostiene que el conocimiento tiene su origen en la razón, afirma que un conocimiento sólo es realmente tal, cuando posee necesidad lógica y validez universal. En tal sentido se afirma que la razón es capaz de captar principios evidentes de los cuales luego deduce otras

Com destaque para Platão, Martinez e Rios (2006, não paginado, tradução nossa¹²), declaram que o filósofo racionalista propõe a teoria das ideias segundo a qual existe um conjunto de essências eternas, invisíveis e dotadas de um tipo de existência diferente das coisas materiais, logo vivemos em um mundo de sombras, feito de meros reflexos de um mundo ideal, baseado na teoria das ideias, que indica que nossos sentidos nos enganam e que as coisas reais se encontram em um mundo que nos é inacessível. Desse modo, podemos entender como uma forma de espírito, ou que esteja ligada à nossa natureza humana.

Em geral, Abbagnano (2007, p. 832) argumenta que o racionalismo “é a atitude de quem confia nos procedimentos da razão para a determinação de crenças ou de técnicas em determinado campo do conhecimento”. Além disso, é preciso lembrar que o racionalismo se opõe às ideias oriundas do construtivismo, estruturalismo e do empirismo. Nessa perspectiva, conforme destaca Gauer (2007), “Descartes priorizava a razão como fonte do conhecimento verdadeiro, e essa posição tanto teve seguidores quanto provocou reações antirracionalistas, como o empirismo de Locke”.

Em contrapartida, Barbosa (2003, p. 35), entende que apesar de algumas rivalidades,

O empirismo e o racionalismo estão em diálogo permanente. O racionalismo aplicado procura dialetizar o pensamento e esclarecer a experiência, existe uma certa imbricação entre razão e experiência. A ciência contemporânea não pode ser entendida como dois pontos de partida – Razão ou Experiência – disputa que caracterizou os Séculos XVII, XVIII e XIX.

Já para Haguette (2013), “na realidade, meu argumento é que racionalismo e empirismo não se constituem como oposições insuperáveis. O oposto do racionalismo é o irracionalismo enquanto o do empirismo é o idealismo”. Continua o autor, o empirismo não é um irracionalismo, embora possa ser um enfraquecimento da razão. Ele é uma espécie de conhecimento que requer racionalidade, desse modo, portanto, não pode ser rejeitado simplesmente (HAGUETTE, 2013).

verdades. Se afirma que existen ideas innatas, es decir que nacemos con ciertos contenidos, estructuras que son comunes en todos los hombres. El racionalismo tiene sus principales exponentes en Platón, Descartes, Spinoza, Leibniz y Popper (MARTINEZ; RIOS, 2006).

¹²Platón propone la teoría de las ideas según la cual existen un conjunto de esencias eternas, invisibles y dotadas de un tipo de existencia diferente al de las cosas materiales, por lo tanto habitamos en un mundo de sombras, conformado por meros reflejos de un mundo ideal, basado en la teoría de las ideas, lo que indica que nuestros sentidos nos engañan y que las cosas reales se encuentran en un mundo que nos es inaccesible (MARTÍNEZ; RÍOS, 2006, não paginado).

O racionalismo, para Rheingantz (2018, p. 31), é um método de observar as coisas baseado exclusivamente na razão, considerada como única autoridade quanto à maneira de pensar e/ou de agir. Atividade do espírito de caráter puramente especulativo. Doutrina segundo a qual nada existe que não tenha uma razão de ser, de tal modo que, de direito, nada existe que não seja inteligível. Fundamento de acordo com o qual todo conhecimento verdadeiro é consequência necessária de princípios irrecusáveis *a priori* e evidentes. Em que para Kant, trata-se de um princípio que afirma que a experiência só é possível para um espírito que disponha de um sistema de princípios universais e necessários que organizem os dados provenientes da experiência. Crença na razão e na evidência das demonstrações.

Já o empirismo é visto como tudo aquilo que derive da experiência. Na concepção de Japiassu e Marcondes (1989, grifo próprio), trata-se de uma doutrina ou teoria do conhecimento segundo a qual todo conhecimento humano deriva, direta ou indiretamente, da experiência sensível externa ou interna. Frequentemente fala-se do **empírico** como daquilo que se refere à experiência, aos sentidos e às percepções, relativamente aos encadeamentos da razão.

O empirismo, sobretudo de John Locke e de David Hume, argumenta e defende que não há outra fonte do conhecimento senão por meio da experiência e dos sentidos. As ideias só nascem de um enfraquecimento da sensação, logo não podem ser inatas. Daí o motivo do empirismo rejeitar todas as especulações e abstrações como ineficazes e impossíveis de serem compreendidas pela experiência humana. Ainda, Japiassu e Marcondes (1989) pontuam que de alguma maneira, Kant tenta resolver o debate, argumentando que todos os nossos conhecimentos provêm da experiência, porém segundo quadros e formas *a priori* que são próprios de nosso espírito.

Martínez e Rios (2006, grifo nosso, tradução nossa¹³) afirmam que a única causa do conhecimento humano é a experiência, sob tal pressuposto o espírito humano, por natureza, é destituído de todo conhecimento, portanto não existe nenhuma forma de conhecimento inato. Uma das correntes filosóficas do empirismo,

¹³Sostiene que la única causa del conocimiento humano es la experiencia, bajo tal supuesto el espíritu humano, por naturaleza, está desprovisto de todo conocimiento, por lo tanto, no existe ningún tipo de conocimiento innato. Una de las corrientes filosóficas procedentes del empirismo, que destaca por su importancia, es el Positivismo (y el Positivismo Lógico), que indica que la ciencia es el conocimiento de los hechos, de los sucesos observables y medibles. El empirismo y el positivismo tienen sus principales representantes en Bacon, Locke, Hume, Berkeley, Comte y el Círculo de Viena (MARTINEZ; RIOS, 2006).

que se destaca por sua importância, é o **Positivismo e o Positivismo Lógico**, que indica que a ciência é o conhecimento dos acontecimentos, eventos observáveis e mensuráveis. O empirismo e o positivismo têm seus principais representantes e bases filosóficas, os filósofos: Francis Bacon, John Locke, David Hume, George Berkeley, Auguste Comte e que as principais discussões foram desenvolvidas no famoso Círculo de Viena.

Nessa perspectiva, explica Mora (1978, p. 302, grifo nosso), que o empirismo

Designa-se uma doutrina filosófica segundo a qual o conhecimento se funda na experiência. Costuma contrapor-se o empirismo ao racionalismo, para o qual o conhecimento se funda, pelo menos em grande parte, na razão. Contrapõe-se também ao inatismo, segundo o qual o espírito, a alma, e, em geral, o chamado “sujeito cognoscente” possui ideias inatas, isto é, anteriores a toda a aquisição de dados. Para os empiristas, o sujeito cognoscente é semelhante a uma tábua rasa onde se inscrevem as impressões procedentes do mundo exterior. Pode-se dizer que, em geral, há três tipos de empirismo: **o psicológico, o gnoseológico e o metafísico**. Para o primeiro, o conhecimento tem integralmente a sua origem na experiência; o segundo defende que a validade de todo o conhecimento radica na experiência; o último afirma que a própria realidade é empírica, isto é, que não há outra realidade para além da que é acessível à experiência e em particular à experiência sensível.

Segundo Abbagnano (2007, p. 337, grifo nosso), o empirismo pode ser considerado uma corrente filosófica para a qual a experiência é critério ou norma da verdade, considerando-se a palavra **experiência** no significado.

É um fundamento ou comportamento que admite quanto à origem do conhecimento, que este provenha unicamente da experiência, seja negando a existência de princípios puramente racionais, seja negando que tais princípios, existentes embora, possam independentemente da experiência, levar ao conhecimento da verdade (RHEINGANTZ, 2018, p. 15). Desse modo, é evidente a oposição entre o empirismo e o racionalismo, sendo que o primeiro admite de maneira categórica que o conhecimento provém da experiência, e o segundo argumenta que o conhecimento é construído por intermédio da razão.

De acordo com Bottomore (1988, p. 203), há uma hostilidade na tradição marxista com relação ao empirismo, pelo menos em aparência, contudo nem o objeto preciso, nem as razões dessa hostilidade têm-se mostrado sempre claras. Em certa medida, isso advém do fato de que, de maneira oposta, na verdade, em parte como uma consequência de sua crítica inicial ao idealismo, a crítica de Marx ao empirismo nunca foi articulada sistematicamente como uma crítica de uma norma ou

sistema filosófico, assumindo antes a forma substantiva de uma crítica da economia vulgar.

Seguindo a linha epistemológica, no entendimento de Rheingantz (2018), o historicismo é um sistema que estuda seus objetos do ponto de vista da origem e desenvolvimento deles, vinculando-os às condições concretas que os acompanham. Um princípio segundo o qual a história de um objeto é suficiente para lhe explicar a natureza ou valor.

Segundo Japiassu e Marcondes (1989), o historicismo pode ser entendido na seguinte ordem: a) Método filosófico que tenta explicar sistematicamente pela história, isto é, pelas circunstâncias da evolução das ideias e dos costumes ou pelas alterações das estruturas econômicas, todos os fatos relevantes do direito, da moral, da religião e de todas as formas de progresso da consciência; b) De maneira *sui generis*, teoria segundo a qual o direito, como produto de uma criação coletiva, desenvolve-se em conjunto à comunidade que o criou, só podendo ser compreendido numa perspectiva histórica. Sob seu aspecto liberal, essa teoria é bastante reacionária, pois faz do direito a estrutura inconsciente de uma comunidade sacralizada por seu próprio passado.

Sobre o historicismo ser entendido como um método filosófico, na concepção de Costa (2011, p. 47), deve ser baseado em leis, leis de caráter histórico; suas previsões também são de caráter histórico. Apesar disso, já foi visto que qualquer generalização histórica tem um curto alcance por se aplicar somente a um determinado período cultural ou histórico.

De acordo com Abbagnano (2007, não paginado), nessa ordem de pensamento,

- 1) o historicismo é uma lei segundo a qual a realidade é história (desenvolvimento, racionalidade e necessidade) e que todo conhecimento é conhecimento histórico. Essa é a tese fundamental do idealismo romântico (v.), que supõe a coincidência entre finito e infinito, entre mundo e Deus, e considera a história como realização de Deus. Pode chamar-se H. absoluto.
- 2- Uma variante da doutrina precedente, que vê na história a revelação de Deus no sentido de considerar que cada momento da história está em relação direta com Deus e é permeado dos valores transcendentais que Ele incluiu na história.
- 3- A doutrina para a qual as unidades cuja sucessão a história constitui (Épocas ou Civilizações) são organismos globais cujos elementos, necessariamente vinculados, só podem viver no conjunto; afirma, portanto, a relatividade entre os valores (que são alguns desses elementos) e a unidade histórica a que pertencem; sendo inevitável a morte desses elementos com a morte dessa unidade. Esse é o ponto de vista de Spengler e de outros, e pode chamar-se H. relativista. Existe também, pelo menos em polêmica, uma noção vulgar desse H., segundo a qual a história seria um movimento incessante que empolga tudo, mesmo a verdade e os

valores, imediatamente depois do instante em que florescem. 4- A corrente da filosofia alemã que, nos últimos decênios do séc. XIX e nos primeiros anos do séc. XX debateu o problema crítico da história. O fato de, no séc. XIX, as disciplinas históricas terem sido alçadas ao nível de ciência criava um problema análogo ao que Kant se propusera a respeito das ciências naturais: o problema da possibilidade da ciência histórica, ou seja, da sua validade.

Para Mora (1978, p. 125), costuma-se atribuir este nome a um conjunto de correntes da índole mais diversa que coincidem em sublinhar o papel desempenhado pelo caráter histórico da chamada historicidade do homem e, em certas ocasiões, até de toda a natureza. Na definição de Rheingantz (2018), trata-se de doutrina que analisa e investiga seus objetos do ponto de vista da origem e desenvolvimento deles, vinculando-os às condições concretas que os acompanham. Além disso, destaca o autor, trata-se de uma teoria segundo a qual a história de um objeto é suficiente para lhe explicar a natureza ou valor.

De acordo com o Dicionário de Sociologia, Johnson (1997) explica que o historicismo foi uma palavra popularizada pelo filósofo Karl Popper (1902-1994), que designa as teorias que, como as de Auguste Comte, de Herbert Spencer ou de Karl Marx, pretendem pôr em evidência leis da evolução histórica. No caso de Popper, só pode tratar-se de uma ilusão porque as doutrinas estabelecidas pelas ciências nunca são, a seu ver, de tipo evolutivo. A crítica de Popper, embora estabelecida, é demasiado absoluta. Se não existem leis da história, há "tendências". Por outro lado, alguns sistemas sociais obedecem, de fato, a leis de desenvolvimento histórico.

No caso do pragmatismo, como teoria do conhecimento, é também considerado um método filosófico criado no final do século XIX, pelos filósofos estadunidenses Charles Sanders Peirce, William James, Oliver Wendell Holmes Jr. e Nicholas Saint John Green, esses estudiosos encontravam-se assiduamente no famoso "Clube Metafísico", onde discutiam variados temas filosóficos.

Em uma das reuniões, Peirce teve uma excelente ideia, que consistia na criação de um método que fosse fundamentado a partir de crença, hábito, verdade, prática, experiência e ação. Naquela determinada circunstância eles precisavam de um método que trouxesse resultados práticos e não abstratos como era de praxe os resultados metafísicos. Anos mais tarde entra em cena um novo personagem, tratava-se do filósofo e educador americano John Dewey, que adotou o método pragmático para criar uma filosofia voltada para uma educação pragmatista na recém criada Universidade de Chicago (EUA).

De acordo com Melo e Brascher (2014, p. 72),

A origem do pragmatismo remonta aos estudos de Charles Sanders Peirce (1839-1914) desenvolvidos no final do século XIX e início do século XX. É uma corrente filosófica estruturalmente relacionada aos estudos da linguagem como ação, cujo foco é a compreensão do significado dos termos (proposições) a partir da sua vivência ou do uso em diálogos específicos.

Segundo o filósofo Waal (2007, p.18) “o pragmatismo desenha uma conexão íntima entre teoria e prática, entre pensamento e ação”. O pragmatismo trata-se de um método, acreditamos que ele está associado estritamente à questão prática, porque na concepção de Peirce esse método traria resultados práticos, pois as suas pesquisas científicas eram à base de métodos empíricos através da experimentação embasada em um critério de significação, e a crença de representar o objeto a partir de um simples hábito.

No entanto, existem diferentes correntes filosóficas que atribuem diferentes significações acerca do conceito de pragmatismo, isso foi evidenciado até mesmo no "Clube Metafísico", pois determinados estudiosos adquiriram diferentes interpretações a respeito desse método. Por sua vez, William James atribuía à crença de que o método era aplicável ao contexto da religião e John Dewey acreditava que o método fosse aplicável ao contexto da educação.

Para corroborar, segundo Waal (2007, p.22), “para alguns o pragmatismo é também uma teoria da verdade”. Acreditamos que a verdade não pode ser definida ou alcançada somente por esse método, pois devemos levar em consideração que há a questão da subjetividade atrelada a esse modo de pensamento, tendo em vista que estaríamos adentrando ao campo do empirismo, relações culturais, costumes e voltados para hábitos sociais.

Para Waal (2007, p. 22, grifo nosso) “o pragmatismo foi originalmente inventado como um método para determinar o significado das palavras, principalmente termos filosóficos e científicos”. Os termos **ação, prática, utilidade, hábito e experiência** são constantemente empregados no método pragmático. Em virtude disso, acreditamos que a filosofia carece de um método com esse intuito, pois ela está estritamente conectada à metafísica, ou seja, ela se faz presente no pensamento abstrato e não faz questão de ter um resultado prático.

O método pragmático não foi adotado logo de início e só foi mencionado pela primeira vez artigo por Charles Peirce intitulado **Como tornar claras as nossas**

idéias¹⁴. No entanto, alguns autores defendem que o primeiro a atribuir o termo pragmatismo foi o seu companheiro de pesquisa William James.

Devemos destacar que, para chegar a essa máxima, de acordo com Waal (2007, p. 26) “Peirce fez importantes contribuições a gravimetria, geodésia, astrofísica e a espectroscopia, além de conhecer uma dezena de línguas”. No entanto, Peirce era um admirável da lógica, e seus estudos estavam voltados a essa área, a qual mais tarde tornou-se a sua paixão. Esse campo lhe propiciou fundamentos para a criação de uma nova área de estudos denominada semiótica ou teoria/doutrina dos signos. Como foi exposto, Peirce realizou significativas contribuições a diversas áreas do conhecimento, dentre elas, química, psicologia, física e sobretudo a filosofia e outras áreas das ciências humanas.

Retomando a discussão de Peirce sobre a crítica ao racionalismo de acordo com Waal (2007, p.27), “em suma para Peirce, o pragmatismo é um método para determinar o significado dos conceitos, ideias, crenças, alegações, proposições etc., de qualquer coisa que pode agir como um signo”. Um signo, conforme entende o autor, para Peirce é tudo aquilo que representa algo, que está no lugar de alguma coisa, mas para que ele possa representar o objeto, é necessário que haja uma potencialidade, e que tenha o papel do interpretante para decifrar o signo.

Nas palavras de Peirce *apud* Waal (2007, p. 28), “primeiro aprendemos acerca do assim chamado mundo externo, e então derivamos dessa nova interação com esse mundo externo, que temos um eu e o que esse eu acarreta”. Nessa discussão, entendemos que Peirce defende que estamos diretamente expostos a diversos fenômenos que atingem os nossos sentidos, nesse caso o autor está discutindo o conhecimento empírico, ou seja, aquele adquirido por meio de nossas sensações, experiências de mundo e práticas cotidianas. Outro conceito que é comumente empregado no método pragmático é a noção de crença, pois dá subsídios às nossas ações, para que através delas saibamos agir no momento exato em que a ação ocorrerá, tendo em vista que a nossa ação é fundamentada por uma crença e um hábito.

Para entendermos o método pragmático, devemos dividi-lo em quatro partes, as quais são destacadas por Waal (2007, p.32) “em a fixação da crença, Peirce

¹⁴PEIRCE, Charles S. Como tornar claras as nossas idéias. _____. Semiótica e Filosofia. São Paulo: Cultrix, 1975.

discutiu quatro métodos: o método da tenacidade, autoridade, a *priori* e o método científico”. Os quatro métodos compõem o que chamamos de método pragmático. Segundo Waal (2007) isso significa que, no entendimento de Peirce, a crença é o estabelecimento de um hábito que determinará como agiremos de maneira apropriada quando estimulados.

Em relação ao hábito, nas palavras de Waal (2007, p. 39) “Peirce afirma que, o que uma coisa significa é simplesmente quais hábitos envolve”. Em decorrência disso, um conceito ou um termo está associado a vários fatores, o mais recorrente é o próprio hábito. Tomemos como exemplo o objeto (cadeira). Quando pensamos nesse objeto, nos vêm à mente algo estruturado com quatro pés, um assento e um encosto. No entanto para o método pragmático, o conceito de cadeira está associado ao seu hábito, ou seja, ao seu uso, pois esse método não leva em consideração a forma do objeto, mas sim o contexto no qual ele está inserido. Desse modo, ele está relacionado ao seu uso.

Hjorland (2003¹⁵), entende que a visão pragmática do conhecimento está ligada ao falibilismo, a noção que indica que a pesquisa científica nunca é finalmente comprovada, que novas evidências podem mudar as convicções da ciência. Como consequência, o falibilismo implica na impossibilidade de entender os registros documentais como representações do conhecimento, como tradicionalmente entendido.

Dada as principais características fundamentais da epistemologia, a presente seção teve como objetivo apresentar a noção de epistemologia geral, assim como as mais variadas formas em que o conhecimento é manifestado, para isso foram analisadas as definições gerais de racionalismo, empirismo, historicismo e de pragmatismo.

Concluindo,

a epistemologia se identifica não apenas com a filosofia da ciência, mas também com a crítica metodológica da ciência, na medida em que tal crítica tende a formular de maneira sistemática as condições de validade, os requisitos metodológicos a partir dos julgamentos assumidos pelos cientistas, em síntese, a epistemologia procura reconstruir racionalmente a ideia de conhecimento científico. Além do mais, o significado de uma ciência, de uma teoria, de um método, de uma investigação não é

¹⁵Tradução do inglês para o espanhol por Gustavo Liberatore e Victoria de Césare. La visión pragmática del conocimiento está también conectada al “falibilismo”, la visión que indica que la investigación científica nunca es finalmente aprobada, que nuevas evidencias pueden cambiar las convicciones de la ciencia. Como consecuencia, el falibilismo implica la imposibilidad de entender los documentos como representaciones del conocimiento, tal como tradicionalmente se entiende (HJORLAND, 2003).

compreendido se o pano de fundo epistemológico em que se baseia não for esclarecido; o conhecimento científico não tem fundamento em si mesmo, depende de outro discurso que o legitima: uma epistemologia, um paradigma (MARTÍNEZ; RÍOS, 2006, tradução nossa¹⁶).

A epistemologia é uma disciplina, cujo objetivo é o estudo da ciência. Originalmente uma disciplina filosófica é estudada hoje tanto no contexto filosófico, quanto como uma 'epistemologia naturalizada', ou seja, uma 'ciência da ciência' (ZANDONADE, 2003, 2004).

O intuito nesta seção não foi o esgotamento do termo epistemologia, pois isso demandaria uma infinidade de tempo, visto que tal termo é compreendido nos mais variados aspectos por outras escolas e correntes filosóficas/teóricas. No entanto, em síntese, verificamos de maneira clara e objetiva os principais aspectos epistemológicos com base no racionalismo, empirismo, historicismo e pragmatismo que existe a possibilidade de intersecção entre a Epistemologia Social e a Organização do Conhecimento.

Dessa forma, no aspecto racionalista, o indivíduo por intermédio de abstrações e manifestações advindas da natureza exerce a sua capacidade de produção do conhecimento com base em sua natureza humana e na realização de operações mentais. No sentido empirista, o sujeito produz o conhecimento por meio de ações anteriormente realizadas e que de alguma forma ele adquiriu uma capacidade de produzir e organizar aquele conhecimento de maneira segura e eficiente com base em experiências passadas.

Em relação ao historicismo, a Epistemologia Social do ponto de vista da organização do conhecimento pode ser analisada a partir de eventos e fatos históricos que contribuíram na origem, desenvolvimento e na aplicação dos dois campos de estudos no escopo da Ciência da Informação. Referente ao pragmatismo, é interessante destacar a noção de hábito do indivíduo, e também a elaboração de sistemas de organização do conhecimento com base na utilidade prática e eficiente dessas ferramentas por meio de testes e experiências científicas.

¹⁶En conclusión, la epistemología se identifica no sólo con la filosofía de la ciencia, sino de igual modo con la crítica metodológica de la ciencia, en la medida en que tal crítica tiende a formular racional y sistemáticamente las condiciones de validez, los requisitos metodológicos de los juicios asumidos por los científicos, en fin, la epistemología pretende reconstruir racionalmente el concepto de conocimiento científico. Además, el significado de una ciencia, de una teoría, de un método, de una investigación, no se comprende si no se esclarece el fondo epistemológico sobre el cual se sustenta; el conocimiento científico no tiene fundamento en sí mismo, depende de otro discurso que lo legitima: una epistemología, un paradigma (MARTÍNEZ; RÍOS, 2006).

A seguir, ainda nesta temática, daremos ênfase aos estudos epistemológicos a partir de uma perspectiva social, com base na Epistemologia Social de Jesse Shera e Margaret Egan, e também demais pesquisadores e comentadores que deram continuidade no sentido teórico e aplicado a essa importante teoria, como (Steve Fuller, Alvin Goldman, John Budd, Tarcísio Zandonade, entre outros) e de grande valia para os estudos em Ciência da Informação. Ao final da referida seção, apresentaremos um quadro que representa de maneira clara e objetiva as principais diferenças entre a Epistemologia Geral, Sociologia do Conhecimento, Filosofia da Informação e Epistemologia Social.

3 EPISTEMOLOGIA SOCIAL

A presente seção tem por objetivo geral apresentar os principais pioneiros da Epistemologia Social, a partir da revisão de literatura sobre os autores e os trabalhos mais importantes e produzidos a respeito dessa teoria, a saber, Jesse Hauk Shera e Margaret Elizabeth Egan, a partir de seus estudos na *Graduate Library School*, da Universidade de Chicago, em meados da década de 1950, período em que coincide com a evolução da tecnologia, o advento da “explosão informacional/documental” e com o surgimento da Ciência da Informação no contexto mundial.

A partir de uma sistematização teórica dos principais expoentes da Epistemologia Social, é interessante contextualizarmos a principal instituição em que eles desenvolveram a maioria de seus projetos e trabalhos relacionados a diversos temas. Isto é, abordaremos de maneira breve e descritiva a Escola/Universidade de Chicago.

A Escola de Chicago, segundo Becker (1996), originou-se por meio de doações realizadas pelo milionário John D. Rockefeller em 1856. O autor relata que a escola funcionou com um pequeno número de docentes, dentre eles os sociólogos Albion Small e William I. Thomas. Ambos, naquele tempo, deram início ao programa de investigação voltado para estudar comunidades de imigrantes e de baixa renda/pobreza. Com a atuação desses sociólogos, criou-se o Departamento de Sociologia.

Além disso, essa instituição originou-se do departamento de sociologia e trata-se de um movimento que surgiu na década de 1920 e 1930. Nessa oportunidade, foi criada a *American Journal of Sociology* (AJS), que é considerada uma das maiores revistas dos Estados Unidos em termos de estudos sociológicos, humanísticos e filosóficos (BECKER, 1996).

Johnson (1997) declara que a

Escola de Chicago é o nome dado a um enfoque do trabalho sociológico associado ao Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, fundado em 1892, e que foi o primeiro de seu tipo nos Estados Unidos. É conhecida como “escola” por causa de sua concentração característica em problemas urbanos, seu uso pioneiro de métodos ecológicos e etnográficos, e desenvolvimento de ideias básicas que evoluíram e se transformaram no que é hoje a perspectiva interacionista. A Escola de Chicago está mais estreitamente ligada a seu fundador, Albion Small (1854-1926) e a seus colegas Ernest W. Burgess, George Herbert Mead, Roderick Mckenzie, Robert Ezra Park, William I. Thomas, Louis Worth, e Florian Znaniecki, Mead e Thomas estudaram principalmente a interação social, em especial na maneira como ela afeta o desenvolvimento da identidade pessoal e o *self*.

Dos autores supracitados, na concepção de Eufrásio (1995), Small talvez tenha sido quem mais contribuiu para o estabelecimento da sociologia nos Estados Unidos, além de sua atuação como chefe do Departamento de Sociologia de Chicago, a fundação do *The American Journal of Sociology* sob sua gestão em julho de 1895, e a criação, que promoveu, da *American Sociological Society*, em 1905, sob a presidência de Lester Ward, representaram importantes marcos na história da sociologia naquele país. E foi Small quem trouxe os renomados sociólogos Marx Weber e Gustav Ratzenhoffer para o Congresso de Artes e Ciências de 1904, em Saint Louis.

Para Guerra (2017), essa instituição sociológica assinalou uma grande influência no que diz respeito à importância das repercussões da pesquisa sociológica sobre a sociedade, estabelecendo claramente uma tradição intelectual na sociologia. Por um lado, os sociólogos de Chicago ofereceram uma sociologia urbana caracterizada por uma abordagem empírica que propunha a estudar a sociedade como um todo. Na concepção do autor, por outro lado, as suas principais temáticas congregaram-se no problema político e social da imigração e na assimilação dos imigrantes à sociedade americana, concedendo grande destaque aos estudos sobre a criminalidade.

A Escola de Chicago é, no entendimento de Topalov e Bresciani (2007), ao mesmo tempo, apropriada enquanto categoria de ação no campo da sociologia norte-americana dos anos 1960, depois em diversos lugares do mundo. Assim considerada, essa instituição constitui um elemento de análise eficaz dos campos científicos pelos quais ela foi apropriada e reinterpretada.

Segundo Vieira e Karpinski (2018b), a Escola de Chicago como movimento teórico da Biblioteconomia norte-americana nas décadas de 1920 e 1930, teve como base a Escola Sociológica de Chicago. Foi a partir de determinadas discussões fundamentadas epistemologicamente pelo pragmatismo estadunidense (influência do educador John Dewey) que a *Graduate Library School* inseriu a Biblioteconomia no campo da ciência. Considerando a presença dessa área no processo formativo da Ciência da Informação, entende-se que suas concepções teórico-metodológicas e seu embasamento epistemológico podem ter influência sobre a constituição da área da CI.

Nessa concepção, a Escola de Chicago por intermédio de fundamentos sociológicos e filosóficos, Vieira e Karpinski (2019) explicam que esses fatores

influenciaram outros campos do conhecimento e departamentos para além da Universidade de Chicago. Por se originar de pesquisas desenvolvidas no Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, a produção dos membros deste movimento se pauta numa abordagem sociológica, independente da matriz disciplinar, como a Biblioteconomia, Arquitetura, Comunicação, Economia, entre outras. Tal abordagem considera o meio social do indivíduo em estudo, bem como as mudanças/benefícios que determinado produto ou serviço pode gerar no âmbito individual e coletivo.

De acordo com Vieira e Karpinski (2019), nesse sentido, a Epistemologia Social de Egan e Shera é o tipo de trabalho que sempre é possível retomar e fazer novas reflexões e que foi abordado sob a concepção do movimento intelectual denominado Escola de Chicago. Acredita-se que o fato do movimento ter se originado na Universidade de Chicago e por ter, como um de seus membros, Lee Pierce Butler, ex-professor de Shera e Egan, tenha influenciado não só nas concepções que Shera, mas em sua posição política na defesa de uma Biblioteconomia científica, social, humanística e nas críticas que o autor fazia para a recém-chegada Ciência da Informação.

Nessa continuidade, Vieira (2019) destaca os principais pesquisadores que tiveram influência na Escola Sociológica de Chicago: Margaret Egan, Jesse Shera, John Dewey, Pierce Butler, Emile Durkheim, Max Weber, George Herbert Mead, Robert Ezra Park, William Isaac Thomas, Herbert Blumer, Howard Becker, entre outros pesquisadores renomados do campo da Sociologia.

A começar por Shera, que foi um bibliotecário e cientista da informação norte-americano nascido em Oxford, Ohio, em 8 de dezembro de 1903. Graduou-se em literatura inglesa em 1925, dois anos mais tarde, ele concluiu o mestrado em inglês na Universidade de Yale. Anos mais tarde, ele conclui o doutorado em biblioteconomia em 1944 na *Graduate Library School* da Universidade de Chicago¹⁷. Em linhas gerais, é possível notar que ele possuía formação no campo da Letras e, a partir do seu envolvimento com as práticas e políticas biblioteconômicas, buscou se especializar em temas relacionados à Biblioteconomia e à Ciência da Informação,

¹⁷ En esa institución universitaria se desarrolla un fuerte movimiento intelectual, no solo en el campo de la Bibliotecología, sino en terrenos como la Sociología, Filosofía, Educación, entre otras. En ella se producen visiones innovadoras que tendrían una influencia considerable en las Ciencias Sociales de ese país (LINARES COLUMBIÉ, 2019).

sobretudo assuntos voltados para as tecnologias e recuperação da informação em bibliotecas públicas e universitárias dos Estados Unidos da América (EUA).

Segundo Vieira e Lucas (2018, p. 22), o contato inicial de Shera com o campo da Biblioteconomia ocorreu por acaso, em 1927, quando começou a realizar trabalhos como auxiliar de catalogação na Biblioteca da Universidade de Miami. Nessa continuidade, para Vieira e Karpinski (2019), Jesse Shera foi um profissional engajado com os problemas de sua área. Participou ativamente de movimentos associativos como o *American Library Association* (ALA) e fez contato com profissionais importantes no cenário biblioteconômico tais como: Lee Pierce Butler; Margaret Egan; e o bibliotecário indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan, assim, em alguns momentos, de acordo com Zandonade (2003), Shera chegou a trocar correspondências acerca de assuntos biblioteconômicos com o bibliotecário da Índia.

Como pesquisador, segundo Araújo *et al.*, (2010, p. 74), seus trabalhos resultaram em uma enorme produção bibliotecária, que tratavam, sobretudo, de aspectos relacionados à história e à filosofia das bibliotecas, tendo como preocupação o lado humanístico e social dessas instituições, da atuação dos bibliotecários, e também ações junto aos campos da Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação.

Nesse sentido, os primeiros indícios da ideia de Epistemologia Social têm o seu fundamento a partir da realidade das bibliotecas e da relação com os seus usuários a fim de analisar e propor estudos que pudessem aprimorar as práticas bibliotecárias, assim como a atuação de seus profissionais junto à sociedade.

A produção acadêmica e bibliográfica de Shera é extensa, tanto é que, de acordo com um levantamento realizado por Zandonade (2003, p. 40), quantitativamente,

Jesse Shera escreveu prolificamente, tendo publicado, além de uma dezena e meia de monografias, individualmente ou em colaboração, sessenta e oito (68) contribuições em obras coletivas, cento e vinte e cinco (125) artigos de periódicos científicos e/ou profissionais, doze (12) relatórios, três (3) bibliografias, e mais de cento e cinquenta (150) resenhas de livros. Publicou ainda no periódico *Wilson Library Bulletin*, no período de 1962-1968, setenta e quatro (74) colunas com o título genérico *Without Reserve*, e, como editor da *American Documentation*, de 1953 a 1960, assinou vinte e nove (29) editoriais. Postumamente foram ainda publicados alguns dos trabalhos que estavam em preparação na oportunidade do seu desaparecimento.

Em 1951, depois de anos de experiências trabalhando em bibliotecas, Shera assumiu a direção da Escola de Biblioteconomia da *Western Reserve University* (WRU), onde, em 1956, criou um programa de doutorado e contribuiu para que a Escola se tornasse uma colaboradora de grande importância para a automação de bibliotecas pelas três décadas seguintes (ARAÚJO *et al.*, 2010).

Segundo Araújo *et al* (2010, p. 75), umas das maiores virtudes de Shera enquanto cientista foi sempre ter acreditado na relevância de aspectos sociológicos, filosóficos e humanísticos presentes na organização informacional e documental para o acesso, possibilitando a contribuição para a adoção de tecnologia de informação e automação em bibliotecas.

Shera acreditava nos valores morais, éticos e sociais da Biblioteconomia, levando em consideração os seus principais aspectos do campo: sociológicos, linguísticos, antropológicos, culturais e científicos, o impacto das bibliotecas na sociedade, sobretudo na aquisição e no uso do conhecimento em sua dimensão e aspecto social. Nesse sentido, podemos compreender que na concepção de Shera (1972, 1977), a Biblioteconomia não deveria se aprofundar somente nos aspectos técnicos e procedimentais, era necessário que essa área estivesse voltada também para os estudos em que os seus usuários pudessem ser agentes participativos no que se refere à produção, à representação e à organização da informação e do conhecimento. O elo mediador entre a biblioteca e sociedade era uma necessidade maior no processo de produção, organização e representação do conhecimento.

Para Shera, a maior relevância e contribuição das bibliotecas, independentemente de sua natureza, seja ela pública, seja particular, seja universitária, seja comunitária, seja especializada, assim como a preocupação dos bibliotecários e gestores da informação deveria estar atrelada à sociedade, o principal foco de Shera estava centrado nesse ideal (ARAÚJO *et al.*, 2010).

Com base no entendimento de Furner (2002, tradução nossa¹⁸), Shera tinha uma posição clara para a Biblioteconomia fundamentar-se na Epistemologia Social. Defendia que a principal tarefa desta teoria é especificar estratégias para a melhoria dos serviços de informações executados nas bibliotecas por seus agentes sociais, e por meio de equipamentos culturais, como bibliotecas, museus, arquivos, teatros,

¹⁸ Since Shera's clear intention is that the practice of librarianship should be based on the theory of social epistemology, we may view his project as essentially a normative one in which the primary task of social epistemology is to specify the strategies that we ought to take if we are to improve the effectiveness of library and information services (FURNER, 2002).

entre outros. Ainda, para Bozzetti e Saldanha (2017, tradução nossa¹⁹), essa epistemologia seria direcionada para a investigação dos problemas complexos intelectuais de produção, organização e representação do conhecimento, levando em consideração a construção social dos fatos da informação.

Desse modo, no entendimento de Bozzetti e Saldanha, (2017, p. 85, tradução nossa²⁰), a Epistemologia Social pode ser entendida como uma filosofia das ciências humanas e sociais que tem como foco a construção do conhecimento em seu aspecto social e na estrutura social da construção coletiva dos indivíduos, tendo como base a linguagem como um elemento fundamental na comunicação dos registros gráficos e produtos intelectuais.

Para Vieira e Lucas (2018), Shera defendeu o caráter humanístico, social, filosófico e cultural da Biblioteconomia, exemplo disso foi a criação de um catálogo sistemático que visava auxiliar o usuário na recuperação e no acesso à informação por meio da tecnologia de informação, algo que para a época era um projeto um pouco impensável e impraticável.

Nesse sentido,

Durante sua longa carreira, Shera trabalhou como assistente de biblioteca em sua faculdade, como bibliotecário da população de produção da Fundação *Scripps* para Pesquisa de População, como administrador no Gabinete de Serviços Estratégicos durante a Segunda Guerra Mundial, como professor de uma escola de bibliotecas da Universidade de 1952 a 1970 (GROSSMAN, 2010, p. 152, tradução nossa²¹).

Passando para a contextualização sobre a origem da Epistemologia Social²², termo que foi cunhado por Jesse Shera e Margaret Egan, o crédito do termo foi atribuído com maior relevância a Shera, mas era também utilizado pela bibliotecária e cientista da informação Margaret Egan (LAMAR, 2007, p. 104). Aprofundando o

¹⁹ The epistemology in question would be oriented to the structure of effective investigation of the complex problems of intellectual processes of knowledge formation, but under the understanding of the social construction of the information facts (BOZZETTI; SALDANHA, 2017).

²⁰ Given this, Social Epistemology would be a philosophy of the sciences that deals with knowledge in its experience in the social structure of collective construction of individuals, in addition to representation, taking language as action, anticipating deep contemporary discussions linked, for example, to the study of Social networks and cultural studies of use and sharing of information (BOZZETTI; SALDANHA, 2017, p. 85).

²¹ Over his long career, Shera worked as a library assistant at his college library, as a production population librarian at the Scripps Foundation for Population Research. as an administrator at the Office of Strategic Services during World War II, as a library school professor at the University from 1952 to 1970 (GROSSMAN, 2010)

²² Em 1952, os dois autores publicaram e colaboração o artigo “Fundamentos de uma teoria da bibliografia”, na qual, pela primeira vez, usou-se o termo “Epistemologia Social” que, segundo os autores, procura estudar como uma pessoa adquire conhecimento de outra em contextos sociais. (MARTELETO, 2015).

que já foi mencionado na introdução desta dissertação sobre o surgimento da teoria, para Linares Columbié (2019), podemos considerar que a primeira aparição do termo Epistemologia Social foi através da publicação do artigo *Foundations of a theory of bibliography* no ano de 1952, em uma revista chamada *The Library Quarterly*, da famosa Universidade de Chicago.

Em contrapartida, Zandonade (2003, grifo nosso) defende que a primeira aparição da noção de Epistemologia Social foi em outro artigo denominado de ***Prolegomena to Bibliographic Control***, elaborado por Egan e Shera, em 1949²³. No ano seguinte a essa publicação, Zandonade (2003, grifo nosso), declara que Shera produz uma nova obra bibliográfica denominada ***Classification as the Basis of Bibliographic Organization***²⁴, no qual ele entende que essa foi a consolidação do termo Epistemologia Social no contexto da Ciência da Informação.

Na concepção de Shera (1972, tradução nossa²⁵), ao elaborar as obras supracitadas, o autor destaca que as bibliotecas foram influenciadas por todas as formas de comunicação, inclusive pela comunicação gráfica, sendo ela entendida como uma forma de representação e organização do conhecimento em sua dimensão social.

Segundo Brookes (1975, tradução nossa²⁶), Shera e Egan enfatizaram que, embora os microproblemas da epistemologia subjetiva individualista tivessem sido estudados por muito tempo, havia uma necessidade crescente de macroestudos no quais as interações entre a sociedade. Eles chamaram o projeto inicial de Epistemologia Social e o definiram na seguinte concepção:

O estudo dos processos pelos quais a sociedade como um todo busca alcançar uma perspectiva ou compreensão da relação com o ambiente total (físico, psicológico e intelectual). A derivação do termo é facilmente aparente. Epistemologia é a teoria ou Ciência dos métodos e fundamentos do conhecimento, especialmente no que se refere aos limites e validade do conhecimento; e por meio dela o filósofo busca uma compreensão de como o indivíduo atinge uma relação perceptual ou de conhecimento com o seu ambiente. Tal epistemologia simplesmente eleva a disciplina da vida

²³ EGAN, Margaret Elizabeth; SHERA, Jesse Hauk. Prolegomena to bibliographic control. **Journal of cataloging and classification**, v. 5, n. 2, p. 17-19, 1949.

²⁴ SHERA, Jesse H. Classification as the basis of bibliographic organization. In: **Bibliographic organization. Papers presented before the Fifteenth Annual Conference of the Graduate Library School**. 1950. p. 72-93.

²⁵ One may logically assume that the library has influenced, and been influenced by, all forms of communication, but the particular concern there is graphic communication, especially those forms of graphic communication with which the library has traditionally concerned itself (BROOKES, 1975).

²⁶ Shera and Egan emphasized that whereas the micro problems of individualistic subjective epistemology had long been studied, there was a growing need for macro studies in which the interactions between society and what I have called its exosomatic memory were explored. They called the study social epistemology and defined it thus (BROOKES, 1975).

intelectual do indivíduo para a da sociedade, nação ou cultura (BROOKES, 1975, p. 125, tradução nossa).

Brookes (1975²⁷), declara que após muita discussão no aspecto social e intelectual entre Shera e Egan, ambos sugerem que a Epistemologia Social requer um foco para a análise da produção, distribuição e utilização de produtos intelectuais da mesma forma que a produção, distribuição e a utilização dos produtos materiais tem sido investigada ao longo do tempo.

Além disso, no entendimento de Andersen (2004, tradução nossa²⁸), Shera e Egan reconheceram a relação entre a ação comunicativa e a organização do conhecimento, e enfatizaram a organização do conhecimento como parte de uma atividade sociocomunicativa mais abrangente, isto é, a produção, distribuição e consumo de produtos intelectuais gerado pelas bibliotecas, principalmente aquelas de natureza pública.

De acordo com Wilson (2008), Egan e Shera enxergavam a Epistemologia Social como uma teoria baseada no processo de produção, distribuição e utilização dos produtos intelectuais. Shera mais tarde contrastou a Epistemologia Social no que diz respeito ao conhecimento na sociedade, muito mais do que conhecimento no indivíduo. Para Moreno-Jiménez (2008, tradução nossa²⁹), “a Epistemologia Social tem por objetivo analisar e estudar o conhecimento a partir de uma perspectiva social”. Logo, o aspecto coletivo é fator determinante no entendimento e desenvolvimento dessa teoria do conhecimento com propostas sociais.

A partir da concepção de Morán (2015, tradução nossa³⁰), compreende-se que a ideia de Epistemologia Social que trabalhou Egan, era voltada para a tradição bibliotecária e as discussões de Bliss e Danton, porém Shera rompeu esse entendimento e desviou essa tradição”. Desse modo, isso só reforça a ideia de que os autores discordavam em determinados aspectos sobre a concepção da Epistemologia Social no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação. No

²⁷ After further discussion of the social and intellectual implications of this approach, Shera and Egan suggests that social epistemology requires to focus on “the analysis of the production, distribution, and utilization of intellectual products in much the same fashion as that in which the production, distribution and utilization of material products have long been investigated (BROOKES, 1975).

²⁸ In this way they recognized the important relationship between communicative action and knowledge organization, and emphasized knowledge organization as part of a broader socio-communicative activity (i.e., the production, distribution, and consumption of intellectual products). (ANDERSEN, 2004)

²⁹ La epistemología social es una rama relativamente reciente de la epistemología que estudia el conocimiento desde la perspectiva social (MORENO-JIMÉNEZ, 2008).

³⁰ La epistemología social que trabajó Egan, era afín a la tradición bibliotecaria y a las discusiones de Bliss y Danton, pero Shera rompió esa afinidad y desvió esa tradición (MORÁN, 2015).

entanto, de acordo com a literatura, pode-se entender que essa divergência conceitual e epistemológica não ficou muito clara.

A partir da hipótese levantada sobre a divergência com relação ao conceito de Epistemologia Social por seus fundadores, compreendemos que um dos fatores preponderantes para essa discussão está voltada para a natureza e a dimensão social do conhecimento, isto é, o conhecimento de segunda ordem e os produtos intelectuais produzidos, tratados, organizados, representados e disseminados pelas bibliotecas. O conhecimento de segunda ordem era um aspecto defendido por Shera, por outro lado, os produtos intelectuais foram conceitos defendidos por Egan (SHERA, 1977).

Para Budd (2002, p. 432, tradução nossa³¹), a questão do conhecimento para Shera estava pautada em dois aspectos da Epistemologia Social: o primeiro é o conhecimento em seu sentido objetivo ou objetivado nos registrados gráficos que ajudam a representar o conhecimento, e no segundo, o conhecimento é relativizado, isto é, ele depende de sua interação com o meio e a interação entre a comunidade para o seu desenvolvimento.

Em relação a essa diferença, fundamentado em Fallis (2002, grifo nosso, tradução nossa³²), a Epistemologia Social proposta por Shera visa contribuir em um processo caracterizado por quatro aspectos: produção, fluxo, integração e consumo de todas as formas de pensamento comunicado através de todo o modelo social. Para colaborar com essa ideia, a teoria social de Egan tinha como foco a atenção para a nova área que analisava a **produção, a distribuição e a utilização** de produtos intelectuais (registros do conhecimento).

Marteleto (2015) também compactua dessa ideia, e reforça que a Epistemologia Social possui os seus fundamentos através da produção, fluxo, integração e de todo o consumo de conhecimento de segunda ordem, isto é, aquele conhecimento produzido pela humanidade, em que se encontra registrado e materializado em um suporte, seja ele físico, digital, e que também está preservado em uma unidade de informação, como os arquivos, bibliotecas, centros de informação e documentação e os museus. Para corroborar essa afirmação,

³¹ On the one hand, knowledge is objective, or at least objectified in the graphic records that represent knowledge. On the other hand, knowledge is relative, and is dependent on circumstance and individualistic interpretation (BUDD, 2002, p. 432).

³² Librarians, as people in a social system, make collection decisions, cataloging records, and reference recommendations (FALLIS, 2002).

Zandonade (2004, tradução nossa³³), destaca que “a Epistemologia Social deveria fornecer um foco sobre a produção, fluxo, integração e toda forma de comunicação do pensamento através de uma construção social”.

Com base em Shera (1972,1977), em termos práticos, podemos descrever esse processo, onde a produção está relacionada ao conhecimento oriundo das unidades de informação como instituições dotadas de práticas culturais. O fluxo está relacionado ao percurso que a informação fará até chegar aos usuários. A integração é a forma como as unidades de informação poderão auxiliar na seleção e busca do conhecimento, levando em consideração as limitações e o grau de conhecimento de seus usuários.

O consumo está relacionado ao usuário, isto é, se de alguma maneira ele mudará o seu comportamento a partir do contato com a informação e conseqüentemente com a aquisição de conhecimento. Além disso, se faz necessário que o bibliotecário esteja ligado ao fato do uso desse conhecimento e, se de alguma forma, ele conseguiu contribuir na orientação e no desenvolvimento cognitivo deste usuário, podemos entender que o bibliotecário como agente cultural irá contribuir na mediação da informação e do conhecimento para a sociedade.

Conforme explica Shera (1965, p. 241, tradução nossa³⁴), Margaret Egan entendia a Epistemologia Social a partir do seguinte aspecto:

Uma sociedade é, obviamente, um agregado de indivíduos mantidos unidos por um complexo de laços culturais e institucionais. Uma sociedade dificilmente pode saber o que não é conhecido por nenhum de seus membros, embora a soma desse conhecimento possa induzir nas ações do grupo padrões de comportamento que diferem marcadamente daqueles dos indivíduos que o compõem. O estudo das maneiras pelas quais uma sociedade atinge uma relação de compreensão com seu meio ambiente é o que Margaret Egan chamou de 'Epistemologia Social', e é fundamental para uma teoria da biblioteconomia.

Embora a Epistemologia Social apresente um caráter teórico em sua essência, ela também se apresenta de forma prática e interdisciplinar, isto é,

Desta forma, a “Epistemologia Social” não somente tem papel teórico, senão também prático, podendo contribuir para o melhoramento do bibliotecário e da Ciência da Informação. A compreensão desses papéis é

³³ Social epistemology should focus on the production, flow, integration, and consumption of communicated thought throughout the social fabric (ZANDONADE, 2004).

³⁴ A society is, of course, an aggregate of individuals held together by a complex of cultural and institutional bonds. A society can scarcely know what is not known by any of its members, though the sum of that knowledge may induce in the actions of the group behaviour patterns that differ markedly from those of the individuals that compose it. The study of the ways in which a society achieves an understanding relationship with its environment is what Margaret Egan called 'social epistemology', and it is fundamental to a theory of librarianship (SHERA, 1965, p. 214).

uma tarefa interdisciplinar, para a qual poderão, também, contribuir, entre outras, a Linguística, a Ciência da Comunicação e a Lógica (LAMAR, 2007, p. 105).

De acordo com Lamar (2007) e Marteleto (2015), essa nova teoria possui uma natureza teórica e prática, e que ela se vale da interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento, como os estudos linguísticos, comunicacionais e da lógica. Isso é importante, no sentido de que ela trouxe uma enorme contribuição no campo da Ciência da Informação. E também, fez com que a área tivesse a condição e oportunidade de expandir os seus estudos a partir da vinculação teórica e prática com outras perspectivas.

Nessa perspectiva interdisciplinar, destacamos que a Epistemologia Social está inserida nos estudos sociais de ciência e tecnologia, e que abrange campos como a **Sociologia, Economia Política, Retórica, História e a Filosofia da Ciência**, e ainda, os estudos de **Ciência-Tecnologia-Sociedade e Análise de Discurso** (LAMAR, 2007, p. 107, grifo nosso).

Para corroborar essa interdisciplinaridade, determinadas disciplinas são essenciais para a sua constituição, podemos citar a Sociologia, Filosofia, Antropologia, Epistemologia, Comunicação e a Psicologia (LINARES COLUMBIÉ, 2019, tradução nossa³⁵). Assim, Fallis (2006, tradução nossa³⁶), complementa que essa teoria incorpora um grande número de pesquisas de áreas da Ciência da Informação, bem como áreas relacionadas à Bibliometria, à Recuperação da Informação e à Sociologia do Conhecimento. Complementa Fallis (2006, tradução nossa³⁷), na verdade, a Epistemologia Social está interligada a quase todas as áreas de informação científica. Como resultado, uma grande variedade de aplicações da Epistemologia Social tem sido discutida na literatura da Ciência da Informação nos últimos anos, e que teve como fator preponderante o paradigma social.

³⁵ Entre otras, a los efectos del objeto central de este texto, hay que señalar la existencia de orientaciones teóricas y prácticas en la Sociología, Filosofía y Comunicación que serían influencias notables en el proyecto teórico elaborado por Jesse Shera y Margaret Egan (LINARES COLUMBIÉ, 2019).

³⁶ Social epistemology encompasses a number of research areas within information science and related disciplines (e.g., bibliometrics, economics of information, information retrieval, sociology of knowledge). (FALLIS, 2006).

³⁷ In fact, social epistemology is connected to almost all areas of information science. As a result, a wide variety of applications of social epistemology has been discussed in the information science literature (FALLIS, 2006).

Nessa perspectiva de trocas disciplinares, podemos incluir a Sociologia do Conhecimento, que de acordo com Linares Columbié (2019, tradução nossa³⁸), a presença dessa teoria sociológica na nova realidade epistemológica é um dos aspectos polêmicos desta opção teórica, já que desde os anos da década de 1920 do século passado se implementou no universo intelectual da época uma perspectiva denominada Sociologia do Conhecimento, que tinha como objetivo investigar as condições sociais da produção do conhecimento desde a sua origem.

Nessa acepção, dando ênfase à natureza da Epistemologia Social,

A nova disciplina que aqui focalizamos (e a qual por falta de melhor nome nós chamamos de Epistemologia Social) deveria fornecer uma estrutura para a investigação eficiente de todo o complexo problema dos processos intelectuais das sociedades — um estudo pelo qual a sociedade como um todo procura uma relação perceptiva para seu ambiente total (SHERA, 1977, p. 11).

Com base em Shera (1977), é possível compreender que o termo Epistemologia Social pode ter sido considerado algo provisório, isto é, na falta de um nome adequado para a teoria, o nome Epistemologia Social foi o mais adequado para aquele contexto, sendo assim é preciso investigar qual o estabelecimento deste termo e se ele realmente corresponde à teoria (discussão que ficará para uma outra oportunidade). Nessa perspectiva, outra denominação recomendada por Shera para essa teoria foi a noção de Cognição Social, porém o termo Epistemologia Social foi amplamente utilizado por ele e sua companheira de trabalho, Egan.

Na concepção de Linares Columbié (2019, p. 118, grifo nosso, tradução nossa³⁹), “os conceitos essenciais da denominada Epistemologia Social são: **informação, comunicação, conhecimento e registros gráficos**”. De acordo com o autor, a Epistemologia Social de Shera e Egan possui uma análise focada em elementos primordiais para a busca, acesso e o uso da informação por sujeitos que necessitam de conhecimento para diversas finalidades, sobretudo aqueles indivíduos que se enquadram no paradigma social e sociocultural⁴⁰. Paradigma esse que será melhor explicitado adiante.

³⁸ La presencia de la Sociología en la nueva realidad epistemológica es uno de los aspectos polémicos de esta opción teórica, ya que desde los años 20 del siglo pasado se colocó en el universo intelectual de la época una vertiente denominada Sociología del Conocimiento, que tenía como propósito estudiar las condiciones sociales de la producción de conocimiento (LINARES COLUMBIÉ, 2019).

³⁹ Los conceptos esenciales de la denominada Epistemología Social son: información, comunicación, conocimiento y registros gráficos (LINARES COLUMBIÉ, 2019).

⁴⁰ Ver também: ARAÚJO, C. A. Á. Estudos de usuários conforme o paradigma social da ciência da informação: desafios teóricos e práticos de pesquisa. **Informação & Informação, Londrina**, v. 15, n. 2, p. 23-39, 2010.

Discorrendo um pouco sobre a comunicação e os registros gráficos,

Na ideologia de Shera, a comunicação gráfica desempenha um papel central, pois é a forma de comunicação realizada pelas bibliotecas e se torna visível com os chamados “registros gráficos” - diríamos que, atualmente, são os documentos. Os “registros gráficos” como instrumentos nada mais são do que materialização de informações em um meio físico (LINARES COLUMBIÉ, 2019, p. 119, tradução nossa⁴¹).

Segundo Linares Columbié (2019), a diferença entre comunicação gráfica e os registros gráficos pode ser verificada na seguinte observação: a primeira desempenha um papel de destaque, pois trata-se da comunicação realizada pelas bibliotecas, por exemplo, todo o conhecimento que é produzido pelas bibliotecas, como atividades culturais e educativas, jogos lúdicos, visitas técnicas, hora do conto, entre outras. A segunda trata do conhecimento de segunda ordem, ou seja, aquele que está registrado e materializado em um determinado suporte, podemos destacar os livros, artigos, teses, mapas cartográficos, obras de referências, objetos informacionais que poderão ser acessados e recuperados por bases de dados, catálogos manuais e automatizados, tesauros, ontologias, terminologias, cabeçalho de assunto, índices, entre outros instrumentos de busca, organização e representação do conhecimento⁴².

De acordo com Moreno-Jiménez (2008, tradução nossa⁴³), a comunicação gráfica a que Shera e Egan estavam se referindo pode ser o caminho mais rápido e eficaz pelos quais os indivíduos adquirem o conhecimento e vai além de sua percepção direta. Sob esse ângulo, a ideia de comunicação gráfica refere-se aos meios pelos quais os sujeitos informacionais conseguem obter o conhecimento que vá além de sua percepção. Sendo assim, para Morán (2015, p. 85, tradução nossa⁴⁴), entendemos que a Epistemologia Social é uma teoria que proporcionará ao indivíduo por meio de conceitos acerca das formas que a sociedade faz uso do

⁴¹ En el ideario de Shera, la comunicación gráfica tiene un papel central, en tanto es la forma de comunicación realizada por las bibliotecas y se hace visible con los denominados “registros gráficos” —actualmente diríamos documentos. Los “registros gráficos” como instrumentos no son otra cosa que materialización de la información en un soporte físico (LINARES COLUMBIÉ, 2019).

⁴² Para a organização e representação do conhecimento, verificar os sistemas de organização do conhecimento na Ciência da Informação.

⁴³ La comunicación gráfica a la que se refieren Egan y Shera son los medios por los cuales los individuos pueden obtener conocimiento más allá de su percepción directa (MORENO JIMÉNEZ, 2008).

⁴⁴ La comunicación gráfica (concepto de Egan que permanece) son los medios por los cuales los individuos pueden obtener conocimiento más allá de su percepción directa. De esta manera, la epistemología social proporcionará — a través de sus conceptos y teorías sobre las formas en que las personas usan los registros del conocimiento — un referente adecuado para la construcción de las técnicas y herramientas bibliográficas (MORAN, 2015, p. 85).

conhecimento registrado e também contribuirá na elaboração de métodos, técnicas e instrumentos de organização e representações bibliográficas.

Nesse sentido, podemos destacar também que a preocupação de Jesse Shera estava no afastamento do bibliotecário com o seu usuário. Na concepção de Lucas e Vieira (2018, p. 20), as autoras declaram “que o excesso de tecnicismo presente na Biblioteconomia ocasionou o afastamento dos bibliotecários em sua relação com os usuários”.

De modo geral, conforme destaca Budd (2002, não paginado, tradução nossa⁴⁵), a essência da Epistemologia Social para Shera é a comunicação e informação, visto que para ele, o compartilhamento de conhecimentos ou produtos intelectuais era o principal objetivo desta teoria social, isto é, havia tornado-se o núcleo central de seus estudos sobre a cognição social no campo da Ciência da Informação. Além do mais, o usuário no aspecto coletivo era o principal foco a ser analisado na perspectiva dessa teoria social.

Em nosso entendimento, o profissional bibliotecário desempenhava um papel em sua maior parte de caráter tecnicista, ou seja, na elaboração de normas, técnicas e na resolução de políticas e questões burocráticas. Esse fato era muito preocupante, pois assim o profissional não tinha a possibilidade de lidar com o usuário no cotidiano, tendo em vista que essas tarefas voltadas para o interior da biblioteca. Desse modo, a preocupação de Shera e Egan extrapola o interior da biblioteca, melhor dizendo, era algo que está além das estruturas das bibliotecas, em todos os sentidos, principalmente o social.

Diante desse cenário, a partir das observações de Shera (1977), o bibliotecário passa a ter uma função social, ou seja, ser o mediador da informação, em que amplia a relação da biblioteca como uma instituição difusora de conhecimentos, e trazer o usuário para esse ambiente. Desse modo, a natureza da Epistemologia Social vai além do tecnicismo executado pelo bibliotecário, e que

Na concepção de Shera, a epistemologia está preocupada com como nós sabemos o que sabemos e, esse empreendimento parece ser melhor desenvolvido pelas ciências, em especial a psicologia. Segundo Shera, a epistemologia clássica apresenta teorias demasiado individualistas. Para ele conhecimento e linguagem são inseparáveis e a linguagem tem uma origem social. Desta forma, a nova disciplina deve ser focada no estudo da produção, disseminação, integração e consumo dos pensamentos em meio à sociedade (CHICOSKI, 2013, p. 43; SHERA, 1972, 1977).

⁴⁵ Communication and informing are essential to the sharing of knowledge, and knowledge sharing appears to be at the heart of SE for Shera (BUDD, não paginado, 2002).

Segundo Chicoski (2013), a preocupação de Shera está na forma como sabemos e como o usuário adquire o conhecimento por meio das unidades de informação, claro que essa aquisição é realizada pelo bibliotecário por intermédio da mediação da informação. Segundo Shera (1972), o conhecimento é inseparável da linguagem, ou seja, de um modo que os dois estão interligados desde o início dos tempos, pois a linguagem pode ser entendida como a manifestação e descrição da realidade e contribui na compreensão de universo no qual o sujeito está inserido, e principalmente no qual ele se reconhece e se sente representado por uma comunidade.

Por outro lado, em termos de instituições culturais que disseminam o saber, além das bibliotecas, a universidade é uma das instituições que tem por função social a produção e distribuição do conhecimento, na concepção de Collins. Segundo Fuller (2001) “no nível mais simples, a universidade é significativa para a Epistemologia Social por que tem sido a instituição mais bem sucedida em todas as culturas, dedicada à produção e à distribuição do conhecimento”. Na concepção dos autores, podemos destacar o exemplo da universidade com a biblioteca, pois a biblioteca também tem um papel fundamental na distribuição do conhecimento na sociedade, tendo em vista que uma sociedade só avança se a sua população é bem informada e detentora de seus direitos sociais.

Em consonância à produção do conhecimento nessas duas instituições sociais,

A principal preocupação da Epistemologia Social é com a produção do conhecimento social, procurando refletir em torno de como a sociedade e seus agentes desenvolvem o conhecimento, compreendendo que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação estão diretamente ligadas à dimensão social do conhecimento, pois todos os procedimentos de organização e disseminação da informação, realizadas pelas bibliotecas e arquivos, são destinados à geração do conhecimento (LIMA; GOMES, 2016, p. 25).

Nas palavras dos autores Lima e Gomes (2016), é possível notar a relevância da Epistemologia Social, sobretudo no papel do bibliotecário com os seus usuários. Como foi mencionado em outra oportunidade, no entendimento de Shera, o bibliotecário não deve se resumir a apenas ser um elaborador de normas e técnicas bibliográficas, mas sim ser um agente mediador entre o conhecimento e a sociedade.

Na tentativa de fundamentar ainda mais a sua teoria do conhecimento social, após a morte de Margaret Egan, de acordo com Morán (2015, p. 6, tradução nossa⁴⁶), “Shera se viu incitado a estabelecer uma distinção entre a sociologia do conhecimento e a Epistemologia Social, questão que se realizou de uma maneira simplista”.

Basicamente, entendemos que a Sociologia do Conhecimento teve o seu surgimento a partir de 1920, segundo Bortolin e Gallon (2015, p.168) esse termo “foi utilizado, pela primeira vez, pelo filósofo alemão Max Scheler (1874-1928), na década de 1920, na Alemanha e também é citado o nome de Karl Mannheim (1893-1947). No entanto, atualmente, quando o assunto é abordado, os estudiosos referenciam Karl Mannheim [...]”. Segundo as autoras Bortolin e Gallon (2015), é preciso destacar as contribuições do filósofo Max Scheler, sendo que ele foi um dos pioneiros no estabelecimento de novos estudos sobre sociologia do conhecimento. Ainda, dentro desse contexto, nas palavras de Bortoli e Gallon (2015, p.169) em seu sentido mais estrito, “a sociologia do conhecimento analisa que existem formas de pensamento que não devem ser compreendidos adequadamente na medida se mantiverem obscuras suas origens sociais”.

A partir dessa premissa, a Epistemologia Social e a Sociologia do Conhecimento mantêm relações em comum, isto é, a primeira leva em consideração a preocupação com a produção e disseminação do conhecimento no aspecto social, e a segunda preocupa-se com a compreensão e baseia-se na origem do conhecimento no aspecto social.

A aproximação da Sociologia do Conhecimento com os estudos da Epistemologia Social é uma importante associação, pois

A presença da Sociologia na nova realidade epistemológica é um dos aspectos controversos desta opção teórica, uma vez que desde os anos 20 do século passado, uma vertente chamada Sociologia do Conhecimento foi colocada no universo intelectual da época, que tinha como finalidade estudar as condições sociais de produção do conhecimento. Portanto, os fundadores da Epistemologia Social enfatizaram que ela não estuda a influência da sociedade no conhecimento, mas como o conhecimento influencia a sociedade; isto é, seu objetivo é focar em como a sociedade se apropria, internaliza e produz conhecimento (LINARES COLUMBIÉ, 2019, p. 8, tradução nossa⁴⁷).

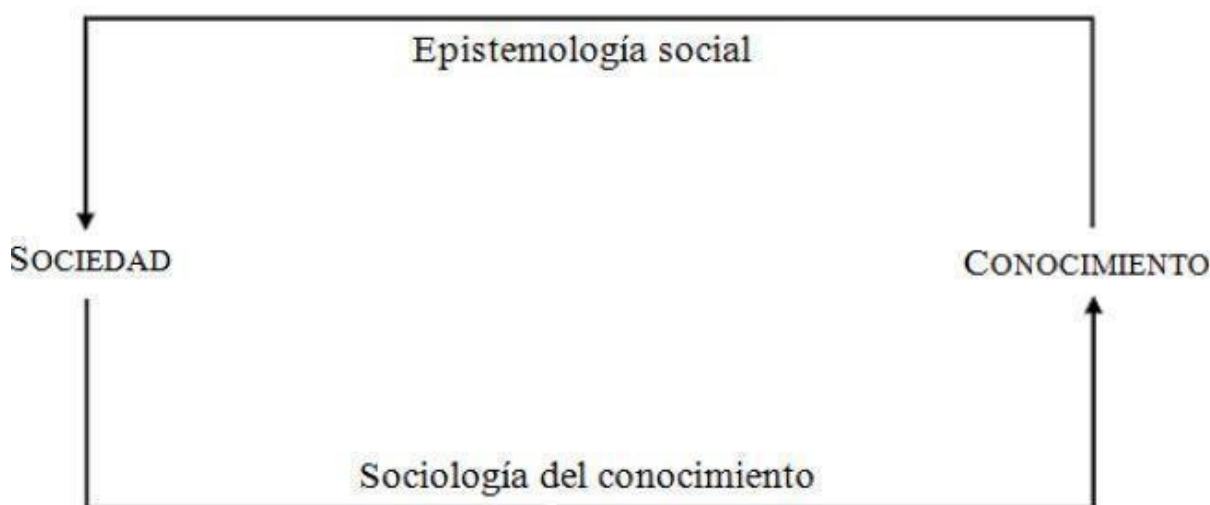
⁴⁶ Ya sin Egan, Shera se vio instado a establecer una distinción entre la sociología del conocimiento y la epistemología social, cuestión que realizó de una manera simplista, quizá por ello para algunos resulte clara, pero es en realidad muy enteca (MORÁN, 2015, p. 6).

⁴⁷La presencia de la Sociología en la nueva realidad epistemológica es uno de los aspectos polémicos de esta opción teórica, ya que desde los años 20 del siglo pasado se colocó en el universo intelectual de la época una vertiente denominada Sociología del Conocimiento, que tenía como propósito

Sobre o conhecimento no aspecto social, nas palavras do estudioso Rocha (2012, p. 6) “a característica essencial de todo e qualquer conhecimento é que ele é efetivamente observado porque nossa estrutura mental é diferente e essa diferença é determinada pelos contextos da realidade”. Diante dessa ideia, conforme nos sugere o autor, todo o conhecimento gerado pela sociedade é determinado pelo contexto em que elas vivem, são levados em consideração os aspectos empíricos, sociais, culturais e cognitivos dos indivíduos.

Para sistematizar, podemos analisar a relação entre a Epistemologia Social e a Sociologia do Conhecimento a partir da figura 1:

Figura 1 - Epistemologia Social e Sociologia do Conhecimento



Fonte: Extraído de Morán (2015).

No presente quadro, com base em Morán (2015), podemos compreender que Epistemologia Social e a Sociologia do Conhecimento são teorias que se encontram no mesmo nível e dimensão epistemológica. Entendemos que elas são interpretadas como agentes mediadores em que o sujeito terá que percorrer determinadas etapas até chegar ao conhecimento, mas que no decorrer do trajeto, o indivíduo encontrará inúmeras barreiras: linguística, social, política, condições de acesso, infraestrutura das instituições que trabalham com a produção e os meios de disseminação da

estudiar las condiciones sociales de la producción de conocimiento. Por ello, los fundadores de la ES subrayaron que esta no estudia la influencia de la sociedad sobre el conocimiento, sino cómo influye el conocimiento en la sociedad; es decir, su objetivo es centrarse en cómo la sociedad se apropia, interioriza y produce conocimiento (COLUMBIÉ, 2019).

informação e do conhecimento. Esses fatores, além de outros, são situações em que os sujeitos informacionais encontrarão para conseguirem acessar e recuperar a informação, que posteriormente, após o acesso, eles terão condições de obter conhecimento e assim divulgá-lo posteriormente para a sua comunidade.

Nessa continuidade, Morán (2015, tradução nossa⁴⁸) interpreta que, para Shera, a Sociologia do Conhecimento se trata do estudo descritivo e empírico das causas históricas e dos meios do que normalmente se julga como conhecimento. Isto é, a sociologia do conhecimento estava em outro patamar, no sentido de que trata das questões descritivas e empíricas do conhecimento em sua natureza histórica. Por outro lado, para Furner (2002, não paginado, tradução nossa⁴⁹), existe uma diferença entre a Epistemologia Social e a Sociologia do Conhecimento, no sentido de que é necessário um esforço para definir os fundamentos teóricos das bibliotecas e da Ciência da Informação e também é preciso colocar as preocupações dessas disciplinas em igualdade com as de outras áreas, levando em consideração o conhecimento humano sendo esse o objetivo principal.

Conforme foi apresentado, a Epistemologia Social tem por preocupação a natureza do conhecimento, isto é, como o conhecimento é produzido e, o mais importante, como ele é utilizado na sociedade e se conseqüentemente ele será disseminado na comunidade. É importante destacar que os produtos e serviços de informação são gerados por meio de registros e comunicações gráficas em unidades de informação (arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus). Assim sendo, dessas unidades de informação, as bibliotecas, precisam ter utilidades práticas e sociais, isto é, de nada adianta o conhecimento ser produzido, se este não tiver utilidade social e não for aplicada em um dado contexto social e informacional (EGAN; SHERA, 1952).

Por isso, é muito importante que o bibliotecário tenha consciência de sua atuação dentro de uma biblioteca. Todo conhecimento produzido, em unidades de informação, não deve ser tomado como um pertencimento ao profissional da informação nem da instituição, mas sim da sociedade. Com base em Shera e Egan

⁴⁸ La sociología del conocimiento para él era el estudio descriptivo y empírico de las causas históricas y las condiciones de lo que normalmente se considera como conocimiento (MORÁN, 2015).

⁴⁹ His distinction between social epistemology and the sociology of knowledge may be salvaged; and, more generally and significantly, his is one of the more successful of efforts to define the theoretical foundations of library and information science, and to place the concerns of that discipline on a par with those of other fields in which the understanding of processes relating to human knowledge is the goal.

(1952), o conhecimento deve possuir um sentido prático, inovativo e transformador para ser compartilhado com a sociedade. Somente a partir disso, podemos compreender que haverá desenvolvimento social.

A Sociologia do Conhecimento, por sua vez, tem a preocupação em analisar de maneira crítica a produção do conhecimento, levando em consideração os aspectos sociológicos, culturais, demográficos, linguísticos, políticos, ideológicos, quer dizer, o aspecto ideológico é tomado como uma forte influência em toda relação social, política, na origem e na geração de conhecimento. De acordo com a proposta sociológica de Mannheim (1956), a ideologia se trata de um ponto relevante para o desenvolvimento de estudos acerca da Sociologia do Conhecimento.

Nesse sentido, esses fatores são elementos fundamentais para a produção do conhecimento em diversas comunidades, isto é, uma vez elaborado e compartilhado em um dado contexto, esse conhecimento poderá ser analisado de um ponto de vista na transformação social do indivíduo, e também para a sua coletividade, partindo de uma premissa que o conhecimento não deve ser entendido como algo sem sentido e valor, para Pierre Bourdieu (1983)⁵⁰, “independente de sua forma, o conhecimento é produzido a partir de conflitos, convenções, acordos, revoluções e paradigmas”.

A relação entre a Epistemologia Social e a Sociologia do Conhecimento tem o seu elo principal, a partir da natureza do conhecimento e também a sua finalidade, seja ela para fins políticos, científicos, religiosos, sejam ideológicos, entre outros. As bibliotecas, por meio de seus bibliotecários, poderão contribuir com a produção de novos conhecimentos para o compartilhamento com os seus usuários, não somente aqueles que estão em busca de suprir uma necessidade de informação, mas todos os usuários em geral, independentemente de seus aspectos sociais, origens, cultura, classes sociais, sociocultural, sociocognitivo, sociolinguístico ou socioeconômico.

No contexto do paradigma social aliado a Epistemologia Social de Shera e Egan, com base em Capurro (2003, grifo nosso), é necessário entendermos que usuários que acessam sistemas de informação, sendo aqueles que dirigem-se às unidades de informação para suprir uma necessidade informacional, de certa forma são vistos como seres pertencentes a este modelo, pois ele se sente parte da produção, organização, tratamento e disseminação da informação e do

⁵⁰ BORDIEU, Pierre. **O campo científico**. Ortiz R, organizador. Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, p. 122-55, 1983.

conhecimento, sendo que é muito diferente dos usuários de outros paradigmas (**físico e cognitivo**). Nestes dois últimos paradigmas, os usuários de certa forma são especializados, selecionados, vistos como seres pertencentes a um universo que uma comunidade de usuários não pode se associar e não se sentem representados, como é o caso do modelo social.

Partindo para a análise da Epistemologia Social na óptica de outros autores, no que defende Zandonade (2004, p. 825, tradução nossa⁵¹), em relação à teoria de Shera e Egan no aspecto filosófico, Steve Fuller apresenta uma versão da Epistemologia Social a partir da história da filosofia, que vem desde Kant, e ele analisa a Epistemologia Social como uma reencarnação da Sociologia do Conhecimento.

Em relação a isso, Fallis (2002, tradução nossa⁵²) destaca que Jonathan Furner fornece uma análise cuidadosa da posição de Shera e da influência de epistemólogos, sociólogos do conhecimento, psicólogos cognitivos e documentalistas. Nesse sentido, podemos entender que Shera tinha uma bagagem muito ampla em relação aos estudos em Epistemologia Social, e essa interdisciplinaridade pode ter contribuído de forma significativa para o estabelecimento de uma nova metodologia e uma base teórica para os estudos de caráter social no campo da Ciência da Informação, por isso teve grande impacto na Biblioteconomia.

De acordo com Zandonade (2004, p. 821, tradução nossa⁵³), em seu sentido mais estrito, “a Epistemologia Social deveria ser interdisciplinar, atrelada à sociologia, antropologia, linguística, economia, à filosofia do sistema nervoso humano, psicologia, matemática e à teoria da informação”. Segundo o autor, a Epistemologia Social deveria estar interligada a inúmeras disciplinas que trabalham com as questões humanas, filosóficas, sociais e informacionais. Destacamos a sociologia, psicologia, filosofia e a teoria da informação, são campos que contribuíram de maneira significativa para o estabelecimento de uma teoria sólida

⁵¹ Fuller shows that social epistemology is a natural development from the history of philosophy since Kant. He also examines social epistemology in its incarnation as “the sociology of knowledge.” (ZANDONADE, 2004).

⁵² Despite the great influence of his idea, serious debate continues within information science over exactly what Shera’s conception of social is. Jonathan Furner’s article provides a careful analysis of Shera’s position and traces the influence of epistemologists, sociologists of knowledge, cognitive psychologists and documentalists on Shera’s thinking (FALLIS, 2002).

⁵³ Social epistemology should be interdisciplinary, dependent upon sociology, anthropology, linguistics, economics, the physiology of the human nervous system, psychology, mathematics, and information theory (ZANDONADE, 2004).

para a Biblioteconomia e Ciência da Informação, que mais tarde veio a ser denominada Epistemologia Social.

Voltando à discussão em relação ao papel do bibliotecário, de acordo com Pressley (2006, p. 8, tradução nossa⁵⁴), os bibliotecários, como pessoas em um sistema social, tomam decisões de coleta, elaboram linguagens documentárias, ontologias, vocabulários controlados, indexam, catalogam registros, recomendam referências, organizam, classificam e socializam o conhecimento para a sociedade. Ao longo do tempo, esses profissionais adquiriram conhecimentos práticos e técnicos a respeito dos principais métodos e instrumentos de organização e representação da informação e do conhecimento nas bibliotecas, tais como os registros de catálogos, e as recomendações de normas e referências.

Claramente, para que o bibliotecário se torne um mediador eficaz entre o homem e seus registros gráficos, a biblioteconomia deve ser muito mais do que um conjunto de métodos ensinados em uma escola de comércio para encontrar um livro específico em uma prateleira específica para um consumidor em particular (SHERA, 1972, p. 113, tradução nossa⁵⁵).

Na concepção de Shera (1972), o bibliotecário deve exercer um papel muito mais ativo, ou seja, precisa atuar como um mediador entre a biblioteca e o usuário. A partir disso, entendemos que a biblioteconomia deveria fazer muito mais do que ensinar técnicas e práticas da função bibliotecária, mas deveria ensinar o bibliotecário a atuar como um mediador para que a sociedade possa chegar ao conhecimento e conseqüentemente socializá-lo. Em outras palavras, esse profissional da informação seria a ponte entre o conhecimento registrado e a sociedade.

Resumindo as contribuições de Shera, segundo Zandonade (2003, p. 72),

O sucesso na longa carreira acadêmica e profissional de Shera deveu-se, com muita certeza, à determinação de suas decisões durante os anos formativos da juventude. Bacharelado na Universidade de Miami, Oxford, Ohio, com distinção em literatura inglesa, aos 22 anos, queria ser professor de inglês, mas a 'Depressão' econômica e sua miopia já avançada impediram-no de realizar seu intento. Pagou suas anuidades acadêmicas com suas primeiras ocupações remuneradas num balcão de refrigerantes e vendendo máquinas portáteis de datilografia de porta em porta.

⁵⁴ Librarians, as people in a social system, make collection decisions, cataloging records, and reference recommendations (PRESSLEY, 2006).

⁵⁵ Clearly, if the librarian is to become an effective mediator between man and his graphic records, librarianship must be much more than a brundle of tricks taught in a trade school for finding a particular book on a particular shelf for a particular patron with particular need (SHERA, 1972).

Além de Shera, outra pioneira foi mencionada no início deste capítulo, se trata de Margaret Elizabeth Egan. De acordo com Furner (2004, tradução nossa⁵⁶), “Margaret Egan (1905-59) chegou a ser professora na instituição *Graduate Library School* da Universidade de Chicago (1946-55) e na *School of Library Science* da *Western Reserve University* em Cleveland, Ohio (1955-59)”.

Em 1943, Egan juntou-se ao Centro de Relações Industriais da Universidade de Chicago como bibliotecária e ocupou a função de ensino em tempo parcial na *Graduate Library School* (GLS). Segundo Furner (2004, tradução nossa), Margaret Egan desempenhou um papel muito maior no desenvolvimento do conceito da Epistemologia Social do que normalmente é reconhecido pela comunidade científica.

Para Egan, no entendimento de Furner (2004) e Morán (2015), a Epistemologia Social baseava-se na produção, distribuição e utilização de produtos intelectuais. No entanto, apesar de todo o seu esforço intelectual para o desenvolvimento da Epistemologia Social, Egan não ficou com o mérito em relação à constituição ao termo “Epistemologia Social”, na verdade, Jesse Shera acabou ficando com o bônus. Além disso, ao contrário de Shera, Egan tinha a sua formação no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, neste caso ela tinha mais subsídios do ponto de vista teórico e prático adquiridos por meio de sua experiência atuando neste campo científico e aplicado no decorrer de muitos anos.

Outra virtude da pesquisadora era a sua experiência na área da sociologia, sobretudo no funcionalismo estruturalista de Talcott Parsons, partindo de um pressuposto de que toda sociedade deve fazer a sua autorregulação, e a interconexão com inúmeros elementos, tais como valores, objetivos, responsabilidades, deveres e obrigações morais (MORÁN, 2015, p. 87, tradução nossa⁵⁷).

Na concepção de Egan, o bibliotecário e a biblioteca exerciam um papel importante no processo de produção e disseminação do conhecimento, tendo em vista que todo conhecimento produzido e mediado pela biblioteca deveria ter uma função social, como se o sujeito tivesse a obrigação moral de apropriar do

⁵⁶ Margaret Egan (1905-59) taught at the Graduate Library School of the University of Chicago (1946-55) and at the School of Library Science at Western Reserve University in Cleveland, Ohio (1955-59) (FURNER, 2004).

⁵⁷Por su parte, Egan era experta en sociología, principalmente, en el funcionalismo estructuralista de Talcott Parsons, quien sostenía que las sociedades tienden hacia la autorregulación, así como a la interconexión de sus diversos elementos (valores, metas, funciones). (MORÁN, 2015, p. 87).

conhecimento e compartilhar com a sua comunidade a fim de que ela se desenvolvesse (FURNER, 2004; MORÁN, 2015).

Na constituição do artigo *Foundations of a theory of bibliography* (1952), de acordo com Morán (2015, p.72) a ideia principal era no entendimento de Shera e Egan “o estudo dos processos pelo qual a sociedade em conjunto busca conseguir uma relação perceptiva do entendimento com a totalidade do entorno físico, psicológico e intelectual”.

Enquanto Shera defendia o modelo baseado na produção, fluxo, integração e consumo, sobre isso Oddone e Menezes (2010, p. 9) argumentam que

Margaret Egan entendia a biblioteca como uma organização social que serve de base para a construção cultural da sociedade, para a organização do conhecimento, a difusão dos produtos culturais e a administração do fluxo do conhecimento registrado. A Epistemologia Social interpreta o conhecimento humano como uma conquista coletiva e a biblioteca é a organização que gere o conhecimento e o fluxo deste conhecimento registrado pela atividade humana, através dos seus ciclos documentários.

O próprio Shera reconhece que o termo foi criado por Egan, tanto que conforme é relatado por Furner (2004, p. 5), Shera “admite que ambos os termos e o conceito, foram elaborados por ela, no entanto eu tenho dado maior abrangência, a respeito das frequentes declarações, eu tenho atribuído a teoria a minha autoria”. De fato, Shera atribui o crédito à Egan, no entanto, pelo fato de Egan ter falecido alguns anos depois, Shera admite que deu maior visibilidade ao termo “Epistemologia Social”. Embora Shera não tenha criado o projeto, cabe destacar que foi ele quem deu maior visibilidade a essa disciplina científica.

Sobre a concepção de Epistemologia Social, conforme relata Morán (2015, tradução nossa⁵⁸), primeiramente, ela nasceu da mente de Margaret Egan, mas que ao falecer de maneira precoce, as suas ideias foram desenhadas por Jesse Shera, mesmo que ao longo do tempo elas foram mudando e sendo adaptadas de acordo com a visão original de seu companheiro de pesquisa. Segundo Morán (2015), Egan pode ser considerada a pioneira no estabelecimento e no desenvolvimento da ideia da teoria Epistemologia Social. Nesse sentido, podemos entender que a essência do modelo que havia sido proposto por Egan, tenha sido parcialmente ou radicalmente modificada por Shera, o que isso poderia influenciar no sentido teórico e prático da

⁵⁸ La idea original de la epistemología social nació de la mente de Egan, pero al fallecer, la trayectoria de esta idea fue dibujada por la influencia de las subsecuentes obras de Shera, mismas que fueron apartándose paulatinamente de la propuesta original de la experta en conducta social (MORÁN, 2015).

teoria no contexto social e no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Para Pressley (2006, p. 3, tradução nossa⁵⁹), a “Epistemologia Social é uma teoria do conhecimento que nasceu nas bibliotecas e encontrou um lar na filosofia”. De acordo com o autor, a Epistemologia Social é uma teoria que teve o seu surgimento nos estudos biblioteconômicos e encontrou o seu espaço nos estudos filosóficos, ou seja, ela não é considerada uma técnica ou um método aplicado.

Continua Morán (2015, tradução nossa⁶⁰), que também vai na mesma direção de Pressley (2006), em que “a Epistemologia Social é uma teoria do conhecimento que nasceu no seio da biblioteconomia e que posteriormente encontrou o seu lugar na filosofia”. De acordo com o autor, a Epistemologia Social tem uma natureza biblioteconômica, no entanto ela tem se adequado mais à filosofia ou à teoria do conhecimento em um sentido epistemológico. Nessa perspectiva, podemos propor a discussão do termo no contexto da linguagem e do conhecimento, Shera (1972, p. 110, tradução nossa⁶¹),

Mas o conhecimento e a linguagem, de origem social, são essencialmente inseparáveis, pois a linguagem é a estruturação simbólica do conhecimento em forma comunicável e, por ser o agente pelo qual o conhecimento é comunicado, pode moldar o conhecimento tanto do indivíduo quanto do grupo.

Na concepção de Shera (1972), podemos dizer que linguagem e conhecimento são inseparáveis, pelo fato de que a primeira lida com as normas e estruturas e a transmissão do saber, e o segundo está associado à aquisição do conhecimento a partir de diferentes formas, como empírica, racionalista, idealista, pragmática, entre outras. Nessa perspectiva, para Shera a comunicação é um canal de importância no processo de geração e disseminação do conhecimento na sociedade, levando em consideração os aspectos socioculturais (sociais, econômicos, linguísticos, culturais, gêneros, entre outros), são aspectos que as bibliotecas e os bibliotecários deverão estar atentos (SHERA, 1977).

⁵⁹ Social Epistemology is a theory of knowledge that was Born in library science and found a home in philosophy (PRESSLEY, 2006).

⁶⁰ La epistemología social es una teoría del conocimiento que nació en el seno de la bibliotecología y que posteriormente encontró un hogar en la filosofía (MORÁN, 2015).

⁶¹ But knowledge and language, which is social in origin, are essentially inseparable, for language is the symbolic structuring of knowledge into communicable form, and because it is the agent by which knowledge is communicated, it can shape the knowledge both of the individual and of the group (SHERA, 1972, p. 110).

Nesse sentido, entendemos que o papel das bibliotecas e dos bibliotecários é de extrema importância, pois eles se encontram nesse contexto, ou seja, na prática de organizar e representar a informação e prover os meios necessários para que o usuário tenha o acesso ao conhecimento acumulado pela sociedade através dos tempos. Conforme citado, a biblioteca desempenha uma grande função social e cultural no desenvolvimento da sociedade. De acordo com Lima e Gomes (2016, p. 36), a biblioteca tem como principal fundamento atender às necessidades informacionais dos indivíduos e, dessa maneira, contribuir para o desenvolvimento da sociedade.

Referente à Epistemologia Social, Oddone (2007, p. 111) argumenta que o motivo do esquecimento a que havia sucumbido a tese dessa teoria fora a ausência de qualquer reflexão nova nos materiais e artigos publicados por Shera após aquele primeiro trabalho com Egan. Isto é, na concepção da autora, Shera e Egan deveriam ter publicado mais trabalhos acadêmicos, como artigos, livros ou outros materiais a respeito do tema Epistemologia Social, pois naquele contexto seria difícil a comunidade acadêmica e científica aceitarem uma inovação para a área, por mais que a essência do artigos e da teoria pudessem apresentar relevância crítica, política, científica, informacional, e sobretudo, social a comunidade acadêmica da época. Essa insistência de Shera perdurou até meados da década de 1970⁶² em forma de palestras, conferências e artigos científicos sobre o tema (ODDONE, 2007). Porém, não foi produzido nenhum material bibliográfico consistente do ponto de vista científico que pudesse convencer a comunidade acadêmica a aceitar tal proposição como uma base teórica para o campo da Ciência da Informação.

Sobre essa discussão, no entendimento de Zandonade (2003), há outro motivo, os bibliotecários da época, em sua maioria, não estavam habilitados para dedicar-se aos fundamentos teóricos de uma área acadêmica e profissional, cujas técnicas, métodos e mecanismos funcionavam a contento para a orientação prática que a profissão havia conquistado de forma empírica por meio de tentativa e erro. Para o autor, um fato curioso é que Shera e Egan não eram epistemólogos⁶³ e, com

⁶² Lembrando que Margaret Egan faleceu em 1959, porém, Jesse Shera insistentemente tentou convencer e justificar a relevância da Epistemologia Social no contexto da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

⁶³ Terá, entretanto, concorrido o fato de o projeto de Epistemologia Social ter sido ignorado por uma audiência de bibliotecários desmotivados em pesquisa teórica, a circunstância de que nem Shera, nem Egan eram epistemólogos. Provavelmente teriam mais sucesso se, sendo epistemólogos, falassem para uma audiência de filósofos ou de estudiosos da ciência. Em diversas oportunidades, depois de nomear seu projeto de “Epistemologia Social”, Shera seguidamente titubeou, quer quanto à

isso, a comunidade científica da biblioteconomia talvez deixasse transparecer algumas desconfianças em relação à proposta inicial desses dois bibliotecários. Assim, o aspecto epistemológico e científico eram fatores preponderantes para que ambos pudesse ter a aceitação da comunidade.

Em *Foundations of Theory of Bibliography* (1952), Furner (2004, tradução nossa⁶⁴), explica que “[...] Egan e Shera propõem o social como referencial teórico para o estudo da produção, distribuição e utilização de produtos intelectuais [...]”. Conceito esse que foi primordial na adoção e desenvolvimento do projeto disciplinar, mas que acabou sendo desenvolvido em perspectivas totalmente diferentes das iniciais.

Segundo Zandonade (2003, 2004), a Epistemologia Social teve início no mesmo contexto da Ciência da Informação, ou seja, a partir da Segunda Guerra Mundial, em que houve a chamada “explosão informacional”. Naquele contexto, havia uma urgência na adoção de estudos voltados para aspectos humanísticos e sociais da área.

De acordo com Martínez-Ávila (2018, p. 85, tradução nossa⁶⁵) “A Epistemologia Social de Egan e Shera é considerada um marco teórico na ciência da informação”. Na concepção do autor, a Epistemologia Social pode ser considerada um marco no estabelecimento de uma base teórica na Ciência da Informação, tendo em vista que ela está preocupada com a dimensão social do conhecimento. No entanto, determinados autores não estão de acordo com as contribuições da Epistemologia Social na Ciência da informação, como é o caso do filósofo italiano Luciano Floridi (1964-).

Segundo Lima e Gomes (2016) no entendimento de Floridi, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação trabalham em um nível mais básico, já que seu objeto de estudo não é o conhecimento, e sim as fontes de informação, que tornam o conhecimento possível para a sociedade. Nas palavras dos autores, com base em Floridi, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação são áreas que estão focadas em um nível mais simples, e justifica que o objeto de estudo dessas duas áreas não

oportunidade da expressão (“por falta de um termo mais adequado”, “enquanto não aparece um termo mais adequado”), quer quanto à própria expressão em si (ora sugere “Epistemologia Social”, ora “epistemologia científica”, depois “cognição social”, “gestão do conhecimento”, etc.). (ZANDONADE, 2003, p. 81).

⁶⁴ Egan and Shera propose social as a theoretical framework for the study of the production, distribution, and utilization of intellectual products [...] (FURNER, 2004).

⁶⁵ La epistemología social de Egan y Shera es considerada un hito teórico en la ciencia de la información (MARTÍNEZ-ÁVILA, 2018).

é o conhecimento, mas as fontes de informação, ressalta também que a Epistemologia Social é uma vertente da filosofia e não da Biblioteconomia ou da Sociologia do Conhecimento.

Apesar da crítica de Floridi, por outro lado, a Epistemologia Social chegou a ser entendida como uma proposta científica,

A Epistemologia Social apareceu pela primeira vez como o nome de uma proposta para tornar a biblioteconomia mais “científica”, por ter fatos sobre a produção, distribuição e utilização do conhecimento que afetam mais diretamente a organização das bibliotecas (MEY, 1982, p. 111-112 *apud* FULLER, 1996, p. 149, tradução nossa⁶⁶).

Na concepção de Mey (1982) *apud* Fuller (1996), entende-se que a ideia inicial da Epistemologia Social não era o foco na questão social, mas sim em um aspecto científico e leva em consideração a produção, distribuição e utilização do conhecimento que influenciasse na organização das bibliotecas. Desse modo, Epistemologia Social era vista como uma disciplina científica e não epistemológica.

Em outra perspectiva, Zandonade (2004) argumenta que a Epistemologia Social visa lidar com todo o conhecimento produzido nas unidades de informação. Sendo assim, a Epistemologia Social tem por objetivo o conhecimento adquirido através de outros meios informacionais, como arquivos, bibliotecas e museus. Segundo Moreno Jiménez (2008, p. 237, tradução nossa⁶⁷) "A Epistemologia Social dos estoques, se vale tanto das pessoas, quanto da sociedade, das instituições culturais ou de ideologias culturais e políticas, bem como das teorias, conceitos ou culturas morais [...]".

Ainda, em relação ao conceito de Epistemologia Social, no contexto filosófico, segundo Goldman (2009, tradução nossa⁶⁸) "Aqui temos dois filósofos do século XVIII, ambos endossando pelo menos um elemento do que hoje em dia é chamado de “Epistemologia Social”. Com base em Goldman (2009), a Epistemologia Social pode ser derivada de dois filósofos tradicionais do século XVIII, ou seja, René Descartes e David Hume, podemos considerar que dentro da filosofia, esse conceito

⁶⁶ Social Epistemology first appeared as the name of a proposal for making librarianship more “scientific” by having facts about the production, distribution, and utilization of knowledge impinge more directly on the organization of libraries (DE MEY *apud* FULLER, 1996).

⁶⁷ La epistemología social sostiene que el conocimiento es independiente tanto de los sesgos personales, sociales o de ideologías políticas, como de las teorías, conceptos o creencias Morales [...] (MORENO JIMÉNEZ, 2009).

⁶⁸ Here we have two philosophers of the 18th century both endorsing at least one element of what nowadays is called “social epistemology” (GOLDMAN, 2009).

foi introduzido pelos dois pensadores, o primeiro é expoente do racionalismo, enquanto o segundo é representante do empirismo.

Retomando à crítica a Epistemologia Social, entra em cena a Filosofia da Informação elaborada pelo filósofo italiano Luciano Floridi,

Em 2002, Floridi publicou o artigo intitulado “*What is the philosophy of information?*” Nesse texto, Floridi buscou apresentar uma nova área de estudo voltada às pesquisas nos campos computacional e informacional, e suas relações com a filosofia, por considerar que as questões relacionadas a estes campos estão interferindo e modificando problemas antigos da filosofia, assim como proporcionando novas soluções a eles (LIMA; GOMES, 2016, p. 30).

Levando em consideração a disputa entre a Epistemologia Social e a Filosofia da Informação, entendemos que esse filósofo italiano buscou estabelecer uma nova área filosófica para fins de estudos no campo da computação, ética e da informação. Em relação ao estabelecimento de uma nova base teórica, a Filosofia da Informação passou por diversos momentos de crise de identidade até chegar ao seu caráter de uma filosofia de natureza dinâmica. Assim, como qualquer novo campo de investigação científica, a Filosofia da Informação encontrou inúmeros obstáculos à sua consolidação intelectual e, ao enfrentá-los, uniu-se a outros campos de estudo, como o da inteligência artificial e da ética (LIMA; GOMES, 2016, p. 31). Nesse sentido, entende-se que essa teoria filosófica se vale de relações interdisciplinares para se consolidar como uma teoria e contribuir para com outros campos de conhecimento e atuação profissional. Áreas de estudo como a própria filosofia, computação, inteligência artificial e epistemologia são imprescindíveis para o seu desenvolvimento tanto no aspecto teórico como prático.

Em termos gerais, para Bozzetti e Saldanha (2017, tradução nossa⁶⁹), a Epistemologia Social é entendida como uma crítica a Filosofia da Informação, e isso ficou evidente a partir da década de 1950. Curiosamente nesse mesmo contexto, conforme foi destacado ao longo do texto, a Epistemologia Social ainda estava em curso na Ciência da Informação, ou seja, não há como declarar quais das duas disciplinas têm a sua base teórica para os estudos dos processos informacionais nesse campo científico.

Apesar de uma aparência de rivalidade, a Epistemologia Social e a Filosofia da Informação possuem algo em comum no que se refere ao campo da

⁶⁹ In other words, social epistemology is primarily a critique of the philosophy of information, and of the affirmation of this practical philosophy as central to social development in the decades after 1950.

Biblioteconomia e Ciência da Informação. Segundo Lima e Gomes (2016, p. 25) “a Epistemologia Social e a Filosofia da Informação pretendem fornecer as bases teóricas para a Biblioteconomia e a Ciência da Informação [...]”. Claro que com especificidades e metodologias diferentes, enquanto a Epistemologia Social teria como foco a comunidade em seu sentido coletivo, a Filosofia da Informação se configura e tem como foco o indivíduo e as tecnologias de informação e comunicação.

Jesse Shera e Margaret Egan não compactuaria da mesma ideia de Luciano Floridi em relação ao conhecimento produzido nas unidades de informação, sobretudo nas bibliotecas, os dois primeiros entendiam que esse conhecimento era primordial no acesso e no desenvolvimento da sociedade, e o segundo, acreditava que o conhecimento gerado nas unidades de informação não possuía uma natureza epistemológica, pois essa era uma tendência da filosofia.

Baseado nos autores Shera (1972, 1977), Floridi (2002) e Lima e Gomes (2016), podemos interpretar os conceitos de Epistemologia Social e da Filosofia da Informação da seguinte maneira:

a) A Epistemologia Social tem por preocupação o uso da ciência para outros fins; como os conflitos sociais; o controle social e com o uso da tecnologia sem reflexão. Entende-se que ela pode ser aplicada a estudos de diversas naturezas, até mesmo aquelas relacionadas a conflitos sociais, estudo como socioculturais e também aplicado à análise de redes sociais, tendo em vista o aumento maciço de dados produzidos e compartilhados pela sociedade a partir da interação social entre os indivíduos.

b) Por outro lado, a filosofia da informação trabalha em três domínios: o dos tópicos que lidam com fatos, dados, problemas, fenômenos e observações; o dos métodos, que consistem nas técnicas e abordagens, e o das teorias, que são hipóteses e explicações científicas.

Em seu mais conhecido artigo⁷⁰, Moran (2015, tradução nossa⁷¹), lembra que Luciano Floridi argumenta que a Epistemologia Social não fornece um fundamento teórico por si só para a Ciência da Informação, ele defende que há uma filosofia

⁷⁰ FLORIDI, Luciano. What is the Philosophy of Information?. **Metaphilosophy**, v. 33, n. 1-2, p. 123-145, 2002.

⁷¹ La filosofía de la información no busca una universalización de una sola disciplina, mucho menos una particularización, más bien busca una ampliación progresiva de las ciencias hasta alcanzar un núcleo común, es decir la búsqueda de la interdisciplinariedad (MORÁN, 2015).

superior e que contempla a Ciência da Informação e a Epistemologia Social. Neste caso, ele defende que é a Filosofia da Informação. Sendo que, para Floridi (2002), essa filosofia não busca uma universalização de somente uma disciplina, bem menos uma particularização, o seu objetivo é uma ampliação progressiva até atingir um núcleo comum, que se resume a alcançar uma interdisciplinaridade.

Em relação à Epistemologia Social, ela busca estudar, analisar e compreender a natureza da produção do conhecimento na sociedade. Entendemos que esses estudos estão focados na origem e no destino do conhecimento, ou seja, de onde ele é produzido e qual é a sua finalidade (SHERA, 1972, 1977).

Os estudos da Filosofia da Informação estão baseados na investigação crítica da natureza conceitual e os princípios básicos da informação. Nesse sentido, o foco principal dessa filosofia é a investigação a respeito da informação e a sua natureza crítica. Essa filosofia tem como foco lidar com a ética informacional, bem como os estudos e na elaboração de inteligência artificial (IA).

Em termos de fundamentos, a Epistemologia Social preocupa-se com o fluxo, integração e o consumo de todas as formas de comunicação. Esses são os pilares dessa teoria, são conceitos oriundos dos estudos de Jesse Shera e Margaret Egan entre as décadas de 1950 e 1980.

No entendimento da Filosofia da Informação, como fundamentação da Biblioteconomia e Ciência da Informação, ela trabalha a princípio como uma teoria substancial da dinâmica da informação. Floridi entende que essas duas áreas seriam uma contribuição para a dinâmica e o entendimento da informação enquanto um fenômeno que deve ser analisado a partir de sua infraestrutura (FLORIDI, 2002).

No aspecto relacionado ao conhecimento, com base em Shera (1977), compreende-se que a Epistemologia Social visa analisar o registro gráfico na produção, registro e materialização em um suporte, e a comunicação gráfica como o canal de comunicação do conhecimento humano e também do percurso histórico das bibliotecas. São levados em consideração os registros gráficos e a atuação das bibliotecas na sociedade. Com a descoberta do homem de que ele poderia registrar a sua experiência em um determinado suporte, isso era possível que o conhecimento fosse comunicado e utilizado pela sociedade.

Lima e Gomes (2016) destacam que para a Epistemologia Social, a relação entre o homem e os registros gráficos é uma atividade que vai além de fatores técnicos, passa por aspectos psicológicos, filosóficos, culturais, sociais e fisiológicos.

No entendimento de Floridi (2002, p. 39, tradução nossa⁷²),

Em termos gerais, a Epistemologia Social pode se referir a dois campos distintos de pesquisa: a Sociologia do Conhecimento (SOK), que é o estudo descritivo e empírico das causas e condições históricas do (o que normalmente é considerado) conhecimento; ou a Epistemologia do Conhecimento Social (ESK), que é o estudo crítico e conceitual das dimensões sociais (multiagentes) do conhecimento.

Na concepção da Filosofia da Informação, com base em Floridi (2002) e na tradução analítica de Lima e Gomes (2016), o conhecimento não estaria no escopo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, pois Floridi entende que o foco dessas duas áreas é servir como fontes de informação, tendo em vista que a questão do conhecimento é um problema epistemológico. Continua Floridi (2002, p. 39, tradução nossa⁷³), a “Biblioteconomia está certamente próxima da Epistemologia social, na medida em que essas duas disciplinas se interessam pela dinâmica social de seu objeto, têm uma abrangência ampla e uma orientação empírica. Desse modo, esta abordagem também não é totalmente satisfatória. A Epistemologia Social não pode fornecer uma base teórica e aplicada para Biblioteconomia”.

Conforme apresenta Floridi (2002, p. 41, tradução nossa⁷⁴), a Epistemologia Social e Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) não fazem uma união feliz porque a BCI funciona em um nível mais fundamental do que a Epistemologia. Seu objeto não é o conhecimento em si, mas as fontes de informação que o tornam possível, mesmo que apenas indiretamente.

Assim,

A Epistemologia Social tem sido por algum tempo o campo filosófico ao qual a Biblioteconomia pode se referir para suas próprias necessidades teóricas, mas isso deve ser visto como a segunda melhor opção. A proximidade entre Biblioteconomia e Epistemologia Social é melhor compreendida se explicada em termos de uma origem comum, como dois ramos da Filosofia da Informação, ao invés de hierarquicamente. Chegou a hora de ter um livro

⁷² Broadly speaking Social Epistemology can refer to two separate fields of research: the Sociology of Knowledge (SOK), that is the descriptive and empirical study of the historical causes and conditions of (what is ordinarily taken to be) knowledge; or the Epistemology of Social Knowledge (ESK), that is the critical and conceptual study of the social (multiagentes) dimensions of knowledge (FLORIDI, 2002, p. 39).

⁷³ Library Information Science is certainly close to social Epistemology insofar as both disciplines are interested in the social dynamics of their object, have a wide scope and an empirical orientation. Nevertheless, this approach too fails to be fully satisfactory. Social Epistemology cannot provide a foundation for Library Information Science (FLORIDI, 2002, p. 39).

⁷⁴ Social Epistemology and Library Science Information do not make a happy marriage because Library Science Information Works at a more fundamental level than Epistemology. Its object is not Knowledge itself but the Information sources that make it possible, even if only indirectly (FLORIDI, 2002, p. 41).

mais próximo da própria Filosofia da Informação (FLORIDI, 2002, p. 41, tradução nossa⁷⁵).

Constatamos que a Epistemologia Social possui uma natureza interdisciplinar, que compreende estudos no campo da Linguística, Ciência da Comunicação e na Lógica. Podemos destacar que Shera possuía uma forte influência de epistemólogos, filósofos, sociólogos e psicólogos e foi o maior beneficiado com o termo Epistemologia Social, tendo em vista o falecimento precoce de Margaret Egan, além de seu engajamento junto à comunidade acadêmica e científica no campo da Biblioteconomia a fim de propagar a teoria entre as décadas de 1950 e 1980.

Logo após a morte de Shera, outros estudiosos entraram em cena, podemos citar Alvin Goldman e Steve Fuller, que constituíram um programa de pesquisa científica social, baseados na Epistemologia Social, na qual eles tentaram recompor a ideia original de Margaret Egan (MORÁN, 2015, tradução nossa). No entanto, cumpre ressaltar que Floridi não estava de acordo com o entendimento de Shera acerca da Epistemologia Social, por outro lado, ele dava atenção a ideia de Egan sobre a teoria,

Para Floridi, a Epistemologia Social e a Biblioteconomia de Shera não se combinam porque o bibliotecário trabalha em um nível mais relacionado à sociedade. Seu objeto não é o conhecimento em si, mas as fontes de informação que o permitem, mesmo que indiretamente, sua qualidade de aplicação consiste em ser um canal para vincular essa filosofia da informação com o campo social (MORÁN, 2015, p. 83, tradução nossa⁷⁶).

⁷⁵ Social Epistemology has been for some time the philosophical field to which Library Information Science could refer for its own theoretical needs, yet this should be seen as a second-best option. The closeness between Library Information Science and Social Epistemology is better understood if explained in terms of a common origin, as two branches of Philosophy Information, rather than hierarchically. Time has come to have a closer book at Philosophy Information itself (FLORIDI, 2002, p. 41).

⁷⁶ Para Floridi, la epistemología social de Shera y la bibliotecología no hacen un matrimonio feliz porque el bibliotecario trabaja en un nivel más relacionado con la sociedad. Su objeto no es el conocimiento mismo, sino las fuentes de información que lo permiten, aunque sea indirectamente, así que su cualidad de aplicación estriba en ser un conducto para vincular esa filosofía de la información con el terreno social (MORÁN, 2015).

Podemos notar que na concepção de Morán (2015), Floridi possui uma divergência com a noção de Epistemologia Social e de Biblioteconomia de Shera, e não de Egan. Para Floridi, o bibliotecário está mais voltado para a sua função social perante a sociedade, e também, destaca que o seu objeto não é o conhecimento em si, mas sinaliza que o seu principal foco são as fontes de informação, estas seriam um canal de comunicação para que a filosofia da informação pudesse exercer o seu papel.

Para Fallis (2006, não paginado, tradução nossa⁷⁷),

Sobre Floridi, ele aponta que vários aspectos importantes da informação as ciências não são epistemológicas por natureza (por exemplo, as questões metafísicas e questões éticas mencionadas anteriormente). Assim, Floridi sugere que uma abordagem mais ampla baseada na filosofia da informação fornece uma melhor base teórica para a Ciência da Informação. Mesmo que esta proposta seja correta, a Epistemologia Social, no entanto, permanece central para a ciência da informação, uma vez que fornece uma estrutura teórica para abordar um grande número de atividades realizadas por serviços de informação (nomeadamente, aqueles que visam facilitar a aquisição de conhecimentos).

É interessante destacar que a Epistemologia Social proposta pelos autores (EGAN; SHERA, 1952) estava fundamentada em que o conhecimento deve ter um caráter prático e social (claro que isso requer maiores discussões), mas é possível analisarmos de uma maneira crítica de como isso era possível naquele determinado contexto, em que havia uma predominância do paradigma físico no campo da Ciência da Informação, em que o usuário era tomado como um sujeito especializado, classificado, rotulado e que na verdade, os verdadeiros sujeitos informacionais que eram fiéis a Shera e Egan não se enquadravam nesse contexto.

Destacamos também que neste processo, foi analisada uma teoria filosófica que tinha por objetivo se contrapor as principais ideias iniciais da Epistemologia Social, isto é, a Filosofia da Informação proposta pelo filósofo italiano Luciano Floridi. Segundo esse autor, a Epistemologia Social não teria capacidade para atender aos principais problemas informacionais da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, e que para o filósofo italiano, o conhecimento não estaria no escopo nesses dois

⁷⁷ He Floridi, He points out that several important aspects of information science are not epistemological in nature (e.g., the metaphysical questions and ethical questions mentioned earlier). Thus, Floridi suggests that a more broadly based philosophy of information provides a better theoretical foundation for information science. Even if this proposal is correct, social epistemology nevertheless remains central to information science, as it provides a theoretical framework for addressing a large number of the activities performed by information services (namely, those focused on facilitating the acquisition of knowledge) (FALLIS, 2006).

campos, pois o conhecimento é um problema epistemológico, proveniente da filosofia.

Outro ponto singular na concepção teórica da Epistemologia Social é a sua necessária relação com a prática do bibliotecário em seu ambiente profissional, isto é, a biblioteca.

Para Vieira e Karpinski (2019, não paginado),

A Epistemologia Social deve, também, ser uma disciplina prática na medida em que todo esse discurso precisa refletir sobre o impacto do avanço tecnológico no cotidiano. A Epistemologia Social permitiria a 'aculturação da máquina', ou seja, possibilitaria um olhar social por parte deste profissional que vivencia esse avanço tecnológico em sua atividade prática. Assim, se demonstra, mais uma vez, a presença do pragmatismo da Escola de Chicago já que, mesmo com a chegada dos computadores, o foco é no usuário, na sociedade, e não no processo por si só.

Uma visão de biblioteca também inclui uma ideia correspondente da transformação cultural e social que oferece um ambiente mais amplo e uma racionalização na primeira posição do lugar onde a biblioteca se converte em um elemento importante e diferente da sociedade. Os principais componentes de tais mudanças são, por um lado, o conhecimento social acumulado pela humanidade existente principalmente na forma de documentos que conta como um tipo de memória social ou cultural e, por outro lado, os próprios indivíduos que são os consumidores desse conhecimento social (SHERA, 1968, não paginado, tradução nossa⁷⁸).

No que declara Shera (1968, não paginado, tradução nossa⁷⁹),

O paradigma da biblioteca como instituição parte da existência de um fenômeno institucional conhecido - a biblioteca - e a caracteriza a partir de suas propriedades e funções socioinstitucionais. Mas, o paradigma também coloca a instituição em um contexto muito mais amplo, que inclui um processo de mudanças socioculturais em que os indivíduos por meio da leitura, utilizam o estoque de conhecimento social na realização de suas vidas, facilitando assim um processo social mais geral. A função da

⁷⁸ Esta visión de la biblioteca también incluye una visión correspondiente del cambio cultural y social que proporciona un contexto más amplio y una racionalización en primer lugar del por qué la biblioteca se ha convertido en un elemento importante y distinguido de la sociedad. Los principales componentes de tales cambios son, por un lado, el conocimiento social acumulado por la humanidad (principalmente existente en la forma de documentos) que cuenta como un tipo de memoria social o cultural y, por otro lado, los individuos que son los consumidores de ese conocimiento social (SHERA, 1968).

⁷⁹ En resumen, el paradigma de la biblioteca como una institución social comienza con la existencia de un fenómeno institucional social conocido -la biblioteca- y lo caracteriza en función de sus propiedades y funciones socio- institucionales. Pero, el paradigma también coloca la institución en un contexto mucho más amplio, que incluye un proceso de cambios culturales y sociales donde los individuos mediante la lectura usan el almacén de conocimientos sociales en la realización de sus vidas, facilitando de ese modo un proceso social más general. La función de la biblioteca como una institución social reside principalmente en ser un vehículo entre los individuos y el conocimiento que necesitan (SHERA, 1968).

biblioteca como instituição social reside principalmente em ser um veículo entre os indivíduos e o conhecimento de que necessitam.

A seguir, no quadro 1, apresentaremos de uma maneira clara as diferenças entre as definições das teorias Epistemologia Geral, Sociologia do Conhecimento, Filosofia da Informação, assim como a Epistemologia Social.

Quadro 1 - Epistemologia, Sociologia do Conhecimento, Filosofia da Informação e Epistemologia Social

Teorias	Definições	Diferenças	Autores (as)
Epistemologia	1) Disciplina que toma as ciências como objeto de investigação tentando reagrupar: a) a crítica do conhecimento científico (exame dos princípios, das hipóteses e das conclusões das diferentes ciências, tendo em vista determinar seu alcance e seu valor objetivo); b) a filosofia das ciências (empirismo, racionalismo etc.); c) a história das ciências _ O simples fato de hesitarmos, hoje, entre duas denominações (epistemologia e filosofia das ciências) já é sintomático. Segundo os países e os usos, o conceito de epistemologia serve para designar, seja uma teoria geral do conhecimento (de natureza filosófica), seja estudos mais restritos concernentes à gênese e à estruturação das ciências.	A Epistemologia geral se diferencia da Sociologia do Conhecimento, Filosofia da Informação e mantém uma conexão com a Epistemologia Social.	(JAPIASSU; MARCONDES, 1989);

Sociologia do Conhecimento	<p>1) A sociologia do conhecimento é um dos ramos mais próximos da Sociologia. 2) A sociologia do conhecimento teve origem em uma particular situação da história intelectual alemã e em determinado contexto filosófico. Embora a nova disciplina fosse posteriormente introduzida no adequado contexto sociológico, especialmente no mundo da Língua inglesa, continuou a ser marcada pelos problemas da particular situação intelectual de onde surgiu. 3) A sociologia do conhecimento analisa que existem modos de pensamento que não devem ser compreendidos adequadamente enquanto se mantiverem obscuras suas origens sociais.</p>	<p>Essa teoria sociológica não apresenta uma relação próxima com a epistemologia geral, assim como com o racionalismo, empirismo, historicismo e o pragmatismo. Além disso, não estabelece conexões diretas com a filosofia da informação. Por sua vez, é analisada do ponto de vista da Epistemologia Social, principalmente por Jesse Shera.</p>	<p>(MANNHEIM, 1956); (BERGER/ LUCKMANN, 2003; BORTOLIN; GALLON, 2015);</p>
Filosofia da Informação	<p>1) A Filosofia da Informação é um campo da pesquisa filosófica voltado à investigação crítica da estrutura conceitual e dos princípios básicos da informação e ainda da elaboração e aplicação da Teoria da informação e das metodologias computacionais aos problemas filosóficos. 2) A Filosofia da Informação é um projeto destinado a consolidar num campo de investigação autônomo, uma série vastíssima de problemas e de questões originadas e relacionados com urgência à denominada sociedade da informação. 3) Como qualquer novo campo de pesquisa científica, a Filosofia da Informação encontrou desafios para a sua consolidação intelectual e, ao enfrentá-los, se articulou a outros campos de investigação, como o da Inteligência Artificial e o da Ética no uso das máquinas. 4) É o campo filosófico</p>	<p>É uma teoria que não possui relações com a Epistemologia Geral, Sociologia do Conhecimento e nem com a Epistemologia Social. Por sua vez, é compreensível que tenha relação com o racionalismo, visto que a razão e a ética são elementos imprescindíveis para a filosofia da informação principalmente para Luciano Floridi.</p>	<p>SALCEDO; REVOREDO, 2013); (FLORIDI, 2002); (ILHARCO, 2004); (LIMA; GOMES, 2016);</p>

	preocupado com a investigação crítica de natureza conceitual e princípios básicos de informação, incluindo sua dinâmica, utilização, e ciências, e (b) a elaboração e aplicação de teoria da informação e metodologias computacionais a problemas filosóficos.		
Epistemologia Social	<p>1) A Epistemologia Social é simplesmente o ramo da epistemologia que se concentra no papel que os fatores sociais e as instituições sociais desempenham na aquisição de conhecimento. Tais fatores e instituições são claramente importantes quando as pessoas adquirem conhecimento de outras pessoas (por exemplo, por meio de informações registradas). Uma introdução mais detalhada para a epistemologia em geral e a Epistemologia Social em particular serão fornecidas nas seções que se seguem. 2) o estudo dos processos pelos quais a sociedade como um todo busca alcançar uma perspectiva ou compreensão da relação com o ambiente total - físico, psicológico e intelectual. A derivação do termo é facilmente aparente. Epistemologia é a teoria ou ciência dos métodos e fundamentos do conhecimento, especialmente no que se refere aos limites e validade do conhecimento; e por meio dela o filósofo busca uma compreensão de como o indivíduo atinge uma relação perceptual ou de conhecimento com seu ambiente. Tal epistemologia simplesmente eleva a disciplina da vida intelectual do indivíduo para a da sociedade, nação ou cultura. 3) A nova disciplina que aqui</p>	<p>É uma teoria do conhecimento voltada para o aspecto sociológico e cultural. De certa forma, estabelece conexões com a Epistemologia Geral, Empirismo, Historicismo, Pragmatismo e Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim. Shera foi amplamente influenciado por esse sociólogo.</p>	<p>(BROOKES, 1975); (SHERA, 1972, 1977); (FALLIS, 2006);</p>

	<p>focalizamos (e a qual por falta de melhor nome nós chamamos de Epistemologia Social) deveria fornecer uma estrutura para a investigação eficiente de todo o complexo problema dos processos intelectuais das sociedades — um estudo pelo qual a sociedade como um todo procura uma relação perceptiva para seu ambiente total.</p> <p>4) A nova disciplina que está prevista aqui (e para a qual, por falta de um nome melhor, Margaret E. Egan originou a frase Epistemologia Social) deve fornecer uma estrutura para a investigação do complexo problema da natureza do processo intelectual. sociedade - um estudo de como a sociedade como um todo alcança uma relação perceptiva com seu ambiente</p>		
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Pando (2018).

A partir da sistematização teórica realizada neste trabalho, bem como a ilustração do quadro 2, é possível analisarmos que do ponto de vista teórico, as quatro teorias apresentam algumas semelhanças e diferenças entre elas: a) Epistemologia não se relaciona diretamente com a Filosofia da Informação e a Sociologia do Conhecimento. Por sua vez, a epistemologia em termo genérico se conecta com a Epistemologia Social de Jesse Shera e Margaret Egan. Assim, essa teoria do conhecimento se vale da epistemologia geral para analisar e discutir a produção e socialização do conhecimento em seu aspecto social a partir de instituições sociais e culturais, isto é, as bibliotecas.

b) Com relação à Sociologia do Conhecimento, de modo geral, ela não se relaciona diretamente com a Epistemologia Geral, Racionalismo, Empirismo, Historicismo, Pragmatismo e Filosofia da Informação. Por outro lado, ela mantém conexão com a Epistemologia Social, na medida em que o conhecimento é analisado do ponto de vista social e sociocultural. Além do mais, do ponto de vista da Sociologia, há indícios de que Epistemologia Social e Sociologia do Conhecimento são teorias sociológicas elaboradas pelos mesmos pensadores,

melhor dizendo, Karl Mannheim e Max Scheler, e alguma medida, pode ser também atribuída a Shera e Egan.

c) No que se refere à Filosofia da Informação, fica evidente que essa teoria do conhecimento informacional possui relações com a Epistemologia Geral, assim como o Racionalismo, em que elementos fundamentais como a razão e a ética informacional, são aspectos utilizados sobretudo na concepção do filósofo italiano Luciano Floridi. Base epistemológica que visa promover atrito com a Epistemologia de Shera, mas que em algumas circunstâncias concorda com a concepção de Egan sobre o assunto.

d) No que tange à Epistemologia Social, essa teoria do conhecimento social se conecta diretamente com o Empirismo, Historicismo e a Sociologia do Conhecimento, principalmente em análises e estudos baseados em Karl Mannheim, já que Jesse Shera tem esse sociólogo como uma grande referência no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Logo, podemos adicionar outras áreas que contribuem, como a Antropologia, Comunicação e Filosofia.

Dada toda narrativa epistemológica, é interessante apresentarmos o campo da Ciência da Informação, onde elementos como informação, interdisciplinaridade e epistemologia são elementos constituintes da formação, desenvolvimento e aplicação desse campo. A seguir, serão apresentados os aspectos teóricos e epistemológicos da Ciência da Informação, perpassando pelo paradigma social, bem como as abordagens socioculturais.

4 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Esta seção será dedicada ao campo científico que tem por função a produção, organização, tratamento, representação e a socialização da informação e na construção do conhecimento, isto é, a Ciência da Informação. Embora seja uma constante a discussão sobre a origem de tal campo, esta dissertação não tem por objetivo suscitar e tampouco esclarecer essa discussão, o ponto principal é apresentar as principais definições de informação, interdisciplinaridade e Ciência da informação de um ponto de vista teórico.

Nas palavras de Araújo (2018), a “Ciência da Informação é uma expressão que designa uma disciplina científica (como o próprio nome atesta) surgida há cinco décadas, inicialmente nos Estados Unidos, na Inglaterra e na União Soviética”. No caso dos dois países de língua inglesa o nome seja denominado de Ciência da Informação, ou *Information Science*, no país de idioma russo, esse campo científico é conhecido como *Informátika*.

Segundo Borko (1968, p. 4) “em essência, a Ciência da Informação investiga as propriedades e o comportamento da informação, o uso e a transmissão da informação, e o processamento da informação [...]”.

A Ciência da Informação tem por objetivo principal analisar e investigar os fatores que se relacionam ao comportamento, uso e a transmissão da informação, sendo assim, essa preocupação está associada ao processo de produção, organização, tratamento e a disseminação da informação, bem como o seu uso pela sociedade, seja ela acadêmica, seja científica, seja social. Além disso, de acordo com Norton (2000, p. 4, tradução nossa⁸⁰), “se a ciência da informação estuda e investiga todas as propriedades, aspectos e comportamento da informação, em algum momento ela está preocupada com praticamente tudo, saber, pensar, o que pode ser considerado como comprometido e imaginado”

É um campo do conhecimento que tem em seu contexto de criação e desenvolvimento, a influência de inúmeros eventos mundiais que mudaram os rumos da sociedade, tanto do ponto de vista político e tecnológico, assim como da comunidade acadêmica e científica, especialmente a Guerra Fria (1945-1991), que se concentrou na corrida armamentista e espacial promovida pelos Estados Unidos

⁸⁰If information science studies and investigates all the properties, aspects, and behavior of information, then it is concerned at some point with virtually everything, known, thought, considered espoused, and imagined (NORTON, 2000).

da América (EUA) e pela antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (U.R.S.S), atual território da Rússia. Sendo assim, podemos considerar que a Ciência da Informação sofreu influências consistentes em decorrência dos eventos ocorridos após a Segunda Guerra Mundial, sobretudo com a evolução da tecnologia, organização e produção da informação.

A partir da Segunda Guerra Mundial, surgiu uma nova orientação no processo de comunicação, que se caracteriza por uma maior amplitude dos círculos que requerem informações e dos materiais que são objeto de comunicação. Nesse sentido, para Mendez Miaja (1989, tradução nossa⁸¹),

Os dados existentes na literatura científica, onde até agora, a documentação encontrada nas suas principais fontes, já não são suficientes. Os dados solicitados, por um lado, não são publicados em revistas especializadas e, por outro, devem ser elaborados de forma diferente consoante a quem se destinam, visto que não são solicitados apenas por cientistas ou técnicos, mas, cada vez em maior medida, políticos, gerentes, industriais, economistas, etc. eles são usuários dessas informações, enquanto geram outras igualmente necessárias para cientistas e técnicos. Isso significa que, junto com o conceito de documentação, surge o de informação, com caráter dinâmico e ativo.

A Ciência da Informação começou nos Estados Unidos em seu caminho para a investigação básica em que os problemas que surgiram em outros campos da ciência são reconhecidos e vários métodos foram desenvolvidos e integrados para o grande volume de dados e informações produzidos no contexto da Segunda Guerra Mundial e mais tarde no decorrer da Guerra Fria (MÉNDEZ MIAJA, 1989, não paginado, tradução nossa⁸²).

Antes de falarmos sobre a sua constituição, discutiremos o seu objeto de estudo, a informação registrada, materializada e socializada para a geração de conhecimento e acesso futuro por meio dos dispositivos físicos, eletrônicos ou

⁸¹ A partir de la segunda guerra mundial, surge una nueva orientación en el proceso de la comunicación, que se caracteriza por una mayor amplitud de los círculos que precisan de la información y de los materiales objeto de comunicación. Ya no son suficientes los datos existentes en la literatura científica, donde hasta ahora, la documentación encontraba sus fuentes principales. Los datos que se solicitan, de una parte no están publicados en las revistas especializadas y, de la otra, han de ser elaborados de manera diferente según a quién vayan dirigidos, pues no son solicitados solamente por científicos o técnicos, sino que, cada vez en mayor medida los políticos, gestores de dirección, industriales, economistas, etc. son usuarios de esa información, al tiempo que generan otra igualmente necesaria a científicos y técnicos. Ello lleva consigo que, junto al concepto de documentación aparezca el de información, con un carácter dinámico y activo (MÉNDEZ MIAJA, 1989).

⁸² Atrás quedan las etapas de definición y estructura de los sistemas de información, la determinación de las funciones de estos sistemas, la experimentación con nuevas técnicas de procesado de la información o la instalación de servicios de información automatizados. La Information Science, ha iniciado en EE.UU. su camino hacia una investigación básica en la que se reconocen problemas que han surgido en otros campos de la ciencia y se integran diversos métodos para resolverlos (MÉNDEZ MIAJA, 1989).

híbridos. Devemos ressaltar o grande avanço tecnológico⁸³ promovido nas últimas décadas, em termos de tecnologias da informação e comunicação, como: a miniaturização de inúmeros dispositivos tecnológicos, como os aparelhos celulares, computadores pessoais, o surgimento de suportes de grandes capacidades para armazenamentos de dados, assim como a capacidade desses dispositivos acumularem dados e informações de maneira remota, ou em nuvem (*cloud computing*).

Dentre vários fatores econômicos e científicos, podemos citar que a evolução tecnológica está associada a um elemento primordial, ou seja, a informação registrada em um determinado suporte informacional. Nesse sentido, conforme aponta Targino (1995), somos tomados por informações advindas de todos os lados e meios de transmissão, como livros, revistas, internet, jornal físico e eletrônico, bem como de outras plataformas, independentemente de seu suporte. Nesse sentido, é importante que todos esses dados e informações sejam tratados, organizados, classificados, representados e comunicados para um acesso futuro por intermédio de dispositivos tecnológicos.

Le Coadic (1996), destaca que em relação ao surgimento da Ciência da Informação e o seu objeto, o autor entende que esse campo científico tem uma origem anglo-saxônica. O seu objeto de estudo é a informação gerada em instituições culturais, como as bibliotecas, sejam públicas, particulares, universitárias, especializadas, sejam comunitárias. A informação tem o seu potencial transformador para o desenvolvimento do indivíduo na sociedade enquanto um sujeito capaz de produzir conhecimento e contribuir para mudanças sociais.

Já para Rendón Rojas (2012), o objeto de estudo da Ciência da Informação é complexo, podendo ser definido como um fenômeno informativo documental de maneira estática, ou informação documental em sua compreensão dinâmica. Nessa perspectiva, para Freire e Araújo (1999), é importante que a Ciência da Informação tenha proximidade com o seu objeto de estudo, partindo do pressuposto de que a informação é o encontro da mensagem com o seu receptor, desse modo, o conhecimento será produzido, organizado, representado, comunicado e socializado.

⁸³Esse aceleração tecnológica é fator primordial para o avanço da Ciência da Informação pode ser analisado por Le Coadic (1996), “porém o desenvolvimento tecnológico mais importante, que anunciava o nascimento da Ciência da Informação, foi, sem dúvida, o cartão perfurado IBM, utilizado para analisar o conteúdo dos documentos e extrair a informação que continham”.

Em alguns casos, a informação acaba sendo associada a inúmeros conceitos, como: **comunicação, mensagem, conhecimento, ideia, significado e dado**. Porém, conforme aponta Norton (2000, grifo nosso, tradução nossa⁸⁴), em determinados aspectos, nem sempre a informação é produtora de conhecimento. Para Wilson (2002), e na ótica de Lima e Alvares (2012, p. 25),

Nem toda informação existente em um documento vai se transformar em conhecimento, pois quem aprende precisa ter os elementos fundamentais para a decodificação da informação, ou seja, fazer a correlação dessa informação com as estruturas mentais e conhecimentos correlatos mínimos que possibilita o entendimento e, se for o caso, a geração de novos conhecimentos.

Desse modo, com relação ao conhecimento, segundo Barreto (2002), este pode ser sistematizado por intermédio de estruturas cognitivas mediante a assimilação do indivíduo por parte da informação. O autor entende que o ato de conhecer está associado à interpretação individual do sujeito. Assim, o ato de se apropriar da informação, em muitos casos, não garante que o sujeito terá acesso ao conhecimento. Logo, com base no autor, entende-se que informação e sujeito são fatores imprescindíveis para que o conhecimento possa ser processado e gerado.

Retomando a noção de informação, de acordo com Capurro e Hjørland (2007, p. 155), “devemos considerar os dois contextos básicos nos quais o termo informação é usado: o ato de moldar a mente e o ato de comunicar conhecimento”. Na concepção dos autores, existem dois pilares que caracterizam a informação, quer dizer, moldar a mente do indivíduo, e, sobretudo, a comunicação e disseminação do conhecimento.

Segundo Le Coadic (1996, p. 2) “usar a informação é trabalhar com a matéria informação para obter um efeito que satisfaça a uma necessidade de informação”. Assim, o campo da Ciência da Informação tem como objeto de estudo a informação, entendendo-a como algo que reduz a incerteza no indivíduo. Assim, Kobashi e Tálamo (2003, p. 9) apontam que a informação se constitui como um dos fundamentos primordiais na compreensão dos processos, sejam os aspectos sociais, filosóficos, humanísticos e culturais.

Sobre a ideia de informação como um fenômeno que reduz a incerteza do indivíduo, Freire e Araújo (1999, p. 8) comentam que “para além das necessidades do sistema produtivo, todos temos direito à informação que possa diminuir nossa

⁸⁴Sometimes information provides fuel for knowledge, and vice versa, but do not think they are one and the same (NORTON, 2000).

incerteza diante do meio ambiente, uma informação que subsidie nossa ação no mundo”. Nessa perspectiva, com base nos autores, a informação se configura como um direito do cidadão, em que ele tem a autonomia de reduzir a sua incerteza, sobretudo no que se refere à informação pública⁸⁵, melhor dizendo, aquela produzida pelo poder público (Estado).

Conforme aponta Pignatari (2008), sobre o estado de incerteza ou dúvida e a busca de informação pelo indivíduo, devemos pensar que o conceito de informação está ligada à ideia de seleção e escolha e pode ser entendida a partir da quantidade que ela representa para o indivíduo ou para um determinado sistema de informação e comunicação. O autor defende que só existe informação onde houver o estado de dúvida. Seguindo essa premissa, a informação está associada também a noção de surpresa, melhor dizendo, algo inesperado, aquilo que possui determinada originalidade, quanto menor for previsível uma determinada mensagem ou ideia, a informação será bem mais requisitada em um sistema de informação (PIGNATARI, 2008).

Na concepção de Barreto (2002, p. 70),

Como elemento organizador, a informação referencia o homem a seu destino; desde antes de seu nascimento, com sua identidade genética, e durante sua existência pela capacidade em relacionar suas memórias do passado com uma perspectiva de futuro e assim estabelecer diretrizes para realizar sua aventura individual no espaço e no tempo.

No que argumentam Freire e Araújo (1999), a informação é muito mais do que um simples aspecto matemático, ela também está no campo filosófico, tendo em vista o seu potencial de criar, organizar e classificar as coisas existentes no mundo.

Sobre o uso da informação, de acordo com Cunha e Cavalcanti (2008, p. 201), “com a informação podem-se realizar diversas operações, tais como: criação, transmissão, armazenamento, recuperação, recepção, cópia (em diferentes formas), processamento e destruição”. Partindo dessa premissa, o uso da informação está ligado a determinados processos e depende do contexto onde está inserida. Por exemplo, com base em Cunha e Cavalcanti (2008), no âmbito da gestão é preciso ressaltar que todas as atividades realizadas no cotidiano de uma determinada instituição, sendo ela pública ou privada, dependerá de dados e informações, por meio de gráficos, ações de mercados, organogramas, fluxogramas, relatórios, planilhas, pesquisas de mercados, entre outros registros. A informação é

⁸⁵ Por exemplo: Lei de Acesso à Informação (12.527/2011).

considerada como matéria-prima para a tomada de decisão, isto é, ela se torna uma grande aliada das atividades e processos administrativos e contribui no aprimoramento das instituições.

Na concepção de Capurro (1991, tradução nossa⁸⁶), informação é a articulação de uma compreensão pragmática anterior de um mundo comum compartilhado. Essa compreensão prévia, ou pré-compreensão, permanece em grande parte tácita, mesmo quando a articulamos na forma verbal ou registrada, simplesmente porque, dado nosso ser finito, nunca podemos torná-la totalmente explícita. Assim, a informação não é tomada apenas como uma ideia mentalista, ou seja, apenas relacionada à mente, mas expressa uma característica de nosso modo pragmático de ser, por meio de processos físicos, metodológicos e práticos. Além do mais, aponta para a dimensão de compartilhar com as outras possibilidades práticas e/ou teóricas tematicamente diferentes de divulgação universal (CAPURRO, 1991, não paginado, tradução nossa⁸⁷).

De acordo com Araújo (2010a, p. 95, grifo nosso), podemos compreender que Capurro traz à tona a ideia de informação como algo associado a conceitos e a intenção de um sujeito de enviar uma mensagem, um código, um conceito, um conhecimento⁸⁸. Dessa maneira, Capurro constrói a ideia e a compreensão do fenômeno informação a partir de três paradigmas⁸⁹ existentes no campo da Ciência da informação, isto é, no sentido **físico, cognitivo e social**.

⁸⁶ Information is, more precisely, the articulation of a prior pragmatic understanding of a common shared world. This prior understanding, or pre-understanding, remains to a great extent tacit even when we articulate it in spoken or written form just because, given our finite being, we can never make it fully explicit (CAPURRO, 1991).

⁸⁷ Thus, information is neither a mentalistic nor just a mind-related concept but expresses a characteristic of our pragmatic way of being. It points to the dimension of sharing with others thematically different practical and/or theoretical possibilities of world disclosure (CAPURRO, 1991).

⁸⁸ Em outras palavras, o conhecimento é um corpo sistemático de informações adquiridas e organizadas, que permite ao indivíduo compreender a natureza, de sorte que é através da compreensão que o ser humano transmuta informação em conhecimento. Este, por sua vez, ocupa dois planos básicos e não excludentes. Como a própria denominação sugere, o conhecimento pessoal é restrito ao indivíduo, enquanto o social ou público, no qual insere-se o saber científico, está disponível à coletividade, registrando-se, ainda, o conhecimento semi-social, sem grande alcance coletivo (TARGINO, 1995).

⁸⁹ Ressaltamos que o nosso objetivo nesta seção não é o aprofundamento dos paradigmas aludidos por Capurro (2003), mas sim mencionarmos que a própria ideia de informação e de Ciência da Informação estão ligadas aos paradigmas, que também encontram bases epistemológicas e metodológicas no filósofo da Ciência Thomas Kuhn.

Capurro (1991, não paginado, tradução nossa⁹⁰), orienta que a ciência da informação deve investigar primariamente o universo da informação em si mesma, ou seja, contribuir para a análise e construção dela. A informação tem o mesmo status ontológico que as leis da lógica no que diz respeito à descrição psicológica ou biológica do processo de pensamento. Resta o problema da relação entre este mundo e o mundo do sujeito que conhece. Esse é um problema semelhante ao apresentado pelo paradigma de representação. Em sua versão materialista, a Ciência da Informação estuda as informações na medida em que são materializadas em portadores fora do cérebro, na forma de documentos ou de seus substitutos eletrônicos.

Entende-se que a problemática da Ciência da Informação está inserida na discussão a respeito da constituição do seu objeto de estudo (informação), a partir da relação com outras áreas do conhecimento (SARACEVIC, 1995). Em relação à Ciência da informação, imaginamos que haja uma explicação para a definição dos conceitos, objeto de estudo e métodos adotados para o desenvolvimento de estudos teóricos e práticos, contribuindo no avanço da ciência. Dessa maneira, é necessário investigar os principais fatores teóricos, metodológicos e epistemológicos que contribuíram na relação da Ciência da Informação com outras áreas, além do mais, faz-se necessário examinar a contribuição desse campo aos outros campos de investigação.

Nesse sentido, Saracevic (1995, grifo nosso, tradução nossa⁹¹), entende que a Ciência da Informação está concentrada sobre a interdisciplinaridade com quatro campos principais: a **Biblioteconomia, Ciência da Computação, Ciências Cognitivas e a Ciência da Comunicação**.

Para Smit (2009, grifo nosso) a Ciência da Informação se manifesta por meio de termos e conceitos de uma infinidade de áreas do conhecimento, nas quais busca fundamentação para os seus estudos teóricos e aplicados, principalmente a

⁹⁰ Information science is supposed to study primarily the *world of information in itself*, i.e., to contribute to the analysis and construction of it. Information has the same ontological status as the laws of logic with regard to the psychological or biological description of the process of thinking. There remains the problem of the relationship between this *world* and the world of the knowing subject. This is a problem similar to the one posed by the representation paradigm. In its *materialistic* version, information science studies information as far as it is materialized in carriers outside the brain, in the form of documents or of their electronic surrogates. The *idealistic* version considers information as an objective but non-material entity (CAPURRO, 1991).

⁹¹ I will concentrate on interdisciplinary relations with four fields: librarianship, computer science, cognitive science, and communication. Obviously, other fields have also interdisciplinary relations, but these are the most significant and developed ones (SARACEVIC, 1995).

Informática (Recuperação da Informação), **Administração** (Gestão da Informação e do Conhecimento), **Linguística** (Terminologia, Taxonomias, Tesouros, Linguagens Documentárias, Semiótica Discursiva), **Comunicação** (Difusão, Disseminação da Informação), **Ciências Cognitivas** (Estudos de Usuários, Comportamento Informacional), **Educação** (Alfabetização Informacional, Educação em Ciência da Informação) e **Filosofia** (Ontologias, Semiótica). Lembrando que existem outras áreas que também contribuíram no estabelecimento e na legitimidade da Ciência da Informação como um campo científico e social, porém, o intuito deste trabalho é não esgotar o assunto sobre o tema.

No entendimento de Mostafá (2009), a Ciência da Informação está posicionada sob a égide das Ciências Sociais Aplicadas, sendo resguardada por disciplinas como a administração, ciências econômicas e ciências da comunicação. Dessa forma, Zandonade (2003) aludiu que essa premissa havia sido entendida também por Jesse Shera, embora o mesmo Shera (1968) já destacava que esse campo é oriundo das humanidades.

Diante dessas inúmeras influências, poderíamos questionar: Qual é a identidade da Ciência da informação? Quais são as suas raízes históricas e sociais? De onde vêm as suas influências teóricas, epistemológicas e metodológicas? Até onde ela pretende chegar? Infelizmente, nesta dissertação não será possível avançarmos nessas questões de maneira profunda e mais detalhada, porém apresentaremos um panorama geral dos principais pontos de convergências desse campo científico com outros campos.

Para ilustrarmos um bom exemplo de apropriação de outras áreas pela Ciência da Informação, podemos citar o conceito de entropia⁹² que é uma ideia proveniente da Física, e o seu advento na Ciência da Informação se deu a partir dos estudos dos matemáticos estadunidenses Claude Shannon (1916-2001) e Warren Weaver (1894-1978).

Sobre o seu aspecto social, com relação a esse campo,

⁹²Na teoria da informação (v.), a partir das obras de Shannon e Weaver, utilizou-se o conceito de E. para medir a falta de informação sobre os detalhes da natureza de um sistema. Como a E. é constituída pela equivalência entre as possibilidades de desenvolvimento de um sistema, a informação, ao eliminar algumas dessas possibilidades, é uma E. negativa. Estabelece-se, assim, a equivalência entre E. e falta de informação e entre informação e E. negativa. Mas como, na transmissão de qualquer informação, tem-se uma perda de informação, admite-se que, assim como nos sistemas físicos, a E. tende a crescer também no campo da informação; por isso, a medida da informação pode ser definida pelo crescimento correspondente da E. negativa (ABBAGNANO, 2007).

A Ciência da Informação, com a preocupação de esclarecer um problema social concreto, o da informação, e voltada para o ser social que procura informação, coloca-se no campo das ciências sociais (das ciências do homem e da sociedade), que são o meio principal de acesso a uma compreensão do social e do cultural (LE COADIC, 1996, p. 20).

Com relação ao seu caráter social, Araújo (2003) aponta que no sentido técnico, e na classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), do ponto de vista institucional e governamental, a Ciência da Informação é vista como uma Ciência Social Aplicada. Sendo assim, nessa óptica, ela é vista como uma área do conhecimento, e não como um campo profissional preocupado com os seus usuários nem com o aspecto social.

Em meio a diversas teorias a respeito da origem deste campo, procuramos destacar os argumentos mais convincentes a respeito da temática, alguns autores sustentam que o surgimento da Ciência da Informação tem a sua origem na área da Documentação. Será que essa premissa é um consenso? Para respondermos a essa questão, analisaremos de maneira teórica os principais elementos que constituem o referido campo científico.

Nesse sentido, autores como Freire e Silva (2012) declaram que “Paul Otlet (1868-1944) é o pioneiro da Ciência da Informação, pois é possível identificar uma forte relação entre seus principais discursos”. No entendimento de Pando (2018, p. 78, grifo nosso), os discursos mais elementares de Otlet estão relacionados a três níveis muito bem delimitados: o primeiro, o **acesso à informação**; o segundo, às **expressões técnicas** e; por último, a **estruturação de condições** para que as informações pudessem ser extraídas do documento.

A partir da declaração de Freire e Silva (2012), em Paul Otlet podemos verificar que há uma forte influência na elaboração dos principais conceitos da Ciência da Informação, sobretudo aqueles relacionados aos documentos no contexto europeu.

De acordo com Norton (2000, tradução nossa⁹³), Otlet criou uma forma ou um método que representasse todos os materiais impressos em cartões, em que eles poderiam ser categorizados, hierarquizados e agrupados para o entendimento dos relacionamentos envolvidos. Com fundamento na visão de Norton (2000), Otlet apresenta a noção de suporte informacional, porém, antes de entrarmos nesses

⁹³He envisioned a method representing subject contents of printed material on cards, which could be grouped to simulate the relationships involved (NORTON, 2000).

detalhes, é salutar destacar alguns aspectos da Ciência da Informação em outro contexto, sobretudo, fora dos Estados Unidos, melhor dizendo, no continente europeu.

Com relação à origem da Ciência da Informação no contexto europeu, segundo Rabello (2012, p. 12), Otlet foi pioneiro na área, que em determinado momento foi “destacando-se ao incentivar as ideias e práticas profissionais de sua época e ao originar e encadear associações profissionais voltadas, igualmente, à pesquisa e à propagação do conhecimento”. Nesse sentido, Le Coadic (1996) ressalta a criação do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB) por Paul Otlet, e logo depois, a fundação da Federação Internacional de Documento (FID).

Para Araújo (2014), Paul Otlet e seu amigo Henri La Fontaine tinham como objetivo organizar, classificar, armazenar e socializar todo o conhecimento produzido pela humanidade, como algo similar a uma enciclopédia, o que mais tarde eles chamaram de Repertório Bibliográfico Universal (RBU). Em outro momento, Araujo (2018), destaca que essa ideia estava associada à organização de um evento denominado de Primeira Conferência Internacional de Bibliografia, no final do século XIX, e logo criaram o Instituto Internacional de Bibliografia.

Já nesta época, segundo Brasileiro, Loureiro e Freire (2015), Otlet, em parceria com La Fontaine, estavam preocupados com a universalização do conhecimento humano, isto é, com a disponibilização em rede da informação registrada nos diversos suportes documentais (livros, relatórios científicos, filmes, microfilmes, fotografias, rádios, desenhos industriais, etc.) e armazenada nos tradicionais centros de informação (arquivos, bibliotecas, centros de informação e documentação, museus, etc.), para todos os países do mundo. Para tanto, eles criaram, com base na Classificação Decimal de Dewey (CDD), o Repertório Bibliográfico Universal que, em síntese, constituía um imenso catálogo atualizado, composto por uma base de dados em fichas integradas, as quais continham obras referentes a todos os países do mundo.

Mediante as diversas teorias encontradas na literatura da Ciência da Informação, vimos que Otlet exerceu uma grande influência na área. Sendo assim, podemos analisar a constituição da Ciência da Informação no contexto europeu, a partir de uma visão Otletiana. Paul Otlet pode ser considerado um dos pioneiros nos estudos relacionados à Documentação e à Ciência da Informação na Europa.

Nessa continuidade, segundo Smit (2009), a partir de uma visão evolucionista, a Ciência da Informação tem a sua origem na Documentação, sendo que, esta última nasce da Biblioteconomia. A ideia era se tornar uma Biblioteconomia especializada. Porém, Smith (2009) entende que uma determinada parcela da comunidade acadêmica concorda com essa visão evolucionista, porém acredita ser difícil uma ciência se originar de determinadas práticas, partindo de um pressuposto de que uma ciência requer leis, procedimentos científicos e princípios básicos, e não somente práticas profissionais realizadas em uma instituição ou qualquer outro ambiente.

Nesse sentido, Capurro (2007, p. 7), argumenta que

A documentação e, em seguida, a ciência da informação tem a ver, aparentemente, em primeiro lugar com os suportes físicos do conhecimento, mas na realidade sua finalidade é a recuperação da própria informação, ou seja, o conteúdo de tais suportes.

Segundo o estudioso Borko (1968, p. 5), “a Documentação está preocupada em adquirir, armazenar, recuperar e disseminar a informação documentária, principalmente, na forma de relatórios e periódicos literários”. De acordo com Borko (1968), a Documentação, além de ser uma área, tem uma função bem definida, ou seja, atua como um processo que é baseado nas seguintes etapas: aquisição, armazenamento, recuperação e na disseminação da informação, em que são utilizados relatórios analíticos/estatísticos, documentos, periódicos, entre outros suportes.

Nessa perspectiva, destaca-se a ideia de recuperação da informação mencionada por Capurro (2003), de acordo com Gomes (2017, p. 48) “a questão da recuperação da informação, no entanto, embora ainda sem ser nomeada, teria sua origem no século XIX, como os sistemas de indexação no tratamento dado à informação técnica, comercial e científica”. Diante dessa discussão, entende-se que a recuperação exerceu uma forte influência na constituição da Ciência da Informação, em alguns momentos, ela é considerada como uma das pioneiras na ascensão da área, visto que os sistemas de indexação são associados ao tratamento da informação em seu aspecto técnico, empresarial e científico. Essa premissa também foi difundida na tese de doutorado de Tarcísio Zandonade (2003).

Para Norton (2000), com relação ao surgimento da Ciência da Informação, um dos fatores primordiais foi que com a demanda de informação científica no decorrer

da Segunda Guerra Mundial e no combate ao avanço e desenvolvimento militar e tecnológico da Alemanha, Itália e do Japão, as nações do eixo. Em nosso entendimento, essas duas características foram preponderantes para a geração desenfreada de informação e documentos no decorrer das atividades científicas, militares e administrativas provenientes da guerra.

Sobre essa discussão, Saracevic (1996) entende que a Ciência da Informação teve sua origem a partir da Segunda Guerra Mundial, isso se deu também com outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, podemos compreender que o nascimento do campo da Ciência da Informação pode estar ligado à explosão informacional, sendo que esse evento,

Nesse contexto de estímulo à pesquisa científica e tecnológica, desencadeou-se uma explosão informacional, a partir da qual se criou uma demanda para a emergência de um campo preocupado com a recuperação da informação, acesso e uso dessas novas tecnologias, já que a informação ganhou um valor estratégico para os governos. Nascia assim, por volta da década de 60, nos EUA, a Ciência da Informação (SIQUEIRA, 2010, p. 60).

Na concepção de Siqueira (2010), este evento, como podemos observar, aponta que a chamada “explosão informacional” está vinculada à produção de documentos para fins científicos e militares, em que sempre houve a necessidade de se pensar em uma ciência para se organizar a informação e propor procedimentos de tratamento, classificação, indexação, representação da informação e na socialização do conhecimento. Dessa maneira, de acordo com Freire e Silva (2012, p. 3) destacam “o que caracteriza o surgimento da Ciência da Informação é a necessidade de refletir os procedimentos de organização, registro e difusão tendo como centralidade a informação em si e seus fluxos”.

Saracevic (1992, grifo nosso, tradução nossa⁹⁴), entende que a Ciência da Informação tem os seus fundamentos em três aspectos importantes e a caracteriza primeiro como **interdisciplinar** por natureza; segundo, está relacionada com a **tecnologia da informação** e; por último, está envolvida com inúmeros campos do conhecimento, participando deliberadamente da **evolução da informação** na sociedade.

Segundo Saracevic (1996), nos Estados Unidos, em meados dos anos 1950 e 1960, o governo elaborou inúmeras políticas estratégicas para o controle da

⁹⁴First, information science is interdisciplinary in nature; however, the relations with other disciplines are changing. Second, information science is inexorably connected to information technology. Third, information science is, with many other fields, an active and deliberate participant in the evolution of information society (SARACEVIC, 1992).

explosão informacional, no primeiro caso foi na ciência e tecnologia, e logo depois foi ampliado para outras áreas do conhecimento.

Partindo para a noção de interdisciplinaridade⁹⁵, sobre essa ideia, Cunha e Cavalcanti (2008) declaram que ela é a interação existente entre duas ou mais disciplinas e que pode ir da simples comunicação de ideias até a integração mútua dos conceitos dirigentes, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados, da organização da pesquisa e do ensino a eles relacionados.

Assim, pode-se declarar que

É uma ciência interdisciplinar derivada de campos relacionados, tais como a Matemática, Lógica, Linguística, Psicologia, Ciência da Computação, Engenharia da Produção, Artes Gráficas, Comunicação, Biblioteconomia, Administração, e outros campos científicos semelhantes (BORKO, 1968, p. 2).

De acordo com Borko (1968), entendemos que essa união reforça o caráter interdisciplinar da Ciência da Informação com outras áreas do conhecimento. Sendo assim, é inevitável negarmos que a Ciência da Informação não possui influência de outras áreas, sobretudo a de ciências humanas, sociais aplicadas e as voltadas para a tecnologia da informação e comunicação. Associado a essa interdisciplinaridade, está o objeto de estudo da Ciência da Informação, de acordo com o estudioso Le Coadic (1996, p. 2) “usar a informação é trabalhar com a matéria informação para obter um efeito que satisfaça a uma necessidade de informação”. A Ciência da Informação tem como objeto de estudo a informação, algo que reduz a incerteza do indivíduo, levando em consideração que uma sociedade bem informada tende a se desenvolver cultural, científica, tecnológica e socialmente.

Sobre o seu caráter interdisciplinar, Saracevic (1995), corroborado por Martinez-Ávila (2018, p.84, tradução nossa), comenta que a Ciência da Informação é interdisciplinar por natureza, ainda que as inter-relações sejam de natureza dinâmica. Além disso, os referidos autores definem áreas afins, tais como a

⁹⁵Correspondendo a uma nova etapa do desenvolvimento do conhecimento científico e de sua divisão epistemológica, e exigindo que as disciplinas científicas, em seu processo constante e desejável de inter-penetração, fecundam-se cada vez mais reciprocamente, a interdisciplinaridade é um método de pesquisa e de ensino suscetível de fazer com que duas ou mais disciplinas interajam entre si. Esta interação pode ir da simples comunicação das idéias até a integração mútua dos conceitos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa. Ela torna possível a complementaridade dos métodos, dos conceitos, das estruturas e dos axiomas sobre os quais se fundam as diversas práticas científicas (JAPIASSU; MARCONDES, 1989).

Biblioteconomia, Informática (Ciência da Computação), as Ciências Cognitivas e a Comunicação.

Na concepção de Targino (1995, p. 13), a Ciência da Informação é um campo que se relaciona com diversas áreas do conhecimento, como a Linguística, Matemática, Sociologia, Psicologia, Comunicação Social, e principalmente com a Arquivologia, Biblioteconomia, Documentação e podemos incluir a Museologia. Isso também é afirmado por Pinheiro (1998) que defende que a Ciência da Informação possui um estatuto científico, sendo interdisciplinar por natureza, mantendo relações com Biblioteconomia, Ciência da Computação, Ciência Cognitiva, Sociologia da Ciência e Comunicação, entre outras áreas relacionadas à Documentação, Bibliografia e da Recuperação da Informação.

Voltando para a discussão do surgimento da ciência da informação,

Minha tese é que a ciência da informação nasce em meados do século XX com um paradigma físico, questionado por um enfoque cognitivo idealista e individualista, sendo este por sua vez substituído por um paradigma pragmático e social ou, para tomar um famoso conceito [Epistemologia Social] cunhado por Jesse Shera e sua colaboradora Margaret Egan (CAPURRO, 2003, p. 2).

Nas palavras de Capurro (2003), o surgimento da Ciência da Informação se dá em meados do século XX, a partir de um paradigma físico, rebatendo o paradigma cognitivo, idealista e individualista. Inclusive, o autor potencializa o crescimento da área a partir do surgimento da Epistemologia Social de Jesse Shera e Margaret Egan.

Ainda, em relação à origem da Ciência da Informação, de acordo com Capurro (2003, p. 5, grifo próprio), a Ciência da Informação tem duas raízes: uma é a **biblioteconomia clássica**, ou seja, o estudo dos problemas relacionados com a transmissão de mensagens, e sendo a outra relacionada à **computação digital**. A partir dessa declaração, podemos interpretar que no primeiro aspecto, ela está associada a questões de processos, registros documentais e às atividades desempenhadas nas bibliotecas (indexação, catalogação, restauração, conservação, etc). No segundo caso, ela está associada a elementos de automatização e recuperação da informação em sistemas informatizados (catálogos, bases de dados, entre outros).

A respeito do surgimento da Ciência da Informação, segundo Buckland (1996, p. 63, tradução própria⁹⁶) o aspecto “técnico e tecnológico foi uma característica vital da biblioteconomia na segunda metade do século XIX, período de formação da biblioteconomia nos EUA”. De acordo com o autor, as características técnicas e tecnológicas foram de vital importância na segunda metade do século XIX, isso contribuiu em algum ponto na formação da Biblioteconomia nos Estados Unidos.

A Biblioteconomia e as bibliotecas são responsáveis por gerenciar e coletar as informações e disponibilizar aos seus usuários. Na concepção de outros autores renomados da área de ciência da informação, como Saracevic,

“[...] a ciência da informação emergiu e cresceu ao lado de outras “disciplinas de comunicação” similares, como cibernética, semântica, teoria da informação, teoria dos jogos, teoria geral dos sistemas, ciência da computação e nova tecnologia em informação (SARACEVIC, 1978, p. 4).

Para Capurro (2003, p. 5) a ciência da informação inicia-se como teoria da recuperação da informação baseada numa epistemologia de caráter fisicista. Na concepção do autor supracitado, dois elementos são de extrema importância para a fundamentação da Ciência da Informação: a recuperação da informação e a epistemologia oriunda da Física (podemos citar a teoria matemática da informação de Shannon e Weaver e a criação do Memex por Vannevar Bush.

De acordo com Brookes (1975, tradução nossa⁹⁷), Shannon baseou sua teoria do processo comunicativo em um modelo simples agora amplamente usado no que geralmente se tornou conhecido como teoria da informação. Embora esse modelo tenha servido bem à teoria da informação, é mais apropriado como esquema para processos de informação entre mecanismos do que entre humanos. Ele assume, por exemplo, que a codificação e decodificação dos sinais recebidos são processos exatamente inversos e que todos os sinais “recebidos” têm o mesmo peso e são processados de forma semelhante. Mas isso raramente é satisfeito no discurso humano.

⁹⁶Technical and technological was a vital feature in librarianship in the second half of the 19th century, the formative period for library science in the U.S.A (BUCKLAND, 1996, p. 63).

⁹⁷In the Mathematical Theory of Communication, Shannon based his theory of the communicative process on a simple model now widely used in what has generally become known as information theory. Though this model has served information theory well, it is more appropriate as a schema for information processes between mechanisms than between humans. It assumes, for example, that the coding and decoding of the signals received are exactly inverse processes and that all signals “received” are given equal weight and are similarly processed. But these are rarely satisfied in human discourse (BROOKES, 1975).

De acordo com Brookes (1975), na década de 1950, a Ciência da Informação passou por um processo de inovação, com o advento da recuperação da informação, em que os sistemas competitivos foram estabelecidos, inúmeras conferências, eventos, debates, criação de periódicos, bem como atividades internacionais e a constituição da literatura da área foram sendo sedimentados. Esse processo formativo contribuiu no estabelecimento da Ciência da Informação como um corpus científico e como área do conhecimento e, além de tudo, ela passou a ser denominada como uma disciplina científica.

Ainda, de acordo com Buckland e Liu (1995, p. 385, tradução nossa⁹⁸), “Nesse campo, a partir de 1960, foram adotadas as frases ‘ciência da informação’ e ‘recuperação de informação’, substituindo amplamente o termo antigo ‘documentação’”. Nas palavras de Buckland e Liu (1995), os conceitos de Ciência da Informação e Recuperação da Informação estão associados à década de 1960, ano em que passou a ter a denominação de Ciência da Informação. Antes, o termo era conhecido como documentação. Entende-se que essas novas terminologias adotadas possam ser consideradas como sinônimos.

Assim, de maneira reflexiva e teórica foi realizada uma análise acerca da Ciência da Informação no seu aspecto social e vimos como esse campo tem o seu surgimento a partir de necessidades práticas voltadas para a produção, classificação, organização e o tratamento da informação. Inicialmente, vimos que a Ciência da Informação tinha como objetivo principal dar conta de todas as informações e documentos que eram produzidos no decorrer da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) por meio de relatórios e documentos estratégicos. Isso quer dizer que na época as instituições passavam por uma espécie de caos informacional, tendo em vista que as técnicas e os métodos de organização da informação eram escassos e bastante rudimentares comparado com os atuais, isso fez contribuir para que o campo da Ciência da Informação pudesse se desenvolver no sentido de elaborar novos instrumentos que dessem conta de toda informação que era produzida pelas instituições, principalmente as militares que forneciam subsídios informacionais, bélicos, administrativos e relatórios de ordens econômicas para o exército norte-americano e aliados.

⁹⁸Within this field, from about 1960 the phrases "information science" and "information retrieval" were adopted, largely replacing the older term "documentation" (BUCKLAND; LIU, 1995, p. 385).

No primeiro momento, a Ciência da Informação teve o seu desenvolvimento baseado na tecnologia e recuperação da informação, isto é, a influência da computação foi determinante para que ela pudesse se solidificar como um campo comprometido com o desenvolvimento e a evolução dos dispositivos que armazenam dados e recuperam informações de maneira rápida, democrática e eficaz. Porém, ela deixava muito a desejar no que se refere ao aspecto social, ou seja, a sua preocupação com a forma e os meios de acesso à informação por parte de seus usuários, sobretudo aqueles inseridos em um paradigma sociocultural. Sobre isso, poderíamos compreender que naquela época havia poucos estudos relacionados à temática “estudos de usuários na Ciência da Informação”. E que nesse sentido, o projeto de Epistemologia Social desenhado por Shera e Egan na década de 1950, pode ser considerado um aspecto importante para se aprofundar as análises sociais e culturais no campo da Ciência da Informação.

Com referência ao seu aspecto enquanto uma ciência social, Santos (2010, p. 70) defende que a principal justificativa da Ciência da Informação ser uma ciência social, está amplamente relacionada ao seu objeto de estudo. Ou seja, a informação que tem a capacidade de envolver todos os elementos sociais, culturais, significados, econômicos e humanísticos do indivíduo com a natureza e a sociedade, e também, é ela quem envolve os estudos voltados para o papel da informação e do conhecimento, a partir de sua função social.

Complementando essa ideia, Santos (2010), compreende que a Ciência da Informação está inserida em um espaço social voltado para a construção do conhecimento na sociedade, acreditando que o próprio campo é uma construção social, onde os seus agentes sociais (arquivistas, bibliotecários, documentalistas, museólogos, pesquisadores, indivíduos, instituições e a sociedade como um todo) são responsáveis pela produção, organização, representação e pela socialização do conhecimento.

No que se refere ao seu aspecto social, Garcia, Targino e Dantas (2012), salientam que consensualmente, a Ciência da Informação é aceita como ciência essencialmente social, resultante do processo de evolução da Biblioteconomia e da Documentação, configurando-se como o conjunto de conhecimentos relativos à origem, coleta, organização, ao armazenamento, à recuperação, interpretação, transferência, transformação e utilização da informação. Refere-se ao ciclo informacional em sua totalidade e, assim sendo, constitui campo de saber

interdisciplinar, haja vista que seu objeto de estudo, a informação, está presente em todos os campos do conhecimento humano (Física, Biologia, Medicina, Computação, Engenharia), qualquer que seja o suporte físico e o meio em que circule (canal e meio de transmissão).

Conforme explicam Garcia, Targino e Dantas (2012), em sua condição de ciência social, uma vez que possui a função precípua de suprir as demandas informacionais dos indivíduos, a Ciência da Informação investiga problemas, explora temas relacionados ao fenômeno informacional e comunicacional acessível e que seja compreensível, por meio da confirmação ou não das propriedades inferidas na gênese da organização, do fluxo e do comportamento informacionais dos usuários.

A Ciência da Informação não tem uma única e bem delimitada origem, sendo construída sobre um conjunto de práticas, teorias, epistemologias e escolas diversas. No entendimento de Abdalla e Kobashi (2012, grifo nosso), contudo, é possível identificar princípios que separam importantes vertentes, tais como a Biblioteconomia e Documentação (Europa) ou a abordagem proveniente dos EUA, país que popularizou o uso do termo **Information Science**. Ao se observar as suas especificidades, fica claro que, embora apresentem diferenças, convergem para um ponto em comum, a centralidade dos processos de organização da informação e do conhecimento, contido em documentos (registros gráficos), para fins de comunicação, acesso e apropriação social.

Agora cumpre fazermos algumas considerações sobre os paradigmas da Ciência da Informação. A noção de paradigma é fundamental para se compreender as tendências de estudos da Ciência da Informação, assim como na continuidade do presente estudo relacionado à Epistemologia Social e à Organização do Conhecimento enquanto teorias elementares desse campo científico.

Vega Almeida (2010, tradução nossa⁹⁹), destaca que a primeira metade do século XX apresenta-se também como um período crítico, de incerteza e instabilidade que atinge todas as esferas sociais, consequência inevitável da ordem econômica e política mundial, responsável pela distribuição desigual dos recursos, a globalização, o fator econômico e tecnológico neoliberal, conflitos de guerra, a

⁹⁹ La década finisecular y la primera mitad del siglo XXI, también se presenta como un período crítico, de incertidumbre e inestabilidad que afecta todas las esferas sociales, consecuencia inevitable del orden económico y político mundial, responsable de la inequitativa distribución de los recursos, la globalización económica neoliberal y, la tecnológica, los conflictos bélicos, la destrucción progresiva del entorno ecológico, y una cultura intelectual y ética absorbida por el individualismo (VEGA ALMEIDA, 2010).

destruição progressiva do meio ambiente ecológico e uma cultura intelectual e ética absorvida pela cultura do individualismo.

Indubitavelmente, é impossível não declararmos que os paradigmas são modelos condicionantes para o desenvolvimento de um campo científico, nesse sentido, a Ciência da Informação é um campo que está demarcado¹⁰⁰ e consolidado em três paradigmas: o físico (por meio de uma abordagem tradicional), cognitivo (a partir de uma abordagem alternativa) e o social (mediante uma abordagem sociocultural), sendo esta última o foco desta dissertação.

Em relação à noção de paradigmas científicos na Ciência da Informação, temos a figura de Bernd Frohmann, conforme explica Capurro (2007, tradução nossa¹⁰¹), esse pesquisador da informação tinha uma crítica bem específica sobre a transição do paradigma cognitivo para o social, que considera o paradigma cognitivo não só algo idealista, mas também um modelo antissocial, isto é, que exclui os indivíduos do processo de produção e na socialização da informação para a sua comunidade ou para o cotidiano.

Além de Frohmann, no âmbito da Ciência da Informação, Moreno-Jiménez (2008, tradução nossa¹⁰²) destaca o papel fundamental dos cientistas da informação e pesquisadores Birger Hjørland e Hanne Albrechtsen, ambos concebem a ideia de paradigma sócio epistemológico (paradigma social) baseado em uma análise de domínio, partindo de um pressuposto de que a perspectiva individualista do sujeito aplicada ao seu contexto social poderá influenciar no sentido que é atribuída à informação em sua comunidade.

Lenzi e Brambila (2006) recordam o fato de que ainda somos influenciados por conceitos, métodos e pensamentos que hoje não são mais apropriados e adequados à complexidade do mundo atual, onde se acarretou uma quebra de paradigmas, necessitando de novas teorias e novos instrumentos que nos auxiliam na interpretação e na conceituação de novos saberes e práticas.

Nesse sentido, novos paradigmas são fontes de métodos, áreas problemáticas e padrões de solução e sua aceitação precisa ser redefinida à ciência

¹⁰⁰Expressão utilizada por Thomas Khun.

¹⁰¹Es esta visión reductiva la que critica Bernd Frohmann quien considera al paradigma cognitivo no sólo como idealista sino también asocial (CAPURRO, 2007).

¹⁰² En particular, Hjørland y Albrechtsen, han desarrollado un paradigma socio-epistemológico, denominado “análisis de dominio”, que trata de integrar la perspectiva individualista al contexto social en que cada comunidad confiere sentido a la información MORENO-JIMÉNEZ, 2008).

correspondente, dando forma à vida científica e causando mudanças conceituais de mundo (LENZI; BRAMBILA, 2006).

Porém, antes de entrarmos no paradigma social propriamente dito, é necessário apresentarmos alguns conceitos acerca de paradigma¹⁰³, já que Japiassu e Marcondes (1989, p. 266) apontam que um paradigma é um modelo ou um exemplo, que foi analisado, popularizado e utilizado pelo físico e filósofo da ciência estadunidense Thomas Samuel Kuhn (1922-1996) no processo de formação e revolução das teorias científicas a fim de proporcionar modelos advindos de tradição coerentes da investigação científica.

Nessa perspectiva, com base em Lenzi e Brambila (2006), em termos gerais, os paradigmas são considerados elementos essenciais na transição de uma teoria para outra (não que uma teoria pretenda anular a anterior), em alguns casos elas se complementam, pois a todo o momento ela recorre ao paradigma anterior para ajustar um procedimento com a finalidade de alcançar um objetivo e atingir a um determinado resultado, seja ele prático, metodológico ou científico.

No entendimento do próprio Kuhn (1970, p. 219), “um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma”. Mais adiante, complementa Kuhn (1970), que um paradigma orienta, em primeiro lugar, não um objeto de investigação, mas um grupo de praticantes da ciência. Além disso, continua o autor, qualquer estudo de pesquisas orientadas por modelo ou que levam à destruição de paradigma, deve iniciar pela localização de uma comunidade ou comunidades responsáveis (KUHN, 1970).

Conforme argumenta Anna (2017), o fato de focar no usuário, na mensagem e na comunicação, o paradigma social tende a ser voltado para os sujeitos nas mais variadas comunidades e grupos sociais, independentemente de suas crenças, religiões, políticas, classes sociais, étnicas, valores morais e éticos. O foco principal é propiciar uma forma legítima de comunicar o conhecimento registrado para os indivíduos, esse processo contribuirá para que a informação possa ser disseminada com mais eficiência e eficácia, fazendo com que uma

¹⁰³**Paradigma:** Paradigm; fr. Paradigme; ai. Paradigma; it. Paradigma). Modelo ou exemplo. Platão empregou essa palavra no primeiro sentido (cf. Tim., 29 b. 48 e, etc), ao considerar como P. o mundo dos seres eternos, do qual o mundo sensível é imagem. Aristóteles utiliza esse termo no segundo significado (An. pr, II, 24, 68 b 38), sobre o que v. EXEMPLO (ABBAGNANO, 2007, p. 742).

comunidade possa ter cada vez mais oportunidade de acesso ao conhecimento, o que muitas vezes só é possível em classes sociais mais abastadas.

Para Ferreira (1995), os estudos dessa natureza começaram a ser desenvolvidos na década de 1980, isso quer dizer que o processo de disseminação da informação deveria ser integrado a um contexto social e cultural, e que a informação só teria sentido se esta fosse adequada à realidade e construída por uma comunidade ou um grupo específico. Coincidentemente, nesse mesmo contexto, algumas décadas anteriores, foram elaborados inúmeros trabalhos que evidenciaram a necessidade de se aprofundar os estudos acerca dos aspectos sociais e culturais no campo da Ciência da Informação, autores como Shera, Egan, Butler, entre outros, deram o pontapé inicial para essas análises.

No âmbito do paradigma social, é importante destacar que os processos de produção, tratamento, organização, representação e promoção da informação só terão sentido se os agentes sociais ou indivíduos estiverem integrados com as unidades de informação. Nesse sentido, entendemos que o papel do bibliotecário é importante para que ele possa ser o mediador da informação entre as bibliotecas e a sociedade. Para isso, com base em Shera e Egan (1952), esse profissional da informação precisa ter o conhecimento da comunidade a qual está representando, pois ele não deve somente ficar à mercê do processamento técnico ou no balcão de referência atuando de maneira passiva, é imprescindível que ele tenha o mínimo de conhecimento da realidade social em que está inserido. Além disso, antes de ser um profissional da informação, ele também é um usuário de produtos intelectuais e registros gráficos oferecidos pelas bibliotecas.

Sobre essa ideia, segundo Tanus (2014), a interação das unidades de informação com a sociedade está atrelada a contextos e diversos ambientes culturais, políticos, econômicos e sociais. No paradigma social, é possível verificarmos que o usuário tem certa autonomia para produzir, organizar e obter acesso à informação que será utilizada por um determinado grupo, fazendo com que essa informação possa se transformar em conhecimento, sendo socializado para uma comunidade, a fim de satisfazer a necessidade informacional daquele determinado grupo.

Além do mais, no entendimento de Tobias e Correia (2019, p. 563), precisamos enfatizar que o paradigma social compreende o lugar em que o sujeito está inserido e direciona a Ciência da Informação para uma abordagem mais voltada

para o significado da informação, bem como nas relações sociais, culturais e discursivas dos indivíduos.

O paradigma social enfoca a recuperação dos elementos subjetivos dos usuários para a definição do desenho dos sistemas de recuperação, considerando sua visão de mundo. A partir dessa concepção, a Ciência da Informação volta-se para um enfoque interpretativo, centrado no significado e no contexto social do usuário e do próprio sistema de recuperação da informação (ALMEIDA *et. al*, 2007, p. 22).

Nesse sentido, a recuperação da informação tem o seu enfoque na necessidade do usuário, isto é, o sujeito informacional é o ator principal deste processo, é preciso levar em consideração a cultura da comunidade, os seus aspectos sociais, filosóficos, sociológicos, linguísticos e antropológicos, isso contribuirá para que o profissional da informação possa auxiliar na elaboração e na sistematização dos Sistemas de Organização do Conhecimento¹⁰⁴ em comunidades que são esquecidas pelo poder público vigente e pelas elites.

Além disso, Araújo (2012, p. 146) chama a atenção e declara que o sujeito não deve ser visto como um indivíduo totalmente excluído, em que ele é analisado de maneira isolada de suas relações sociais em um ambiente sociocultural, partindo da premissa de que esse indivíduo se envolve com o mundo apenas para suprir lacunas de conhecimento daquilo que já possui em sua mente. Isso era muito comum no paradigma cognitivo, em que o usuário não apresentava autonomia para interagir com a produção, organização, classificação e a socialização do conhecimento em sua comunidade. Com base em Araújo (2012), no referido paradigma, a interpretação era em sua maioria subjetiva, em que muitas vezes um conhecimento não representava uma determinada comunidade.

No paradigma social, convergem várias teorias em vigor nas ciências sociais aplicadas e com incidência na Ciência da Informação na década de 1980. Um dos primeiros indícios da existência de um novo olhar neste domínio (do ponto de vista social contextual) foi a crítica devastadora impulsionada deste novo paradigma à hegemonia da abordagem cognitiva, de natureza paradigmática autêntica (LINARES COLUMBIÉ, não paginado, 2010, tradução nossa¹⁰⁵).

¹⁰⁴ Esses sistemas serão aprofundados mais adiante.

¹⁰⁵ En este paradigma confluyen varias teorías vigentes en las ciencias sociales y con incidencia en la ciencia de la información de estos tiempos. Una de las primeras señales de la existencia de una nueva mirada en este dominio (desde una perspectiva social, contextual) lo fue la demoledora crítica

No entendimento de Moreira e Duarte (2016, p. 172), no paradigma social, o usuário não são somente os pesquisadores, cientistas ou engenheiros, além disso, ele congrega indivíduos de inúmeras classes sociais, políticas, econômicas, étnicas, gênero, crenças, linguísticas e culturais.

Ainda, para Moreira e Duarte (2016), esse modelo inclui princípios socioculturais admitindo a relevância e o contato para a elaboração e fundamentação da prática cotidiana e informacional. Nesse sentido, é importante destacar que os usuários inseridos no paradigma social apresentam diversidades em seus mais variados aspectos, a começar por sua maioria apresentar inúmeras limitações, seja em seu sentido psicológico, seja emocional, seja econômico, dentre outros que impossibilitam a inserção dessas condições nos paradigmas anteriores: o físico e o cognitivo.

Isso também pode ser associado à ideia de que somente uma classe social ou científica teria acesso aos paradigmas anteriores, não que o paradigma social contemple todos os indivíduos, mas de alguma forma ele procura minimizar essa discrepância entre as classes sociais e nas relações entre seus usuários (MOREIRA; DUARTE, 2016).

No campo da Ciência da Informação, a partir da reflexão de Maimone e Silveira (2007), as autoras defendem que os paradigmas são representados e baseados no contexto da época e, de certa maneira, poderiam ampliar e fornecer os sistemas de processamentos de informação. Na concepção de Carneiro *et al* (2018), o paradigma social foi responsável pela otimização de pesquisas na Ciência da Informação, partindo de um pressuposto de que era necessário incorporar teorias e novas metodologias para o tratamento da informação enquanto um fenômeno de interesse cultural e social.

Por esse ângulo, podemos compreender que o paradigma social na concepção de Shera, Capurro e Frohmann foi uma tentativa que procurou mudar a maneira como a informação e os seus usuários eram tratados nesse campo científico, pois no paradigma físico e cognitivo, o sujeito informacional/usuário dos sistemas de informação e de organização do conhecimento não tinha a sua representatividade evidenciada e as suas reivindicações não eram totalmente legitimadas, ou seja, eram muito limitadas em relação ao acesso à informação.

propulsada desde este nuevo paradigma a la hegemonía del enfoque cognitivo, de auténtico carácter paradigmático (LINARES COLUMBIÉ, 2010, não paginado).

Em contrapartida, sobre o paradigma físico e cognitivo, Renault e Cabral (2007, p. 11), alertam que

Uma consequência prática desses paradigmas é o abandono da busca de uma linguagem ideal para representar o conhecimento ou de um algoritmo ideal para modelar a recuperação da informação a que aspiram ao paradigma físico e o cognitivo, visto que todo sistema de informação está destinado a sustentar a produção, coleta, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação e uso de conhecimentos e deveria ser concebido no marco de um grupo social concreto e para áreas determinadas.

Com base em Capurro (2003), Araújo (2010) entende que nestes paradigmas não havia uma manifestação muito clara acerca do campo de estudos de usuários. Em nosso entendimento, o autor supracitado procura destacar a escassez de estudos nos paradigmas físico e cognitivo, além do mais, não faz muito sentido, pois os usuários em sua maioria estão inseridos neste paradigma, isso se deve ao fato das unidades de informação estarem mais disponíveis e acessíveis a determinados grupos, partindo de uma premissa de que a informação e o conhecimento são direitos fundamentais para a sobrevivência humana, e também, a informação pode ser considerada um elemento que levará ao desenvolvimento científico, tecnológico, social e cultural de um determinado grupo.

Podemos pensar a informação no paradigma social como um fenômeno de valor social, isto é, apresentando um caráter voltado para as manifestações culturais, linguísticas, sociológicas, antropológicas e políticas, em razão de compreendermos a informação como uma ocorrência que contribui na compreensão do indivíduo enquanto um ser dotado de autonomia para produzir e interagir com a informação por ele produzida, ou por uma determinada comunidade, nessa perspectiva, entende-se que a Ciência da Informação necessita de bases epistemológicas e sociológicas para a compreensão de seu objeto de estudo, isto é, a informação registrada, materializada e socializada para um acesso futuro (DAL'EVEDOVE, 2014).

Os paradigmas (físico, cognitivo e social¹⁰⁶) não devem ser tomados como modelos excludentes entre si, na realidade. Para Manocchi (2006, p. 33), ele subsiste até que outro venha a resolver o problema do paradigma vigente. Precisamos lembrar que eles se complementam, como já defendia Kuhn (1978),

¹⁰⁶ Modelos apresentados na Ciência da Informação por Rafael Capurro, em seu célebre artigo sobre Epistemologia e Ciência da Informação (2003).

assim, os usuários perpassam por todos esses períodos, cada qual com a sua especificidade, pois devemos levar em consideração que os paradigmas foram implementados em diferentes contextos nos estudos em Ciência da Informação.

Nesse sentido, com base no Manocchi (2006) e Kuhn (1978), o paradigma social é aquele que mais está ligado aos estudos das abordagens socioculturais, tendo em vista que esse modelo social é o que mais se aproxima dos estudos em comunidades “marginalizadas” e leva em consideração o sujeito informacional em seu aspecto social, ideológico e cultural.

Além disso, conforme aponta Manocchi (2006), os paradigmas são elaborados como indicadores para futuros investigadores, epistemólogos, filósofos e pesquisadores, na medida em que eles oferecem dilemas, técnicas, saberes, metodologias e métodos seguros de um campo de pesquisa. Isso faz com que a pesquisa não fique estagnada, visto que um paradigma atrai uma comunidade de pesquisadores para que eles possam resolver os seus problemas de caráter metodológico e científico. No contexto social, a Ciência da Informação de alguma forma poderá se valer dos paradigmas para elaborar estudos teóricos e aplicados relacionados a usuários. Exemplo disso são os estudos de usuários em suas comunidades, isto é, nos locais onde eles se sentem mais representados.

Em nosso entendimento, e com base na teoria de Kuhn (1978), os paradigmas não são analisados como soluções para os impasses científicos, pois eles também costumam falhar, porém, devemos compreender que os modelos paradigmáticos provocam determinadas revoluções nas ciências. No caso da Ciência da Informação, a partir das análises de Capurro (2003) e depois amplamente divulgado em estudos por Araújo (2010), podemos destacar a transição dos paradigmas que sedimentam este campo científico voltado para a produção, organização, tratamento, representação e na socialização da informação por meio de registros gráficos.

A seguir, analisaremos a abordagem sociocultural, vinculada diretamente ao paradigma social no campo da Ciência da Informação.

No contexto da abordagem sociocultural, de acordo com Tanus (2014, p. 155), os usuários passaram por inúmeras transformações no decorrer de sua formação, a princípio, pela abordagem no sentido tradicional ou positivista, que estava centrada no comportamento informacional. Os aspectos empíricos, culturais, ideológicos, políticos e linguísticos são considerados elementos fundamentais e que

caracterizam uma comunidade informacional dentro de seu contexto de vida e manifestação.

Sobre essa abordagem, de acordo com Ribas e Moura (2006, p. 130), em termos gerais, a abordagem sociocultural busca enfatizar que a atividade humana é mediada e nela tem sido investigado o desenvolvimento humano dentro das práticas culturais das comunidades, que supõem o uso de diferentes formas de mediação da informação e comunicação do conhecimento.

Na concepção dos autores supracitados, podemos entender que o usuário possui um protagonismo em relação à produção do conhecimento, por isso a identidade cultural de uma comunidade deve ser levada em consideração, principalmente na elaboração e sistematização dos Sistemas de Organização e Representação do Conhecimento, visto que o conhecimento produzido por essa comunidade é permeado por valores sociais, culturais, ideológicos, políticos, religiosos, entre outros fatores que caracterizam esses grupos (RIBAS; MOURA, 2006).

De acordo com Tanus (2014), no sentido histórico, a abordagem sociocultural comumente pode ser associada a uma abordagem crítica dos estudos de usuários, pois ao longo da história, essa proximidade tinha relação com o materialismo histórico de pensadores da Sociologia, como Karl Marx e Friedrich Engels, tendo como aspecto fundamental o ambiente histórico e a coletividade dos seres humanos.

De modo geral, conforme apontam Ribas e Moura (2006, p. 130), a abordagem sociocultural defende que a atividade humana é mediada e o desenvolvimento humano é analisado dentro das práticas culturais das comunidades/grupos. O ato de organizar, classificar e mediar é de grande importância na disseminação do conhecimento entre um determinado grupo.

Nessa perspectiva, no contexto da Ciência da Informação, de acordo com Dal'Evedove e Fujita (2013, p. 33), "a compreensão da informação no contexto da orientação social vale-se dos processos socioculturais envolvidos, uma vez que o valor informativo está inserido em um domínio específico". De acordo com as autoras supracitadas, e com base em Nascimento (2006), essa abordagem está relacionada a um domínio, sendo que, ele tem a sua base estrutural, metodológica e conceitual na análise de domínio de Birger Hjørland, e que têm influência da teoria da atividade dos estudiosos soviéticos Lev Vygotsky (1896-1934) e Alexei Leontiev (1903-1979).

A abordagem sociocultural pode ser aplicada aos processos que envolvem os estudos culturais e sociais de uma determinada comunidade, principalmente aos estudos empíricos de usuários, de acordo com as suas preferências, comportamentos, hábitos, costumes e modelos mentais adquiridos e representados ao longo da vida.

Nessa perspectiva, de acordo com Tanus (2014, p. 157),

Sendo também com esse olhar que a abordagem sociocultural dos estudos de usuários irá trabalhar, de que a vida social é fruto de um produto e processo das condições sociais determinadas pelos contextos culturais em que cada sujeito desenvolve e desempenha seu papel, estabelecendo relações com o outro frente à dinâmica da sociedade.

Acerca da ideia de informação, para Tanus (2014), na abordagem sociocultural, esse objeto é visto como uma construção social, que envolve a coletividade e o valor relevante da informação, sob influências de aspectos históricos e socioculturais. Nesse sentido, de acordo com Nascimento (2006), podemos compreender que a informação deve ser desenvolvida como um problema social, concebido como um fato da ordem cultural e da humanidade. Em seu sentido mais estrito, a informação também é entendida como o fator preponderante para a geração do conhecimento.

Segundo Araújo (2010), em virtude da importância atribuída ao coletivo e à visão de que os usuários não são sujeitos nulos, determinados pelas características sociodemográficas, nem estão inseridos em mundos isolados, mas em mundos construídos socialmente. Na concepção do autor, entende-se que o coletivo é um fator importante para que os usuários não sejam tratados como sujeitos nulos, isto é, aqueles indivíduos que são marginalizados/excluídos pela sociedade, eles não estão isolados, mas sim sujeitos que produzem, organizam, representa e socializam o conhecimento de acordo com a realidade do grupo.

Para Tanus (2004), os investigadores que trabalham com a abordagem sociocultural adotam aportes teóricos como fundamento para análise e estudos de usuários, sobretudo, aqueles que são provenientes das Ciências Sociais e Humanas. Assim, disciplinas provenientes dos campos da Sociologia, Filosofia, Educação, História, Psicologia e a Ciência da Informação são imprescindíveis para a análise e compreensão do fenômeno da abordagem sociocultural.

Com relação ao aspecto interdisciplinar, principalmente na década de 1990, a abordagem sociocultural foi relacionada a inúmeros campos do conhecimento, como

a **Antropologia, Sociologia, Psicologia e a Educação** (DAL'EVEDOVE, 2014, grifo nosso). Ainda, por esse ângulo, com base em Ribas e Moura (2006), entendemos que a abordagem sociocultural provém de uma interdisciplinaridade com diversas áreas do conhecimento principalmente das ciências humanas e sociais, como aquelas voltadas para estudos antropológicos, culturais, sociológicos, psicológicos e educacionais, esses campos de estudos contribuíram para o seu desenvolvimento no sentido teórico, científico, prático, epistemológico e metodológico.

Nesse sentido, entendemos que a abordagem sociocultural possui aportes das mais variadas áreas do conhecimento, isso contribui para a compreensão de um determinado grupo social e faz com que as unidades de informação possam prestar melhor apoio, serviços e assistência informacional para esses grupos, visto que eles são em sua maioria marginalizados pela sociedade, dessa forma precisam de uma atenção maior para o acesso à informação e ao conhecimento, principalmente para aqueles grupos excluídos.

Além da menção aos paradigmas e de elementos fundamentais da abordagem sociocultural da ciência da informação, cumpre discutir aspectos da introdução da área no Brasil. Segundo Pinheiro e Loureiro (1991), pode-se alegar que a ciência da informação foi inserida no Brasil, em 1970, por meio do curso de mestrado, instituído pelo então IBBD – a partir de 1976 IBICT – com mandato acadêmico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O surgimento do mestrado ocorreu em momento próprio, quando se discutia a elaboração e aplicação do Sistema Nacional de Informação em Ciência e Tecnologia (SNICT), que não chegou a ser concretizado e, por sua vez, foi em decorrência de ações empreendidas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), desde a década de 1960, para a criação do Sistema Mundial de Informação Científica e Tecnológica (UNISIST) e, posteriormente, os Sistemas Nacionais de Informação Científica e Tecnológica (NATIS). (PINHEIRO; LOUREIRO, 1995).

Além disso, Pinheiro e Loureiro (1995), destacam a presença de pesquisadores estrangeiros e que ela também ocorreu através de conferências, como as de Derek de Solla Price, físico e especialista em história da ciência, cujas produções bibliográficas são fundamentais, sobretudo para os estudos de comunicação científica. Esse estudioso manteve, durante a sua vida, frequentes

contatos com pesquisadores brasileiros de Ciência da Informação, notadamente Gilda Braga.

Na concepção de Marteleto (2009, p. 25), além disso, um dos fatores que contribuíram na implementação da Ciência da Informação no Brasil, pode ser analisado a partir da

expansão do sistema nacional de pós-graduação deu-se a partir da década de 1970, com a reforma do ensino superior, a qualificação dos quadros docentes e o desenvolvimento mais sustentado das atividades de pesquisa, no contexto de políticas educacionais e de ciência e tecnologia organizadas pelo Estado militar-autoritário brasileiro, no quadro de planos e metas para o desenvolvimento econômico e a construção da soberania nacional.

Nesse sentido, com o advento e crescimento da pós-graduação no Brasil, Pinheiro e Loureiro (1995), apontam que simultaneamente à influência dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, países onde a Ciência da Informação era mais evoluída científica e tecnologicamente, participaram do curso de mestrado professores e pesquisadores brasileiros de outras áreas, o que possibilitou compreender e interpretar os problemas de informação no cenário e realidades nacionais e incorporar métodos e teorias de disciplinas afins, estudiosos como: Victor Vincent Valla, José Luiz Werneck da Silva, Hilton Japiassu, Eduardo da Silva, Margarida Maria de P. Bazílio, Marisa Barbar Cassim, Ana Maria Cintra e muitos outros, em diferentes fases.

Pinheiro (2007) lembra que no contexto brasileiro, a Ciência da Informação teve o seu início por intermédio do IBICT, visto que na época essa instituição era uma união de ações de vanguardas comparada as primeiras bibliografias especializadas, nesse sentido, esse foi um processo ocorrido no final da década de 1960, quando algumas ideias já circulavam nos Estados Unidos (Biblioteconomia e Ciência da Informação) e na Europa (Documentação e *Informátika*), e conseqüentemente refletiram e influenciaram diretamente o Brasil.

Em 1980, o IBICT foi transferido para Brasília e em maio de 1983 foi assinado convênio pelo qual o curso passou a fazer parte da estrutura curricular da Escola de Comunicação da UFRJ, na forma de área de concentração do mestrado em comunicação. Assim, somente em 1986, por recomendação do Ministério da Educação e Cultura (MEC), o mestrado em Ciência da Informação readquiriu a sua autonomia, voltando a ser um curso de pós-graduação em nível de mestrado em Ciência da Informação (PINHEIRO; LOUREIRO, 1995).

É inegável não mencionarmos que a Ciência da informação no Brasil tenha sido influenciada por diversos períodos históricos ocorridos no mundo, desde a década de 1970 até os dias atuais. Alguns anos antes, em 1964, o nosso país iniciava um árduo período de Regime Militar (1964-1985), um dos momentos mais obscuros de nossa história. Nesse sentido, o país passou por gestões¹⁰⁷ que de certa forma impuseram várias restrições acerca do desenvolvimento social, científico, tecnológico e cultural, e acima de tudo, a censura do acesso à informação em arquivos, bibliotecas, centros de informação/documentação e museus.

Em relação ao nascimento deste campo científico no Brasil, segundo Marteleto (2009, p. 51) "a Ciência da Informação brasileira tem raízes na organização científica, política e estatal positivista, que ainda imperava no início do século XX". O fato é que a Ciência da Informação se iniciava no país a partir de um movimento de capacitação e atualização dos profissionais que desenvolviam suas atividades nas áreas de Bibliografia e Documentação Científica.

De acordo com Barreto (2009), em 1954, foi criado o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), que tinha como objetivo principal a produção, tratamento, organização e o armazenamento de informações bibliográficas e documentos gerados pelas instituições, sejam elas públicas, sejam particulares.

Para Vieira e Moura (2010), a origem da Ciência da Informação no Brasil está vinculada à pós-graduação em Ciência da Informação e Comunicação, e também coincide com a modernização do país, em 1954, com a criação do IBBB, o que mais tarde, em 1976, veio a se tornar o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). De acordo com Oddone (2006), uma das primeiras iniciativas do IBBB, consistiu na elaboração de cursos de especialização com foco nos bibliotecários e voltados para a documentação científica, o que contribuiria no aprimoramento de técnicas de documentação.

Como uma das suas principais características, a Ciência da Informação é uma área do conhecimento interdisciplinar, no Brasil, porém essa questão não está bem resolvida,

¹⁰⁷Os presidentes militares foram nesta sequência: Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967), Artur da Costa e Silva (1967-1969), Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), Ernesto Geisel (1974-1979) e João Baptista de Figueiredo (1979-1985). Historicamente, um dos maiores influenciadores da implementação da Ditadura Militar na América do Sul foi o ex-presidente norte-americano John Fitzgerald Kennedy (1917-1963), que administrou os Estados Unidos de 1961 a 1963.

A interdisciplinaridade da Ciência da Informação no Brasil ainda é discutida, em sua comunidade, como uma questão de fé, pela particularização e aceitação de certos pressupostos que tomam por ponto de partida uma ou mais das possíveis noções do que seja interdisciplinaridade, para daí tentar afirmar um estatuto de interdisciplinaridade para a Ciência da Informação (CHACON; SANTOS; VERAS, 2015, p. 5).

Na concepção dos autores, no Brasil, a Ciência da Informação não está totalmente definida em relação à sua interdisciplinaridade, é evidente que essa discussão passa por um viés político, metodológico, epistemológico e científico, tendo em vista que a noção de interdisciplinaridade é levada em consideração como uma noção de fé ou particularidade. Sendo assim, a Ciência da Informação Brasileira não pode ser definida de uma forma simples. Em relação à interdisciplinaridade da Ciência da Informação Brasileira, segundo Vieira e Moura (2010), ela pode ser caracterizada pela aproximação de diversas áreas em comum com a Ciência da Informação, seja compartilhando princípios científicos, epistemológicos e metodológicos que resultam na elaboração e no compartilhamento de novas técnicas e métodos científicos e na fusão e geração de novas disciplinas conectadas com os estudos em informação.

A Ciência da Informação no Brasil foi implantada de forma gradual, de acordo com Souza (2012, p. 50), “com a construção das condições técnicas e científicas estabelecidas a partir da associação crescente, nos anos de 1950, entre a tradicional Biblioteconomia e a moderna Documentação”.

Para ilustrar o surgimento da Ciência da Informação no Brasil, é preciso verificarmos o quadro 2 abaixo:

Quadro 2 - A cronologia da Ciência da Informação no Brasil

EVENTO	PERÍODO
É criado o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD);	1954
Começa a ser promovido pelo IBBD o Curso de Especialização em Pesquisa Bibliográfica;	1955
Em 1964, passa a ser chamado de Curso de Documentação Científica (CDC);	1964
Introdução da Ciência da Informação no Brasil, por meio do curso de	1970

mestrado, instituído pelo então IBBD, a partir de 1975 denominado IBICT, com mandato acadêmico da Universidade Federal do Rio de Janeiro;	
É criada a Revista Ciência da Informação;	1972
O IBBD se transforma em Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica (IBICT);	1976
O CDC passa a ser chamado de Curso de Especialização em Documentação e Informação, por meio de convênio com a UFRJ;	1984
A Comissão de Convênio CNPq/IBICT-UFRJ/ECO elabora um artigo sobre a pós-graduação em Ciência da Informação;	1983
O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), órgão federal de financiamento à pesquisa, adota uma conceituação para a área;	1987
É criada a ANCIB - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação;	1989
É criado o doutorado em Ciência da Informação pelo IBICT - UFRJ/ECO;	1992
É promovido o 1º Encontro de Pesquisa da Pós-Graduação em Ciência da Informação, no Rio de Janeiro,	1995
Em substituição à Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG é lançada a revista Perspectivas em Ciência da Informação.	1996

Fonte: Elaborado pelos autores, adaptado de Figueiredo e Gonçalves (2010).

No referido quadro é possível analisar que a Ciência da Informação no Brasil teve início na metade da década de 50, tendo influência do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). Em 1964, é implementado o Curso de Documentação Científica (CDC).

Em 1989, foi criada a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). Os períodos destacados demonstram como a Ciência da Informação foi introduzida no cenário nacional, além disso nota-se que o Programa de Pós-Graduação contribuiu fortemente na ascensão da Ciência da Informação no Brasil.

Em síntese, a Ciência da Informação é um campo preocupado com a informação em seus mais variados aspectos. Nesta seção, podemos entender que a informação é o objeto de estudo da ciência da informação, por outro lado, alguns estudiosos declaram que isso não está muito bem definido, portanto outros elementos podem ser considerados como objetos de estudos desse campo científico.

Sobre o seu surgimento enquanto um campo prático e científico é necessário um aprofundamento maior, tendo em vista que não há um consenso acerca disso, uma vez que muitos acreditam que o campo é uma evolução da Biblioteconomia no contexto estadunidense, visto que esse desenvolvimento teve como fator preponderante os eventos ocorridos no período da Segunda Guerra Mundial. Por outro lado, no contexto europeu, há um entendimento de que a Ciência da Informação tem o seu desenvolvimento a partir das ideias e trabalhos de Paul Otlet e Henri La Fontaine. Além disso, no entendimento dos cientistas da informação russos, há uma discussão sobre a noção de *Informátika* como sendo uma vertente da Ciência da Informação e Documentação. E que esse campo teria como característica principal o seu aspecto social, até sendo entendido como pertencente às ciências sociais aplicadas.

Em relação à interdisciplinaridade, há um grande consenso sobre isso, principalmente a partir dos trabalhos de autores como Tefko Saracevic, Harold Borko, entre outros. Dessa maneira, essa pode ser a característica fundamental da Ciência da Informação, melhor dizendo, a capacidade de estabelecer e manter diálogos com outros campos do conhecimento, como a Filosofia, Linguística, Matemática, Sociologia entre outras áreas. Essa relação faz com que esse campo de estudo da informação se solidifique cada vez mais e se mantenha preocupado com a produção, tratamento, organização, classificação e a dimensão social da informação e do conhecimento e cada vez mais comprometido com a realidade social de seus usuários.

Na próxima seção, dando continuidade aos estudos no campo da Ciência da Informação, apresentaremos uma análise teórica do campo da Organização do Conhecimento, sendo este um campo comprometido com a produção, organização e a representação do conhecimento, sendo esse conhecimento socializado por intermédio de instrumentos e dos sistemas de organização do conhecimento.

5 ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A presente seção visa apresentar uma análise sobre a Organização do Conhecimento, levando em consideração os seus principais aspectos históricos, teóricos, epistemológicos e metodológicos. Para isso, realizaremos uma revisão dos trabalhos de dois autores fundamentais: Ingetraut Dahlberg (1927-2017) e Birger Hjørland (1947-).

A Organização do Conhecimento (letra maiúscula) se trata de um campo científico, epistemológico e interdisciplinar. Já a organização do conhecimento (letra minúscula) tem relação com processos e atividades desempenhadas no interior das unidades de informação por bibliotecários, arquivistas, documentalistas, museólogos, especialistas em informação e cientistas da informação por intermédio de instrumentos e sistemas de organização do conhecimento (HJORLAND, 2003).

Sobre os tipos de organização, segundo Hjørland (2003, p. 93, tradução nossa¹⁰⁸), o campo da Organização do Conhecimento trabalha com dois:

- a) a organização intelectual do conhecimento também pode ser denominada como a organização cognitiva do conhecimento. Isso é basicamente a organização do conhecimento em sistemas conceituais e teorias. Se usarmos os sistemas periódicos da química ou a taxonomia zoológica da biologia como bases dos sistemas de indexação, estamos usando sistemas intelectuais ou cognitivos de organização do conhecimento; tabelas hierárquicas são exemplos disso, como a tabela periódica de elementos químicos;
- b) A organização social do conhecimento, por outro lado, é basicamente as organizações das profissões, funções práticas, ofícios e disciplinas científicas. Se nos referirmos a disciplinas em nossas representações de conhecimento, estamos usando sistemas sociais de organização do conhecimento.

¹⁰⁸ The intellectual organization of knowledge may also be termed the cognitive organization of knowledge. This is basically the organization of knowledge in concepts, conceptual systems and theories. If we use the periodical system of chemistry or the zoological taxonomy of biology as the basis of indexing systems, we are using intellectual or "cognitive" systems of KO. The social organization of knowledge, on the other hand, is basically the organizations in professions, trades and disciplines. If we refer to disciplines in our knowledge representations, we are using "social" systems of KO (HJORLAND, 2003, p. 93).

No âmbito da Ciência da Informação, a Organização do Conhecimento (OC) é um domínio em contínua construção e um espaço relativamente autônomo, como também dialógico e interdisciplinar. Faz interface com outros domínios (áreas do conhecimento) e se preocupa com as questões de natureza teórico-metodológicas para contribuir na sistematização, produção, classificação, organização, disseminação, representação e recuperação da informação nos diferentes contextos científicos (ALVES; OLIVEIRA, 2016). Além disso, é preciso ressaltar que Hjørland (2003, tradução nossa) destaca que a Organização do Conhecimento é um campo científico muito amplo, e conforme foi aludido, é onde outros elementos são considerados, como: a divisão social do trabalho (disciplinas); instituições sociais (universidades, instituições de ensino, organizações); linguagem e os sistemas simbólicos; sistema conceitual e teorias, e os gêneros literários.

Segundo Hjørland (2003, p. 94, tradução nossa¹⁰⁹), em termos de tradição, ideologia e paradigma, a Organização do Conhecimento pode ser analisada como um conjunto de conceitos entre o intelectual e a organização social. Eles são organizações cognitivas baseadas em influências sociais, isto é, o social é um fator preponderante para a organização e representação do conhecimento. Visto que o conhecimento é produzido a partir de relações sociais e culturais entre os grupos.

A organização do conhecimento vale-se de instrumentos como sistemas de classificação, tesouros, vocabulário e outras linguagens de indexação. Como abordagens predominantes destacam-se as questões relativas a aspectos cognitivos, tecnológicos, lógico-conceituais, socioculturais e de gestão, o que sinaliza para os diálogos mais presentes na área (GUIMARÃES et al, 2015).

De acordo com Moreira (2018, p. 16), a tarefa de organização do conhecimento não pode ser executada em caráter normativo a partir de contextos ou conjuntos de conceitos fortemente delimitados, pois organizar o conhecimento exige a observância direta dos modelos de referência que são adotados nos diversos domínios.

Como exemplo de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) em seu sentido metodológico e aplicado, podem ser citados: os sistemas de classificação, as listas de cabeçalhos de assuntos, os tesouros, as taxonomias e as ontologias.

¹⁰⁹ The organization of knowledge in traditions, ideologies and paradigms may be seen as the combining concepts between the intellectual and the social organization. They are cognitive organizations based on social influences (HJORLAND, 2003, p. 94).

Em comum, tais instrumentos, identificam a intensão e a extensão dos conceitos, organizam as relações conceituais e primam pelo controle terminológico (MOREIRA, 2018).

Vale lembrar que a organização do conhecimento não se trata de uma atividade exclusiva aos profissionais da informação e não se resume às unidades de informação, como as bibliotecas, ela também pode ser desempenhada por outros profissionais, assim como por outras instituições, sobretudo aqueles que lidam com a organização e comunicação do conhecimento, como as escolas, instituições religiosas, políticas, etc (SALES; MURGUIA, 2015). Com base nos autores, há o entendimento de que o conhecimento pode ser organizado em seu aspecto social, isto é, a epistemologia social pode ser associada a esse processo. Com base nas teorias de Shera e Egan (1952), obviamente.

Os trabalhos de Hjørland serão analisados de uma maneira mais profunda, tendo em vista que as suas pesquisas estão voltadas para os estudos epistemológicos, históricos e sociais no campo da Organização do Conhecimento. Ressaltamos que no decorrer da discussão do texto, serão apresentados outros autores (as) que contribuíram para o desenvolvimento e a consolidação da Organização do Conhecimento no campo da Ciência da Informação, como Garcia-Marco, Garcia-Gutierrez, Mario Barité, San-Segundo, Guimarães, entre outros. Além dos principais elementos teóricos, abordaremos os instrumentos mais conhecidos e utilizados na representação e na organização da informação e do conhecimento, a saber: classificação bibliográfica, indexação, vocabulários, tesouros, ontologias e taxonomias. Por conta do curto tempo, a finalidade é não esgotar a discussão dessas ferramentas nesta dissertação.

Segundo San-Segundo (2012, tradução nossa¹¹⁰), menciona que a evolução histórica da Organização do Conhecimento está ligada à trajetória cultural, política, econômica, tecnológica, de acordo com a evolução das práticas sociais e culturais dos grupos.

¹¹⁰ La evolución histórica de la Organización del conocimiento va ligada a la trayectoria cultural, política, económica, tecnológica y otras muchas, siendo un concepto en cambio constante, sujeto a un gran dinamismo. El actual mundo cibernético es un reflejo virtual de la realidad, y del actual modelo económico, político y social, así la nueva concepción de la organización del conocimiento tiene reflejada esta situación, abarcando todas estas estructuras (SAN-SEGUNDO, 2012).

Devemos lembrar que ao tratarmos sobre o assunto organização do conhecimento, não podemos esquecer de citar Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972), podemos citar a *Colon Classification*¹¹¹ e as cinco leis da Biblioteconomia (ALMEIDA JÚNIOR; SANTOS NETO, 2014, p. 105). Desse modo, além de Hjørland e Dahlberg, Ranganathan pode ser considerado um dos maiores estudiosos da Organização do Conhecimento, e da Ciência da Informação como um todo, porém, o nosso estudo não será focado neste último autor.

Para Guimarães *et al* (2015a), embora o termo Organização do Conhecimento remonte a Henry Evelyn Bliss, na década de 30 do século passado, sua constituição como campo de estudos interdisciplinar é recente, podendo-se atribuir seu nascimento quatro décadas após, quando a partir da década de 70 Dagobert Soergel e Ingetraut Dahlberg buscaram conceituá-lo. Essa tentativa levou à criação, em 1974, na Alemanha, da *Society for Classification* e, em 1989, da *International Society for Knowledge Organization-ISKO*. Na opinião dos autores, a missão dessa instituição consiste em promover o avanço teórico e aplicado da Organização do Conhecimento em diversos campos e em diferentes maneiras, congregando pesquisadores de distintos países, em áreas como Ciência da Informação, Linguística, Filosofia e Ciência da Computação, entre outros campos interdisciplinares, transdisciplinares e multidisciplinares.

No entanto, observa-se que esse campo de estudo ainda se encontra em fase de consolidação, em busca da construção e delimitação de sua própria base conceitual e seus limites, em virtude de distintas influências teóricas. Tal aspecto se revela, dentre outros, por uma diversidade no tocante ao seu aspecto conceitual, notadamente em relação a seu objeto, o que leva à necessidade de analisar de que forma o ambiente científico da ISKO vem construindo/delimitando essa dimensão conceitual, a partir de seu discurso científico oficial em âmbito internacional (GUIMARÃES *et al*, 2015). Para constar, esta instituição realiza eventos científicos anualmente em âmbito nacional e internacional, onde os principais pesquisadores se

¹¹¹ Em 1933 Ranganathan publica sua *Colon Classification*, que adota um princípio categorial para recortar cada classe de seu esquema. Trata-se de suas conhecidas Categorias Fundamentais (Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo) que reúnem as respectivas Facetas ou aspectos específicos de cada área do conhecimento. Seu uso ficou restrito à Índia e, naquele momento, sua contribuição não causou impacto (GOMES, 2017). GOMES, Hagar Espanha. Marcos históricos e teóricos da organização do conhecimento. **Informação & Informação**, v. 22, n. 2, p. 33-66, 2017.

reúnem para discutirem os principais temas e panoramas relacionados à área¹¹². Para Sales e Murguia (2015), essa entidade científica significa a emergência de uma instituição que pretende propiciar a pesquisa e a aplicação da organização do conhecimento para o próprio ordenamento do conhecimento. Além disso, ela também representa a culminação de um debate e uma corrente teórica e aplicada de pensamento que consegue definir e projetar um novo campo teórico e profissional. Com base em estudos científicos, epistemológicos, históricos, culturais e sociais.

Nessa perspectiva, é importante salientar que, ao falarmos sobre a Organização do conhecimento tanto no aspecto institucional ou prático, precisamos sinalizar uma importante instituição que está totalmente voltada às questões sobre as principais atividades, diretrizes e políticas de organização do conhecimento, isto é, a ISKO¹¹³ (AZEVEDO, 2013, pp. 13-14).

Guimarães *et al* (2015b, grifo nosso), do ponto de vista histórico, declaram que o termo Organização do Conhecimento foi introduzido pelo bibliotecário estadunidense Henry Evelyn Bliss (1870-1955), a partir de suas obras '**The organization of Knowledge and systems of sciences**', de 1929, e '**The organization of knowledge in libraries**', de 1933. No sentido geral, Lima e Alvares (2012, p. 27), destacam que a "organização do conhecimento é o modo como ele é disposto em assuntos em toda parte onde se deseja a sua sistematização ordenada para atingir determinado propósito". Ademais, as autoras lembram que Henry Evelyn Bliss foi o pioneiro em registrar o termo "Organização do Conhecimento" em suas obras bibliográficas. E depois de um longo período, Dagobert Soergel, precisamente no ano de 1971, adota a expressão na sua tese de doutoramento, nesse sentido, em 1973, Ingetraut Dahlberg passa a fazer uso do termo (LIMA; ALVARES, 2012).

Desse modo,

A organização do conhecimento é a ciência da ordem do conhecimento. O domínio da organização é uma comunidade de discurso em que uma investigação rigorosa e autoconsciente ocorre a respeito do que é conhecido e suas várias ordens ou sequências, tanto as naturais ou heurísticas quanto as impostas. Os produtos do domínio, então, são segmentados e ordenados daquilo que é conhecido, e as regras para descobrir suas ordens naturais ou para impor uma sequência útil. Toda organização do conhecimento aplicado é, então, uma forma de discurso, na qual as estruturas e regras são objetos de comunicação e que ocorre em um meio cultural ou entre atores em vários meios culturais. Portanto, um

¹¹² Em 2020, o evento não ocorreu em decorrência da pandemia do coronavírus.

¹¹³ International Society Knowledge Organization (Sociedade Internacional de Organização do Conhecimento).

componente muito importante da ciência da organização do conhecimento deve ser a epistemologia, que é a própria ciência do conhecimento. Logo, minha tarefa é responder a essas três perguntas e descrever como é que a epistemologia é uma dimensão do domínio da organização do conhecimento (SMIRAGLIA, 2013, p. 2, tradução nossa¹¹⁴).

Nessa perspectiva, segundo Barité (2015), podemos analisar a Organização do Conhecimento como uma disciplina, pois estuda as leis, procedimentos, normas e técnicas específicas que os profissionais da informação, sobretudo os bibliotecários, deverão adotar esses procedimentos no processo de organização e representação da informação e do conhecimento. Ainda, com base no autor supracitado, o objeto de estudo da Organização do Conhecimento é o conhecimento socializado e registrado em um suporte, sendo ele físico, sendo digital, sendo híbrido. Sendo que este suporte deverá ser conservado e preservado para mediar o acesso imediato e futuro pelo usuário.

Além disso, no entendimento de Friedman e Thellefsen (2011, p. 645, tradução nossa¹¹⁵), a “Organização do Conhecimento é entendida como uma subárea dentro da Biblioteconomia e Ciência da Informação e que se trata de uma comunidade que se concentra em representação bibliográfica”. Assim, Ohly (2015, tradução nossa¹¹⁶), argumenta que Dahlberg analisa a Organização do Conhecimento como uma subdisciplina da Ciência da Ciência, em um metanível crítico para outras ciências, porém ela destaca a orientação de uma investigação mais descritiva, como a cientometria¹¹⁷ e menos sua abordagem tradicional.

¹¹⁴ Knowledge organization is the science of the order of knowledge. The domain of knowledge organization is a discourse community in which rigorous, self-conscious inquiry takes place concerning that which is known, and its various orderings or sequences, both those that are natural or heuristic, and those that are imposed. The products of the domain, then, are ordered segments of that which is known, and the rules either for discovering their natural orders, or the rules for imposing a useful sequence. All applied knowledge organization then is a form of discourse, in which the structures and rules are objects of communication, and which takes place in a cultural milieu or among actors in various cultural milieus. Thus a very important component of the science of knowledge organization must be epistemology, which is the science of knowledge itself. So my task is to answer these three questions, and to describe how it is that epistemology is one dimension of the domain of knowledge organization (SMIRAGLIA, 2013).

¹¹⁵ Knowledge Organization (OC) is understood as a sub-area within Librarianship and Information Science (BIC), a community that focuses on bibliographic representation (FRIEDMAN; THELLEFSEN, 2011, p. 645).

¹¹⁶ Dahlberg sees KO as a subdiscipline of the Science of Science, what brings it in my view on a critical meta level to other sciences, but underlines in my understanding its more descriptive research orientation (like Scientometrics) and less its fundamental approach (OHLY, 2015).

¹¹⁷ A cientometria preocupa-se com a dinâmica da ciência, como atividade social, tendo como objetos de análise a produção, a circulação e o consumo da produção científica (SANTOS; KOBASHI, 2009, p. 161).

Para Ohly (2015, tradução nossa¹¹⁸, grifo nosso), Dahlberg procura destacar que os campos de aplicação da Organização do Conhecimento não estão restritos apenas à Ciência da Informação, mas também a todos os campos temáticos - domínios - que necessitam de taxonomias como os sistemas de classificação de objetos. O autor cita como exemplo: **estatísticas, commodities, utilitários, armas, patentes e a museologia.**

Segundo Ohly (2015, tradução nossa¹¹⁹), a Organização do Conhecimento é denominada com outros termos no campo da ontologia, taxonomia, terminologia, mapas de tópicos, arquitetura de informação etc.. Aqui a Organização do Conhecimento não é identificada como um campo em si, como componentes básicos do conhecimento (classes, hierarquias, termos etc.) comumente tidos como certos. O que falta é uma terminologia comum e consistente neste campo. O autor prefere a visão de dimensões de Organização do Conhecimento no sentido ontológico, epistemológico, pragmático etc..

A Organização do Conhecimento do ponto de vista estrutural nos permite evidenciar inúmeras desigualdades sociais que se produzem derivadas da distribuição desigual de informação e conhecimento, o que lhe confere a possibilidade de análises por meio de uma perspectiva social, política e cultural (MORA; ARIAS, 2018, não paginado, tradução nossa¹²⁰). Essas desigualdades, conforme sugerem Mora e Arias (2018, não paginado), podem ser associadas à falta de acesso ao conhecimento produzido pelas unidades de informação, principalmente para aqueles usuários que se encontram inseridos em um paradigma social, conforme foi discutido na seção anterior. É que se trata de um assunto

¹¹⁸ Dahlberg underlines that the application fields of KO are not only in the Information Sciences, but also in all subject fields (domains) needing taxonomies (classification systems of objects). She mentions as examples: statistics, commodities, utilities, weapons, patents, museology, however with the above stated limitation of classification aims. In KO the scientific objects are '(all kinds of) knowledge' and the scientific methods here are the 'organization' principles, that create order of the given kinds of knowledge and its activities (OHLY, 2015).

¹¹⁹ KO is often named with other terms in the field of ontology, taxonomy, terminology, topic maps, information architecture, etc. Here KO is often not identified as a field in itself, as basic logical components of knowledge (classes, hierarchies, terms, etc.) are often taken for granted. What is lacking is a common, consistent terminology in this field. He prefers the view of 'dimensions of KO' (ontological, epistemological, pragmatic, etc.) (OHLY, 2015).

¹²⁰ La organización del conocimiento como estructura nos permite hacer evidentes diversas inequidades sociales que se producen derivadas de la repartición desigual del conocimiento, lo que le aporta la posibilidad de análisis a través de una perspectiva política (MORA; ARIAS, 2018).

urgente e necessário para ser discutido (mas que será abordado em um trabalho específico).

Como já havia sido aludido em outra oportunidade por Azevedo (2013), a Organização do Conhecimento é considerada uma subárea da Biblioteconomia e Ciência da Informação e seu foco principal são as representações bibliográficas.

Em relação à natureza da Organização do Conhecimento, de acordo com Friedman e Thellefsen (2011, p. 646, tradução nossa¹²¹), “a Organização do Conhecimento pesquisa, assim, o universo e a qualidade dos processos de organização do conhecimento, conforme realizados por especialistas em informação e algoritmos de computador e a estrutura e função da organização do conhecimento”. Segundo os referidos autores, entendemos que a Organização do Conhecimento procura examinar a natureza e a qualidade dos processos que constituem a organização do conhecimento, e esse conhecimento é representado e socializado por meio dos sistemas de organização do conhecimento.

Com relação à organização e representação do conhecimento, para Brascher e Café (2008), essa atividade é feita por meio de diferentes tipos de sistemas de organização do conhecimento (SOC) que são sistemas conceituais que representam determinado domínio por meio da sistematização dos conceitos e das relações semânticas que se estabelecem entre eles.

Conforme explicam Lima e Alvares (2012, p. 23), a atividade de organizar o conhecimento em seu sentido prático envolve algumas etapas: análise, classificação e recuperação da informação e do conhecimento, sendo que o processo de organizar é um pouco diferente de representar, pois a representação está ligada ao objeto e à substituição de um determinado objeto, que não é ele mesmo, mas que está no lugar dele. Em outras palavras, a questão do significante e do significado é um elemento fundamental para o processo de representação do conhecimento, visto que em determinadas comunidades, o conhecimento pode ser representado de maneiras diferentes, pois um mesmo signo não se refere ao mesmo objeto de acordo com as práticas culturais de uma determinada comunidade.

No entendimento de Lima e Alvares (2012), esse campo tem o seu significado por meio da construção de sistemas conceituais e declaram que a Organização da

¹²¹KO thus investigates the nature and quality of knowledge organization processes (KOP) as performed by information specialists and computer algorithms, and the structure and function of knowledge organization systems (KOS). (FRIEDMAN; THELLEFSEN, 2011, p. 646).

Informação busca relacionamento de unidades desses sistemas conceituais com objetos de informação.

Sobre a Organização do Conhecimento na concepção de Dahlberg (1993), entendemos que

Em um sentido restrito, Organização do Conhecimento (OC) refere-se às atividades, tais como descrição de documentos, indexação e classificação, realizadas em bibliotecas, bases de dados bibliográficas, arquivos e outros tipos de “instituições de memória”, por bibliotecários, arquivistas, especialistas em informação, especialistas em assunto, assim como por algoritmos de computador e leigos (MELO; BRASCHER, 2014, p. 75).

No entendimento das autoras supracitadas, a Organização do Conhecimento tem um amplo espaço para a atuação de profissionais do campo da Ciência da Informação, ou seja, arquivistas, bibliotecários, museólogos, entre outros especialistas nos estudos sobre os processos que envolvem a organização e representação da informação e do conhecimento (MELO; BRASCHER, 2014, DAHLBERG, 1993).

Em relação às áreas da organização do conhecimento, de acordo com Lima e Alvares (2012, p. 44), e com base em Dahlberg (1993), podem ser assim divididas: epistemologia; elementos e estruturas dos sistemas de termos e conceitos; metodologias de conservação, construção e revisão; metodologias de classificação e indexação; taxonomia, linguística, semântica e terminologia e contexto.

No contexto da Ciência da Informação, Hjørland (2003, p. 87, tradução nossa¹²²) declara que a Organização do Conhecimento quer dizer principalmente a organização de informações em registros gráficos e bibliográficos, incluindo índices de citações, registros de textos completos e a informações da Internet. Para o autor, a Organização do Conhecimento no âmbito da Ciência da Informação pode estar associada a diversos fatores, dentre eles podemos destacar a organização de dados em registros bibliográficos e também a informação produzida em ambientes virtuais. Ainda, no campo de estudos da Ciência da Informação, para Hjørland (2003, p. 88, tradução nossa¹²³), a ideia de organização do conhecimento está ligada ao

¹²² In the Library and Information Science community (LIS) Knowledge Organization (KO) means especially the organization of information in bibliographic records, including citation indexes, full text records and the Internet (HJORLAND, 2003, p. 85).

¹²³In librarianship and information science (BIC), the idea of CO is linked to the improvement of classification and indexing procedures in libraries, bibliographies and electronic databases (HJORLAND, 2003).

aperfeiçoamento dos procedimentos de classificação, automatização, catalogação e indexação em bibliotecas, bibliografias e bases de dados manuais e eletrônicas.

Em relação ao campo de estudo, de acordo com Café e Medeiros (2011, p. 25) a Organização do Conhecimento está fundamentada essencialmente em análises de cunho semântico. Dessa maneira, entende-se que a Organização do Conhecimento tem por finalidade analisar os significados dos dispositivos e das técnicas empregadas pelos arquivistas e bibliotecários no processo de organização e representação do conhecimento.

Nesse sentido, podemos considerar que a

Organização do conhecimento (OC) é um campo que contribui fundamentalmente para o desenvolvimento de metodologias para representar um determinado domínio; as metodologias da OC ajudam a dar uma melhor compreensão do próprio conhecimento, refletindo de maneira para acessar informações. Nesse sentido, uma série de desenvolvimentos foi apresentada para a construção de linguagens, estruturas, classificações, isto é, sistemas de organização do conhecimento (BARROS; SOUSA, 2019, p. 493, tradução nossa¹²⁴).

Sobre a Organização do Conhecimento, na concepção de Hjørland (2003), e de acordo com Lima e Alvares (2012), existem nove princípios de organização do conhecimento, que são comuns na busca e recuperação da informação, que serão apresentadas nas alíneas abaixo:

- a) A percepção realístico-ingênua de estruturas do conhecimento não é possível em ciências complexas;
- b) Categorizações e classificações devem reunir assuntos relacionados e separar assuntos distintos;
- c) Para fins práticos, o conhecimento pode ser organizado de diferentes formas, para diferentes objetivos;
- d) Qualquer categorização deve refletir o próprio objetivo;
- e) Categorizações e classificações sempre podem ser questionadas pelos agentes informacionais e pelas unidades de informação;
- f) Observar sempre o conceito de polirrepresentação da informação e do conhecimento;

¹²⁴ Knowledge organization (KO) is a field that contributes fundamentally to the development of methodologies for representing a given domain; KO methodologies help give a better understanding of knowledge itself reflecting in ways to access information. In this regard, a series of developments has been presented for the construction of languages, structures, classifications, that is, systems of knowledge organization (BARROS; SOUSA, 2019, p. 493).

g) Diferentes áreas/campos do conhecimento podem ser organizadas (os) de diferentes formas para os mesmos fenômenos;

h) A natureza das áreas é variável.

Nessa continuidade epistemológica e metodológica, em outro conjunto de alíneas, de acordo com Ohly (2012, tradução nossa) a Organização do Conhecimento abrange um total de nove subáreas de estudos e atividades:

a) Os pressupostos epistemológicos, matemáticos, teorias do sistema, científica cognitiva e teóricas cognitivas da ordem dos conceitos, assim como os seus antecedentes históricos;

b) O conhecimento dos elementos e estruturas dos sistemas de conceitos;

c) a metodologia de construção intelectual, conservação e revisão do sistema e informatização, incluindo questões de relacionamento paradigmático e sintático de seus elementos e unidades, bem como manter o sistema compatível e avaliar esse sistema;

d) A metodologia de aplicações intelectuais e de máquinas (automação, inteligência artificial, big data) desse sistema de classificação e indexação;

e) O conhecimento do universo;

f) Taxonomias especiais e sistemas de classificação, incluindo linguagens documentárias, como os tesauros, ontologias;

g) Questões decorrentes das áreas influentes da Linguística (linguística matemática) e terminologia; incluindo os problemas de recuperação da informação, especialmente no acesso online, arquitetura da informação;

h) A aplicação de indexação de conteúdo de todos os tipos de documentos e em todas as áreas temáticas,

i) Toda a base da organização do conhecimento no ambiente de trabalho, centros individuais, sociedades, países e em áreas internacionais, assim como a questão da educação, da economia e do estudo de usuário.

Segundo Ohly (2012, não paginado, tradução nossa¹²⁵), existem muitas disciplinas que são parcialmente aplicadas na Organização do Conhecimento ou que

¹²⁵ There are many disciplines which are partially applied in Knowledge Organization or which are operating in close connection with it, e.g. Linguistics, Cognitive Science, and Philosophy. As discussed above Knowledge Organization is more oriented to the labeling, arranging, and retrieval of knowledge in archived documents (OHLY, 2012).

estão operando em estreita conexão com ela, como é o caso da Linguística, Ciências Cognitivas e a Filosofia. Para a autora, a Organização do Conhecimento é mais voltada para rotular, organizar e recuperar informação, ou seja, conhecimento em documentos registrados e materializados em uma instituição social, como é o caso da biblioteca.

Em determinados contextos, a união da Ciência da Informação e da Biblioteconomia é atribuída graças a um novo conceito e que de acordo com Gomes (2017, p. 53) “um dos aspectos mais significativos para a união das duas áreas num novo campo de conhecimento científico foi a Organização do Conhecimento”. Diante da situação apontada, podemos considerar que um dos fatores da união da Ciência da informação e da Biblioteconomia está associado à Organização do Conhecimento, em outras palavras, há uma grande aproximação entre os dois campos, e que ambos se complementam. Nesse sentido, com base em Gomes (2017), poderíamos inferir com certa cautela que a Organização do Conhecimento pode ser analisada como uma especialização ou desenvolvimento científico e cultural da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Segundo o autor Garcia Marco (1997), a Organização do Conhecimento é uma área interdisciplinar, isto é, podemos associar essa semelhança à natureza da Ciência da Informação, pois ela recebe influência de outras áreas do conhecimento, principalmente as que se ocupam dos modelos computacionais, como a Ciência da Computação, Linguística, Lógica e a Matemática teórica e aplicada. Nesse seguimento, no entendimento de Lima e Alvares (2012, p. 27), com relação ao seu caráter interdisciplinar, a organização do conhecimento é estudada em outros campos do conhecimento, como a antropologia, computação, filosofia, linguística, psicologia, sociologia, entre outras que colaboram na sistematização e na elaboração de métodos, técnicas e ferramentas específicas para a organização e representação do conhecimento registrado em unidades de informação, como os arquivos, bibliotecas e museus.

Desse modo, segundo Barité (2012, tradução nossa¹²⁶), uma das principais características da Organização do Conhecimento como domínio é a sua interdisciplinaridade, sem prejuízo de se aceitar que sua base seja principalmente

¹²⁶ Uno de los rasgos principales de la Organización del Conocimiento como dominio es su interdisciplinariedad, sin perjuicio de aceptar que su embasamiento se encuentra principalmente en Bibliotecología, Documentación y/o Ciencia de la Información (BARITÉ, 2012).

em Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Melhor dizendo, ela extrapola outros campos de conhecimento e aplicação, e que de alguma forma acaba se confluindo com a epistemologia da Ciência da Informação.

A Organização do Conhecimento na ótica de Hjørland (2003, tradução nossa¹²⁷) não é algo que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação possam prescindir, considerando a pesquisa em outros campos, como a computação, linguística e o processamento de linguagem natural, teoria do conhecimento, teoria da organização do conhecimento social etc. Em particular, na observação do autor, a compreensão da natureza do conhecimento, cognição, linguagem e organização social é decisiva para alcançar a compreensão de Organização do Conhecimento e, assim, alcançar a capacidade de projetar, avaliar e usar os processos e sistemas de organização do conhecimento.

Nessa perspectiva, conforme aponta Barité (2015, p. 120, tradução nossa¹²⁸), a Organização do Conhecimento é um campo científico e epistemológico que recebe aportes teóricos e práticos de áreas como a Informática, Linguística, Terminologia e da Ciência da Informação.

A comunicação interdisciplinar da Organização do Conhecimento estabelece diálogos e se estende às mais variadas ciências: Epistemologia, Lógica, Teoria do Conceito, Psicologia, Ciências Cognitivas, Semiótica, Linguística, Terminologia, Cibernética, Inteligência Artificial, Filosofia da Informação, entre outras, pois permite distinguir materiais substanciais, daqueles que são apenas acessórios e mesmo inúteis para a reflexão (NAVARRO; GARCÍA MARCO, 1995, tradução nossa¹²⁹).

¹²⁷ La organización del conocimiento no es algo de lo que la Bibliotecología y las Ciencias de la Información puedan prescindir, considerando la investigación en otros ámbitos, como por ejemplo, la computación, la lingüística y el procesamiento del lenguaje natural, la teoría del conocimiento, la teoría de la organización social, etc. En particular, la comprensión de la naturaleza del conocimiento, la cognición, el lenguaje y la organización social es decisiva para lograr el entendimiento de la OC y, así, para alcanzar la habilidad de diseñar, evaluar y usar los procesos y sistemas de organización del conocimiento (HJORLAND, 2003, não paginado).

¹²⁸ La Organización del Conocimiento se nutre de los aportes recibidos de la Informática, la Lingüística, la Terminología y las Ciencias de la Información (BARITÉ, 2015, p. 120).

¹²⁹ Estos criterios constituyen la brújula más eficaz para marcar el norte de los procesos de comunicación interdisciplinar que la Organización del Conocimiento establece con muchas y variadas ciencias —Epistemología, Lógica, Conceptología, Psicología, Ciencias Cognitivas, Semiótica, Linguística, Terminología, Cibernética, Inteligencia Artificial, entre otras—, ya que permite distinguir los materiales sustanciales, de los que sólo son accesorios e incluso inútiles para su reflexión (NAVARRO; GARCÍA MARCO, 1995).

Dessa maneira, no entendimento de Navarro e García Marco (1995, tradução nossa¹³⁰),

O termo Organização do Conhecimento aparece nos últimos anos com regularidade na literatura das Ciências da Documentação para se referir ao encontro, em um campo de limites ainda inserido, entre as técnicas de gestão documental e as diversas disciplinas atualmente encontradas em pesquisa científica-humanística e tecnológica avançada. Por Organização do Conhecimento entendemos a disciplina dedicada ao estudo e desenvolvimento dos fundamentos e técnicas de planejamento, construção, gestão, uso e avaliação de sistemas de descrição, catalogação, ordenação, classificação, armazenamento, comunicação e recuperação de documentos criados para o homem testemunhar, preservar e transmitir seus saberes e ações, a partir de seu conteúdo, de forma a garantir sua conversão em informação capaz de gerar novos conhecimentos. É, portanto, uma ciência tridimensional, pois trata dos princípios, métodos e instrumentos postos em ação para a gestão do conhecimento humano em uma trílice perspectiva: sua representação, sua organização e sua comunicação documental. Já a Ciência da Representação, Organização e Comunicação do Conhecimento, é chamada mais comumente e abreviadamente de Organização do Conhecimento, porque a organização é o elemento mediador entre os outros dois atos; uma vez que, por um lado, a representação é efetuada de forma a permitir uma organização eficiente e, por outro, a comunicação requer uma recuperação correta, cujo sucesso depende da qualidade da organização.

Barité (2012, tradução nossa¹³¹), declara que a Organização do Conhecimento é uma área focada nos processos de elaboração, desenvolvimento e gestão de sistemas de organização do conhecimento e outras estruturas conceituais, e em atividades de classificação e indexação para a recuperação temática e descritiva de documentos (registros gráficos), dados e todos os tipos de

¹³⁰ El término Organización del Conocimiento aparece en los últimos años con asiduidad en la literatura de las Ciencias de la Documentación para hacer referencia al encuentro, en un campo de límites todavía insertos, entre las técnicas de gestión documental y diversas disciplinas que en la actualidad se encuentran en la avanzada de la investigación científico-humanística y tecnológica. Por Organización del Conocimiento entendemos la disciplina dedicada al estudio y desarrollo de los fundamentos y técnicas de la planificación, construcción, gestión, uso y evaluación de sistemas de descripción, catalogación, ordenación, clasificación, almacenamiento, comunicación y recuperación de los documentos creados por el hombre para testimoniar, conservar y transmitir su saber y sus actos, a partir de su contenido, con el fin de garantizar su conversión en información capaz de generar nuevo conocimiento. Se trata, por tanto, de una ciencia tridimensional, ya que se ocupa de los principios, métodos e instrumentos puestos en acción para la gestión del conocimiento humano desde una triple perspectiva: su representación, su organización y su comunicación documental. No obstante, la Ciencia de la Representación, Organización y Comunicación del Conocimiento, se denomina de modo más común y breve Organización del Conocimiento, debido a que la organización es el elemento mediador entre los otros dos actos; ya que, por un lado, la representación se efectúa con la finalidad de permitir una eficaz organización, y, por otro, la comunicación exige una correcta recuperación, cuyo éxito depende de la calidad de la organización (NAVARRO; GARCÍA MARCO, 1995).

¹³¹ La Organización del Conocimiento es un área centrada en los procesos de construcción, desarrollo y gestión de sistemas de organización del conocimiento y otras estructuras conceptuales, y en las actividades de clasificación e indexación para la recuperación temática de documentos, recursos, datos y todo tipo de información (BARITÉ, 2012).

informação que possa ser analisada pelos processos da organização do conhecimento.

De acordo com uma definição mais especializada, a Organização do Conhecimento é uma

Área do conhecimento com uma formação recente, que estuda as leis, os princípios e os procedimentos pelos quais se estrutura o conhecimento especializado em qualquer disciplina com a finalidade de representar tematicamente e recuperar a informação contida em documentos de qualquer caráter, por meios eficientes que deem respostas rápidas às necessidades dos usuários (BARITÉ, 2015, p. 120, tradução nossa¹³²).

No entendimento de Barité (2015), a Organização do Conhecimento possui um caráter científico, visto que ela tem em sua essência leis específicas, epistemologia, metodologias, princípios e procedimentos técnicos.

Em relação às dimensões, para Guimarães (2017, grifo nosso), a Organização do Conhecimento se baseia em três, sendo **a aplicada, a cultural e a epistemológica**: a primeira estuda os modelos, formatos, instrumentos e estruturas em organização do conhecimento. A segunda tem lugar nas questões sociais, políticas, étnicas, linguísticas, educativas e contextuais da organização do conhecimento. A terceira tem as bases conceituais, históricas e metodológicas da organização do conhecimento. Desse modo, podemos dizer que esta dissertação se enquadra nas três bases destacadas por Guimarães (2017).

Levando em consideração a análise do autor, entende-se que a Organização do Conhecimento é avaliada em três dimensões, nas quais elas estão totalmente integradas. Ainda, nessa perspectiva, Guimarães (2017, grifo nosso), salienta que a organização do conhecimento pode ser dividida em alguns momentos: **arte, técnica** e a busca por **metodologia**. No primeiro momento, ela era considerada como um dom, no segundo caso, estava voltada para as ideias positivistas e utilitaristas na segunda metade do século XIX, como ainda estava relacionada a um conjunto de regras que sistematizava a organização e representação de documentos para a posterior recuperação e acesso às informações por meio de sistemas de organização do conhecimento, em um terceiro momento, ela tem a sua essência

¹³² Área del conocimiento de formación reciente, que estudia las leyes, los principios y los procedimientos por los cuales se estructura el conocimiento especializado en cualquier disciplina, con la finalidad de representar temáticamente y recuperar la información contenida en documentos de cualquier índole, por medios eficientes que den respuesta rápida a las necesidades de los usuarios (BARITÉ, 2015, p. 120).

baseada na metodologia e estabelecimento de diretrizes e políticas de representação e organização (GUIMARÃES, 2017, p. 85-86).

Dada a contextualização acerca da Organização do Conhecimento, é salutar discutirmos o seu principal objeto de estudo, isto é, o conhecimento, sendo ele produzido, registrado, materializado em um suporte informacional, organizado e socializado para que possa circular e contemplar as mais variadas camadas sociais, a fim de cumprir o seu propósito maior, ou seja, a disseminação do conhecimento na sociedade como um todo. Para Egan e Shera (1952), Shera (1972,1977), o conhecimento produzido nas unidades de informação pode ser denominado de registros gráficos e produtos intelectuais.

No campo da Ciência da Informação, para Lima e Alvares (2012, p. 24), a ideia de conhecimento pode ser tomada de acordo com os aspectos cognitivos que ocorrem na mente humana, os quais envolvem processos mentais de compreensão, percepção, associação e de construção, desconstrução e reconstrução de conteúdos intelectuais. Desse modo, no aspecto cognitivo, o conhecimento é compreendido por meio de um processo representado pelos dados, informação e que essa conexão se transformará em conhecimento, nesse sentido,

[...] o conhecimento engloba a informação e, uma vez socializado, transforma-se em nova informação, o que leva à constatação de que organizamos, na realidade, o conhecimento, visto que a informação seria a matéria-prima da construção do conhecimento a este se apresenta como um produto finalizado, daí surge a sua preferência pelo uso dessa expressão para designar o campo” (PANDO, 2018, p. 170).

Com base em Pando (2018), partindo da ideia de que o conhecimento é adquirido através de dados e informação, somado ao fato de que cada vez que o conhecimento é socializado, ele transforma-se em uma nova informação, entende-se que o que organizamos é o conhecimento, e não a informação, visto que ela é um insumo do conhecimento.

Dessa maneira, é importante destacar que, embora o termo Organização da Informação e do Conhecimento, geralmente, é tratado como sinônimo, Pando (2018, p. 145) orienta que essa relação, de todo modo “ressalta-se, também, que existe uma simbiose muito forte entre a Organização do Conhecimento e a Organização da Informação a ponto de alguns autores chegarem à mesmo a propor que trata-se da mesma coisa”.

Conforme apontado por Pando (2018), em alguns casos, é comum nos depararmos com a relação entre a Organização da Informação e a Organização do Conhecimento tratando-se da mesma coisa, tendo em vista que há uma forte ligação que existe entre as duas, mas que na verdade, são conceitos totalmente diferentes, é preciso estarmos atentos a esses conceitos, e também as suas aplicabilidades, assim como eles são analisados no campo da Ciência da Informação.

Nas palavras de Melo e Brascher (2014, p. 71) de uma maneira geral, em meados “da década de 1970, Dahlberg sistematizou e formalizou a Teoria do Conceito, com base na Teoria Geral da Terminologia de Eugene Wüster e na Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan”. Na concepção das autoras supracitadas, a Teoria do Conceito de Dahlberg possui influências de duas teorias relevantes, a Teoria Geral da Terminologia e a Teoria da Classificação Facetada. Sendo assim, entendemos que Dahlberg procura apresentar a Teoria do Conceito baseada em estudos da gramática ou linguística, também proveniente dos estudos biblioteconômicos, no caso, a teoria da classificação de Ranganathan. De modo geral, segundo Sales e Murguia (2015), Dahlberg entende que a organização do conhecimento se configura como uma organização de unidades de conhecimento, melhor dizendo, uma organização de conceitos.

Nesse sentido, a existência do conceito dispensa a designação e a materialidade por estar situado no campo das ideias. Desde as primeiras indagações filosóficas, os conceitos são considerados uma espécie de ligação entre o tangível e o intangível, sendo inflexivelmente associados ao ato da organização e representação do conhecimento (MELO; BRASCHER, 2014).

Miranda *et al* (2012, grifo nosso) declara que os princípios da Teoria do Conceito nos permitem identificar qualquer objeto no universo empírico (**referente**), atribuindo-lhe um conjunto de características visando à construção de enunciados verdadeiros acerca de tal objeto que posteriormente será nomeado, e assim chegarmos à definição de conceitos. Este modelo de formação de conceitos possibilita também a identificação de características comuns ou diferentes com outros objetos, o que permite estabelecer as relações conceituais existentes entre os objetos.

Segundo Friedman e Thellefsen (2011, p. 660, grifo nosso, tradução nossa¹³³) “Dahlberg oferece uma fundamentação triádica (**referente, forma verbal e características**) para o termo “conceito”. Concordando com esse modelo, o “conceito é gerado através de um todo que ainda não existe”. Em nosso entendimento, Dahlberg oferece uma fundamentação baseada em um modelo triádico para a explicação do termo conceito, no entanto, para os autores, um conceito é um todo gerado que ainda não existe e que de alguma forma não foi constituído, por isso precisa de sentido para a sua existência, como por exemplo, poderíamos citar o caso de um significado e um significante, e que desta união surgirá um signo. Nesta concepção triádica, há uma característica bastante importante, isto é, ela é baseada em uma triangulação, em que o referente é o ponto central nos estudos de Dahlberg. Desse modo, nas palavras de Friedman e Thellefsen (2011, p. 660, grifo nosso, tradução nossa¹³⁴) “a criação de referência ocorre em três atividades: **predicação, denotação e designação**”. Segundo os autores, o tema central de Dahlberg é o referente, sendo assim, ele está relacionado a três conceitos: a predicação¹³⁵, denotação e designação.

O conceito está relacionado também à filosofia, sendo essa a que iniciou os estudos sobre gênese e formação de conceitos,

Assim, a filosofia foi a área do conhecimento que iniciou os estudos sobre a gênese e formação de conceitos. Porém, ao longo da história do pensamento científico, o conceito tornou-se objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento: lógica, semântica, linguística, terminologia, psicologia, ciência da informação, entre outras, o que permite caracterizá-lo como um objeto de natureza interdisciplinar, relacionado à cognição humana e à noção de significado (MELO; BRASCHER, 2014, p. 69).

Na concepção de Melo e Brascher (2014), a filosofia deu o ponto de partida nos estudos acerca dos conceitos. Além disso, para Melo e Brascher (2014, p. 70), é preciso ressaltar também que, o conceito está relacionado a outras áreas do conhecimento, como algo interdisciplinar, dialogando com outros campos do conhecimento científico. Nesse sentido, no contexto da Ciência da Informação, os autores que trouxeram maiores relevâncias e contribuições para os estudos sobre

¹³³ Nas palavras dos autores “Dahlberg offered a triadic foundation of the term “concept”. According to this model, a “concept” is a generated whole that does not yet exist”. (FRIEDMAN; THELLEFSEN, 2011).

¹³⁴The creation of reference occurs through three activities: predication, denotation, and designation (FRIEDMAN; THELLEFSEN, 2011).

¹³⁵ Dicionário *Houaiss* de sinônimos e antônimos da língua portuguesa (2003, p. 528) predicação é “prática, prédica e sermão”.

conceitos foram Ingetraut Dahlberg, no sentido positivista, e Birger Hjørland, no aspecto epistemológico e pragmatista.

Em relação à fundamentação de conceitos, nas palavras de Melo e Brascher (2014, p. 71) “a Teoria do Conceito fundamentou a determinação de conceitos e o estabelecimento de relações entre eles em um sistema conceitual de organização do conhecimento”. Na concepção das autoras, a fundamentação de conceitos da Teoria do Conceito tem uma forte relação com um sistema conceitual de organização do conhecimento, o qual podemos entender essa organização do conhecimento como um processo de interação e preservação do conhecimento para uma próxima geração.

De maneira literal, para Dahlberg (1978a, p. 102) “é possível definir, então o conceito como é a compilação de enunciados verdadeiros sobre determinado objeto, fixada por um símbolo linguístico”. Neste sentido, o conceito está relacionado ao objeto linguístico, ou seja, aquele objeto que possui um significado para alguém e de acordo com uma determinada cultura, ele receberá aquela denominação, pois há uma convenção social que o legitimou. Portanto, ele será determinado pelo seu nome e uso no cotidiano, por exemplo, um vaso de cerâmica, o seu formato, a sua materialidade e o seu uso são determinados pela comunidade linguística. Em outras palavras, com base em Dahlberg (1978a), há uma convenção social e cultural que legitima a representação e o uso daquele determinado objeto.

Em relação à definição de conceito proposta por Dahlberg, nas palavras das autoras Melo e Brascher (2014, p. 71, grifo nosso) “Na Teoria do Conceito desenvolvida por Dahlberg, o conceito é uma unidade do conhecimento e só pode ser determinado a partir da junção dos três elementos que o constitui: **item de referência (referente), propriedades (sínteses de características) e termo (designações)**”. Nesse sentido, entendemos que a constituição ou formação de um conceito para Dahlberg só pode ser compreendida a partir da combinação desses três elementos citados.

Nas palavras de Dahlberg (1978, p. 12b) “Conceito é a unidade de conhecimento que surge pela síntese dos predicados necessários relacionados com determinado objeto e que, por meio de sinais linguísticos, pode ser comunicado”.

Para entendermos melhor essa materialização do conceito em um determinado objeto, é preciso analisarmos o quadro 3:

Quadro 3 - Conceitos na concepção de Dahlberg

Nível	Individuais	Gerais
Objetos	Objetos individuais	Objetos gerais
Conceitos	Conceitos Individuais	Conceitos gerais
Sinais verbais	Nomes Individuais	Nomes gerais
Sinais não-verbais	Sinais individuais	Sinais gerais

Fonte: Elaborado pelo autor, adaptado de Dahlberg (1978, p. 102).

No presente quadro, destacamos que os conceitos são analisados em diversos níveis, no primeiro, são os objetos (individuais e gerais); no segundo, são os conceitos (individuais e gerais); no terceiro, são os nomes (individuais e gerais) e; por último, são os sinais verbais e não-verbais (individuais e gerais). A partir da ilustração, entendemos que os conceitos podem estar em um plano geral e depois são hierarquizados, ou seja, eles estão em uma estrutura que parte de um geral e são destinados a um contexto específico.

Retomando a discussão a respeito do referente, para corroborar os estudos de Dahlberg, de acordo com Friedman e Thellefsen (2011, p. 660, tradução nossa¹³⁶) “o referente é o principal componente da triangulação de Dahlberg”. De acordo com os autores, o ponto principal para Dahlberg é o referente, baseado em um quadro onde são explicados os elementos constitutivos dos estudos da autora, tendo como parte os três conceitos que foram anteriormente definidos (predicação, denotação e designação (designar)).

Como visto de maneira sucinta, sobre a teoria do conceito de Dahlberg, no primeiro momento, ela tem influências de duas teorias, a Teoria Geral da Terminologia e a Teoria da Classificação Facetada. Vimos também que Dahlberg oferece uma fundamentação triádica do conceito (referente, forma verbal e as características). Em outro aspecto, o conceito é entendido a partir de uma

¹³⁶ The “Referent” is the main component of Dahlberg’s triangulation (FRIEDMAN; THELLEFSEN, 2011, p. 660).

perspectiva do objeto linguístico (referente, sínteses das características e designações).

A seguir, apresentaremos um panorama geral sobre a teoria do conceito na concepção de Birger Hjørland, partindo de perspectivas teóricas, aspectos históricos e fundamentais para a elucidação desta teoria, que, a princípio, cumpre destacar que Hjørland desenvolve estudos no aspecto epistemológico, social e pragmático no campo da Organização do Conhecimento e na Teoria do Conceito. Somado a isso, Hjørland entende esses aspectos como partes integrantes da epistemologia com base no racionalismo, empirismo, historicismo e pragmatismo.

Nessa perspectiva, segundo Hjørland (2010, p. 38), “a teoria do conceito pode ser entendida como a derivação da teoria do conhecimento”. Na concepção do autor, a teoria do conceito está totalmente associada à epistemologia, à filosofia, à gnosilogia ou à teoria do conhecimento, ela está intrinsecamente relacionada aos estudos filosóficos, um bom exemplo é a classificação aludida por Aristóteles, que foi adotada como um instrumento de representação e organização do conhecimento no campo da Biblioteconomia, Ciência da Informação e Documentação.

Segundo Melo e Brascher (2014, p. 77), “no entendimento de Hjørland, o conceito pode ser entendido como uma construção social e cultural, em que os seus significados são construídos com base em seus diálogos específicos”.

De maneira especializada, podemos entender o conceito a partir da seguinte definição, em que essa ideia,

Em geral, todo processo que possibilita a descrição, a classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis. Assim, entendido, esse termo tem significado generalíssimo e pode incluir qualquer espécie de sinal ou procedimento semântico, seja qual for o objeto a que se refere, abstrato ou concreto, próximo ou distante, universal ou individual etc. Pode-se ter um C. de mesa tanto quanto do número 3, de homem tanto quanto de Deus, de gênero e espécie (os chamados *universais* [v.]) tanto quanto de uma realidade individual, como, por exemplo, de um período histórico ou de uma instituição histórica (o “Renascimento” ou o “Feudalismo”) (ABBAGNANO, 2007, pp. 194-195).

A teoria do conceito é um campo extremamente amplo, interdisciplinar e um espaço complexo de pesquisa relacionado a muitos campos com uma longa história de tradição. Entretanto, a Ciência da Informação e a Organização do Conhecimento não podem evitar a relação com a teoria do conceito (HJORLAND, 2009, p. 1519,

tradução nossa¹³⁷). Para o autor, podemos entender a teoria do conceito como um campo interdisciplinar, mas ainda não há um consenso, tendo em vista a vários campos relacionados a ela. Sendo assim, o campo da Ciência da Informação e a Organização do Conhecimento não podem evitar a forte relação com a teoria do conceito.

Em relação a essa interdisciplinaridade, para Hjørland (2009, p. 1520, tradução nossa¹³⁸), ela é composta pelos campos da semiótica, análise do discurso, terminologia, estudos da informação, que são áreas fundamentais para o entendimento dos conceitos enquanto modelo de construção e representação do conhecimento.

Ainda, nessa perspectiva, Melo e Brascher (2014), declaram que ao longo do pensamento científico, podemos entender que o conceito transformou-se em objeto de outros campos de estudos, como a lógica, semântica, linguística, psicologia, ciência da informação, entre outras áreas que o caracterizaram como um instrumento de caráter interdisciplinar, em que ele pudesse ser caracterizado como algo associado à cognição humana e à ideia de significado.

Em respeito à interdisciplinaridade, a teoria do conceito, de acordo com Hjørland (2009, p. 1520, tradução nossa¹³⁹), apresenta a aparente falta de um núcleo também pode ser causada pela natureza interdisciplinar da pesquisa em conceitos. Em que ele está relacionado à psicologia, filosofia, linguística, sociologia, inteligência artificial e muitos outros campos.

Para Hjørland (2010, p. 41, tradução nossa¹⁴⁰), “a teoria do conceito tem sido dominada pelos estudos psicológicos e os estudos que formam o conceito na ciência”. Neste aspecto, segundo Silva e Santos (2010, p. 84), sob o ponto de vista da terminologia, a teoria do conceito enfrenta inúmeras dificuldades para definir-se,

¹³⁷ Concept theory is an extremely broad, interdisciplinary and complex field of research related to many deep fields with very long historical traditions without much consensus. However, information science and knowledge organization cannot avoid relating to theories of concepts (HJORLAND, 2009, p. 1519).

¹³⁸ Many new and interdisciplinary fields such as semiotics, discourse analysis, terminology, information studies, etc. also have implications for the understanding of concepts (HJORLAND, 2009, p. 1520).

¹³⁹ The seeming lack of a core may also be caused by the interdisciplinary nature of research in concepts. It is related to psychology, philosophy, linguistics, sociology, artificial intelligence, and many other fields (HJORLAND, 2009, p. 1520).

¹⁴⁰ Concept theory has been dominated by psychological studies rather than by studies of concept formation in science (HJORLAND, 2010, p. 141).

haja vista que ela interage com outras áreas do conhecimento, sendo a filosofia, epistemologia, linguística, psicologia, entre outras.

A função básica do conceito, diz Hjørland (2003, tradução nossa¹⁴¹), é fornecer uma base para interagir com o universo. Conceitos fornecem horizontes e aprendizados em um mundo contínuo.

Os conceitos, por exemplo, podem ser analisados e estudados pela psicologia, linguística, filosofia, sociologia, inteligência artificial etc.. Cada um desses campos tende a enfatizar diferentes aspectos dos conceitos. Ao mesmo tempo, porém, cada campo luta com os mesmos problemas fundamentais em relação à natureza dos conceitos. Em segundo lugar, existem teorias básicas (epistemológicas) de conceitos que são comuns a todos esses campos, e dentro de cada um competem por posição. É esse nível epistemológico que é mais importante. Se uma teoria forte for desenvolvida neste nível, todas as disciplinas envolvidas serão beneficiadas de uma forma muito importante (HJORLAND, 2003, tradução nossa¹⁴²).

Silva e Santos (2010, p. 84) entendem que um conceito é relevante enquanto unidade de pensamento quando inicia o seu ciclo de vida; no momento em que está totalmente formado, aceito e legitimado por uma comunidade de especialistas, que se transforma em unidade de conhecimento. Desse modo, a passagem a unidade de lógica dá-se através de uma linguagem de representação formalizada para fins de manipulação computacional. Dessa maneira, podemos compreender que o conceito se constitui e se manifesta por meio de sistemas de organização do conhecimento.

Na concepção de conceito de Hjørland, Melo e Brascher (2014), os autores chamam a atenção e declaram que devemos compreender que os conceitos não devem ser analisados e entendidos de maneira isolada, isto é, precisam ser tratados de maneira uniforme, pois existem concepções e ideias concorrentes em todos os âmbitos do conhecimento.

¹⁴¹ The basic function of concepts is to provide a basis for dealing with the world. Concepts provide borders and classes in a continuous world (HJORLAND, 2003).

¹⁴² Los conceptos, por ejemplo, pueden ser estudiados por la psicología, la lingüística, la filosofía, la sociología, la inteligencia artificial, etc. Cada uno de estos campos tiende a enfatizar diferentes aspectos de los conceptos. Al mismo tiempo, sin embargo, cada uno de esos campos lucha con los mismos problemas fundamentales en relación a la naturaleza de los conceptos. En segundo lugar, hay teorías básicas (epistemológicas) de los conceptos que son comunes a todos esos campos, y que dentro de cada uno compiten por una posición. Es este nivel epistemológico el que resulta más importante. Si una teoría fuerte es desarrollada a este nivel, todas las disciplinas involucradas se beneficiarán de una manera muy importante (HJORLAND, 2003).

Segundo Hjørland (2009, p. 1519, tradução nossa¹⁴³), uma importante visão de conceitos hoje em dia pode ser dita como “pós-kuhniana”, no sentido de que é reconhecida como diferentes teorias e paradigmas que podem ser considerados o mais importante mecanismo para o desenvolvimento dos conceitos. Neste seguimento, de acordo com Melo e Brascher (2014), “Hjørland define conceito como uma construção social e cultural, cujos significados são dinamicamente construídos e negociados a partir da sua vivência em diálogos específicos”.

De acordo com o *Diccionario Online de Organización y representación del conocimiento*, o conceito é

Abstração ou noção que se refere a uma unidade de conhecimento, independente de sua expressão linguística, e compreende o conjunto de suas feições. O conceito é tanto uma representação simbólica, e está na base da Teoria da Classificação e da Terminologia, pois o elemento é indivisível que permite representar o conhecimento, os conteúdos e os documentos e organizar os enunciados correspondentes à ideia que se tenha de qualquer coisa. Em vocabulários controlados e na linguagem natural, o conceito é representado mediante um rótulo (BARITÉ, 2015, p. 52, tradução nossa¹⁴⁴).

Hoje, mais pesquisadores em ciência cognitiva estão estudando conceitos a partir das perspectivas da história e filosofia da ciência e de perspectivas culturais mais amplas e, por causa disso, a ciência cognitiva parece ser mais frutífera hoje em comparação com os estudos realizado em 1991 (HJORLAND, 2009, p. 1520-1521, tradução nossa¹⁴⁵).

Hjørland (2009, tradução nossa¹⁴⁶) declara que um conceito é uma representação resumida de alguns conjuntos de coisas em termos de condições que são individualmente necessárias e, em conjunto, suficientes para determinar a associação nesse conjunto. Nas palavras de Melo e Brascher (2014, p. 73), com

¹⁴³ An important view of concepts today can be said to be “post-Kuhnian” in the sense that it is recognized that different theories and “paradigms” may be considered the most important mechanism for the development of concepts (HJORLAND, 2009, p.1519).

¹⁴⁴ Abstracción o noción que refiere a una unidad de conocimiento, independiente de su expresión lingüística, y comprende el conjunto de sus rasgos esenciales. El concepto, en tanto representación simbólica, está en la base de la Teoría de la Clasificación y de la Terminología, pues es el elemento indivisible que permite representar el conocimiento contenido en los documentos y organizar los enunciados correspondientes a la idea que se tiene de cualquier cosa. En vocabularios controlados y en lenguaje natural, el concepto se representa mediante un rótulo (BARITÉ, 2015, p. 52).

¹⁴⁵ Today, more researchers in cognitive science are studying concepts from the perspectives of the history and philosophy of science and from broader cultural perspectives, and because of this, cognitive science seems to be more fruitful today compared with 1991 (HJORLAND, 2009, p. 1520-1521).

¹⁴⁶ A concept is a summary representation of some sets of things in terms of conditions that are singly necessary and jointly sufficient for determining membership in that set. It is also often assumed that to possess a concept means to know its defining conditions (HJORLAND, 2009, p. 1520).

base em Hjørland, “conceitos não podem ser entendidos isolados dos interesses e teorias que motivaram sua construção, pois, em geral, há concepções e conceitos concorrentes em todos os domínios do conhecimento”.

Um conceito não é uma definição, mas seu conteúdo tem uma relação causal apropriada com as coisas do universo. Essa visão está relacionada à visão racionalista dos conceitos primitivos inatos (HJORLAND, 2009, p. 1521, tradução nossa¹⁴⁷). Os conceitos são vistos como construções pragmáticas, segundo Hjørland (2009, tradução nossa¹⁴⁸), assim podemos, de acordo com nossas necessidades, variar as abstrações que construímos e fazemos da realidade.

Hjørland (2009), explica que na filosofia, por exemplo, fala-se do jovem e do velho Wittgenstein como conceitos separados, porque se sente que sua filosofia mudou e, portanto, é importante distinguir entre os escritos de Wittgenstein em momentos diferentes.

A função básica dos conceitos é, portanto, fixar algo em um sinal (ou na mente) para poder pensar sobre isso, comunicar-se e agir em relação a ele. Por isso, é importante que os conceitos não possam mudar. Vamos agora considerar esta questão (HJORLAND, 2009, p. 1522, tradução nossa¹⁴⁹). Aproveitando a fala do autor, sobre a ideia de conceito fixado, é importante destacar a noção de registros gráficos, ou documentos, conceitos amplamente considerados e aceitos na perspectiva de Shera e Egan.

A teoria dos conceitos desenvolvida na Teoria da Atividade pode ser interpretada da seguinte forma: temos na sociedade formas de práticas mais ou menos padronizadas, como ensinar nas escolas, cantar nas igrejas, dirigir carros etc.. Todas essas práticas são mais ou menos estáveis, mas padronizadas, mudam dinamicamente na execução mais longa ou mais curta. Quando os seres humanos desenvolvem novas práticas, eles associam sinais a eles. Por exemplo, associamos a palavra "escola" a estabelecimento de ensino ou a palavra "*hymm*" para o que é

¹⁴⁷ A concept is not a definition, but its content has an appropriate causal relation to things in the world. This view is related to the rationalist view of innate primitive concepts (HJORLAND, 2009, p. 1521).

¹⁴⁸ Because concepts are pragmatic constructions, we may, according to our needs, vary what abstractions we make. In philosophy, for example, one speaks of the young and the old Wittgenstein as separate concepts because it is felt that his philosophy changed, and, therefore, it is important to distinguish between the writings of Wittgenstein at different times (HJORLAND, 2009).

¹⁴⁹ The basic function of concepts is thus to fixate something in a sign (or in the mind) to be able to think about it, to communicate about it, and to act in relation to it. Because of this, it has been claimed that concepts cannot change. We shall now consider this issue (HJORLAND, 2009, p. 1522).

cantado nas igrejas. Conceitos são ferramentas formadas para pensar e comunicar algo sobre essas práticas (HJORLAND, 2009, tradução nossa¹⁵⁰).

Conclui-se que os conceitos, para Hjørland (2009, p. 1523, tradução nossa¹⁵¹), são significados dinamicamente construídos e negociados coletivamente que classificam o mundo de acordo com interesses e teorias. Os conceitos e seu desenvolvimento não podem ser entendidos isoladamente dos interesses e teorias que motivaram sua construção. Em geral, devemos esperar que conceitos e concepções concorrentes estejam sempre presentes em todos os domínios. Nesse sentido, para Melo e Brascher (2014), Hjørland desenvolve os estudos da teoria do conceito por intermédio de uma visão pragmática informacional, em que essa concepção se colocava contrária à visão positivista de Dahlberg.

O empirismo argumenta que os conceitos são formados na aprendizagem baseada nas relações e semelhanças entre coisas e através da aquisição ou convenções apreendidas nas palavras e nas coisas (HJORLAND, 2009, p. 1523, tradução nossa¹⁵²). A experiência se manifesta de maneira presente quando compreendida pelos indivíduos.

No segundo momento, o racionalismo é uma corrente filosófica importante para o entendimento dos conceitos, segundo Hjørland (2009, p. 1524, tradução nossa¹⁵³), o racionalismo é o ideal de basear o conhecimento em lógicas, princípios, regras, abstrações e modelos idealizados. O racionalismo é cético em relação às experiências sensoriais que não são organizadas de acordo com princípios. Essas

¹⁵⁰ The theory of concepts developed within Activity Theory may be interpreted as follows: We have in society more or less standardized forms of practices such as teaching in schools, singing in churches, driving cars, etc. All such practices are more or less stable standardized but changes dynamically in the longer or shorter run. When human beings develop new practices, they associate signs with them. For example, we associate the word “school” with places for teaching or the word “hymm” for whats is sung in churches. Concepts are tools formed to think about and communicate about such practices (HJORLAND, 2009).

¹⁵¹ Concepts are dynamically constructed and collectively negotiated meanings that classify the world according to interest and theories. Concepts and their development cannot be understood in isolation from the interests and theories that motivated their construction, and, in general, we should expect competing conceptions and concepts to be at a play in all domains at all times (HJORLAND, 2009, p. 1523).

¹⁵² Empiricism argues that concepts are formed on learning based on the relations of resemblance among things and through acquired or learned conventions between things and words (HJORLAND, 2009, p. 1523).

¹⁵³ Rationalism is the ideal of basing knowledge on logic, principles, rules, and idealized models. Rationalism is skeptical about empiricism and about sense experiences that are not organized according to principles, which are, in one way or another, a priori in relation to experience (for example, fast wired into our cognitive systems) (HJORLAND, 2009, p. 1524).

são de uma maneira ou de outra, a priori em relação à experiência (por exemplo, rapidamente conectados aos nossos sistemas cognitivos).

De acordo com Hjørland (2009, tradução nossa¹⁵⁴), os racionalistas enfatizam conceitos inatos, o poder do raciocínio a priori e a falta de confiabilidade da percepção. Empiristas conceituam a percepção como a fonte de nossos conceitos e o principal meio de obter conhecimento.

O historicismo é o ideal de basear a pesquisa em contextos, desenvolvimentos históricos e explicações da pré-compreensão dos pesquisadores. É baseado no entendimento que as observações são "carregadas de teoria" ou influenciadas culturalmente (em oposição à neutras e "objetivas") processos (HJORLAND, 2009, p. 1525, tradução nossa¹⁵⁵).

Esses mecanismos são pelo empirismo e racionalismo considerado dado biologicamente, não cultural ou socialmente desenvolvido (HJORLAND, 2009, p. 1525, tradução nossa¹⁵⁶).

O pragmatismo é o método mais adequado para se basear o conhecimento na análise de objetivos, propósitos, valores e consequências. É um tipo de darwinismo aplicado à epistemologia (o conhecimento é entendido como desenvolvimento feito para aumentar a humanidade adaptação ao ambiente físico, social, biológico e cultural (HJORLAND, 2009, tradução nossa¹⁵⁷).

Embora pareça ser contrário a ideais científicos básicos de busca da verdade (em vez de politizar), o pragmatismo se baseia na suposição de que o conhecimento não pode ser neutro (por causa de sua natureza teleológica) e, portanto, é importante descobrir os valores inerentes e consequências em qualquer reivindicação de conhecimento, em qualquer concepção, e em qualquer classificação. O pragmatismo entende conceitos como uma maneira de fixar peças

¹⁵⁴ Rationalists emphasize innate concepts, the power of a priori reasoning, and the unreliability of perception. Empiricists regard perception as the source of our concepts and the primary means of attaining knowledge (HJORLAND, 2009). HJORLAND, 2009, p. 1523).

¹⁵⁵ Historicism is the ideal of basing research on social contexts, on historical developments, and on the explication of researchers' pre-understanding. It is based on the understanding that observations are "theory-laden," or culturally influenced (as opposed to neutral and "objective") processes. (HJORLAND, 2009, p. 1525).

¹⁵⁶ These mechanisms are by empiricism and rationalism considered biologically given, not culturally or socially developed. (HJORLAND, 2009, p. 1525).

¹⁵⁷ Pragmatism is the ideal of basing knowledge on the analysis of goals, purposes, values, and consequences. It is a kind of Darwinism applied to epistemology (knowledge is understood as developments made to increase humankind's adaptation to the physical, biological and cultural environment). (HJORLAND, 2009).

da realidade no pensamento, na linguagem e em outros sistemas simbólicos (HJORLAND, 2009, p. 1526, tradução nossa¹⁵⁸).

Os pragmáticos tendem a ver conceitos relacionados a tarefas, buscando assim diferentes conceitos de animais em diferentes domínios e paradigmas. Os conceitos de espécies biológicas estão, portanto, relacionados a visões subjacentes sobre o que é a biologia e o que deveria ser (HJORLAND, 2009, tradução nossa¹⁵⁹).

A visão pragmática é baseada na visão de que empirismo, racionalismo e historicismo por si só não podem dar conta de desenvolvimentos conceituais. A visão pragmática, portanto, leva em consideração a ideia de conceitos como signos representando classes equivalentes e funcionais das coisas. O que deve ser considerado equivalente depende do propósito, interesse e perspectiva teórica. Definir um conceito é, portanto, envolver-se ativamente na luta entre diferentes visualizações (HJORLAND, 2009, p. 1526, tradução nossa¹⁶⁰).

Como visto, foram analisados os conceitos sobre Organização Conhecimento, percebeu-se que se trata das questões relacionadas à natureza do conhecimento e de prover uma maneira mais fácil de se chegar a ele por meio de seus instrumentos de pesquisa, como os sistemas de organização do conhecimento.

Tecnicamente, apresentamos um breve panorama acerca da Organização do Conhecimento no contexto da Ciência da Informação. Sendo assim, apresentaremos a seguir os principais instrumentos utilizados para a representação e na organização do conhecimento.

Esses instrumentos são conhecidos como os Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCS), são representados pela classificação bibliográfica, tesouros, taxonomias e ontologias. Para Melo e Brascher (2014, p. 68), eles são entendidos

¹⁵⁸ Although it seems to be, on the face of it, opposed to basic scientific ideals of searching truth (rather than to politicize), pragmatism is based on the assumption that knowledge cannot be neutral (because of its teleological nature) and, therefore, it is important to uncover the inherent values and consequences in any knowledge claim, in any conception, and in any classification. Pragmatism understands concepts as a way to fixate parts of reality in thought, language, and other symbolic systems. (HJORLAND, 2009, p. 1526).

¹⁵⁹ Pragmatists tend to see concepts as related to specific tasks, thus seeking different concepts of animals in different domains and paradigms. Biological species concepts are, thus, related to underlying views of what biology is and what it should be. (HJORLAND, 2009).

¹⁶⁰ The pragmatic view is based on the view that empiricism, rationalism, and historicism alone cannot account for conceptual developments. The pragmatic view, thus, considers concepts to be signs representing functional equivalent classes of things. What is to be considered equivalent depends on purpose, interests, and theoretical perspective. To define a concept is, thus, to involve oneself actively in the struggle between different views (HJORLAND, 2009, p. 1526).

de sistemas que desempenham a função de contribuir com os processos de organização e na recuperação da informação para representar os conceitos. Na concepção de Lima e Alvares (2012), para Hjørland (2008), os sistemas de organização do conhecimento são instrumentos que apresentam a interpretação organizada de estruturas do conhecimento, também chamadas de ferramentas semânticas.

São representações do conhecimento, que por sua vez são modelos de abstração do mundo real, construídos para determinada finalidade. São sistemas de classificação, dicionários, ontologias, taxonomias, tesouros, redes semânticas, entre outros (LIMA; ALVARES, 2012, p. 50).

No que entende Garcia Gutierrez (2014, tradução nossa¹⁶¹), a classificação, antes de se tornar um artefato específico para a organização de repositórios de conhecimento, do que denominamos em outros contextos de "exomemória", já era uma estratégia poderosa do *logos* para organizar o universo por meio de demarcações essencialistas e purificações ontológicas em um devaneio de universalismo e consistência de que somente por uma prática de autovigilância sensível e vontade emancipatória.

Segundo Lima (2015), a classificação pode ser vista como uma área de conhecimento, que classifica o conhecimento filosófico. Como classificação bibliográfica possui processos e instrumentos para representar conteúdo temático de documentos e aumentar a eficácia na recuperação de informações. As duas abordagens da classificação filosófica e bibliográfica procuram ligar teoria e prática dentro da área da Ciência da Informação. Como a Classificação, a Organização do Conhecimento é considerada, também, uma área do conhecimento e atividade.

Para apresentar um panorama da classificação bibliográfica, bem como as suas principais características, com base em Araújo (2006, p. 117), partimos de uma premissa de que a classificação é um processo que tem como objetivo dividir em grupos ou classes, levando em consideração as diferenças e semelhanças entre os objetos, assim como o conhecimento.

¹⁶¹ La clasificación, milenios antes devenir un artefacto específico para la organización de repositorios de conocimiento, de lo que hemos llamado en otros lugares "exomemoria", ya era una potente estrategia del *logos* para ordenar el mundo (*ordo*: disposición y mando) mediante demarcaciones esencialistas y purificaciones ontológicas en una ensoñación de universalismo y consistencia de la que, sólo mediante un ejercicio de autovigilancia sensible y de voluntad emancipatoria, logrará parcial y escasamente deshacerse (GARCIA GUTIERREZ, 2014).

Em relação à classificação bibliográfica, podemos dizer que,

Burke reconhece a existência de várias maneiras de classificar o conhecimento, ao longo da história da humanidade, sendo as distinções mais comuns: conhecimento teórico x prático; conhecimento público x privado; conhecimento legítimo x proibido; conhecimento alto x baixo; conhecimento liberal x útil; conhecimento especializado x geral; conhecimento dos livros x “das coisas”; conhecimento quantitativo x qualitativo (ARAÚJO, 2006, p. 121).

Para o autor, o historiador Peter Burke identifica inúmeras formas de classificação, cita o exemplo da classificação do conhecimento como uma forma de estabelecer semelhanças e diferenças.

De maneira geral, classificações bibliográficas são utilizadas na representação dos atributos de documentos a partir da atribuição de um código que represente o seu conteúdo principal (AZEVEDO, 2013, p. 15). Nesse sentido, com base no autor, destacamos que o principal objetivo da classificação bibliográfica é propiciar a localização de documentos e agrupar no interior de um acervo, por consequência, os usuários deverão ser o foco principal destes acervos documentais.

Segundo Lima e Alvares (2012, p. 70), no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, a classificação bibliográfica foi elaborada pelo bibliotecário indiano Ranganathan e publicada em 1933 sob o título de *Colon Classification*, sendo ela a primeira classificação facetada. De acordo com as autoras, desde a sua primeira edição, essa obra tem sido atualizada para ser útil a outros tipos de documentos (LIMA; ALVARES, 2012).

Na concepção de Schiessl e Shintaku (2012, p. 58, grifo nosso), a classificação assume quatro acepções: **1) colocar em determinada classe; 2) determinar a classe à qual pertence uma entidade; 3) definir classes e 4) alcançar determinado nível.** Nota-se que na concepção dos autores, a classificação pode ser analisada a partir de etapas. Em termos gerais, a classificação está relacionada diretamente com a organização do conhecimento, isto é, o modo de organizar, categorizar determinada área do conhecimento.

Ainda, neste contexto,

O processo de classificação bibliográfica não se restringe na determinação do local que uma obra vai ocupar nas estantes de uma biblioteca, mas também a sua localização na grande área do conhecimento, auxiliando também na recuperação da informação, visto que os usuários podem encontrar outras obras relacionadas no acervo (AZEVEDO, 2013, p. 16).

Na concepção de Azevedo (2013), este processo não se resume simplesmente à ordenação do material bibliográfico nos acervos, mas sim, como ele será localizado, recuperado e acessado pelo usuário, fazendo com que eles encontrem os materiais que estavam inicialmente procurando, pois a desordenação faz com que o sujeito não encontre a obra bibliográfica e, conseqüentemente, ele desistirá de seu objetivo inicial, isto é, de suprir uma necessidade informacional.

De um ponto de vista mais filosófico, entendemos a classificação da seguinte maneira,

O conceito mais geral é o de classificação, tendo começado a ser analisado de forma sistemática por filósofos como Aristóteles. Podemos dizer que, no seguimento da terminologia aristotélica, uma classificação organiza o conhecimento em categorias ou grupos, de acordo com determinados critérios. As classificações baseiam-se essencialmente na presença ou ausência de determinada propriedade, ou na diferença específica, conceito que deriva de Aristóteles e que se refere a uma propriedade incompatível com todas as outras propriedades situadas no mesmo nível de classificação (SILVA; SANTOS, 2010, p. 14).

Com base nas autoras, isso vai ao encontro daquela máxima de que a classificação em seus primórdios possuía um caráter altamente filosófico, porém, ao longo do tempo e devido às demandas da sociedade e das instituições, ela acabou formando um modelo cada vez mais científico e de caráter metodológico (SCHIESSL; SHINTAKU, 2012, p. 60). Para corroborar, Araújo (2006) declara que a classificação encontra a sua primeira formulação de uma teoria a partir da lógica aristotélica, com a divisão dicotômica dos objetos em gênero e espécie.

Nas palavras de Hjørland (2010, p. 38, tradução nossa¹⁶²), “a classificação é a estrutura dos conceitos (classes) principalmente sobre um tipo de relações semânticas: a relação genérica, que é um tipo de relação hierárquica”.

Ainda, no contexto dos instrumentos de organização do conhecimento, a respeito da origem da indexação, de acordo com Azevedo (2013, p. 18), ela tem o seu surgimento, “a partir do século XX, a indexação tomou um novo rumo quando a recuperação da informação começou a ser praticada em meio eletrônico, também chamada de indexação automática”. Em suma, a indexação teve a sua primeira aparição no século XX, como uma forma de demonstrar que os termos mais importantes deveriam ser representados para que os usuários pudessem ter acesso

¹⁶² A classification is thus a structure of concepts (classes) mainly based on one kind of semantic relations: the generic relation, which is one kind of hierarchical relation (HJORLAND, 2010, p. 38).

ao conhecimento, visto que, conforme salienta Azevedo (2013, p. 18), a recuperação da informação era realizada através dos meios eletrônicos ou na indexação realizada de maneira automatizada.

Para Azevedo (2013), a indexação ocupa um lugar de destaque na intermediação entre a necessidade do usuário e a recuperação de informações relevantes. Logo, além de possuir uma coleção que contemple as necessidades de seus usuários, qualquer unidade de informação precisa desenvolver mecanismos satisfatórios para a recuperação do conteúdo dos documentos de seu usuário, seja ele especializado ou não.

No que entende Azevedo (2013), sobre a função desse instrumento, a indexação consiste em descrever com termos o conteúdo temático de determinado documento, permitindo que usuários de unidades e serviços de informação consigam encontrá-lo facilmente.

Com relação a sua qualidade e eficiência é importante que o indexador conheça o público que utilizará os documentos levando as principais necessidades dos usuários e as suas características de uso das ferramentas de recuperação de informação. Em uma sociedade em que as práticas se desenvolvem de maneira dinâmica, é necessário que as unidades de informação, bem como os sistemas de organização do conhecimento acompanhem essa mudança. Nesse contexto, com as mudanças sociais, é imprescindível que o indexador, no caso do bibliotecário, estar atento às representações que surgem ao longo do tempo, melhor dizendo, ele precisa estar ciente e sobre os principais termos e conceitos para que não faça nenhum tipo de julgamento no atendimento, orientação, assim como na elaboração e atribuição dos termos a serem indexados nas bases de dados e catálogos.

Ainda, no escopo dos instrumentos de organização do conhecimento, a seguir, serão tratados aspectos conceituais sobre os tesouros e sua funcionalidade.

Os tesouros são instrumentos bastante utilizados na representação e na organização do conhecimento. De acordo com Hjørland (2010, p. 38, tradução nossa¹⁶³), “o elemento básico de um tesouro pode ser considerado os conceitos

¹⁶³The basics in a thesaurus may thus be considered concepts (understood as words representing the meaning of synonyms which have been disambiguated from similar words with different meanings). These concepts are thus organized alphabetically (and sometimes also systematically) with a substructure representing relations among concepts (i.e semantic relations). (HJORLAND, 2010, p. 38).

entendidos como palavras que representam o sinônimo que tem sido visto de forma sem ambiguidade de palavras com diferentes significados”.

Para Silva e Santos (2010), o termo tesouro, por sua vez, deriva do latim e do grego *thesaurus* que significava tesouro. Com o tempo passou a usar-se para designar o vocabulário de filologia, designadamente os dicionários especializados de uma determinada área de conhecimento. Historicamente, o primeiro emprego desta palavra data de 1531.

No sentido histórico, Motta (1986, p. 23) aponta que o tesouro começou a ser usado na década de 1950, como instrumento para conversão dos conceitos e suas relações expressas na linguagem natural dos documentos em uma linguagem informacional, como controle de sinônimos, quasi-sinônimos etc. e estruturas sintáticas simplificada. Além disso, cumpre destacar que a linguagem de informação pode ser entendida como um fenômeno especializado, considerando que o campo da Ciência da Informação se vale de terminologias próprias para estabelecer o diálogo e a comunicação com as suas áreas análogas, assim como os seus usuários, como em arquivos, bibliotecas, museus, centro de informação e documentação.

Lima e Alvares (2012, p. 90), apresentam e informam que o “tesouro como um tipo de vocabulário controlado. Isso significa que o vocabulário controlado do tesouro não é composto de palavras da língua natural, mas de uma lista de termos de um dado domínio”.

Sobre a sua estrutura,

A estrutura do tesouro propicia o estabelecimento de relacionamentos equivalentes, hierárquicos e associativos entre os termos. Tal estrutura é determinante para a exequibilidade das funções do tesouro. Essa conformação particular permite ao usuário encontrar o termo mais apropriado, mesmo sem saber inicialmente a denominação específica que representa a ideia ou o conceito que ele procura ou pretende recuperar (LIMA; ALVARES, 2012, p. 96).

Um tesouro constitui um sistema de indexação para representação conceitual, um vocabulário controlado, instrumento de organização, representação e recuperação da informação e acesso ao conhecimento (SILVA; SANTOS, 2010, p. 18).

Segundo Silva e Santos (2010, p. 19),

Existem inúmeras definições acerca dos tesouros, “A norma ISO 2788:1986 define tesouro como um vocabulário de uma linguagem de indexação

controlada, organizado formalmente de maneira a explicitar as relações estabelecidas a priori entre os conceitos”. Os tesouros constituem sistemas de organização do conhecimento cujo fundamento principal são as associações horizontais (associações que se desenvolvem no eixo sintagmático, o eixo das combinações). Estas potencializariam o desenvolvimento do ‘discurso’ documentário à medida que permitiriam uma combinação mais livre entre os descritores. No entanto, o alicerce dos tesouros continua sendo a hierarquia (o eixo paradigmático, ou eixo das escolhas): os planos de classificação, a seu modo, categorizam os descritores subsumindo-os em seus vértices.

Para Vargas e Van der Lann (2011, grifo próprio), o tesouro é um instrumento que reúne vocábulos e conceitos de um determinado campo do conhecimento que se relacionam entre si. A saber, os tesouros têm dois planos de trabalho: **o plano das ideias e o plano verbal**, em que os conceitos são organizados para permitir uma recuperação eficaz por parte do usuário que busca uma informação para sanar dúvidas ou reduzir a incerteza acerca de um fenômeno.

Sobre os tesouros, as sínteses entre seus termos e descritores que, aparentemente, poderiam fugir às restrições da hierarquia, não são livremente propostas, porque estão limitadas ao uso dos operadores booleanos (LARA; MENDES, 2017).

Nessa continuidade, partindo para as definições das ontologias, de acordo com Silva e Santos (2010), alguns autores consideram uma ontologia um tesouro avançado, constituindo-se como mais um tipo de estrutura de organização cognitiva baseada em conceitos e nas suas relações terminológicas.

No que definem Silva e Santos (2010, p. 20), uma ontologia é, em primeiro lugar, um recurso artificial, criado para organizar e recuperar conhecimento em ambientes de inteligência artificial, restrita a um domínio do saber, ou seja, por intermédio de uma linguagem específica, como glossários, dicionários específicos, verbetes, entre outros.

Porém, a utilização primeira do termo ontologia deriva da Metafísica e de um dos tratados de Lógica de Aristóteles intitulado Categorias, obedecendo a um plano essencialmente didático de iniciação filosófica. A importância deste tratado, explicado mais tarde por Porfírio em Eisagoge (Séc. III A.D.), só é comparável, na religião, à importância da Bíblia. Trata-se de um tratado não dogmático, mas irrefutável, sobre o estudo da existência (SILVA; SANTOS, 2010). Ainda, segundo Silva e Santos (2010, p. 22), no sentido filosófico, a “ontologia enquanto disciplina é

o estudo do ser pelo ser (Aristóteles, Meta. 1031a) e tem sido uma parte importante da metafísica desde os tempos mais antigos”.

No contexto filosófico, o termo ontologia é definido como um sistema de categorias que dão conta de certa concepção do universo, independente de uma língua particular. No entanto, a utilização mais corrente hodiernamente faz corresponder o termo ontologia a um artefato de engenharia, composto por um vocabulário específico que descreve uma determinada realidade, acompanhado de uma série de declarações explícitas relacionadas ao significado que se pretende transmitir desse vocabulário (SILVA; SANTOS, 2010, p. 32).

Referente às taxonomias, de acordo com Silva e Santos (2010), trata-se de um processo de classificação. Tradicionalmente ligada à biologia e à lógica, a palavra taxonomia tem a sua raiz etimológica no grego (*táxis* - ordenação; *nomos* - lei, norma, regra) e era considerada como a ciência para a classificação de organismos vivos. Das taxonomias científicas, a mais conhecida é a Taxonomia de Lineu. A origem do termo prende-se também com a biologia, em que é utilizado para definir a localização única de uma espécie dentro de uma hierarquia complexa.

Dada a natureza multidisciplinar das taxonomias, quase tudo pode ser classificado de acordo com algum esquema taxonômico. Pensa-se que a mente humana organiza naturalmente o conhecimento do mundo nesses sistemas (SILVA; SANTOS, 2010).

A primeira imagem à qual normalmente associamos o conceito de ‘classificação taxonômica’, se assim o podemos designar, é a de uma árvore. As árvores naturais são compostas por folhas, ligadas entre si por diversos ramos. As folhas são os nós da ‘árvore taxonômica’, representando as categorias com níveis maiores e menores de generalidade, e os ramos que ligam os nós representariam as relações de inclusão de categoria mais baixa numa mais alta. Insistir na estrutura em árvore é insistir, na realidade, de que a partir de qualquer nó na árvore existe pelo menos um ramo que sobe (SILVA; SANTOS, 2010, p. 17).

Para resumir o presente capítulo, a seguir, no quadro 5, serão apresentados os principais instrumentos e sistemas de organização do conhecimento:

Quadro 4 - Instrumentos e Sistemas de Organização do Conhecimento

Instrumentos e Sistemas de Organização do Conhecimento	Definições	Autores (as)
Classificação Bibliográfica	<p>a) Em geral, a classificação bibliográfica é o ato da divisão, em várias classes, de um conjunto de objetos. É também o produto que resulta da operação precedente, quando esta dá como resultado um sistema coerente e estruturado (ex.: a classificação dos minerais, dos vegetais).</p> <p>b) A classificação de Bliss é flexível, baseada em alguns princípios: 1) o consenso dos especialistas deve ser o fundamento de uma classificação do conhecimento adaptada à sua época; 2) a ordem das disciplinas é essencial; 3) emprego de localizações alternativas; 4) concisão nas notações.</p>	(CUNHA; CAVALCANTI, 2008);
Indexação	<p>a) Representação do conteúdo temático de um documento por meio dos elementos de uma linguagem documentária ou de termos extraídos do próprio documento (palavras-chave, frases-chave).</p>	(CUNHA; CAVALCANTI, 2008)
Tesauros	<p>a) Segundo Van Der Lann e Ferreira (2000), “o termo tesauro tem sua origem etimológica do latim <i>thesaurus</i>, que se originou do grego <i>thesaurós</i>: tinha o significado de tesouro ou armazém/repositório de palavras”.</p> <p>b) Ele tem como função principal o controle terminológico do vocabulário utilizado em uma área específica do conhecimento, indicando as relações entre os conceitos a serem indexados em bases de dados, repositórios, catálogos manuais/automatizados, sistemas de informação e de organização do conhecimento. Esse instrumento surge como uma possibilidade para resolver problemas característicos do uso da linguagem natural, mapeando, por exemplo, as expressões que representam o mesmo conceito, selecionando um termo apenas como padrão e os restantes como sinônimos, além de estabelecer relações</p>	(VAN DER LANN; FERREIRA, 2000); (COLEPICOLA et al, 2006).

	entre entes termos e outros a estes relacionados.	
Taxonomias	a) estudo teórico das bases, leis, regras e princípios de uma classificação. 2. matéria aplicada, que trata da classificação de dados. 3. biblioteconomia/filosofia: classificação de elementos. P.ex.: taxonomia botânica. Folheio hierárquico. 4. uma parte da gramática relativa à classificação das palavras. Ontologia, teoria de sistemas, semântica.	(CUNHA; CAVALCANTI, 2008)
Ontologias	a) Historicamente o termo ontologia tem origem no grego “ <i>ontos</i> ”, ser, e “ <i>logos</i> ”, palavra. O termo original é a palavra aristotélica “categoria”, que pode ser usada para classificar alguma coisa. Aristóteles apresenta categorias que servem de base para classificar qualquer entidade e introduz ainda o termo “ <i>differentia</i> ” para propriedades que distinguem diferentes espécies do mesmo gênero. A conhecida técnica de herança é o processo de mesclar <i>differentias</i> definindo categorias por gênero. b) A ontologia está relacionada ao estudo do ser, conforme apresentado anteriormente. Todavia, tal termo ganhou uma ressignificação na sociedade atual, sendo utilizado nos diversos campos de conhecimento, dentre eles a Inteligência Artificial, a Engenharia de Informática, a Ciência da Computação, assim como a Ciência da Informação, no entanto com um sentido diferente daquele proposto pela Filosofia.	(ALMEIDA; MAX, 2003); (FARIAS; PINHO, 2016);

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

O objetivo principal deste capítulo foi apresentar os aspectos teóricos, históricos e epistemológicos da Organização do Conhecimento, seja em seu caráter prático, ou seja, atividades/processos, bem como do ponto de vista de campo de investigação. Além disso, foi destacado o caráter interdisciplinar deste campo com a Ciência da Informação, entre outras áreas do conhecimento, como a Biblioteconomia, Computação, Documentação, Linguística, Lógica, Matemática etc..

Em um segundo momento, o objetivo do presente capítulo foi a relação da Organização do Conhecimento com a Teoria do Conceito de Ingetraut Dahlberg e Birger Hjørland, entre outros comentadores, a fim de destacar os principais aspectos

dessa teoria filosófica e que de certa forma se torna um elemento fundamental na elaboração de instrumentos e sistemas de organização do conhecimento.

Sobre a ideia de instrumentos e sistemas de organização do conhecimento, no presente capítulo foram destacados os mais utilizados: classificação bibliográfica, indexação, tesouros, taxonomia e as ontologias.

6 RELAÇÕES ENTRE A EPISTEMOLOGIA SOCIAL E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A presente seção tem por objetivo apresentar uma discussão sobre a relação da Epistemologia Social e da Organização do Conhecimento. Além disso, busca se aprofundar nos três pilares para a socialização do conhecimento na perspectiva de Jesse Shera, a saber, Biblioteca, Bibliotecário e a Ciência da Informação, a partir da noção de Responsabilidade Social que foi consagrada pelos autores Garcia, Targino e Dantas (2012). Por mais que não haja um conceito específico que vincule Epistemologia Social e Organização do Conhecimento, partimos da premissa de que este conceito é um dos que mais se aproximam dessa intersecção epistemológica e interdisciplinar entre as duas teorias.

Para corroborar com essa relação, sobre a dimensão epistemológica da Organização do Conhecimento, no entendimento de Smiraglia (2013, tradução nossa¹⁶⁴), toda organização do conhecimento aplicada é uma forma de discurso/narrativa, em que as estruturas e regras são objetos de comunicação da informação, e que ocorre em um meio cultural ou entre personagens em vários ambientes socioculturais. Um elemento muito importante da organização do conhecimento científico, então, deve ser a epistemologia, que é a própria ciência ou teoria do conhecimento, seja ele em seu aspecto teórico ou aplicado.

Nessa perspectiva, para Smiraglia (2013, p. 3, tradução nossa¹⁶⁵), a epistemologia é um instrumento essencial da Organização do Conhecimento. Logo, na Organização do Conhecimento, a epistemologia caracteriza uma dimensão, porque é como podemos mensurar ou expressar o espaço dentro de nosso domínio, desde a experiência para a razão, ambas são compreendidas como duas posturas epistemológicas primárias.

No que concerne a Epistemologia Social e Organização do Conhecimento, para Oddone (2007), com base em Shera e Egan (1952), a Epistemologia Social é o

¹⁶⁴ All applied knowledge organization is a form of discourse, in which the structures and rules are objects of communication, and which takes place in a cultural milieu or among actors in various cultural milieus. A very important component of the science of knowledge organization then must be epistemology, which is the science of knowledge itself (SMIRAGLIA, 2013).

¹⁶⁵ Epistemology is an essential tool of knowledge organization and a dimension is an expression of the extent of a space. Therefore, in knowledge organization, Epistemology represents one dimension, because it is how we can measure or express the space within our domain ranging from the empirical to the rational, the two primary epistemological stances (HJORLAND, 2013, p. 3).

exame das relações recíprocas que se estabelecem entre os seres humanos e seu mutante entorno social, antropológico, filosófico, cultural e tecnológico, visando à atividade cognitiva; ou seja, o estudo do ciclo que envolve atividade de produção, tratamento, classificação, organização, circulação e o uso do conhecimento, caracterizado em sua materialidade como uma verdadeira ecologia sociotécnica do trabalho intelectual desenvolvido não só por cientistas e pesquisadores, mas também pela sociedade como um todo.

Nessa perspectiva, no que destaca Hartel (2018, p. 80, tradução nossa¹⁶⁶), a começar pelos pronunciamentos e das investigações iniciais dos estudos de Margaret Egan e Jesse Shera acerca da Epistemologia Social décadas atrás (1950), pesquisadores da Biblioteconomia e Ciência da Informação adotaram, como perspectiva macroscópica (sentido amplo e coletivo), o reconhecimento das raízes históricas, sociais e culturais do conhecimento e seus mecanismos de organização e acesso para uma recuperação futura por meio de instrumentos e sistemas de informação e do conhecimento estruturados.

Por esse ângulo, com fundamento em Hartel (2018), podemos considerar que Egan e Shera foram um dos poucos estudiosos da Biblioteconomia e Ciência da Informação a época que se preocuparam com a origem dos aspectos históricos, sociais e culturais acerca do conhecimento e a forma como ele deveria ser organizado, acessado e comunicado de uma maneira integrada para a sociedade. Embora esses autores não tenham desenvolvido uma concepção ou projeto de “organização do conhecimento científico”, é salutar destacar os esforços que ambos desempenharam em termos de análises, estudos e desenvolvimento de teorias para o campo da Ciência da Informação em uma perspectiva sociocultural. Visto que no contexto em que estavam, a predominância do aspecto técnico era evidente nas relações tanto teóricas como práticas, e que isso refletia diretamente na atuação do bibliotecário em seu ambiente de trabalho, assim como em sua relação com a sociedade.

Devemos ressaltar a atuação de Egan e Shera em relação ao estabelecimento da Epistemologia Social, sendo ela uma teoria que visa à

¹⁶⁶ Since Egan and Shera's pronouncements about social epistemology decades ago, many LIS scholars have embraced a macroscopic perspective to recognize the historical, social, and cultural roots of knowledge and its access mechanisms (HARTEL, 2018, p. 80).

socialização do conhecimento comunicado via registros gráficos, assim devemos exaltar o papel da Escola Sociológica de Chicago como uma instituição que permitiu e fomentou as primeiras discussões a respeito da Biblioteconomia e Ciência da Informação como um campo científico e interdisciplinar preocupado com os fatores sociais, históricos, humanísticos e culturais da produção e organização do conhecimento na sociedade (EGAN; SHERA, 1952). Logo, essa instituição sociológica foi um espaço primordial na elaboração e desenvolvimento de estudos e trabalhos voltados para a natureza social da Ciência da Informação. É preciso lembrar que a Escola de Chicago até os dias de hoje desempenha um importante papel o avanço da Ciência da Informação a nível internacional.

Na concepção de Shera e Egan (1952), o conhecimento produzido e organizado nas bibliotecas era comunicado por meio de registros gráficos (documentos), esse conhecimento deveria ter uma utilidade social para que o usuário pudesse ter acesso e que sucessivamente ele disseminasse o conhecimento para a comunidade na qual um determinado usuário estivesse inserido e na qual ele fosse reconhecido e representado por seus membros. Em nosso entendimento, com base nas análises dos estudos de Shera e Egan (1952), Shera (1972,1973,1977), o conceito de social se traduz como uma forma de se atingir as camadas sociais mais vulneráveis que necessitam de acesso à informação e conhecimento para o seu desenvolvimento frente as demandas da sociedade.

Nesse sentido, com fundamento em Hjørland (2003) e Dahlberg (1993), compreende-se que a organização do conhecimento por meio de suas atividades e instrumentos de representação facilita e promove a mediação e disseminação da informação e do conhecimento, tendo em vista que a Ciência da Informação é um campo preocupado com a realidade e a dimensão social do conhecimento e, para isso utiliza de suas principais ferramentas e instituições culturais (Arquivos, Bibliotecas e Museus) para que a sociedade tenha o acesso à informação e ao conhecimento registrado, permitindo que esse conhecimento seja socializado e que contribua no avanço e no desenvolvimento de uma comunidade, em que muitas vezes ela é marginalizada e excluída pela sociedade.

No que tange à interdisciplinaridade entre Epistemologia Social e

Organização do Conhecimento, para Albrechtsen (1997, tradução nossa¹⁶⁷), em relação às disciplinas relacionadas ao campo das humanidades, de certa forma, deram embasamento teórico e formativo para Shera e Egan, podemos compreender grandes transformações quando há uma possível interdisciplinaridade. Na Organização do Conhecimento, continua a autora, podemos perceber a relação com a disciplina Epistemologia Social, sobretudo graças à conexão com disciplinas centrais das Ciências Humanas, como antropologia, sociologia, linguística, comunicação, entre outras. O discurso interdisciplinar entre Epistemologia Social e Organização do Conhecimento é algo que deveria ter sido resolvido há muito tempo, no entanto, poucos pesquisadores se propuseram a dar ênfase a essa relação.

Com base em Albrechtsen (1997), a Epistemologia Social como disciplina científica possibilita essa reflexão já que sua base vem da Sociologia do Conhecimento, sendo que essa teoria sociológica era analisada e utilizada por Shera de um ponto de vista teórico, metodológico e prático. Por outro lado, nesta dissertação, fora a discussão sobre o pioneirismo de Egan quanto a idealização do termo Epistemologia Social (FURNER, 2004), não foi localizado nenhum registro em termos de produção bibliográfica que indique a concordância ou discordância de Egan e Shera em relação ao papel e influência da Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim e Max Scheler na constituição e na aplicação da Epistemologia Social em estudos no campo da Biblioteconomia, Ciência da Informação e Organização do Conhecimento. Essa influência teórica e ideológica foi identificada com maior ênfase nos trabalhos e nos discursos de Shera, conforme apontado na tese de doutorado de Zandonade (2003). Ainda, de acordo com Oddone (2007), cumpre destacar que essa análise foi realizada de forma simplista, onde a comunidade acadêmica e científica não deu muita importância, por mais que essa relação poderia render bons frutos do ponto de vista sociológico e humanístico, e que poderia ter direcionado os estudos e as práticas biblioteconômicas para outros rumos.

Brevemente, retomando a noção sobre a Sociologia do Conhecimento e a sua relação com a Epistemologia Social, nas palavras de Outhwaite e Bottomore (1996, p. 745), é uma disciplina que “investiga as interligações entre a categoria de

¹⁶⁷ The humanities present special challenges to knowledge organization the humanities constitute a varied and heterogeneous set of more or less specialized and educations (ALBRECHTSEN, 1997).

pensamento, reivindicações do conhecimento e realidade social”. Nessa perspectiva, no que alegam Bortoli e Galon (2015), o foco da Sociologia do Conhecimento também está voltado para a compreensão dos modos de pensamento, sendo eles compreendidos a partir das suas origens sociais. Sobre esse pensamento, podemos compreender que a essência da vinculação entre a Epistemologia Social e a Sociologia do Conhecimento provêm das bases e das origens sociais, linguísticas e culturais de uma determinada comunidade. Por mais que a teoria proposta por Shera e Egan não se apresenta uma tendência mais profunda quanto a Sociologia do Conhecimento, podemos apontar que ambas estão relacionadas por um aspecto primordial, ou seja, a análise do conhecimento em sua dimensão social, cultural e epistemológica, e que ambas poderão fornecer uma base teórica e metodológica para os estudos sociais e culturais na Ciência da Informação.

Em resumo, sob a ótica de Shera (1977), podemos considerar que a Epistemologia Social trata da questão do conhecimento comunicado, organizado e socializado para um saber futuro, e a Sociologia do Conhecimento em seu aspecto prático lida com o conhecimento e os assuntos obscuros a partir de suas origens sociais e culturais. A interdisciplinaridade entre as duas teorias é a possibilidade de pensar métodos, possibilidades e produtos que conectam a sociedade e o acesso ao conhecimento de uma maneira mais prática, organizada, sistematizada e democrática. Nessa concepção, com base em Shera (1977), os instrumentos de organização e representação do conhecimento possibilitam essa mediação. Desse modo, é pertinente ressaltar que essas ferramentas elaboradas em unidades de informação precisam estar disponíveis e acessíveis às diversas camadas sociais, assim como para todos os níveis de usuários, sendo eles especializados ou não sobre um determinado assunto.

Em termos de instrumentos de organização e representação do conhecimento, hoje em dia compreendidos como Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC), segundo Carlan e Medeiros (2011), no contexto biblioteconômico, podemos destacar os sistemas de classificação (Classificação Decimal de Dewey e Classificação Decimal Universal), Listas de Cabeçalhos de Assuntos, Taxonomia, Linguagens Documentárias, Tesouros e Ontologias.

Com base em Carlan e Medeiros (2011), essas ferramentas indicam e representam no sentido prático a forma que o usuário estabelece contato com o

conhecimento dentro da unidade de informação, são sistemas estruturados que visam a sistematização do conhecimento e procuram viabilizar o acesso, a representação e a recuperação da informação e do conhecimento registrado. Em outras palavras, essas ferramentas possibilitam a mediação entre a instituição cultural e o usuário, por meio dessa interação, o conhecimento será comunicado e socializado além da contribuição e mediação do bibliotecário. A questão não se resume a elaborar os sistemas, mas sim de contribuir e auxiliar de forma permanente no uso dos mesmos.

Nessa perspectiva, além do aspecto prático (no sentido de um conjunto de atividades e técnicas de gestão) e interativo com o usuário (por meio de representação de conceitos na elaboração de sistemas de organização do conhecimento), para San Segundo (2012, não paginado, tradução nossa¹⁶⁸), há a necessidade de se abordar a organização do conhecimento a partir de uma perspectiva epistemológica e sociológica, que se trata de uma disciplina que aborda os fundamentos teóricos, saberes, escolas, métodos, critérios e validação pelos quais o conhecimento científico se justifica e inclui as circunstâncias históricas, políticas, econômicas, culturais, sociais, entre outras peculiaridades.

Além do fator epistemológico e social, para Wilson (2008, não paginado),

a relação entre Epistemologia Social e a Organização do Conhecimento se configura de fato em uma interdisciplinaridade, na qual o foco dessas duas relações é a produção do conhecimento humano e a configuração de metodologias para a construção de produtos intelectuais, que possibilita o acesso a esses conhecimentos em uma unidade de informação, nesse caso, a biblioteca. Egan e Shera, contudo, propõem que a Epistemologia Social é o estudo da formação e organização do conhecimento na sociedade e que o papel do bibliotecário é apoiar e auxiliar essa formação e organização e, em especial, desempenhar um papel importante no último.

Com base nos argumentos de Wilson (2008) e San Segundo (2012), somado ao aspecto interdisciplinar entre a Epistemologia Social e a Organização do Conhecimento, é importante destacar que a relação entre ambas deve ser analisada de um ponto de vista coletivo, visto que o conhecimento produzido, registrado, organizado e comunicado pelas unidades de informação é voltado e direcionado para a sociedade, além de se configurar como um fenômeno construtivo e evolutivo

¹⁶⁸ Para abordar desde la perspectiva epistemológica la Organización del conocimiento, hemos de tener en consideración la perspectiva epistemológica, disciplina ésta que aborda los fundamentos, criterios, y validación mediante los cuales se justifica el conocimiento científico, e incluye las circunstancias históricas, políticas, económicas, sociales y otras (SAN SEGUNDO, 2012).

daquele determinado grupo. Além disso, esse conhecimento deve ter caráter prático e social, principalmente para aqueles grupos que são excluídos e marginalizados pela comunidade científica, assim como pela sociedade e pelo poder público.

Na tentativa de entendermos de maneira um pouco mais clara sobre as Responsabilidades Sociais (RS) da Epistemologia Social e da Organização do Conhecimento em instituições culturais, sobretudo nas bibliotecas, com base em Garcia, Targino e Dantas (2012), Zandonade (2003), com a colaboração de Shera (1968a, 1968b, 1972, 1977), essa ideia será destacada em três aspectos essenciais e que merecem um foco maior: Biblioteca, Bibliotecário e da Ciência da Informação. Não que esses elementos possam ser considerados como os mais verdadeiros para relacionar, porém, são os que mais se aproximam da tentativa de discussão entre as duas teorias e que possibilitam a intersecção do ponto de vista teórico, epistemológico e prático.

a) biblioteca: Garcia, Targino e Dantas (2012), considerando a biblioteca como uma instituição integrante da sociedade, nesse contexto, refere-se à sua capacidade de contribuir com os cidadãos, em nível interno constituído de (seus colaboradores, gestores, bibliotecários, técnicos, terceirizados) e externo (sociedade, comunidade), em nível de grande público, incorporando usuários efetivos e em potencial. A finalidade é o desenvolvimento integral do cidadão, incorporando demandas sociais, culturais, educacionais, profissionais, políticas, econômicas e ambientais. Melhor dizendo, a biblioteca tem um papel essencial na organização e socialização do conhecimento. O objetivo principal na concepção de Shera (1968, não paginado) é que o conhecimento (segunda ordem) produzido na biblioteca por meio dos registros gráficos possa contribuir no desenvolvimento intelectual, científico e cultural da sociedade, fazendo com que ela possa produzir conhecimento.

Na concepção de Shera (1972, não paginado, tradução nossa¹⁶⁹), de forma bem categórica, ele destaca que as bibliotecas foram influenciadas por todas as formas de comunicação, inclusive pela comunicação gráfica, sendo ela entendida pelo autor como uma forma ou meio de representação, organização e socialização do conhecimento.

¹⁶⁹ One may logically assume that the library has influenced, and been influenced by, all forms of communication, but the particular concern there is graphic communication, especially those forms of graphic communication with which the library has traditionally concerned itself (SHERA, 1972).

Em outro momento, Shera (1968a, não paginado, tradução nossa¹⁷⁰), declara que:

Essa visão de biblioteca também inclui uma concepção correspondente da mudança cultural e social que proporciona um contexto mais amplo e uma racionalização em primeiro lugar do motivo da biblioteca ter se convertido em um elemento importante e distinto da sociedade. Os principais componentes de tais mudanças são, por outro lado, o conhecimento social acumulado e organizado pela humanidade, principalmente em registros documentais (gráficos), que narra um tipo de memória social, cultural, e por outro lado, os indivíduos que são consumidores desse conhecimento social.

Com base no argumento de Shera (1968a), a biblioteca é uma instituição sociocultural que está atrelada à mudança e ao desenvolvimento do indivíduo, pois a noção de conhecimento exerce um grande fator de influência na sociedade e, sobretudo, na forma como esse conhecimento é produzido e socializado. Nesse sentido, continua Shera (1968a, tradução nossa¹⁷¹), o paradigma da biblioteca como uma instituição social tem o seu início a partir da existência de um fenômeno social conhecido pela biblioteca, que o caracteriza em função de suas propriedades e funções socioinstitucionais. Além disso, continua o autor, trata-se de uma instituição comprometida com a realidade e com a dimensão sociocultural no sentido de mediar o acesso à informação e trazer junto a si o usuário/sujeito informacional para conhecer as principais atividades desenvolvidas pelos seus bibliotecários. Nesse sentido, o que indica que nesta instituição, o bibliotecário e o usuário são considerados agentes primordiais e necessários no processo de classificação, organização, representação e na disseminação do conhecimento.

Ainda, sobre o caráter da biblioteca como uma instituição sociocultural, Shera (1968b, tradução nossa¹⁷²), argumenta que o conhecimento social registrado e

¹⁷⁰ Esta visión de la biblioteca también incluye una visión correspondiente del cambio cultural y social que proporciona un contexto más amplio y una racionalización en primer lugar del por qué la biblioteca se ha convertido en un elemento importante y distinguido de la sociedad. Los principales componentes de tales cambios son, por un lado, el conocimiento social acumulado por la humanidad (principalmente existente en la forma de documentos) que cuenta como un tipo de memoria social o cultural y, por otro lado, los individuos que son los consumidores de ese conocimiento social (SHERA, 1968a).

¹⁷¹ En resumen, el paradigma de la biblioteca como una institución social comienza con la existencia de un fenómeno institucional social conocido la biblioteca y lo caracteriza en función de sus propiedades y funciones socio institucionales (SHERA, 1968a).

¹⁷² El conocimiento social registrado es tan inmenso en cantidad y variedad y esta aumentando con lo que parecen ser tasas exponenciales, que es necesario una institución social especialmente comprometida con la tarea de manejar tal enorme inventario. Más aún, debido a que tal conocimiento refleja diversos órdenes consensuales - dos de esas órdenes constan de esa asociación con la producción social del conocimiento y de esa asociación con el conocimiento considerado como un reflejo de la naturaleza y, lo que es más importante, porque el conocimiento social es regularmente

produzido pelas bibliotecas é tão intenso na quantidade e variedade e está aumentando com o que parece ser taxas exponenciais, que se torna necessária uma instituição social especialmente comprometida com a tarefa de manejar um enorme arcabouço de conhecimento produzido ao longo do tempo pela humanidade.

Além disso, porque tal conhecimento reflete várias ordens consensuais, em que essas ordens consistem naquela associação com o conhecimento considerado como um reflexo da natureza e, o que é mais importante, porque o conhecimento social é regularmente buscado de acordo com essas ordens, além da produção na sociedade, o conhecimento que surge dos sistemas de classificação e de organização das bibliotecas é necessário para a organização e representação do conhecimento em seu aspecto social (SHERA, 1968b).

Sobre o papel das bibliotecas, de acordo com Shera (1968b, tradução nossa¹⁷³), como todas as organizações sociais, ela possui propriedades materiais, organizacionais e intelectuais que servem como meio para expressar sua função na estrutura social. Suas propriedades materiais incluem uma coleção de objetos que representam conhecimento (ou seja, "registros gráficos" ou "documentos"), instalações (sala de leitura, ambiente de jogos, espaço para as crianças, obras raras) e equipamentos especializados (catálogos automatizados, indexação automatizada).

Continua o autor, suas propriedades organizacionais incluem uma multiplicidade de estruturas administrativas e de recursos humanos (colaboradores, gestores, bibliotecários). E suas propriedades intelectuais (conhecimento registrado) incluem um "sistema de ideias" (por exemplo, sistemas de classificação, indexação, estrutura de catálogo, políticas de seleção, empréstimo, etc.) que fornecem a base para o aproveitamento dos aspectos materiais e organizacionais no cumprimento efetivo de suas operações (SHERA, 1968b).

buscado en función de aquellas órdenes, el conocimiento especial que surge de los sistemas de ideas de tal institución y que es necesaria para la organización del conocimiento social es obligatoria (SHERA, 1968b).

¹⁷³ Como todas las organizaciones sociales, la biblioteca tiene propiedades materiales, organizacionales e intelectuales que sirven como medios para expresar su función en la estructura social. Sus propiedades materiales incluyen una colección de objetos que representan conocimiento (i.e., "documentos"), instalaciones y equipo especializado. Sus propiedades organizacionales incluyen un rango de estructuras administrativas y de personal. Y sus propiedades intelectuales incluyen un "sistema de ideas" (por ejemplo, sistemas de clasificación, estructura del catálogo, políticas de selección, etc.) que proporcionan la base para aprovechar los aspectos materiales y de organización en el cumplimiento eficaz de sus funciones (SHERA, 1968b).

Em síntese, com base em Shera (1968b) e Lamar (2007), a Biblioteca é uma instituição social, uma agência sociocultural que tem como função prática organizar e socializar o conhecimento, difundir os produtos culturais e administrar o fluxo do conhecimento registrado em documentos. Essa instituição cultural se configura como uma importante forma de atenuar a desigualdade informacional na sociedade, desempenha esse papel em consonância com os arquivos e museus, além e outras instituições informacionais.

b) bibliotecário: Com base em Shera (1968) e Garcia, Targino e Dantas (2012), considerando esse profissional da informação como agente social por excelência, nesse contexto, a RS refere-se à capacidade de o profissional investir nas dimensões sociais dos serviços de informação vinculados, irremediavelmente, à melhoria da qualidade de vida da sociedade em geral. Significa promover justiça social, apoiar iniciativas advindas do público, assumir posicionamentos políticos, mantendo em qualquer circunstância valores aceitáveis de conduta humana, haja vista que a RS reforça o comportamento ético e socialmente responsável de instituições e indivíduos. Abrange quatro vetores primordiais: coleta, organização, armazenamento das coleções impressas ou eletrônicas; integração com os membros da organização onde a unidade de informação se insere; interação com os usuários; conexão com a sociedade em geral. Em linhas gerais, o bibliotecário tem uma responsabilidade junto à sociedade e o caracteriza como um agente social que promove a informação e o conhecimento.

Por isso, estes novos mecanismos são projetados para manipular conhecimentos a fim de que o sujeito possa alcançar melhor compreensão do universo no qual se encontra, são de especial interesse para o bibliotecário. Pois o bibliotecário fará mal sua tarefa se não compreender todo o papel do conhecimento na sociedade que ele serve e a parte que as máquinas podem realizar no processo da "ligação do tempo" (VIEIRA, 1983). No que enfatiza Shera (1977, p. 11), o bibliotecário é o supremo "ligador do tempo" e a sua disciplina é a mais interdisciplinar de todas, pois é a ordenação, relação e estruturação do conhecimento e dos conceitos representados. A expressão utilizada por Shera condiz com a ideia de junção, elo, mediação ou a aproximação dos bibliotecários com os seus usuários/sociedade por meio de ações e atividades socioculturais.

Continua Shera (1972, p. 89, tradução nossa¹⁷⁴),

O bibliotecário deve ter uma visão do seu papel na rede de comunicação como sendo mais do que um elo na cadeia, ou mesmo uma estação transformadora numa rede. Deve também preocupar-se com o conhecimento que ele comunica e a importância desse conhecimento tanto para o indivíduo como para a sociedade. Não obstante, o estudo da natureza do conhecimento e a relação entre a estrutura como ela se desenvolveu na civilização ocidental contemporânea e os instrumentos e recursos do bibliotecário para o acesso intelectual a esse conhecimento, têm recebido pouca atenção e nenhuma exploração séria.

Ainda de acordo com Shera (1972, tradução nossa¹⁷⁵), ele orienta de maneira categórica que “a responsabilidade do bibliotecário consiste na eficiente e efetiva gestão do transcrito, o registro gráfico de tudo o que a sociedade conhece e que registrou sobre si mesma e sobre o seu mundo”. Nesse sentido, a orientação de Shera é que o bibliotecário execute as suas principais tarefas técnicas, como a classificação, organização, representação, catalogação e, a indexação, e também desempenhe o seu papel social junto à comunidade, atuando como mediador dos registros gráficos, isto é, o conhecimento registrado em um documento (suporte).

Para Shera (1977), agora, existe uma afinidade muito importante entre biblioteconomia, bibliotecário e epistemologia social, pois ambos são baseados em fundamentos epistemológicos. Apesar da imagem popular do bibliotecário, ele não é, ou pelo menos não deveria ser, um criador cujo único propósito é apanhar e carregar aparas bibliográficas. De acordo com Moreno-Jiménez (2008, não paginado, tradução nossa¹⁷⁶), Shera concebia o papel da biblioteconomia como uma disciplina fundamentada em fundamentos epistemológicos, por estar relacionada com a natureza, organização e uso do conhecimento no aspecto individual e social. E o papel do bibliotecário se dava a partir da interação com a sociedade como um agente sociocultural.

c) Ciência da Informação: considerado como um campo científico estritamente

¹⁷⁴ The librarian must view his role in the communication network as being more than a link in a chain, or even a switching-center in a network. He must also concern himself with the knowledge he communicates, and the importance of that knowledge to both the individual and to society. Yet the study of the nature of knowledge, and the relationship between that structure as it has developed in contemporary Western civilization and the librarian's tools and resources for intellectual access to it, have received scant attention and no serious exploration (SHERA, 1972, p. 89).

¹⁷⁵ The librarian's responsibility is the efficient and effective management of the transcript, the graphic record of all that society knows and has recorded about itself and its world (SHERA, 1972, p. 90).

¹⁷⁶ Shera concebia la biblioteconomía como una disciplina basada en fundamentos epistemológicos, con la naturaleza y uso del conocimiento individual y social (MORENO-JIMENEZ, 2008).

social, em seu contexto, a RS da Ciência da Informação refere-se à capacidade de priorizar a informação em seus diferentes aspectos, como elemento precípua da comunicação, com enfoque sociológico que justifica o ciclo informacional sempre em benefício da humanidade, mediante ações contínuas, sistemáticas e que expressem comprometimento das instituições sociais e culturais envolvidas. Para tanto, por sua abrangência, o papel da RS da Ciência da Informação se apoia em atividades, sobretudo da Biblioteconomia, sem deixar de lado outros campos, como a Documentação, Arquivologia e Museologia, indo além do armazenamento, organização, comunicação e recuperação da informação para alcançar produção/geração de conhecimentos, uma vez que todas essas diligências constituem responsabilidade social, fundamento intrínseco a esse campo científico (GARCIA; TARGINO, DANTAS, 2012). Nesta parte, fica evidenciado o aspecto interdisciplinar da Ciência da Informação com outras áreas do conhecimento na concepção dos autores.

Shera (1968b, não paginado, tradução nossa¹⁷⁷), entende que

A ciência da informação não se desenvolveu por desvinculação de outros campos de estudo (como a Psicologia) ou do cruzamento de dois campos (como a Bioquímica), mas a partir das necessidades de uma área de trabalho prático, chamada de documentação ou recuperação de informação. Embora a introdução de novas tecnologias, particularmente o processamento eletrônico de dados, tenha exigido o surgimento desta disciplina, as contribuições para o nascimento da “ciência da informação” vêm de várias disciplinas diferentes (devido às diferentes origens das pessoas que entrou em campo onde não havia sistema educacional estabelecido) e foram causados por interesses muito diferentes (devido às diferentes áreas de aplicação envolvidas no trabalho de informação).

Ainda no que tange ao aspecto interdisciplinar, nas palavras de Jesse Shera (1968a) “outras áreas contribuíram na formação da ciência da informação, como a filosofia, sociologia, antropologia, linguística, economia, psicologia e outras”. Desse modo, Shera destaca a formação da Ciência da Informação a partir da relação com

¹⁷⁷ La “ciencia de la información” no se desarrolló desprendiéndose de otros campos de estudio (como la psicología) o de la intersección de dos campos (como la bioquímica), sino de las necesidades de un área de trabajo práctico, llamado “documentación” o “recuperación de la información”. Aunque la introducción de las nuevas tecnologías, particularmente el procesamiento de datos electrónicos, hizo necesaria la emergencia de esta disciplina, las contribuciones al nacimiento de la “ciencia de la información” proceden de varias disciplinas diferentes (debido a las diferentes formaciones de las personas que entraban al campo donde no existía ningún sistema educativo establecido) y fueron causados por muy diferentes intereses (debido a las diferentes áreas de aplicación envueltos en los trabajos de información) (SHERA, 1968b).

campos de estudos das Ciências Humanas, sobretudo aquelas voltadas para as Ciências Sociais Aplicadas e de caráter filosófico.

Nesse sentido, Shera (1972, p. 91, tradução nossa¹⁷⁸), declara que os russos já subordinaram o campo da Ciência da Informação às ciências sociais. Ainda, o autor lembra que uma comissão especial, elaborando um relatório para o Conselho de Assistência Econômica Mútua declarou: “A ciência da informação é uma disciplina que pertence à ciência social que estuda a estrutura e as características gerais da informação científica, também as leis gerais que governam todos os processos científicos de comunicação”. Mas embora os russos tenham tornado a ciência da informação como um ramo das ciências sociais, o foco ainda está sobre a comunicação científica (SHERA, 1972). Nessa continuidade, ao contrário de Saracevic (1995) que entende a evolução da Ciência da Informação com outros campos científicos, Shera (1968) entende que esse campo possui um caráter social e que ele é oriundo de uma natureza interdisciplinar, mas não somente no aspecto teórico, e sim no aspecto prático, como a recuperação da informação e documentação, sendo essas práticas desenvolvidas no cotidiano das bibliotecas, e que ao longo do tempo foram sendo automatizadas pela inserção de novas tecnologias de informação e comunicação.

Com base na declaração de Shera (1972), além de outras versões acerca do surgimento e desenvolvimento da Ciência da Informação enquanto um campo científico, podemos analisar que para o autor, esse campo no contexto soviético é tratado como parte das ciências sociais aplicadas. Dessa maneira, a Ciência da Informação se vale de fundamentos, teorias, metodologias e epistemologias de estudos oriundos das áreas caracterizadas pelo desenvolvimento de práticas e ciências sociais.

Para Zandonade (2003, p. 59), no entendimento de Shera, a ciência da informação, por outro lado, além da preocupação desse campo com a informação, ele parece preocupar-se primariamente com a eficiência dos canais de comunicação

¹⁷⁸ Already the Russians have subordinated information science to the social sciences. A special committee reporting to the Council for Mutual Economic Assistance has written, "Information Science is a discipline belonging to Social Science which studies the structure and general characteristics of scientific information and also general laws governing all scientific communication processes." But though the Russians have made information science a branch of the social sciences, the focus is still upon scientific communication. There would certainly seem to be no valid reason why other substantive areas should not be explored. The information scientist does not, or should not, restrict himself to scientific information (SHERA, 1972, p. 91).

na sociedade e ainda não se dedicou às origens e ao crescimento do conhecimento e ao impacto desse conhecimento na sua cultura contemporânea. A teoria matemática da comunicação de Shannon e Weaver pode ser conectada a esses fatores, embora não dê conta totalmente das demandas informacionais, ajuda a compreender os processos de emissor, canal e receptor da mensagem.

Somado a isso, de acordo com Zandonade (2003), Shera destaca que os cientistas da informação estão se alinhando com as ciências naturais, que se relacionam com os fenômenos físicos com as coisas enquanto a biblioteca e o bibliotecário dedicam-se às ideias e ao conhecimento e à sua comunicação, por isto a biblioteconomia é muito mais próxima das humanidades do que das ciências exatas.

Com base nos três aspectos relacionado a Epistemologia Social de Shera e Egan, biblioteca, bibliotecário e a Ciência da Informação, foi possível analisar que se tratam de discussões que não foram aprofundadas com maior ênfase por pesquisadores da área, entre os motivos, podemos elencar: a discussão sobre o papel da biblioteca frente a sociedade, o que ela faz? Qual a atuação do bibliotecário frente às demandas de seus usuários, o que ele desenvolve em termos de atividades culturais? Quais são as suas principais atribuições? E, por fim, buscou analisar a natureza epistemológica, metodológica e científica da Ciência da Informação, visto que esse último aspecto ainda é discutido por autores dentro de suas correntes e linhas de pensamentos específicos, e que neste contexto não cabem ser discutidos de maneira superficial.

Somado aos três fatores elencados por Shera (1968, 1972, 1977), para o entendimento da produção, organização e disseminação do conhecimento em seu aspecto social, podemos incorporar a organização do conhecimento, por mais que Shera e Egan não conceberam uma concepção para o campo da Biblioteconomia sobre o assunto, é necessário pontuar que no caso de Shera, a maior aproximação que ele trouxe foi uma proposta de comunicação e socialização do conhecimento (a própria Epistemologia Social), aspectos que foram difundidos no decorrer da dissertação. Mas, o desenvolvimento e a popularização de Shera no que tange a teoria foi em decorrência do falecimento de Egan, sua companheira de trabalho.

Com referência a Egan, a autora também não elabora uma proposta ou projeto científico de organização do conhecimento, nesse sentido, ela em conjunto

com Shera, estabelece que os produtos intelectuais (conhecimento produzido nas bibliotecas) são fatores preponderantes no desenvolvimento social, e que a sociedade é responsável pela produção e organização do conhecimento de acordo com a sua realidade e demanda informacional. Conforme destaca Furner (2004) e Morán (2015), embora Egan tenha estudado por pouco tempo a Epistemologia Social, ela desempenhou um papel muito mais importante do que Shera no desenvolvimento da teoria. Para Morán (2015), até o próprio Floridi, tido como crítico da Epistemologia Social, foi um dos poucos que concordavam com Egan, mas não com as ideias de Shera sobre o assunto.

Conforme exposto no decorrer deste trabalho, a Epistemologia Social enquanto uma teoria do conhecimento social preocupada com a produção, a organização, a representação e a comunicação do conhecimento por meio de registros gráficos, procura se vincular a inúmeros campos do conhecimento, neste caso podemos citar a Organização do Conhecimento. Sobre esse último campo, é importante destacar a sua capacidade de organização, de classificação e de representação do conhecimento por intermédio de conceitos, instrumentos e sistemas de organização do conhecimento, aspectos que já foram discutidos em uma seção específica.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi elaborado um arcabouço teórico, metodológico, epistemológico e histórico acerca dos conceitos de Epistemologia Social e Organização do Conhecimento. Nesse sentido, com base em Pando (2018, p. 46), os estudos de caráter epistemológicos e históricos são de grande importância para se determinar uma visão mais crítica, logo menos superficial do discurso científico que, ao longo do tempo, tornou-se dominante, sendo colocado como um princípio normativo pela comunidade científica. Desse modo, não se pode negar a relevância do estudo histórico que também é importante para se conhecer o contexto histórico e epistemológico, tanto da Ciência da Informação, assim como dos campos da Epistemologia Social e Organização do Conhecimento.

No decorrer da pesquisa, o objetivo principal foi estabelecer uma vinculação entre a Epistemologia Social e a Organização do Conhecimento, em um primeiro momento como campos interdisciplinares com a Ciência da Informação, essa relação disciplinar contribuiria de maneira significativa para se investigar a origem do conhecimento (com base na Sociologia do Conhecimento), a forma em que ele é

produzido, as principais comunidades que produzem, bem como a forma que elas estabelecem a ordem e prioridade de organização, classificação, representação e a maneira como ele será socializado para outras comunidades, além disso como a recuperação deste conhecimento será realizada.

Ao longo do trabalho, ficou evidenciado que a preocupação de Shera e Egan sempre esteve pautada no entendimento e na dimensão social do conhecimento, ou seja, isso é muito claro na teoria proposta por ambos em meados da década de 1950, quando trabalhavam na *Graduate Library School*. Essa instituição sofreu grande influência da Escola Sociológica de Chicago sob a tutela do renomado bibliotecário Pierce Butler, além de outros pesquisadores.

Embora Shera e Egan não tenham relacionado a Epistemologia Social diretamente aos estudos oriundos da Organização do Conhecimento, esta dissertação se propôs a discutir essa relação no escopo da Ciência da Informação e, a partir disso, demonstrar as relações entre as áreas a fim de estabelecer uma contribuição às abordagens socioculturais.

Embora este trabalho esteja configurado como uma dissertação e que ele precisará ser desenvolvido em pouco tempo, é preciso destacar que deixaremos algumas contribuições para trabalhos e investigações futuras, visto que os estudos de caráter social, humanístico e cultural serão imprescindíveis para o campo da Ciência da Informação nas próximas décadas, pois entendemos que o indivíduo é o principal produtor do conhecimento e de alguma forma ele se vale de tecnologias de informação e comunicação para contribuir nos processos de produção e organização da informação e do conhecimento, contudo a tecnologia não é o fator preponderante nesta relação, isto é, ela é um meio. Ela contribui de alguma forma, mas não é a mais importante. O que estará em análise serão as relações sociais e culturais e como o conhecimento é organizado.

Os principais argumentos resgatados no decorrer do trabalho estão atrelados a insistência de Shera e Egan quanto à ideia de comunicação e de socialização do conhecimento por intermédio da disseminação e dos registros gráficos, isso ficou evidenciado em um artigo elaborado por ambos em 1952, em um livro publicado por Shera em 1972, e um artigo publicado pelo mesmo autor em 1977.

Com base nessas obras bibliográficas, há o início das discussões acerca da temática Epistemologia Social na Ciência da Informação, por mais que Shera tenha

sido influenciado pela Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim e Max Scheler, não é possível apontar se esse foi um dos fatores preponderantes para a inserção do tema no campo da Ciência da Informação, no entanto, conforme aponta Oddone (2007), é possível destacar que o principal motivo da introdução dessa teoria social nos estudos da informação tinha como fator inicial a necessidade de se estudar a forma como a sociedade produz e organiza o conhecimento e compartilha para o acesso futuro por meio de sistemas de informação e de organização do conhecimento, sendo mediado por um profissional da informação.

Somado a esses fatores, podemos incluir os sistemas de organização do conhecimento em consonância com o paradigma social, assim a intersecção entre a Epistemologia Social e Organização do Conhecimento será mais clara, visto que para que se possa pensar na produção, organização e socialização do conhecimento, é necessário que haja um entendimento das relações sociais, assim como são os seus comportamentos frente às necessidades informacionais.

A partir da proposta inicial desta dissertação, ou seja, apresentar uma discussão epistemológica e o seu impacto nas abordagens socioculturais, a preocupação foi analisar o impacto da teoria epistemológica e sociológica para a compreensão do processo de produção e organização do conhecimento e as suas contribuições.

Para o estabelecimento da relação entre Epistemologia Social e Organização do Conhecimento, um fator importante é o registro gráfico, no que destaca Shera (1977, p. 10),

O processo de comunicação veio quando o homem descobriu que era possível, por meio de alguma forma de registro gráfico, transcender espaço e tempo tornando-o independente da memória humana e do contato físico. Ele descobriu que poderia estender sua experiência registrando seus pensamentos sobre alguma substância ou matéria mais durável, e de uma forma mais exata do que na memória humana. Com o desenvolvimento da transcrição fonética, tornou-se possível representar sons, assim como conceitos, de forma que o homem pudesse não somente compreender o que havia sido dito por alguém que ele nunca vira, mas que também pudesse reproduzir os sons que este homem nunca visto, emitiu quando o disse. A importância destas duas formas básicas do processo de comunicação o direto ou primário (oral) e o indireto ou secundário (gráfico) para o desenvolvimento da cultura humana será dificilmente exageradas; na verdade é completamente impossível para alguém conceber uma sociedade sem elas, pois o conceito de cultura do antropólogo moderno pressupõe a existência desses processos de comunicação. Cultura, então, é a dualidade de ação e pensamento, unidos pelos processos de comunicação. A ação, numa cultura, corresponde aos processos biológicos do corpo humano e deriva do fato de que homens não

habitam a terra. Pensamento, ou erudição, é para ser compreendido como a totalidade do verificado, ou ao menos, geralmente aceito, corpo de conhecimento e crenças que estão inerentes na cultura.

Outro aspecto é a comunicação gráfica, que segundo Moreno Jiménez (2008, tradução nossa¹⁷⁹), para Shera e Egan são os meios pelos quais os indivíduos podem obter conhecimento mais além de sua percepção direta. Esses instrumentos da comunicação gráfica seriam, pois, os documentos, que constituíram o testemunho pelo qual se obtém conhecimento desses indivíduos.

Em síntese, Shera e Egan não desenvolveram e nem estabeleceram um princípio de organização do conhecimento, como havia sido aludido por estudiosos como Ranganathan, Bliss, Otlet, Dahlberg, Hjørland, Barité, Garcia-Marco, Garcia-Gutierrez, entre outros pesquisadores. No entanto, esses dois primeiros pesquisadores concebiam a ideia de uma forma de produção e socialização do conhecimento, seja por influência da Sociologia do Conhecimento, ou pela relação da produção do conhecimento e a sua influência e impacto na sociedade.

A análise do ponto de vista teórico aponta para alguns direcionamentos, entre eles: a epistemologia social se configura como uma base teórica para o aprofundamento de estudos de caráter social na Ciência da Informação. No caso de Shera, não há uma forma específica de organização do conhecimento; a relação de Shera com a Biblioteconomia está relacionada ao aspecto social da produção do conhecimento; Shera tinha uma crítica muito clara acerca da atuação dos bibliotecários em seu ambiente profissional, essa crítica não estava baseada somente nas atividades desempenhadas por esses profissionais, mas na omissão de alguma parcela deles com relação aos seus usuários, isso era evidenciado em algumas falas de Shera no decorrer de sua vida profissional, assim como no período em que foi docente da área.

No caso de Egan, não há uma ideia ou modelo de organização do conhecimento que mereceu destaque no decorrer de sua atuação como bibliotecária, bem como na época em que foi docente de biblioteconomia. Para essa autora, entende-se que a Epistemologia Social foi um ponto de partida para se

¹⁷⁹ La comunicación gráfica a la que se refieren Egan y Shera son los medios por los cuales los individuos pueden obtener conocimiento más allá de su percepción directa. Estos instrumentos de la comunicación gráfica serían, pues, los documentos, que constituirían el testimonio por el cual obtienen conocimiento esos individuos (MORENO-JÍMENEZ, 2008, p. 15).

compreender a potencialidade dos produtos intelectuais produzidos nas bibliotecas, isso é pertinente, já que Egan tinha experiência com bibliotecas. Em síntese, Egan poderia contribuir muito mais para o desenvolvimento da teoria, mas isso não foi possível, embora Shera tenha popularizado ainda mais os estudos sobre o tema, mas que não foi da mesma maneira que havia sido proposta por ela.

A seguir serão apresentadas as considerações finais deste trabalho, e algumas abordagens que serão tratadas em trabalhos futuros no escopo da epistemologia da Ciência da Informação e da Organização do Conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, esta pesquisa teve como objetivo analisar a relação da Epistemologia Social de Jesse Shera e Margaret Egan na Organização do Conhecimento, tendo como análise teórica os fundamentos do paradigma social e as abordagens socioculturais no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação. De acordo com os resultados obtidos até então, analisamos que a relação entre essas teorias epistemológicas são elementos fundamentais para os estudos na Ciência da Informação, visto que ela é um campo que está preocupado e comprometido com a realidade social, seja na produção, tratamento, organização, representação, seja na socialização da informação e do conhecimento em sua dimensão social.

Para demonstrarmos o caráter interdisciplinar da Ciência da Informação, Epistemologia Social e Organização do Conhecimento, recorreremos a outras áreas do conhecimento a fim de dialogarmos e buscarmos embasamento para a sustentação, fundamentação teórica e argumentação das seções propostas, realizamos uma análise com a epistemologia geral, principalmente com as suas principais teorias, como o empirismo, racionalismo, historicismo e o pragmatismo, que de certa forma possibilitou uma interlocução com a Organização do Conhecimento (visto que Hjørland trabalha com essas teorias para fundamentar tal campo). Isso demonstra como a questão epistemológica é um fator e preocupação essencial para o desenvolvimento dos estudos em organização do conhecimento.

É importante que a Ciência da Informação mantenha diálogo com a Epistemologia como um todo, tendo em vista que ela tende a ser construída a partir de sua própria epistemologia, por meio de seu objeto de estudo, correntes teóricas, principais escolas e pesquisadores renomados que de certa maneira contribuíram de forma significativa para que a Ciência da Informação pudesse se tornar o que ela é nos dias de hoje, e o que ela ainda poderá oferecer para a Ciência e a Sociedade nos próximos anos. Ela se desenvolverá de forma significativa no cenário científico.

Neste seguimento, a Epistemologia Social tem contribuído como uma base teórica, pois ela trata dos estudos sociais, culturais e científicos relacionados ao campo da Ciência da Informação, por isso a retomada da Epistemologia Social foi de importância para evidenciarmos essa teoria tão rica e consolidada nas ciências

humanas e sociais nas décadas de 1950 a 1980, mas que de alguma maneira não foram desenvolvidas mais pesquisas consistentes no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, tendo em vista que até a década de 1980, alguns estudos foram suspensos, principalmente após a morte de Shera, após isso, os estudos em Epistemologia Social foram mais concentrados na Filosofia e Sociologia, por autores de outras áreas, como Steve Fuller, Alvin Goldman e John Budd em uma perspectiva totalmente diferente da proposta inicial. Mas que merece destaque para o desenvolvimento de propostas futuras.

No início do Século XXI, por influência de um paradigma social, brasileiro, Loureiro e Freire (2015), ao citarem Shera (1970),

destacam que as reflexões teórico-epistemológicas que analisam os processos de produção do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação passam a dar ênfase aos aspectos sociais e culturais da informação na sociedade contemporânea, bem como na influência das ciências sociais sob as novas formas de produção de conhecimento. No entanto, é importante ressaltar que a abordagem social sempre esteve presente no cenário informacional, mesmo que em segundo plano por um longo período e, por que não dizer, em posição de destaque em alguns momentos, como é o caso da Epistemologia Social, fundamentada no escopo das ciências sociais, considera que a produção da informação e do conhecimento é proveniente do contexto social e cultural específico que recebe interferência dos processos da comunicação humana.

Em relação ao campo científico da Organização do Conhecimento, vimos que ele estabelece uma relação bastante aproximativa à Ciência da Informação, principalmente por intermédio da epistemologia e da teoria do conceito de Birger Hjørland e Ingetraut Dahlberg. Os estudos de caráter históricos e epistemológicos e da elaboração de instrumentos de organização e representação do conhecimento, podemos citar a classificação bibliográfica, as ontologias, os tesouros, as taxonomias, entre outros.

A abordagem da Ciência da Informação, apesar de ser lembrada em todos os trabalhos científicos, seja em artigos, dissertações, sejam teses, tem a finalidade de retomar os principais elementos deste campo científico, no sentido de reafirmar o lugar da Ciência da Informação em seu comprometimento com a realidade social, assim como visa reunir um conjunto de teorias e discussões que só tem evoluído e desenvolvido ao longo do tempo, desde o seu surgimento até a sua consolidação como um ciência que promove o acesso à informação por meio de inúmeras formas, seja a informação registrada e materializada em um suporte físico, seja digital, seja

híbrido, ou simplesmente em estudar comunidades que necessitam de informação para o seu desenvolvimento e o direito desse grupo de reafirmar a sua existência e identidade cultural.

Além disso, procuramos destacar a Ciência da Informação no contexto brasileiro, desde a sua chegada, bem como o seu papel fundamental na fundação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Embora, algumas questões ainda não estejam solucionadas, como o caso da interdisciplinaridade no contexto brasileiro, foi de grande importância a retomada da discussão de tal tema para esta dissertação no sentido de contextualização. O intuito seria o estudo deste campo nos mais variados contextos, no entanto, o tempo não nos permitiu que isso pudesse acontecer, ficará para uma próxima oportunidade.

Referente à seção de discussão, podemos declarar que a relação da Epistemologia Social e da Organização do Conhecimento é um fenômeno que foi anunciado com mais propriedade por Margaret Egan, e não por seu companheiro de estudos Jesse Shera, sendo assim, esta etapa do trabalho teve como objetivo analisar como essa vinculação teórica foi possível e, sobretudo, em que período foi realizado, se isso trouxe consequências e resultados benéficos para o campo da Ciência da Informação em seu aspecto social, pois estarão presentes o paradigma social mencionado por Capurro, assim como as suas contribuições, as abordagens socioculturais.

Em resumo, Epistemologia Social e Organização do Conhecimento são teorias e campos interdisciplinares no escopo da Ciência da Informação, logo, esta pesquisa não procurou estabelecer e tampouco transformar de maneira radical tal campo científico, porém, nos revelou que existem discussões que precisam ser retomadas e que de certa maneira contribuirão para que a Ciência da Informação possa prosperar em suas mais diversas dimensões, principalmente do ponto de vista teórico, epistemológico e social.

No final deste trabalho, consideramos que haveria a possibilidade de um avanço maior no que se refere a discussão sobre Epistemologia Social e Organização do Conhecimento por parte de Shera e Egan, porém, sem demagogia, podemos considerar que esta dissertação procurou estabelecer e estreitar laços

entre essas duas teorias fundamentais e essenciais para o campo da Ciência da Informação.

Para investigações futuras, é necessário que sejam suscitados debates acerca dos aspectos sociais e humanísticos no campo da Ciência da Informação, onde a Epistemologia Social poderia ser uma teoria que daria embasamento teórico, mas que ela sozinha não conseguiria dar conta de toda a dimensão desse campo científico. Além da Organização do Conhecimento, é urgente a relação da Epistemologia Social com outras ciências que trabalham com a dimensão social e cultural, como a Sociologia, Antropologia e a Comunicação.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia, 5ª edição revista e ampliada. **São Paulo: Martins Fontes**, p. 696, 2007.

ABDALLA, R. Q; KOBASHI, N. Y. **Ciência da Informação: Reflexões sobre a constituição de um campo científico**. In: José Augusto Chaves Guimarães; Vera Dodebei. (Org.). Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na realidade. 1ed. Marília: ISKO - Brasil: FUNDEPE, 2012, v. 1, p. 49-53.

ALBRECHTSEN, H. Knowledge organization in the humanities. **Knowledge Organization**, v. 24, n. 2, p. 61-63, 1997.

ALMEIDA, M. B.; BAX, M. P. Uma visão geral sobre ontologias: pesquisa sobre definições, tipos, aplicações, métodos de avaliação e de construção. **Ciência da informação**, v. 32, n. 3, p. 7-20, 2003.

ALMEIDA, D. P. dos R. de et al. Paradigmas contemporâneos da Ciência da Informação: a recuperação da informação como ponto focal. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, v. 6, n. 1, p. 16-27, 2007.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de; SANTOS NETO, J. A. dos. Mediação da informação e a Organização do Conhecimento: interrelações. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 98-116, 2014.

ALVES, B. H; OLIVEIRA, E. F. T. de. O desenvolvimento do domínio da "Organização do Conhecimento" no contexto da Ciência da Informação a partir da ISKO-Brasil. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, v. 10, n. 2, 2016.

ANDERSEN, J. **Analyzing the role of knowledge organization in scholarly communication: An inquiry into the intellectual foundation of knowledge**

organization / Jack Andersen. Copenhagen: Department of Information Studies, Royal School of Library and Information Science, 2004. x, 257 p. + appendixes.

ANNA, J. S. A ciência da informação na sociedade multicultural: o paradigma social como paradigma emergente. **Biblionline**; v. 13, n. 1; 3-14, v. 24, 2017.

ARAÚJO, C. A. Á. A ciência da informação como ciência social. **Ciência da informação**, v. 32, n. 3, p. 21-27, 2003.

ARAÚJO, C. A. V. Fundamentos teóricos da classificação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 11, n. 22, p. 117-140, 2006.

ARAÚJO, C. A. A; ASSIS, R. A; LAGE, D. F de S; SOUZA, R. M. F. A contribuição de Jesse Shera para a ciência da Informação no Brasil. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v.15, n.2, p. 71-89, jul./dez., 2010.

_____. Estudos de usuários conforme o paradigma social da ciência da informação: desafios teóricos e práticos de pesquisa. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 23-29, jul./dez. 2010.

_____. O conceito de informação na Ciência da Informação. **Informação & Sociedade**, v. 20, n. 3, 2010.

_____. Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.22, n.1, p. 145-159, jan./abr. 2012.

_____. O que é Ciência da Informação. Editora **KMA**, 2018.

ARAÚJO, P. C de; TENNIS, J. T.; GUIMARÃES, J. A. C.. **The concept of Epistemology in knowledge organization**. FABIO ASSIS PINHO JOSÉ AUGUSTO CHAVES GUIMARÃES. **Organizadores**, p. 71, 2017.

AZEVEDO, M. D. F. S. D. Organização do conhecimento: um estudo bibliométrico. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Bacharelado em Biblioteconomia. Universidade Federal do Rio Grande - FURG, 2013.

BARBOSA, E. Gaston Bachelard e o racionalismo aplicado. **Revista Cronos**, v. 4, n. 1/2, 2003.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. **Lisboa: edições**, v. 70, p. 225, 1977.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo/Laurence Bardin; tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. - - São Paulo : Edições 70, 2011.

BARITÉ, M. G. R. La producción científica en Organización del Conocimiento vista a través de la Sección Literatura de la revista Knowledge Organization: invisibilidad y transparência. In: **Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade**. [recurso eletrônico] José Augusto Chaves Guimarães, Vera Dobedei (organizadores). – Marília: ISKO-Brasil : FUNDEPE, 2012. 285: il., fots. e-Book.

BARITÉ, M. G. R. **Diccionario de Organización del Conocimiento : Clasificación, Indización y Terminología** / Mario Barité et al. 6.a ed. corregida y aumentada. Montevideo: csic, 2015.

BARRETO, A. de A. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**, v. 16, n. 3, p. 67-74, 2002.

_____. Olhar sobre os 20 anos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). **Pesq. bras. Ci. Inf.**, Brasília, v.2, n.1, p.3-28, jan./dez. 2009.

BARROS, T. H. B; SOUSA, R. T. Archival Science and Knowledge Organization mapping methodological relationships. **KNOWLEDGE ORGANIZATION**,v. 46, p. 493-501, 2019.

BECKER, H. A Escola de Chicago. **Mana**, Tradução de Vera Pereira, vol.2, n°.2, Rio de Janeiro.1996.

BORKO, H. Information Science: What is it? **American Documentation**, v.19, n.1, p.3-5, Jan. 1968. (Tradução Livre)

BORTOLI, L. V; GALLON, S. A REPERCUSSÃO DA SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO DE KARL MANNHEIM NO BRASIL: uma análise da presença do autor no país e nos estudos de administração. IBEPES Curitiba – PR, Brasil. **RECADM** v. 14 n. 3 p. 166-181 Set-Dez/2015.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Editora Zahar, 1988.

BOZZETTI, R. P; SALDANHA, G. Jesse Shera, the wars and the pietá: social epistemology as criticism of information ontology. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, v. 11, n. 2, 2017.

BRASCHER, M; CAFÉ , L. **Organização da Informação ou Organização do Conhecimento?**. In: ENANCIB, IX. 2008, São Paulo. Diversidade cultural e políticas de informação. São Paulo: USP, 2008.

BRASILEIRO, F. S; LOUREIRO, J. M. M; FREIRE, G. H de A. Uma reflexão histórico-epistemológica da perspectiva social no campo da Ciência da Informação. **Investigación bibliotecológica**, v. 29, n. 65, p. 137-159, 2015.

BROOKES, B. C. **The fundamental equation of information science**. 1975. In: Study Committee - Research on The Theoretical Basis of Information. (Collection of Papers) 24 - 26, Moscow.

BUCKLAND, M; K.; LIU, Z. History of information science. **Annual review of information science and technology**, v. 30, p. 385-416, 1995.

_____. Documentation, information science, and library science in the USA. **Information processing & management**, v. 32, n. 1, p. 63-76, 1996.

BUDD, J. M. Jesse Shera, Sociologist of Knowledge?. **The Library Quarterly**, v. 72, n. 4, p. 423-440, 2002.

_____. Jesse Shera, social epistemology and praxis. **Social Epistemology**, v. 16, n. 1, p. 93-98, 2002.

CABRAL, A; NICK, E. **Dicionário Técnico de Psicologia**. Editora Cultrix, São Paulo, 1974.

CAFÉ, L. M. A; MEDEIROS, M. B. B. Organização do Conhecimento: teorias semânticas como base para estudo e representação de conceitos. **Informação & informação (UEL. Online)**, v. 16, p. 25-51, 2011.

CAPURRO, R. Foundations of information science: review and perspectives. In: **International Conference on Conceptions of Library and Information Science**. Tampere: University of Tampere, 1991.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. IN: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO-ENANCIB, 5., 2003. Belo Horizonte. **Anais... Belo Horizonte: UFMG**, 2003.

CAPURRO, R. Epistemología y ciencia de la información. **Enl@ce: Revista Venezolana de Información, Tecnología y Conocimiento**. Año 4: No.1, Enero-Abril 2007, pp. 11-29.

CAPURRO, R; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr; 2007. Tradução do capítulo publicado no Annual Review of Information Science and Technology. Ed. Blaise Cronin. V. 37, cap. 8, p. 343-411, 2003, autorizada pelos autores.

CARNEIRO, B. L. F. et al. Aprendizagem móvel, competência em informação e mediação: interlocução sob a ótica do paradigma social da Ciência da Informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 23, n. 52, p. 34-47, 2018.

CHACON, W; SANTOS, I. Lima; VERAS, J. Uma Análise da Ciência da Informação Brasileira no Contexto da Interdisciplinaridade. **Biblionline**, João Pessoa, v. 11, n. 2, p. 218 – 231, 2015.

CHICOSKI, L. P. da C. **Epistemologia Social: Dois projetos para a dimensão social do conhecimento**. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. UFSC. Florianópolis, 2013.

COLEPICOLO, E. et al. **MeSH: de cabeçalho de assunto a tesouro**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA EM SAÚDE (CBIS), 10., 2006. Florianópolis. Anais... Florianópolis, CBIS, 2006. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/228885645_MeSH_de_cabecalho_de_assunto_a_tesouro>. Acesso em 18 de jul. 2020.

COSTA, P. A. V. da. **Popper, o historicismo e o método das ciências sociais**. 2011, 98 fls. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Ceará – Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, Ceará, 2011.

CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Editora Briquet de Lemos, 2008.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. **Ciência da informação**, v. 7, n. 2, 1978a.

_____. Fundamentos teórico-conceituais da classificação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 6, n. 1, p. 9-21, 1978b.

DAHLBERG, I. (1993). Knowledge organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**, v.20, n.4, p.211-222, 1993.

DAL'EVEDOVE, P. R; FUJITA, M. S. L. Estudo sociocultural da comunidade discursiva do tratamento temático da informação em bibliotecas universitárias. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 18, n. 36, p. 23-50, 2013.

DAL'EVEDOVE, P. R. **O tratamento temático da informação em abordagem sociocultural: diretrizes para definição de política de indexação em bibliotecas universitárias**. 266 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

MEY, M. de ; FULLER, S. *The Cognitive Paradigm*. Dordrecht: D. Reidel, 1982.

EGAN, M. E.; SHERA, Jesse Hauk. Foundations of a theory of bibliography. **Library Quarterly**, v.22, p.125-137, Apr.1952.

EUFRÁSIO, M. A. A formação da escola sociológica de Chicago. **Plural**, v. 2, p. 37-60, 1995.

FALLIS, D. Introduction: Social Epistemology and Information Science. **Social Epistemology**, 16:1, 1-4, 2002.

FARIAS, K. M; PINHO, Fábio Assis. Ontologias como ferramenta de organização e representação do conhecimento: um olhar sobre os laudos médico-legais. **Informação em Pauta**, v. 1, n. 2, p. 41-65, 2016.

FERREIRA, S. M. S. P. Novos paradigmas e novos usuários de informação. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 2, p. 1-10, 1995.

FREIRE, G. H. de A. SILVA, J. L. C. Um olhar sobre a origem da Ciência da Informação: Índícios embrionários para a sua caracterização identitária. **Encontros**

Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 17, n. 33, p. 1-29, jan. /abr., 2012.

FREIRE, I. M; ARAÚJO, V. M. R. H de. A responsabilidade social da Ciência da Informação. **Transinformação**, v. 11, n. 1, p. 7-15, Janeiro/abril/1999.

FRIEDMAN, A; THELLEFSEN, M. Concept Theory and Semiotics in Knowledge Organization. In **Journal of Documentation**, 2011, vol. 67 Iss 4 pp. 644-674.

FULLER, S. Recent work in social epistemology. **American Philosophical Quarterly**, v. 33, n. 2, p. 149-166, 1996.

FURNER, J. Shera's social epistemology recast as psychological bibliology. **Social epistemology**, v. 16, n. 1, p. 5-22, 2002.

_____. A Brilliant Mind: Margaret Egan and Social Epistemology." *Library Trends* 52(4): 792–809. 2004.

GARCIA, J. C. R; TARGINO, M. das G; DANTAS, E. R. F. Conceito de responsabilidade social da Ciência da Informação. **Informação & Informação**, 2012, 17.1: 1-25.

GARCÍA-GUTIERREZ, A. La organización del conocimiento en el nuevo orden transcultural: del totalitarismo a la desclasificación (la razón como creencia y la OC como burocracia). **Brazilian Journal of Information Science**, 2014, 8.1: 2.

GARCÍA MARCO, F. J. Avances en organización del conocimiento en España: los II encuentros sobre organización del conocimiento en los sistemas de información y documentación. In: GARCIA MARCO, F.J. (ed.) Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación. Zaragoza: **Librería General**, p.7-12. 1997.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

GOLDMAN, A. I. Social epistemology: Theory and applications. **Royal Institute of Philosophy Supplements**, v. 64, p. 1-18, 2009.

GOMES, H. E. Marcos históricos e teóricos da organização do conhecimento. **Informação & Informação**, v. 22, n. 2, p. 33-66, 2017.

GONÇALVES, M; FIGUEIREDO, M. F. de. Marcos Históricos da Ciência da Informação no Brasil e no mundo. **XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação**, Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010.

GROSSMAN, H. B. 'Without Reserve': Jesse Shera in the Wilson Library Bulletin and Elsewhere, 1961-1970. **Library & Information History**, Vol. 26 n. 2, June, 2010, 152-69.

GUERRA, P. **Era uma vez na América: um percurso pedagógico pela Escola de Chicago**. Projeto Pedagógico da Unidade Curricular: Teorias Sociológicas II. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2017. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/104350/2/193864.pdf>. Acesso em 15 de out. 2020.

GUIMARÃES, J. A. C; MATOS, D. F. de O.; SANTOS, A. Y; SALES, Rodrigo de. A dimensão conceitual da organização do conhecimento no universo científico da ISKO: uma análise de domínio a partir dos congressos... // **Scire**. 21:2 (jul.-dic. 2015a) 13-26. ISSN 1135-3716.

_____. A dimensão conceitual da organização do conhecimento nos congressos da NASKO: análise de conteúdo Bardiana. **Organização do Conhecimento e Diversidade Cultural**, p. 55. 2015b.

GUIMARÃES, J. A. C. Organização do conhecimento: passado, presente e futuro sob a perspectiva da ISKO. **Informação & Informação**, v. 22, n. 2, p. 84-98, 2017.

GUIMARÃES, J. A. C.; GRÁCIO, M. C. C; MARTÍNEZ-ÁVILA, D; SALES, R. de. The Spirit of inquiry's power to influence in 21st-century KO research: Jesse Shera and Margaret Egan. In: Ribeiro, Fernanda; Cerveira, Maria Elisa. (Org.). **Challenges and Opportunities for Knowledge Organization in the Digital Age: Proceedings of the Fifteenth International ISKO Conference**. 1ed.Würzburg: Ergon Verlag, 2018, v. 16, p. 460-467.

HAGUETTE, A. Racionalismo e empirismo na sociologia. 2013. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 44, n. 1, jan/jun, 2013, p. 194-218

HARTEL, J. Social Epistemology as Theoretical Foundation for Information Science: Supporting a Cultural Turn, Copenhagen, August 16-17, 2017. **KO KNOWLEDGE ORGANIZATION**, v. 45, n. 1, p. 79-84, 2018.

HJORLAND, B. Fundamentals of knowledge organization. **Knowledge organization**, v. 30, n. 2, p. 87-111, 2003.

_____. Concept theory. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 60, n. 8, p. 1519-1536, 2009.

_____. Concepts, paradigms and knowledge organization. In: **International Society for Knowledge Organization Conference: Paradigms and Conceptual Systems in Knowledge Organization**. Rome, Italy. 2010.

ILHARCO, F. **Filosofia da Informação: alguns problemas fundadores**. In: SOPCOM, 3, 2004. Anais..., v. 2, 2004.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro, Livraria F. Alves Editora, 2ª edição, 1977. 202 p.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

JOHNSON, A. G. **Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica**: tradução. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

KOBASHI, N. Y; TÁLAMO, M. F. G. M. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 3, p. 7-21, 2003.

KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1970, 5ª edição. 259 págs.

LAMAR, A. R. Epistemologia Social: possível origem e alguns momentos de seu percurso. **Pro-posições**, v. 18, n. 1, p. 103-113, 2007.

LARA, M. L. G. de; MENDES, L. C. **Referências socioculturais na Organização do Conhecimento**. In.: Memória, tecnologia e cultura na organização do conhecimento. / Fabio Assis Pinho, José Augusto Chaves Guimarães, organizadores. – Recife, PE : Ed. UFPE, 2017. vi, 409 f. ; 30 cm. – (Estudos Avançados em Organização do Conhecimento ; v. 4)

LE COADIC, Y. F. **A Ciência da Informação**. Tradução de Maria Yêda F. S. Filgueiras Gomes. – Brasília, DF : Briquet de Lemos/Livros, 1996.

LENZI, L. A. F; BRAMBILA, E. Z. Ciência da informação, ciência e revolução científica: Breve histórico e reflexões. **Informação & Informação**, v. 11, n. 1, p. 26-37, 2006.

LIMA, G. A. B. O. Organização do Conhecimento; pesquisa e desenvolvimento: In.: Organização do conhecimento e diversidade cultural [recurso eletrônico] / José Augusto Chaves Guimarães, Vera Dodebei, organizadores. -- Marília: ISKO-Brasil ; FUNDEPE, 2015. 835 f. ; 30 cm.

LIMA, D. A; GOMES, H. F. Epistemologia Social e Filosofia da Informação: Um possível diálogo entre Jesse Shera e Luciano Floridi. **Biblionline**, João Pessoa, v. 12, n. 4, p. 25-41, 2016.

LIMA, J. L. O.; ALVARES, L. **Organização e representação da informação e do conhecimento**. In.: ALVARES, L. (Org.). Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4 Editores, 2012. 248 p. Capítulo 1, p. 21/48.

LINARES COLUMBIÉ, R. Epistemología y Ciencia de la Información: repensando un diálogo inconcluso. **Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud**, 21.2: 140-160, 2010.

_____. Acercamiento a la Epistemología Social como proyecto teórico de la Bibliotecología. **Bibliotecas. Anales de Investigación**; 15(1), 113-120, 2019.

MANNHEIM, K. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1956.

MAIMONE, G. D; SILVEIRA, N. C. Cognição humana e os Paradigmas da Ciência da Informação. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, v. 6, n. 1, 2007.

MANOCCHI, L. F. **Paradigmas em Kuhn: contexto, imagem e ação**. 2006. 86f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, São Paulo, 2018.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7.ed. - São Paulo: Atlas, 2016.

MARTELETO, R. M. A pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: marcos institucionais, cenários e perspectivas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. especial, p. 19-40, 2009.

_____. Epistemologia Social e cultura digital: reflexões em torno das formas de escritas na web. Em *Questão*, v. 21, n. 3, p. 9-25, 2015.

MARTÍNEZ-ÁVILA, D. Hacia una base teórica social de la ciencia de la información. **Anuario ThinkEPI**, v. 12, pp. 83-89, 2018.

MAYRING, Philipp. Qualitative content analysis. **A companion to qualitative research**, v. 1, p. 159-176, 2004.

MELO, M. A. F; BRÄSCHER, M. Termo, conceito e relações conceituais: um estudo das propostas de Dahlberg e Hjørland. **Ciência da Informação**, v. 43, n. 1, 2014.

MÉNDEZ MIAJA, A.-- La Información y Documentación científicas en busca de identidad como ciencia. -- **MUNDO científico**, V. 3, nº 24, 1989.

MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**. Texto preparado por Eduardo Garcia Belsunce e Ezequiel Olaso. Traduzido do espanhol por Antonio José Massano e Manuel Palmeirim. Publicações Dom Quixote, Lisboa, Portugal, 1978.

MORA, R. P; ARIAS, B. L. I. (2018). La organización del conocimiento como proceso: la movilización del conocimiento| A organização do conhecimento de uma perspectiva sistêmica e a mobilização do conhecimento| Knowledge organization as a process: mobilization of knowledge. *Liinc em Revista*, 14(2).

MORÁN, A. Margaret Elizabeth Egan y la genealogía de la filosofía de la bibliotecología. InCID: **R. Ci. Inf. Doc.**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 2, p. 71-91, set. 2014/fev. 2015.

MOREIRA, F. M; DUARTE, A. B. S. O paradigma social da informação e as teorias sociais: relações e contribuições. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 11, n. 1, 2016.

MOREIRA, W. **Sistemas de Organização do Conhecimento: aspectos teóricos, conceituais e metodológicos**. 164 fls. Tese (Livre-Docência em Sistemas de

Organização do Conhecimento), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Marília, São Paulo, 2018.

MORENO-JIMENEZ, P. Epistemologia Social y estudios de la informacion, México, El Colegio, 2008, 70 p., (**Cuadernos de la Biblioteca Daniel Cosío Villegas**; num. 4) ISBN 968-12- 1326-2.

MOSTAFA, S. P. **Ciência da Informação e as “outras áreas”**. : In. Ciência da Informação: múltiplos diálogos / Organização de Helen de Castro Silva e Maria Helena T. C. de Barros. – Marília: Oficina Universitária Unesp, 2009. 114 p. ; 16 cm.

MOTTA, D. F. **Método relacional como nova abordagem para a construção de tesouros**. 1986. 119f. Dissertação (Mestrado em ciência da Informação)-IBICT/UFRJ, Rio de Janeiro, 1986.

NASCIMENTO, D. M. A abordagem sócio-cultural da informação. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.16, n.2, p.25-35, jul./dez. 2006.

NAVARRO, M. A. E; MARCO, F. J. G. Las “primeras jornadas sobre organización del conocimiento: organización del conocimiento e información científica”. **Scire: representación y organización del conocimiento**, v. 1, n. 1, p. 149-157, 1995.

NORTON, M. **Introductory concepts in information science**. Information Today, Inc., 2000.

ODDONE, N. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, v. 35, n. 1, p. 45-56, 2006.

ODDONE, N. E. Revisitando "Epistemologia Social": esboço de uma ecologia sociotécnica do trabalho intelectual. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 108-123, jan. /abr. 2007.

ODDONE, N. E; MENEZES, V. S. Situando a Epistemologia Social no contexto da Ciência da Informação. **XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação**, Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

OHLY, H. P. ISKO – **Knowledge Organization in a Changing World. Challenges, Programs, and Mission**. In: Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade. [recurso eletrônico] José Augusto Chaves Guimarães, Vera Dodebei (organizadores). – Marília: ISKO-Brasil : FUNDEPE, 2012. 285: il., fots.

OHLY, H. P. Knowledge organization and ISKO: state, demands, ideals. **Scire**, v. 21, n. 1, p. 51-57, 2015.

OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. (Org). Dicionário do pensamento social do século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PANDO, D. A. **Epistemologia da Organização da Informação: uma análise de sua cientificidade no contexto brasileiro**. 2018. 463 fls. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília, 2018.

PIGNATARI, D. **Informação, Linguagem e Comunicação** / Décio Pignatari. - 3. Ed. - Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

PINHEIRO, L. V. R; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da informação**, v. 24, n. 1, 1995.

PINHEIRO, L. V. R. Campo interdisciplinar da ciência da informação: fronteiras remotas e recentes. **Investigación Bibliotecológica**, v. 12, número 25, julio / diciembre de 1998.

PINHEIRO, L. V. R. CENÁRIO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL, INFLUÊNCIAS E TENDÊNCIAS. VIII ENANCIB – **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação** 28 a 31 de outubro de 2007. Salvador, Bahia, Brasil.

PRESSLEY, L. **Social Epistemology in Library and Information Science**. Retrieved June, 2006.

RABELLO, R. A Ciência da Informação como objeto: epistemologias como lugares de encontro. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 17, n. 1, p. 2-36, 2012.

RENAULT, L. V; CABRAL, A. M. R. Paradigmas e modelos em Ciência da Informação. **VIII ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, Salvador, Bahia, Brasil. 2007.

RENDÓN-ROJAS, M. Á. Epistemologia da Ciência da Informação: objeto de estudo e principais categorias. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 3, n. 1, p. 3-14, 2012.

RHEINGANTZ, P. A. **Glossário de termos de filosofia e de métodos de pesquisa**. Ministério da Educação – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Rio de Janeiro, 2018, 40 págs.

RIBAS, A. F. P; MOURA, M. L. S. de. Abordagem sociocultural: algumas vertentes e autores. **Psicologia em estudo**, v. 11, n. 1, p. 129-138, 2006.

ROCHA, A. C. da. Karl Mannheim e a fundação da sociologia do conhecimento: os primórdios das epistemologias não-especulativas. In: Scientarium História V, 2012, Rio de Janeiro. **Anais do Scientarium V**, Rio de Janeiro: UFRJ, 2012, p. 1-9.

SALCEDO, D. A; REVOREDO, T. de M. O estado da arte da Filosofia da Informação na Ciência da Informação Brasileira. **DataGramZero, Rio de Janeiro**, v. 14, n. 6, 2013.

SALES, R; MURGUIA, E. I. Instaurações discursivas da organização do conhecimento: HE Bliss e a International Society for Knowledge Organization (ISKO). **Ciência da Informação**; v. 44, n. 3 (2015), v. 24, n. 2, 2015.

SAN SEGUNDO, R. **Visibilidad científica y diálogos internacionales en Organización del conocimiento**. In: Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade. [recurso eletrônico] José Augusto Chaves Guimarães, Vera Dodebei (organizadores). – Marília: ISKO-Brasil : FUNDEPE, 2012. 285: il., fots.

SANTOS, C. da S. A. TERMINOLOGIA E ONTOLOGIAS: METODOLOGIAS PARA REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO. 2010. 245 f. Dissertação (Doutor em Linguística) – Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, 2010.

SARACEVIC, Tefko. Educação em ciência da informação na década de 1980. **Ciência da informação**, v. 7, n. 1, 1978.

_____. Information science: origin, evolution and relations. In: VAKKARI, Pertti; CRONIN, Blaise; YLIOPISTO, Tampereen. **Conceptions of Library and Information Science Historical, Empirical and Theoretical Perspectives**. 1992. p. 6-27

_____. “Interdisciplinary nature of information science”. **Ciência da informação**, v. 24, n. 1. 1995.

_____. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SCHIESSL, M; SHINTAKU, M. Sistemas de organização do conhecimento. Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4 Editores, 49-118, 2012.

SHERA, J. H. The library as an agency of social communication. **Journal of Documentation**, 1965.

_____. “An epistemological foundation for library science”. En: Montgomery, Edward, B. (Ed.). *The foundations of access to knowledge: A symposium*. Syracuse, NY: **Syracuse University Press**, pp. 7–25. 1968a.

_____. Sobre bibliotecología, documentación y ciencia de la información. **Boletín de la Unesco para las bibliotecas**, 1968b, 22.2: 62-70.

_____. Foundations of Education for Librarianship (**Information Science S.**). 1972.

_____. Toward a theory of librarianship and information science. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.87-97, 1973.

_____. Epistemologia Social, semântica geral e biblioteconomia. **Ciência da Informação**, v. 6, n. 1, 1977. Tradução de Maria Esther de Araújo Coutinho, CNPq Revisão de Helena Medeiros Pereira Braga e Heloisa Tardin Christovão, IBICT.

SMIRAGLIA, R. **The epistemological dimension of knowledge organization**. In: Complexidade e organização do conhecimento: desafios de nosso século. [recurso eletrônico] Vera Dodebei, José Augusto Chaves Guimarães. (organizadores). – Rio de Janeiro : ISKO-Brasil ; Marília : FUNDEPE, 2013. 310 p. il..

_____. Novas abordagens na organização, no acesso e na transferência da informação. : In. Ciência da Informação: múltiplos diálogos / Organização de Helen de Castro Silva e Maria Helena T. C. de Barros. – Marília: Oficina Universitária Unesp, 2009. 114 p. ; 16 cm.

SOUZA, E. D. de. A Institucionalização da Ciência da Informação no Brasil: elementos disciplinadores do campo científico. **Inf. & Soc. Est.**, João Pessoa, v.22, p. 49-64, Número Especial 2012.

TANUS, G. F. D. S. C. Enlace entre os estudos de usuários e os paradigmas da ciência da informação: de usuário a sujeitos pós-modernos. **RBBD. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, 10, n. 2, Outubro 2014. 144-173.

TOBIAS, M. S; CORRÊA, E. C. D. O paradigma social da Ciência da Informação: o fenômeno da pós-verdade e as fake news nas mídias sociais. **Revista ACB**, v. 24, n. 3, p. 560-579, 2019.

TOPALOV, C; BRESCIANI, M. S. Para um historicismo reflexivo na história das ciências. O caso da “escola de chicago” na sociologia. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, v. 2, n. 1, p. 1-10, 2007.

TRUJILLO FERRARI, A. Metodologia da pesquisa científica. **São Paulo: McGraw-Hill do Brasil**, 1982.

VAN DER LANN, R. H.; FERREIRA, G. I. S. **Tesouros e Terminologia**. In: XIX Congr. Bras. de Bibliotec. e Documentação e III Congr. Latino-Americano de Bibliotec. e Documentação, Brasil, 2000. CD-ROM.

VARGAS, D. F; VAN DER LANN, R. H. A contribuição da terminologia na construção de linguagens documentárias como os tesouros. **Biblos**, v. 25, n. 1, p. 21-34, 2011.

VEGA ALMEIDA, R. L. **Ciencia de la Información y Paradigma Social: Enfoques Histórico, Epistemológico y Bibliométrico para un Análisis de Dominio**. 224 p. Tesis (Doctorado en Documentación y Información Científica) - Facultad de Comunicación y Documentación Departamento de Biblioteconomía y Documentación de la Universidad de Granada, 2010.

VIEIRA, L. A; MOURA, M. A. Ciência da Informação brasileira e redes de colaboração acadêmica: diálogos, constituição e perspectivas. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 7, n. 14, 2010.

VIEIRA, K. R; LUCAS, Elaine Rosângela de Oliveira. Jesse Shera e sua contribuição para o campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Encontros Bibli: revista**

eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 23, n. 51, p. 17-30, 2018.

VIEIRA, K. R.; KARPINSKI, C. A Escola Sociológica de Chicago e a Ciência da Informação. **XIX ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, Londrina, Paraná, Brasil. 2019.

VIEIRA, K. R. **As contribuições da Escola de Chicago para a Ciência da Informação** / Keitty Vieira Rodrigues; orientador, Cezar Karpinski, 2019. 161 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2019.

VIEIRA, K. R.; KARPINSKI, C. Jesse Shera e a Epistemologia Social sob a ótica da Escola de Chicago. **XX ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. 2019.

WAAL, Cornelis de. **Sobre Pragmatismo**. Tradução de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Loyola, 2007.

WILSON, T. D. A dimensão epistemológica da ciência da informação e seu impacto sobre o ensino em arquivologia e biblioteconomia. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 2, n. 1, p. 1-15, 2008.

ZANDONADE, T. **As implicações da Epistemologia Social para uma teoria da recuperação da informação**. 184 fls. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação Departamento de Ciência da Informação e Documentação Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

ZANDONADE, T. Social Epistemology from Jesse Shera to Steve Fuller. **Library Trends** v. 52, n.4. 2004. p. 810-832.